

SONETOS

DE LUÍS DE CAMÕES





Título: Sonetos e outros poemas

Autor: Luís de Camões

Edição: Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro

Paginação e projeto gráfico: Carlos Pinheiro

1.^a edição: outubro de 2013

ISBN: 978-989-8671-29-5

ideiascom**mérito**
Rede de Bibliotecas Escolares

Edição segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Epub by Sigil

Sonetos

A chaga que, Senhora, me fizestes,
não foi pera curar-se em um só dia;
porque crescendo vai com tal porfia
que bem descobre o intento que tivestes.

De causar tanta dor vos não doestes.
Mas, a doer-vos, dor me não seria,
pois já com esperança me veria
do que vós que em mim visse não quisestes.

Os olhos com que todo me roubastes
foram causa do mal que vou passando;
e vós estais fingindo o não causastes.

Mas eu me vingarei. E sabeis quando?
Quando vos vir queixar porque deixastes
ir-se a minha alma neles abrasando.

A fermosura desta fresca serra
E a sombra dos verdes castanheiros,
O manso caminhar destes ribeiros,
Donde toda a tristeza se desterra;

O rouco som do mar, a estranha terra,
O esconder do Sol pelos outeiros,
O recolher dos gados derradeiros,
Das nuvens pelo ar a branda guerra;

Enfim, tudo o que a rara natureza
Com tanta variedade nos of'rece,
Me está, se não te vejo, magoando.

Sem ti, tudo me enoja e me aborrece;
Sem ti, perpetuamente estou passando,
Nas mores alegrias, mor tristeza.

A Morte, que da vida o nó desata,
os nós, que dá o Amor, cortar quisera
na Ausência, que é contra ele espada fera,
e co Tempo, que tudo desbarata.

Duas contrárias, que ãa a outra mata,
a Morte contra o Amor ajunta e altera:
ũa é Razão contra a Fortuna austera,
outra, contra a Razão, Fortuna ingrata.

Mas mostre a sua imperial potência
a Morte, em apartar dum corpo a alma.
Duas num corpo o Amor ajunte e una;

por que assi leve triunfante a palma
Amor da Morte, apesar da Ausência,
do Tempo, da Razão e da Fortuna.

A ti, Senhor, a quem as sacras Musas
nutrem e cibam de poção divina
(não as da fonte Délia cabalina,
que são Medeias, Circes e Medusas,

mas aquelas, em cujo peito, infusas
as leis estão, que a lei da Graça ensina,
beninas no amor e na doutrina
e não soberbas, cegas e confusas),

este pequeno parto, produzido
de meu saber e fraco entendimento,
ũa vontade grande te oferece.

Se for de ti notado de atrevido,
daqui peço perdão do atrevimento,
o qual esta vontade te merece.

A violeta mais bela que amanhece
no vale, por esmalte da verdura,
com seu pálido lustre e fermosura,
por mais bela, Violante, te obedece.

Perguntas-me porquê? Porque aparece
seu nome em ti e sua cor mais pura;
e estudar em [teu] rosto só procura
tudo quanto em beldade mais floresce.

Oh! luminosa flor, oh! Sol mais claro,
único roubador de meu sentido,
não permitas que Amor me seja avaro!

Oh! penetrante seta de Cupido,
que queres? Que te peça, por reparo,
ser, neste vale, Eneias desta Dido?

Á la margen del Tajo en claro día,
con rayado marfil peinando estaba
Natercia sus cabellos, y quitaba
con sus ojos la luz al sol, que ardía.

Soliso que, qual Clicie, la seguía,
(lejos de sí, mas cerca della estaba)
al son de su zampoña celebraba
la causa de su ardor, y así decía:

«Si tantas, como tu tienes cabellos,
tuviera vidas yo, me las llevaras,
colgada cada qual del uno dellos.

De no tenerlas tu me consolaras,
si tantas veces mil, como son ellos,
en ellos la que tengo me enredaras».

À romana Populónia perguntava
um certo curioso e não prudente
porque a alimária comumente
em tempo certo do ano se juntava;

a qual, como discreta e que cuidava
em repostas ser suma e eminente,
com ãa só palavra, claramente,
respondeu, e mostrou com quem folgava:

«Bestas são». Dá a entender que não entendem
quão grande suavidade se encerra
na cópula himeneia e ajuntamento.

Mas mores bestas são os que pretendem
buscar contentamento à carne e à terra,
deixando a alma prestes ao tormento.

Acho-me da Fortuna salteado;
o tempo vai fugindo pressuroso,
deixando-me da vida duvidoso
e cada instante mais desesperado.

Trocou-se o meu descuido em tal cuidado
que, donde a glória é mais, é mais penoso;
nem vivo, de perder-me, receoso;
nem, de poder ganhar-me, confiado.

Qualquer ave nos montes mais agrestes,
qualquer fera na cova repousando,
tem horas de alegria; eu todas tristes.

Vós, saudosos olhos, que o quisestes,
pois com tormento amor me estão pagando,
chorai, como o que vedes, o que vistes.

Agora toma a espada, agora a pena,
Estácio nosso, em ambas celebrado;
sendo ou no salso mar de Marte amado,
ou na água amante da Camena.

Cisne sonoro por ribeira amena
de mi, para cantar-te, é cobiçado;
porque não podes tu ser bem cantado
de ruda frauta nem de a agreste avena.

Se eu, que a pena tomei, tomei a espada
para poder jogar, licença tenho
desta alta influência de dous planetas.

Com ãa e outra luz, deles lograda,
tu com pujante braço, ardente engenho,
serás Faró a soldados e a poetas.

Ah, Fortuna cruel! Ah, duros Fados!
Quão asinha em meu dano vos mudastes!
Passou o tempo que me descansastes;
Agora descansais com meus cuidados.

Deixastes-me sentir os bens passados,
Para mor dor da dor que me ordenastes;
Então Nũa hora juntos mos levastes,
Deixando em seu lugar males dobrados.

Ah! quanto melhor fora não vos ver,
Gostos, que assi passais tão de corrida
Que fico duvidoso se vos vi.

Sem vós já me não fica que perder,
Senão se for esta cansada vida
Que, por mor perda minha, não perdi.

Ah! Imiga cruel, que apartamento
é este que fazeis da pátria terra?
Quem do paterno ninho vos desterra,
glória dos olhos, bem do pensamento?

Is tentar da Fortuna o movimento
e dos ventos cruéis a dura guerra?
Ver brenhas de água, e o mar feito em serra,
levantado de um vento e de outro vento?

Mas já que vos partis, sem vos partirdes,
parta convosco o Céu tanta ventura
que seja mor que aquela que esperardes.

E só nesta verdade ide segura:
que ficam mais saudades, com partirdes,
do que breves desejos de chegardes.

Ah, minha Dinamene assi deixaste
Quem não deixara nunca de querer-te!
Ah, Ninfã minha, já não posso ver-te,
Tão asinha esta vida desprezaste!

Como já para sempre te apartaste
De quem tão longe estava de perder-te?
Puderam estas ondas defender-te
Que não visses quem tanto magoaste?

Nem falar-te somente a dura Morte
Me deixou, que tão cedo o negro manto
Em teus olhos deitado consentiste!

Ó mar! Ó céu! Ó minha escura sorte!
Qual pena sentirei, que valha tanto,
Que ainda tenho por pouco o viver triste?

Al pie de una verde y alta enzina,
Corydon su zampona esta tañendo
a la sombra, de la yedra que, torciendo
el passo, por los arboles camina.

Cantava los amores de la niña
Amarilis, que el amor le esta influyendo;
las aves por los ramos van corriendo,
al pie corre una fuente cristalina.

A el se allega Titero perdido
guiando su rabanho macilento:
fue este amigo suyo muy querido.

Cantavale su daño y su tormento
ni platica agena gusto al dessabrido,
ni el dolor haze triste al que es contento.

En lingua gallega

Alá en Monte Rey, en Bal de Laça,
a Biolante bi, beira de um rio,
tan fermosa em berdá, que quedé frio
de ber alma inmortal en mortal maça.

De um alto e lindo copo a seda laça
a pastora sacaba, fio a fio.
Quando lhe disse: «Morro, corta o fio»,
bolveu: «Não cortarei; seguro passa».

«E como passarei, se eu acá quedo?
se passar – respondi – não bou seguro
que este corpo sem alma morra cedo».

«com a minha, que lebas, te asseguro
que não morras, pastor». «Pastora, hei medo.
O quedar me parece mais seguro».

Alegres campos, verdes arvoredos,
claras e frescas águas de cristal,
que em vós debuxais ao natural,
discorrendo da altura dos rochedos;

silvestres montes, ásperos penedos,
compostos em concerto desigual,
sabei que, sem licença de meu mal,
já não podeis fazer meus olhos ledos.

E, pois me já não vedes como vistes,
não me alegrem verduras deleitosas,
nem águas que correndo alegres vêm.

Semearei em vós lembranças tristes,
regando-vos com lágrimas saudosas,
e nascerão saudades de meu bem.

Alegres campos, verdes, deleitosos,
suaves me serão vossas boninas
enquanto forem vistos das mininas
dos olhos de Inês bela tão formosos.

Dos meus, que vos serão sempre envejados
por não verem estrelas tão divinas,
sereis regados de águas peregrinas,
soprados de suspiros amorosos.

E vós, douradas flores, por ventura
se Inês quiser fazer de meus amores
experiências na folha derradeira,

mostrai-lhe, para ver minha fé pura,
o bem que sempre quis, fermosas flores,
que então não sentirei que mal me queira.

Alma gentil, que à firme Eternidade
subiste clara e valerosamente,
cá durará de ti perpetuamente
a fama, a glória, o nome e a saudade.

Não sei se é mor espanto em tal idade
deixar de teu valor inveja à gente,
se um peito de diamante ou de serpente
fazeres que se mova a piedade.

Invejosas da tua acho mil sortes,
e a minha mais que todas invejosa,
pois ao teu mal o meu tanto igualaste.

Oh! ditoso morrer! sorte ditosa!
Pois o que não se alcança com mil sortes,
tu com ãa só morte o alcançaste!

Alma minha gentil, que te partiste
tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no Céu eternamente,
e viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
memória desta vida se consente,
não te esqueças daquele amor ardente
que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
algũa coisa a dor que me ficou
da mágoa sem remédio de perder-te,

roga a Deus, que teus anos encurtou,
que tão cedo de cá me leve a ver-te,
quão cedo de meus olhos te levou.

Amor, amor, que fieres al coitado
que por amor te serve há tantos anos,
sostiendo el tu servicio con enganos,
pues al fin fin le dexas no esperado.

Con solo su dolor, con su cuidado,
le pagas el servicio, y con engaños,
passando por ti casos tan estraños
qual otro nunca más hubo pasado.

Quien piensa que es Diós, quien está loco,
quien cre que eres justo yo no lo creo,
pues al que mejor sirve das más poco.

Piensa el que cre en ti que devaneo;
yo juzgo lo que veo y lo que toco,
y aun juzgo lo que toco y no lo creo.

Amor, co a esperança já perdida,
teu soberano templo visitei;
por sinal do naufrágio que passei,
em lugar dos vestidos, pus a vida.

Que queres mais de mim, que destruída
me tens a glória toda que alcancei?
Não cuides de forçar-me, que não sei
tornar a entrar onde não há saída.

Vês aqui alma, vida e esperança,
despojos doces de meu bem passado,
enquanto quis aquela que eu adoro:

nelas podes tomar de mim vingança;
e se inda não estás de mim vingado,
contenta-te co as lágrimas que choro.

Amor é um fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Amor mil vezes já me tem mostrado
o ser-me vida o mesmo fogo ardente,
como quem queima um dedo e facilmente
no mesmo fogo o torna a ver curado.

Meu mal, tristeza, dor, pena e cuidado,
o bem, a vida alegre, ser contente
naquela vista pura e excelente
pôs, por essa maneira, o tempo e fado.

Que veja mil mudanças num momento,
que cresça nelas todas sempre a dor
não sei, que os meus castelos são de vento!

O tempo, que vos mostra ser senhor,
por mais que contra mi se mostre isento,
há de tornar por tempo tudo amor.

Amor, que em sonhos vãos do pensamento
paga o zelo maior de seu cuidado,
em toda condição, em todo estado,
tributário me fez de seu cuidado.

Eu sirvo, eu canso, e o grão merecimento
de quanto tenho a Amor sacrificado,
nas mãos da ingratidão despedaçado
por presa vai do eterno esquecimento.

Mas quando muito, enfim, creça o perigo
a que perpetuamente me condena
Amor, que amor não é, mas inimigo.

Tenho um grande descanso em minha pena:
que a glória do querer, que tanto sigo,
não pode ser cos males mais pequena.

Amor, que o gesto humano n' alma escreve,
vivas faíscas me mostrou um dia,
donde um puro cristal se derretia
por entre vivas rosas e alva neve.

A vista, que em si mesma não se atreve,
por se certificar do que ali via,
foi convertida em fonte, que fazia
a dor ao sofrimento doce e leve.

Jura Amor que brandura de vontade
causa o primeiro efeito; o pensamento
endoudece, se cuida que é verdade.

Olhai como Amor gera num momento,
de lágrimas de honesta piedade,
lágrimas de imortal contentamento.

Aos homens um só Homem pôs espanto,
e o pôs a toda a humana natureza,
que de homem teve o ser, de anjo a pureza,
porque antes que nacesse era já santo.

Profeta foi na Mãe e, enfim, foi tanto
que entre os nascidos houve a mor alteza;
que a luz, sem a ver, viu a Grandeza,
tendo por trompa o Verbo Sacrossanto.

Aquela voz foi ele, sonora,
no côncavo dos orbes ressonante,
e que a Carne inculpável bautizou.

Quem do mor Pai ouviu a voz amante;
quem a sutil pergunta, industriosa,
com sincera repostagem sossegou.

Apartamentos tristes, sem ventura,
com doces sentimentos do passado,
me trazem há tanto tempo atormentado
que a morte me será vida segura.

Um bem é para mi falsa pintura,
o descuido lembrança do cuidado,
e ando de meu tormento tão cansado
que pouco durarei, se muito dura.

Já não vale esforçar minha fraqueza,
porque o mesmo remédio me desvia
que noutros soe abrandar o acidente.

Assi que já me deixo à natureza,
pois, se de ver o mal se desconfia,
rezão é desconfie quem no sente.

Apartava-se Nise de Montano,
em cuja alma partindo-se ficava;
que o pastor na memória a debuxava,
por poder sustentar-se deste engano.

Pelas praias do índico Oceano
sobre o curvo cajado se encostava,
e os olhos pelas águas alongava,
que pouco se doíam de seu dano.

«Pois com tamanha mágoa e saudade
- dizia – quis deixar-me a que eu adoro,
por testemunhas tomo Céu e estrelas.

Mas se em vós, ondas, mora piedade,
levai também as lágrimas que choro,
pois assi me levais a causa delas!»

Apolo e as nove Musas, discantando
com a dourada lira, me influíam
na suave harmonia que faziam,
quando tomei a pena, começando:

«Ditoso seja o dia e hora, quando
tão delicados olhos me feriam!
Ditosos os sentidos que sentiam
estar-se em seu desejo traspassando»...

Assi cantava, quando Amor virou
a roda à esperança, que corria
tão ligeira que quase era invisível.

Converteu-se-me em noite o claro dia;
e, se alguma esperança me ficou,
será de maior mal, se for possível.

Aponta a bela Aurora, luz primeira,
que a grão nova nos deu do claro dia.
Vesti-vos, corações, já de alegria,
e recebei da vida a Mensageira.

Da humana redenção nasce a terceira.
Alegra-te, divina monarquia;
da terra terás sempre a companhia,
do Céu verás também a nossa feira.

De tal obra se espanta a Natureza,
confuso fica de temor o inferno,
vendo a que nasce isenta da defesa.

Lei geral era posta desde eterno.
Mas o Senhor da lei, toda limpeza,
para o sacrário seu guardou materno.

A peregrinação de um pensamento,
que dos males fez hábito e costume,
tanto da triste vida me consume,
quanto crece na causa do tormento.

Leva a dor de vencida ao sofrimento;
mas a alma está, de entregue, tão sem lume
que, elevada no bem que haver presume,
não faz caso do mal que está de assento.

De longe receei, se me valera,
o perigo que tanto à porta vejo,
quando não acho em mi cousa segura

Mas já conheço (oh, nunca o conhecera!)
que entendimentos presos do desejo
não têm remédio, mais que o da ventura.

A perfeição, a graça, o doce jeito,
A primavera cheia de frescura
que sempre em vós floresce, a que a ventura
e a razão entregaram este peito;

aquele cristalino e puro aspeito,
que em si compreende toda a fermosura,
o resplandor dos olhos e a brandura,
donde Amor a ninguém quis ter respeito;

s'isto, que em vós se vê, ver desejais,
como digno de ver-se claramente.
por muito que de Amor vos isentais,

traduzido o vereis tão fielmente
no meio deste espírito onde estais
que, vendo-vos, sintais o que ele sente.

Aquela fera humana que enriquece
sua presuntuosa tirania
destas minhas entranhas, onde cria
Amor um mal que falta quando crece;

se nela o Céu mostrou – como parece -
quanto mostrar ao mundo pretendia,
porque de minha vida se injuria?
Porque de minha morte se enobrece?

Ora, enfim, sublimai vossa vitória,
Senhora, com vencer-me e cativar-me:
fazei disto no mundo larga história.

Que, por mais que vos veja maltratar-me,
já me fico logrando desta glória
de ver que tendes tanta de matar-me.

Aquela que, de pura castidade,
de si mesma tomou cruel vingança
por ãa breve e súbita mudança
contrária à sua honra e qualidade,

venceu à fermosura a honestidade,
venceu no fim da vida a esperança,
por que ficasse viva tal lembrança,
tal amor, tanta fé, tanta verdade.

De si, da gente e do mundo esquecida,
feriu com duro ferro o brando peito,
banhando em sangue a força do tirano.

Estranha ousadia! estranho feito!
Que, dando breve morte ao corpo humano,
tenha sua memória larga vida!

Aquela triste e leda madrugada,
cheia toda de mágoa e de piedade,
enquanto houver no mundo saudade
quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada
saía, dando ao mundo claridade,
viu apartar-se d'Ūa outra vontade,
que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio,
que d'uns e d'outros olhos derivadas
s'acrescentaram em grande e largo rio.

Ela viu as palavras magoadas
que puderam tornar o fogo frio,
e dar descanso às almas condenadas.

Aqueles claros olhos que, chorando
ficavam quando deles me partia,
agora que farão? Quem mo diria?
Se porventura estarão em mim cuidando?

Se terão na memória, como ou quando
deles me vim tão longe de alegria?
Ou s'estarão aquele alegre dia
que torne a vê-los, palma figurando?

Se contarão as horas e os momentos?
Se acharão num momento muitos anos?
Se falarão co as aves e cos ventos?

Oh! bem-aventurados fingimentos,
que nesta ausência tão doces enganos
sabeis fazer aos tristes pensamentos!

Aqui de longos danos breve história
verão os que se jactam de amadores;
reparo pode ser das suas dores
não apartar as minhas da memória.

Escrevi, não por fama nem por glória,
de que outros versos são merecedores;
mas por mostrar seus triunfos, seus rigores,
a quem de mi logrou tanta vitória.

Crecendo foi a dor co tempo tanto
que em número me fez alheio de arte
dizer do cego Amor que me venceu.

Se ao canto dei a voz, dei a alma ao pranto;
e, dando a pena à mão, esta só parte
de minhas tristes penas escreveu.

Ar, que de meus suspiros vejo cheio;
terra, cansada já com meu tormento;
água, que com mil lágrimas sustento;
fogo, que mais acendo no meu seio:

em paz estais em mim; e assi o creio,
sem esse ser o vosso próprio intento,
pois, em dor onde falta o sofrimento,
a vida se sustém por vosso meio.

Ai imiga Fortuna! Ai vingativo
Amor! A que discursos por vós venho,
sem nunca vos mover com minha mágoa!

Se me quereis matar, para que vivo?
E como vivo, se contrários tenho
fogo, Fortuna, Amor, ar, terra e água?

Árvore, cujo pomo, belo e brando,
natureza de leite e sangue pinta,
onde a pureza, de vergonha tinta,
está virgíneas faces imitando;

nunca da ira e do vento, que arrancando
os troncos vão, o teu injúria sinta;
nem por malícia de ar te seja extinta
a cor, que está teu fruto debuxando.

Que pois me emprestas doce e idóneo abrigo
a meu contentamento, e favoreces
com teu suave cheiro minha glória,

se não te celebrar como mereces,
cantando-te, sequer farei contigo
doce, nos casos tristes, a memória.

Ausente dessa vista pura e bela,
que dantes viver ledo me fazia,
vivo agora tão farto de agonia
quanto, vendo-vos, fui já falto dela.

Chamo dura e cruel a dura estrela
que me aparta de vós, minha alegria,
mil vezes maldizendo a hora e dia
que foi duro princípio a tal querela.

E tanta pena passo nesta ausência,
a que o cruel destino me condena
(por que sofra ãa dor ao mundo rara),

que já vencer deixara a paciência
com minha vida, à força desta pena,
se a vida para ver-vos não guardara.

Ay, quien dará a mis ojos una fuente
de lagrinas que manen noche y día!
Respirara siquiera la Alma mía,
llorando lo pasado y lo presente.

Quien me diera apartado de la gente,
de mi dolor siguiendo la porfía,
con la triste memoria y fantasía
del bien por quien mal tanto así se siente!

Quien me dará palabras con que iguale
el duro agravio que el Amor me ha hecho,
donde tan poco el sufrimiento vale?

Quien me abrirá profundamente el pecho,
do está escrito el secreto que no sale
con tanto dolor mío a mi despecho?

Ayúdame, Señora, a hacer venganza
de tal selvaticuez, de tal rudeza;
pues de mi poquedad, de mi bajeza,
osado a ti elevaba la esperanza.

A essa tu perfeccion, que no se alcança,
á esas sublimes cumbres de belleza,
donde una vez llegó naturaleza,
mas de volver perdió ña confiança.

Aquello que en ti miro contemplando,
(que apenas contemplarlo me consiente)
conternplandolo más, menos lo espero.

Si gloria de mi pena en ti se siente,
derrama en mi tus iras, desamando,
que al ofenderme más yo más te quiero.

Bem sei, Amor, que é certo o que receio;
mas tu, porque com isso mais te apuras,
de manhoso mo negas, e mo juras
no teu dourado arco; e eu to creio.

A mão tenho metida no teu seio,
e não vejo meus danos às escuras;
e tu contudo tanto me asseguras
que me digo que minto, e que me enleio.

Não somente consinto neste engano,
mas inda to agradeço, e a mim me nego
tudo o que vejo e sinto de meu dano.

Oh! poderoso mal a que me entrego!
Que, no meio do justo desengano,
me possa inda cegar um moço cego!

Brandas águas do Tejo que, passando
por estes verdes campos que regais,
plantas, ervas, e flores e animais,
pastores, ninfas ides alegrando;

não sei (ah, doces águas!), não sei quando
vos tornarei a ver; que mágoas tais,
vendo como vos deixo, me causais
que de tornar já vou desconfiando.

Ordenou o Destino, desejoso
de converter meus gostos em pesares,
partida que me vai custando tanto.

Saudoso de vós, dele queixoso,
encherei de suspiros outros ares,
turbarei outras águas com meu pranto.

Busque Amor novas artes, novo engenho,
para matar-me, e novas esquivações;
que não pode tirar-me as esperanças,
que mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!
Vede que perigosas seguranças!
Que não temo contrastes nem mudanças,
andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas, conquanto não pode haver desgosto
onde esperança falta, lá me esconde
Amor um mal, que mata e não se vê.

Que dias há que n'alma me tem posto
um não sei quê, que nasce não sei onde,
vem não sei como, e dói não sei porquê.

Cá nesta Babilónia, donde mana
matéria a quanto mal o mundo cria;
cá onde o puro Amor não tem valia,
que a Mãe, que manda mais, tudo profana;

cá, onde o mal se afina, e o bem se dana,
e pode mais que a honra a tirania;
cá, onde a errada e cega Monarquia
cuida que um nome vão a desengana;

cá, neste labirinto, onde a nobreza
com esforço e saber pedindo vão
às portas da cobiça e da vileza;

cá neste escuro caos de confusão,
cumprindo o curso estou da natureza.
Vê se me esquecerei de ti, Sião!

Campo, nas Sirtes deste mar da vida,
após naufrágios seus, tábua segura;
claras bonanças em tormenta escura,
habitação da paz, de amor guarida:

a ti fujo; e, se vence tal fugida
(e quem mudou lugar, mudou ventura),
cantemos a vitória; e, na espessura,
triunfe a honra da ambição vencida.

Em flor e em fruto de verão e outono
utilmente murmuram claras águas:
alegre me acha aqui, me deixa o dia.

Amantes rouxinóis rompem-me o sono
que ata o descanso; aqui sepulto mágoas
que já foram sepulcros de alegria.

Cançada y ronca boz por que bolando
no vas do mi Florinda esta dormiendo?
Y ali, de todo quanto yo pretiendo,
ó venturosa, tu no estas gozando!

Ve passo y, al oido sospirando,
le di, sin que te sinta, que sintiendo
estoi tan grave mal que estoi moriendo;
y , abiendo de morir, estoi cantando.

Y dile que, aunque tengo su transumpto,
a qua do estoi que venga dela espero,
si no quiere hallarme ya defunto.

Mas ay, no se lo digas, que mas muero
de verme a su valor despues tan junto,
sin que vea el bien que tanto quiero.

Cantando estava um dia bem seguro,
quando, passando, Sílvio me dizia
(Sílvio, pastor antigo, que sabia
pelo canto das aves o futuro):

«Méris, quando quiser o Fado escuro,
oprimir-te virão em um só dia
dous lobos; logo a voz e a melodia
te fugirão, e o som suave e puro».

Bem foi assi; porque um me degolou
quanto gado vacuum pastava e tinha,
de que grandes soldadas esperava;

e outro, por meu dano, me matou
a cordeira gentil que eu tanto amava,
perpétua saudade da alma minha!

Cara minha inimiga, em cuja mão
Pôs meus contentamentos a ventura,
Faltou-te a ti na terra sepultura,
Porque me falte a mim consolação.

Eternamente as águas lograrão
A tua peregrina fermosura;
Mas, enquanto me a mim a vida dura,
Sempre viva em minha alma te acharão.

E se meus rudos versos podem tanto
Que possam prometer-te longa história
Daquele amor tão puro e verdadeiro,

Celebrada serás sempre em meu canto;
Porque, enquanto no mundo houver memória,
Será a minha escritura o teu letreiro.

Chorai, Ninfas, os fados poderosos
daquela soberana fermosura!
Onde foram parar na sepultura
aqueles reais olhos graciosos?

Ó bens do mundo, falsos e enganosos!
Que mágoas para ouvir! Que tal figura
jaza sem resplendor na terra dura,
com tal rosto e cabelos tão fermosos!

Das outras que será, pois poder teve
a morte sobre cousa tanto bela
que ela eclipsava a luz do claro dia?

Mas o mundo não era digno dela;
por isso mais na terra não esteve:
ao Céu subiu, que já se lhe devia.

Claros olhos azuis, olhos fermosos,
que o lume destes meus escurecestes;
Olhos que o mesmo Amor de amor vencestes
cos vivos raios sempre vitoriosos;

olhos serenos, olhos venturosos,
que ser luz de tal gesto merecestes,
ditosos em render quanto rendestes,
e em nunca ser rendidos mais ditosos;

que mour'eu por vos ver, e que vos traga
nas meninas dos meus perpetuamente
cousa é que justamente Amor ordena.

Mas, que de vós não tenha mais que a pena
com que Amor tanta fé tão mal me paga,
nem o diz a razão, nem o consente.

Co o tempo, o prado seco reverdece,
co o tempo cai a folha ao bosque umbroso,
co o tempo para o rio caudaloso,
co o tempo o campo pobre se enriquece;

co o tempo, um louro morre, outro floresce;
co o tempo, um é sereno, outro invernoso,
co o tempo, foge o mal duro e penoso,
co o tempo, torna o bem, já quando esquece.

Co o tempo, faz mudança a sorte avara,
co o tempo, se aniquila um grande estado,
co o tempo, torna a ser mais eminente.

Co o tempo, tudo anda e tudo para.
Mas só aquele tempo que é passado,
co o tempo, se não faz tempo presente.

Coitado, que em um tempo choro e rio,
espero, temo, quero e aborreço.
juntamente me alegre e entristeço,
de ãa cousa confio e desconfio.

Avoo sem asas, estou cego e guio,
e no que valho mais menos mereço;
calando, dou vozes; falo e emudeço,
nada me contradiz e eu aporfio.

Queria, se ser pudesse, o impossível;
queria poder mudar-me e estar quedo,
usar de liberdade e ser cativo.

Queria que visto fosse e invisível;
queria desenredar-me, e mais me enredo:
tais são os extremos em que triste vivo.

Com grandes esperanças já cantei,
com que os deuses no Olimpo conquistara;
depois vim a chorar porque cantara,
e agora choro já porque chorei.

Se cuido nas passadas que já dei,
custa-me esta lembrança só tão cara
que a dor de ver as mágoas que passara
tenho pola mor mágoa que passei.

Pois logo, se está claro que um tormento
dá causa que outro n'alma s'acrescente,
já nunca posso ter contentamento.

Mas esta fantasia se me mente?
Oh ocioso e cego pensamento!
Ainda eu imagino em ser contente?

Com o generoso rosto alanceado,
cheia de pó e sangue a real fronte,
chegou à triste barca de Aqueronte
o grão Sebastião, sombra tornado.

Vendo o cruel barqueiro que forçado
queria o rei passar, pôs-se defronte,
dizendo: «Pelas águas desta fonte,
nunca passou ninguém desenterrado».

O valoroso rei, com ira comovido,
lhe responde: «Ó falso velho, porventura
não passou outrem já com força d'ouro?

Pois a um rei banhado em sangue mouro
ousas tu perguntar por sepultura?
Pergunta-o a quem vier menos ferido».

Com que voz chorarei meu triste fado,
que em tão dura prisão me sepultou,
que mor não seja a dor que me deixou
o tempo, de meu bem desenganado?

Mas chorar não se estima neste estado,
onde suspirar nunca aproveitou;
triste quero viver, pois se mudou
em tristeza a alegria do passado.

Assi a vida passo descontente,
ao som nesta prisão do grilhão duro
que lastima o pé que o sofre e sente!

De tanto mal a causa é amor puro,
devido a quem de mi tenho ausente
por quem a vida, e bens dela, aventuro.

Com voz desordenada, sem sentido,
e com olhos de lágrimas cobertos,
soltava o peito em ásperos desertos
entre um vale escuro, empedernido,

Silvano triste, a quem endurecido
têm de uma bela Nífa os desconcertos,
perdendo a esperança dos incertos
bens em que a Fortuna o há metido;

mas, volto em si um pouco, perguntava
asi por si o pastor; desta tristeza
levanta o coração já desmaiado

e canta, como quem melhor se achava:
«Não desmaies, espírito, na pobreza,
que a fortuna à razão é mau treslado!»

— Como fizeste, Pórcia, tal ferida?
Foi voluntária, ou foi por inocência?
— Mas foi fazer Amor experiência
se podia sofrer tirar-me a vida.

— E com teu próprio sangue te convida
a não pores à vida resistência?
— Ando-me acostumando à paciência,
porque o temor a morte não impida.

— Pois porque comes, logo, fogo ardente,
se a ferro te costumaste? — Porque ordena
Amor que morra e pene juntamente.

— E tens a dor do ferro por pequena?
— Si: que a dor costumada não se sente,
e eu não quero a morte sem a pena.

Como podes, ó cego pecador,
estar em teus erros tão isento,
sabendo que esta vida é um momento,
se comparada com a eterna for?

Não cuides tu que o justo Julgador
deixará tuas culpas sem tormento,
nem que passando vai o tempo lento
do dia de horrendíssimo pavor.

Não gastes horas, dias, meses, anos,
em seguir de teus danos a amizade,
de que depois resultam mores danos.

E pois de teus enganos a verdade
conheces, deixa já tantos enganos,
pedindo a Deus perdão com humildade.

Como quando do mar tempestuoso
o marinheiro, lasso e trabalhado,
de um naufrágio cruel já salvo a nado,
só ouvir falar nele o faz medroso,

e jura que, em que veja bonançoso
o violento mar e sossegado,
não entre nele mais, mas vai, forçado
pelo muito interesse cobiçoso;

assi, Senhora, eu, que da tormenta
de vossa vista fujo, por salvar-me,
jurando de não mais em outra ver-me:

minha alma, que de vós nunca se ausenta,
dá-me por preço ver-vos, faz tornar-me
donde fugi tão perto de perder-me.

Con razon os vays, aguas, fatigando,
por llegar do sereys bien recebidas,
y en aquel mar inmenso convertidas,
que ya de tantos dias vays buscando.

Triste de aquel que siempre anda llorando
las vanas esperanças ya perdidas;
y con dolor las lagrimas vertidas
nunca al fin pretendido van llegando.

Vosotras sin traer derecha via,
al termino llegais tan deseado,
por mas que os embarace el gran rodeo:

mas yo siempre afligido noche y dia,
por un camino, que no llevo errado,
jamás puedo llegar donde deseo.

Contas, que traz Amor com meus cuidados,
me fazem contas dar de meu tormento;
são contas com que anda o pensamento,
contando mágoas tristes, duros fados.

Contas cruéis serão, se mal contados
os meus serviços forem, cujo intento
é sempre fazer conta em fundamento,
em contar-se por bem-afortunados.

Se, em saindo cá fora, vos (eu) vejo,
contas, do peito em lágrimas tornadas,
à causa deste efeito ide sem pejo;

e lá direis que sois gotas salgadas
do infinito mar do meu desejo,
que acende o fogo em que sois forjadas.

Contentamentos meus, que já passastes
e só de vós ficou o sentimento:
não sei em que trazeis o fundamento,
se havíeis de tornar, quando chegastes.

Se foi comigo só o que usastes
no mais que com a vista um cumprimento,
de vós me vingo que, enfim, sois vento:
em vento edifiquei, vento ficastes.

Quem se fia em Amor, quem tão mal sente,
quem nele se confia ou põe firmeza
desastres da Fortuna não vigia.

Enfim já agora sei que ser contente
nunca jamais de si deu mor certeza
que dele senão ter perfeito dia.

Contente vivi já, vendo-me isento
deste mal, de que a muitos queixar via.
Chamam-lhe amor; mas eu lhe chamaria
discórdia e sem-razão, guerra e tormento.

Enganou-me co nome o pensamento
(quem com tal nome não se enganaria?);
agora tal estou que temo um dia,
em que venha a faltar-me o sofrimento.

Com desesperação e com desejo
me paga o que por ele estou passando;
e inda está do meu mal mal satisfeito.

Pois sobre tantos danos inda vejo,
para dar-me outros mil, um olhar brando,
e para os não curar um duro peito.

Conversação doméstica afeiçoa,
ora em forma de boa e sã vontade,
ora de ãa amorosa piedade,
sem olhar qualidade de pessoa.

Se depois, porventura, vos magoa
com desamor e pouca lealdade,
logo vos faz mentira da verdade
o brando Amor, que tudo em si perdoa.

Não são isto que falo conjeturas,
que o pensamento julga na aparência,
por fazer delicadas escrituras.

Metido tenho a mão na consciência,
e não falo senão verdades puras
que me ensinou a viva experiência.

Correm turvas as águas deste rio,
que as do Céu e as do monte as enturbaram;
os campos florecidos se secaram,
intratável se fez o vale, e frio.

Passou o verão, passou o ardente estio,
Ũas cousas por outras se trocaram;
os fementidos Fados já deixaram
do mundo o regimento, ou desvario.

Tem o tempo sua ordem já sabida;
o mundo, não; mas anda tão confuso,
que parece que dele Deus se esquece.

Casos, opiniões, natura e uso
fazem que nos pareça desta vida
que não há nela mais que o que parece.

Crecei, desejo meu, pois que a Ventura
já vos tem nos seus braços levantado;
que a bela causa de que sois gerado
o mais ditoso fim vos assegura.

Se aspirais por ousado a tanta altura,
não vos espante haver ao Sol chegado;
porque é de águia real vosso cuidado,
que, quanto mais o sofre, mais se apura.

Ânimo, coração! que o pensamento
te pode inda fazer mais glorioso,
sem que respeite a teu merecimento.

Que cresças inda mais é já forçoso,
porque, se foi de ousado o teu intento,
agora de atrevido é venturoso.

Criou a Natureza damas belas,
que foram de altos plectros celebradas;
delas tomou as partes mais prezadas,
e a vós, Senhora, fez do melhor delas.

Elas, diante vós, são as estrelas,
que ficam, com vos ver, logo eclipsadas.
Mas, se elas têm por Sol essas rosadas
luzes de Sol maior, felices elas!

Em perfeição, em graça e gentileza,
por um modo entre humanos peregrino,
a todo o belo excede essa beleza.

Oh! quem tivera partes de divino
pera vos merecer! Mas se pureza
de amor vale ante vós, de vós sou dino.

Cuanto tiempo ha que lloro un día triste,
como si alguno alegre yo esperara!
Como, ó Tajo, ao passar essa tu clara
agua, no la alteraste y no me hundiste?

El passo me cerraste, el pecho abriste.
O mi Ventura, de mi bien avara!
A Dios, montañas, de hermosura rara;
a Dios mi corazón, que no partiste!

Si adonde quedas en dichosa suertø
no bevieres las aguas del Olvido,
en tanto bien no quieras olvidarte.

Cantando mi dolor, llora mi muerte,
porque hasta el hueco monte sin sentido
suelta su ronca voz por consolarme.

Dai-me ãa lei, Senhora, de querer-vos,
que a guarde, sô pena de enojar-vos;
que a fé que me obriga a tanto amar-vos
fará que fique em lei de obedecer-vos.

Tudo me defendei, senão só ver-vos,
e dentro na minh' alma contemplar-vos;
que, se assi não chegar a contentar-vos,
ao menos que não chegue a aborrecer-vos.

E se essa condição cruel e esquiva
que me deis lei de vida não consente,
dai-ma, Senhora, já, seja de morte.

Se nem essa me dais, é bem que viva,
sem saber como vivo, tristemente,
mas contente porém de minha sorte.

D'amores de ãa ínclita donzela
ferido o mesmo deus d'Amor se viu
e preso, enfim, por mais que resistiu,
que a tudo vence e rende a força dela.

Jamais o mundo viu dama tão bela;
com ela a Natureza repartiu
a graça, com que ao mesmo feriu,
laços com quem não vale força ou cautela.

Ó rara e nunca vista formosura,
formosura bastante a sojugar
o mesmo deus d'Amor tão soberano.

Olhai, se poderá de um fraco humano
a força, a força tal muito durar,
quando a força de Amor tão pouco dura!

De Amor escrevo, de Amor trato e vivo
de amor me nasce amar sem ser amado,
de tudo se descuida o meu cuidado,
quanto não seja ser de amor cativo;

de amor, que a lugar alto voe altivo,
e funde a glória sua em ser ousado;
que se veja melhor purificado
no imenso resplendor de um raio esquivo.

Mas ai! que tanto amor só pena alcança.
Mais constante ela, e ele mais constante,
de seu triunfo cada qual só trata.

Nada enfim me aproveita; que a esperança,
se anima alguma vez a um triste amante,
ao perto vivifica, ao longe mata.

De Babel sobre os rios nos sentámos,
de nossa doce pátria desterrados;
as mãos na face, os olhos derribados,
com saudades de ti, Sião, chorámos.

Os órgãos nos salgueiros pendurámos,
em outro tempo bem de nós tocados;
outro era ele, por certo, outros cuidados.
Mas, por deixar saudades, os deixámos.

Aqueles que cativos nos traziam,
por cantigas alegres perguntavam.
«Cantai – nos dizem – hinos de Sião».

Sobre tal pena, pena tal nos dão;
pois tiranicamente pretendiam
que cantassem aqueles que choravam.

De cá, donde somente o imaginar-vos
a rigorosa ausência me consente,
sobre as asas de Amor, ousadamente
o mal sofrido esp'rito vai buscar-vos.

E, se não receara de abraçar-vos
nas chamas que por vossa causa sente,
lá ficara convosco e, vós presente,
aprendera de vós a contentar-me.

Mas pois que estar ausente lhe é forçado,
por Senhora de cá vos reconhece,
aos pés de imagens vossas inclinado;

e pois vedes a fé que vos of'rece,
ponde os olhos, de lá, no seu cuidado,
e dar-lhe-eis inda mais do que merece.

De frescas belvederes rodeadas
estão as puras águas desta fonte;
fermosas ninfas lhes estão defronte,
a vencer e a matar acostumadas.

Andam contra Cupido levantadas
as suas graças, que não há quem conte;
doutro vale esquecidas, doutro monte,
a vida passam neste sossegadas.

O seu poder juntou, sua valia,
Amor, já não sofrendo este desprezo,
somente por se ver delas vingado.

Mas, vendo-as, entendeu que não podia
de ser morto livrar-se, ou de ser preso,
e ficou-se com elas desarmado.

De mil suspeitas vãs se me levantam
trabalhos e desgostos verdadeiros.
Ai, que estes bens de Amor são feiticeiros
que com um não sei que toda alma encantam!

Como sereias docemente cantam
para enganar os tristes marinheiros,
os meus assi me atraem lisonjeiros,
e depois, com horrores mil, me espantam.

Quando cuido que tomo porto ou terra,
tal vento se levanta em um instante
que súbito da vida desconfio.

Mas eu sou quem me faz a maior guerra
pois, conhecendo os riscos de um amante,
fiado a ondas de Amor, delas me fio.

De piedra, de metal, de cosa dura,
el alma, dura Ninfa, os ha vestido,
pues el cabello es oro endurecido,
y marmol es la frente en su blancura.

Los ojos, esmeralda verde y oscura;
granata las mexillas; no fingido,
el labrio es un robí no poseydo;
los blancos dientes son de perla pura.

La mano de marfil, y la garganta
de alabastro, por donde como yedra
las venas van de azul mui rutilante.

Mas lo que más en toda vos me espanta,
es ver que, por que todo fuese piedra,
tenéis el corazón como diamante.

De quantas graças tinha, a Natureza
fez um belo e riquíssimo tesouro;
e com rubis e rosas, neve e ouro,
Formou sublime e angélica beleza.

Pôs na boca os rubis, e na pureza
do belo rosto as rosas, por quem mouro;
no cabelo o valor do metal louro;
no peito a neve em que a alma tenho acesa.

Mas nos olhos mostrou quanto podia,
e fez deles um sol, onde se apura
a luz mais clara que a do claro dia.

Enfim, Senhora, em vossa compostura
ela a apurar chegou quanto sabia
de ouro, rosas, rubis, neve e luz pura.

De tantas perfeições a Natureza
formou, Dama gentil, vossa figura
que sois divina no mundo em formosura,
e divina na graça e gentileza.

De modo que tal é vossa lindeza,
tal a graça que em vós tanto se apura
que não há dama em si tanto segura
que, ante essa vossa, cuide ter beleza.

A natureza humana se esmerou
em vos formar tão linda e graciosa
quão graciosa e linda vos formou;

e, para vos fazer mais gloriosa,
depois de vos formar, logo jurou
de não fazer mais cousa tão formosa.

De tão divino acento e voz humana,
de tão doces palavras peregrinas,
bem sei que minhas obras não são dinas,
que o rudo engenho meu me desengana.

Mas de vossos escritos corre e mana
licor que vence as águas cabalinas;
e convosco do Tejo as flores finas
farão enveja à cópia Mantuana.

E pois a vós de si não sendo avaras,
as filhas de Mnemósine fermosa
partes dadas vos tem, ao mundo caras;

a minha Musa e a vossa tão famosa,
ambas posso chamar ao mundo raras:
a vossa de alta, a minha de envejosa.

*A D. Simão da Silveira, em resposta de outro seu, pelos mesmos
consoantes, mandando-lhe perguntar quem fora o primeiro poeta que fizera
sonetos*

De um tão felice engenho, produzido
de outro, que o claro Sol não viu maior,
é trazer cousas altas no sentido,
todas dinas de espanto e de louvor.

Museu foi antiquíssimo escritor,
filósofo e poeta conhecido,
discípulo do Músico amador
que co som teve o Inferno suspendido.

Este pôde abalar o monte mudo,
cantando aquele mal, que eu já passei,
do mancebo de Abido mal sisudo.

Agora contam já (segundo achei),
Tasso, e o nosso Boscão, que disse tudo
dos segredos que move o cego Rei.

De vós me aparto, ó vida! Em tal mudança,
sinto vivo da morte o sentimento.
Não sei para que é ter contentamento,
se mais há de perder quem mais alcança.

Mas dou-vos esta firme segurança
que, posto que me mate meu tormento,
pelas águas do eterno esquecimento
segura passará minha lembrança.

Antes sem vós meus olhos se entristeçam,
que com qualquer cous'outra se contentem;
antes os esqueçais, que vos esqueçam.

Antes nesta lembrança se atormentem,
que com esquecimento desmereçam
a glória que em sofrer tal pena sentem.

À sepultura de D. Fernando de Castro

Debaixo desta pedra está metido,
das sanguinosas armas descansado,
o capitão ilustre, assinalado,
Dom Fernando de Castro esclarecido.

Por todo o Oriente tão temido,
e da inveja da fama tão cantado,
este, pois, só agora sepultado,
está aqui já em terra convertido.

Alegra-te, ó guerreira Lusitânia,
por este Viriato que criaste;
e chora-o, perdido, eternamente.

Exemplo toma nisto de Dardânia;
que, se a Roma co ele aniquilaste,
nem por isso Cartago está contente.

Debaixo desta pedra sepultada
jaz do mundo a mais nobre fermosura,
a quem a Morte, só de inveja pura,
sem tempo sua vida tem roubada,

sem ter respeito àquela assim estremada
gentileza de luz, que a noite escura
tornava em claro dia, cuja alvura
do Sol a clara luz tinha eclipsada.

Do Sol peitada foste, cruel Morte,
pera o livrar de quem o escurecia;
e da Lũa que, ante ela, luz não tinha.

Como de tal poder tiveste sorte?
E, se a tiveste, como tão asinha
tornaste a luz do mundo em terra fria?

Dece do Céu imenso, Deus benino,
para encarnar na Virgem soberana.
«Porque dece divino em cousa humana?»
«Para subir o humano a ser Divino».

«Pois como vem tão pobre e tão minino,
rendendo-se ao poder da mão tirana?»
«Porque vem receber morte inumana
para pagar de Adão o desatino».

«Pois como? Adão e Eva o fruto comem
que por seu próprio Deus lhe foi vedado?»
«Si, por que o próprio ser de deuses tomem».

«E por essa razão foi humanado?»
«Si. Porque foi com causa decretado,
se o homem quis ser deus, que Deus seja homem».

Deixa, Apolo, o correr tão apressado;
não sigas essa Ninfa tão ufano.
Não te leva o Amor, leva-te o engano,
com sombras de algum bem, a mal dobrado.

E quando seja Amor, será forçado;
e, se forçado for, será teu dano.
Um parecer não queiras mais que humano
em um silvestre adorno ver tornado.

Não percas, por um vão contentamento,
a vista que te faz viver contente;
modera em teu favor o pensamento;

porque, menos mal é, tendo-a presente,
sofrer sua crueza e teu tormento
que sentir sua ausência eternamente.

Deixando o doce fato e a cabana,
Hilário pastor por ãa serra alçada
desta arte se aqueixava em voz irada
da fermosa pastora Terciana:

«Nem tu és nascida de gente humana,
nem foste em ventre de mulher gerada;
mas antre as duras feras és criada,
mamando o leite alga tigre hircana.

Se em ti houvera algum modo de sentido,
meu mal movera a aspereza tua
e abrandara teu peito endurecido.

Mas creio que mostrando a ira sua,
Deus, pera ser das gentes mais temido,
fez a mim desditoso e a ti crua.»

Depois de haver chorado os meus tormentos,
quer Amor que lhe cante as suas glórias.
Canto de ãa beleza os vencimentos,
de um longo padecer choro as memórias.

Porém, se as minhas penas são vitórias
pôr a causa a meus altos pensamentos,
dilatam-se em larguíssimas histórias
estes meus gloriosos rendimentos.

Mova-se em todo o mundo único espanto
de que é pela beleza que eu adoro,
do que cantado tenho prémio o pranto.

Contente ofereço a Amor tão triste foro;
que, se choro, não há como o meu canto;
não sei canto melhor que este meu choro.

Depois de tantos dias mal gastados,
depois de tantas noites mal dormidas,
depois de tantas lágrimas vertidas,
tantos suspiros vãos, vamente dados;

como não sois vós já desenganados,
desejos, que de coisas esquecidas
quereis remediar mortais feridas,
que Amor fez sem remédio, o Tempo, os Fados?

Se não tivéreis já experiência
das sem-razões de Amor, a quem servistes,
fraqueza fora em vós a resistência.

Mas pois por vosso mal seus males vistes,
que tempo não curou longa ausência,
que bem dele esperais, desejos tristes?

Descalço e sem chapéu Apolo louro,
dos mais vestidos bem ataviado,
um dia o vi vir tão namorado
da lira, que nas mãos trazia, de ouro...

Dizendo alegre vinha: «Ó meu tesouro,
vida e tempo nas músicas gastado,
com um defeito is desconcertado
que, sendo português, me fazeis mouro.

No traje digo só, porque é costume
na minha gente ser o traje inteiro,
não em parte; mas em tudo se resume.

Dais-me pelote e capa, sem sombreiro;
sem calças me subis num alto cume,
aonde o vento temo ser ligeiro».

Depois que quis Amor que eu só passasse
quanto mal já por muitos repartiu,
entregou-me à Fortuna, porque viu
que não tinha mais mal que em mim mostrasse.

Ela, porque do Amor se aventajasse
no tormento que o Céu me permitiu,
o que para ninguém se consentiu,
para mim só mandou que se inventasse.

Eis-m' aqui vou com vários som gritando,
copioso exemplário para a gente
aquela destes dous tiranos é sujeita,

desvarios em versos concertando.
Triste quem seu descanso tanto estreita,
que deste tão pequeno está contente!

Diana prateada, esclarecia
com a luz que do claro Febo ardente,
por ser de natureza transparente,
em si, como em espelho, reluzia.

Cem mil milhões de graças lhe influía,
quando me apareceu o excelente
raio de vosso aspeto, diferente
em graça e em amor do que soía.

Eu, vendo-me tão cheio de favores
e tão propinco a ser de todo vosso,
louvei a hora clara, e a noite escura,

pois nela destes cor a meus amores;
donde colijo claro que não posso
de dia para vós já ter ventura.

Ditosa pena, como a mão que a guia
com tantas perfeições da sutil arte,
que, quando com razão venho a louvar-te,
em teus louvores perco a fantasia.

Porém Amor, que efeitos vários cria,
de ti cantar me manda em toda a parte,
não em plectro belígero de Marte,
mas em suave e branda melodia.

Teu nome, Emanuel, de um ao outro pólo
voando, se levanta e te pregoa
agora, que ninguém te levantava.

E porque imortal sejas, eis Apolo
te oferece de flores a coroa
que já de longo tempo te aguardava.

Ditosas almas, que ambas juntamente
ao céu de Vénus e de Amor voastes,
onde um bem que tão breve cá lograstes
estais logrando agora eternamente.

Aquele estado vosso tão contente,
que só por durar pouco triste achastes,
por outro mais contente já o trocastes,
onde sem sobressalto o bem se sente.

Triste de quem cá vive tão cercado,
na amorosa fineza, de um tormento
que a glória lhe perturba mais crescida!

Triste, pois me não vale o sofrimento,
e Amor, pera mais dano, me tem dado
pera tão duro mal, tão larga vida!

Ditoso seja aquele que somente
se queixa de amorosas esquivações;
pois por elas não perde as esperanças
de poder n'algum tempo ser contente.

Ditoso seja quem, estando ausente,
não sente mais que a pena das lembranças;
porqu', inda que se tema de mudanças,
menos se teme a dor quando se sente.

Ditoso seja, enfim, qualquer estado
onde enganos, desprezos e isenção
trazem o coração atormentado.

Mas triste quem se sente magoado
d'erros em que não pode haver perdão,
sem ficar n'alma a mágoa do pecado.

Diversos casos, vários pensamentos
me trazem tão confuso o entendimento
que em nada vejo já contentamento
senão quando se vão contentamentos.

Em vários casos, vários sentimentos
sucedem, por mostrar ao fundamento
que é o que se deseja tudo vento,
pois pinta haver descanso em vãos intentos.

Vê-se em grandes discursos os desejos,
quando as ocasiões os tempos mudam,
não há cousa impossível a um cuidado.

O injusto com o justo é já trocado;
os duros montes seus assentos mudam:
eu só não posso ver meu mal mudado.

Diversos dões reparte o Céu benino,
e quer que cada ãa um só possua.
Assi, ornou de casto peito a Lua,
ornamento do assento cristalino;

de graça, a Mãe fermosa do Minino,
que nessa vista tem perdido a sua;
Palas de discrição, que imite a tua;
do valor, Juno, só de império dino.

Mas junto agora o mesmo Céu derrama
em ti o mais que tinha, e foi o menos,
em respeito do Autor da natureza;

que a seu pesar te dão, fermosa Dama,
Diana honestidade, e graça Vénus,
Palas o aviso seu, Juno a nobreza.

Divina companhia que nos prados
do claro Eurotas ou no Olimpo monte,
ou sobre as margens da Castália Fonte,
vossos estudos tendes mais sagrados;

pois por destino dos imóveis fados
quereis que em vosso número me conte
no eterno templo de Belorofonte
ponde em bronze estes versos entalhados:

«Soliso (por que em séculos futuros
se veja da beleza o que merece
quem de sábia claudice a mente inflama),

seus escritos, da sorte já seguros,
a estas aras em ãa mão oferece,
e a alma em outra à sua bela dama».

Dizei, Senhora, da Beleza ideia:
para fazerdes esse áureo crino,
onde fostes buscar esse ouro fino?
de que escondida mina ou de que veia?

Dos vossos olhos essa luz Febeia,
esse respeito, de um império dino?
Se o alcançastes com saber divino,
se com encantamentos de Medeia?

De que escondidas conchas escolheste
as perlas preciosas orientais
que, falando, mostrais no doce riso?

Pois vos formastes tal, como quisestes,
vigiai-vos de vós, não vos vejais,
fugi das fontes: lembre-vos Narciso.

Do corpo estava já quase forçada
aquela alma gentil ao Céu devida,
rompendo a nobre teia de sua vida,
por tornar cedo à pátria desejada.

Ainda em flor, sem ter raiz lançada
na terra, dela tanto aborrecida,
se arrancou boamente; e esta partida
fez à morte suave sua jornada.

Alma pura, que ao mundo te mostraste
solta de seus grilhões que outros enlaçam,
e agora gozas lá dias melhores;

dos teus, que cá sem ti tristes deixaste,
te mova alta piedade, enquanto passam
estas horas que a dor lhe faz maiores.

Do están los claros ojos que colgada
mi alma detras si llevar solían?

Do están las dos mexillas que vencían
la rosa quando está más colorada?

Do está la roxa boca y adornada
con dientes que de nieve parecían?

Los cabellos que el oro escurecían,
do están, y aquella mano delicada?

O toda linda! do estarás ahora
que no te puedo ver, y el gran deseo
de verte me da muerte cada hora!

Mas no mirais mi grande devaneo,
que tengo yo en mi alma a mi Señora,
e diga: Donde estás, que te no veo?

Doce sonho, suave e soberano,
se por mais longo tempo me durara!
Ah! quem de sonho tal nunca acordara,
pois havia de ver tal desengano!

Ah! deleitoso bem! ah! doce engano,
se por mais largo espaço me enganara!
Se então a vida mísera acabara,
de alegria e prazer morrera ufano.

Ditoso, não estando em mim, pois tive,
dormindo, o que acordado ter quisera.
Olhai com que me paga meu destino!

Enfim, fora de mim, ditoso estive.
Em mentiras ter dita razão era,
pois sempre nas verdades fui mofino.

Doces águas e claras do Mondego,
doce repouso de minha lembrança,
onde a comprida e pérfida esperança
longo tempo após si me trouxe cego:

de vós me aparto; mas, porém, não nego
Que inda a memória longa, que me alcança,
me não deixa de vós fazer mudança;
mas quanto mais me alongo, mais me achego.

Bem pudera Fortuna este instrumento
d' alma levar por terra nova e estranha,
oferecido ao mar remoto e vento;

mas alma, que de cá vos acompanha,
nas asas do ligeiro pensamento,
para vós, águas, voa, e em vós se banha.

Doces lembranças da passada glória,
que me tirou a Fortuna roubadora,
deixai-me repousar em paz Õ hora,
que comigo ganhais pouca vitória.

Impressa tenho n'alma larga história
deste passado bem que nunca fora,
ou fora, e não passara, mas já agora
em mim não pode haver mais que a memória.

Vivo em lembranças, mouro d'esquecido,
de quem sempre devera ser lembrado,
se lhe lembrara estado tão contente.

Oh! quem tornar pudera a ser nascido!
Soubera-me lograr do bem passado,
se conhecer sobera o mal presente.

Dos Céus à terra dece a mor beleza,
une-se à carne nossa e fá-la nobre;
e, sendo a humanidade dantes pobre,
hoje subida fica à mor alteza.

Busca o Senhor mais rico a mor pobreza
que, como ao mundo o seu amor descobre,
de palhas vis o corpo tenro cobre,
e por elas o mesmo Céu despreza.

Como Deus em pobreza à terra dece?
O que é mais pobre tanto lhe contenta
que só rica a pobreza lhe parece.

Pobreza este Presépio representa.
Mas tanto, por ser pobre, já merece
que quanto é pobre mais, mais lhe contenta.

Dos ilustres antigos que deixaram
tal nome, que igualou fama à memória,
ficou por luz do tempo a larga história
dos feitos em que mais se assinalaram.

Se se com cousas destes cotejaram
mil vossas, cada ãa tão notória,
vencera a menor delas a mor glória
que eles em tantos anos alcançaram.

A glória sua foi; ninguém lha tome.
Seguindo cada um vários caminhos,
estátuas levantando no seu Templo.

Vós, honra portuguesa e dos Coutinhos,
ilustre Dom João, com melhor nome
a vós encheis de glória e a nós de exemplo.

É o gozado bem em água escrito:
vive no desejar, morre no efeito;
o desejado sempre é mais perfeito,
porque tem parte algũa de infinito.

Dar a ãa alma imortal gozo prescrito
em verdadeiro amor fora defeito;
por modo superior, não imperfeito,
sois exceção de quanto aqui limito.

De ãa esperança nunca conhecida,
da fé do desejar não alcançada,
sereis mais desejada possuída.

Não podeis da esperança ser amada.
Vista podereis ser, e então mais crida.
Porém, não sem agravo comparada.

El vaso reluciente y cristalino,
de Ángeles agua clara y olorosa,
de blanca seda ornado y fresca rosa,
ligado con cabellos de oro fino,

bien claro parecía el don divino
labrado por la mano artificiosa
de aquella blanca Ninfa, graciosa
más que el rubio lucero matutino.

Nel vaso vuestro cuerpo se afigura,
raxado de los blancos miembros bellos,
y en el agua vuestra ánima pura.

La seda es la blancura, y los cabellos
son las prisiones y la ligadura
con que mi libertad fue asida dellos.

Em Babilónia, sobre os rios, quando
de ti, Sião sagrada, nos lembramos,
ali com grão saudade nos sentamos,
o bem perdido, míseros, chorando.

Os instrumentos músicos deixando,
nos estranhos salgueiros pendurámos,
quando aos cantares, que já em ti cantámos,
nos estavam imigos incitando.

Às esquadras dizemos inimigas:
«Como hemos de cantar em terra alheia
as cantigas de Deus, sacras cantigas?

Se a lembrança eu perder que me recreia
cá nestas penosíssimas fadigas,
oblivioni detur dextra mea».

Em fermosa Leteia se confia,
por onde vaidade tanto alcança
que, tornada em soberba a confiança,
com os deuses celestes competia.

Por que não fosse avante esta ousadia
- que naceм muitos erros da tardança -
em efeito puseram a vingança,
que tamanha doudice merecia.

Mas Oleno, perdido por Leteia,
não lhe sofrendo Amor que suportasse
castigo duro tanta fermosura,

quis padecer em si a pena alheia;
mas, por que a morte Amor não apartasse,
ambos tornados são em pedra dura.

Em prisões baixas fui um tempo atado,
vergonhoso castigo de meus erros;
inda agora arrojando levo os ferros
que a Morte, a meu pesar, tem já quebrado.

Sacrifiquei a vida a meu cuidado,
que Amor não quer cordeiros, nem bezerros;
vi mágoas, vi misérias, vi destertos:
parece-me qu'estava assi ordenado.

Contentei-me com pouco, conhecendo
que era o contentamento vergonhoso,
só por ver que cousa era viver ledô.

Mas minha estrela, que eu já 'gora entendo,
a Morte cega, e o Caso duvidoso,
me fizeram de gostos haver medo.

Em um batel que com doce meneio
o aurífero Tejo dividia,
vi belas damas ou, melhor diria,
belas estrelas, e um Sol no meio.

As delicadas filhas de Nereio,
com mil cordas de doce harmonia,
iam amarrando a bela companhia
que, se eu não erro, por honrá-las veio.

Ó fermosas Nereidas que, cantando,
lograis aquela vista tão serena
que a vida, em tantos males, quer trazer-me:

dizei-lhe que olhe que se vai passando
o curto tempo e, a tão longa pena,
o espírito é pronto, a carne enferma.

Em ãa lapa toda tenebrosa,
adonde bate o mar com fúria brava,
sobre ãa mão o rosto, vi que estava
ũa Ninfa gentil, mas cuidadosa.

Igualmente que linda lastimosa,
aljôfar dos seus olhos destilava;
o mar os seus furores aplacava
com ver cousa tão triste e tão fermosa.

Algũa vez na horrível penedia
os belos olhos punha com brandura
bastante a desfazer sua dureza.

Com angélica voz, assi dizia:
«Ah! que falta mais vezes a Ventura
donde sobeja mais a Natureza!»

En una selva al despuntar del día
estaba Endemion triste y lloroso,
buelto al rayo del sol que, presuroso,
por la falda de un monte descendía.

Mirando al turbador de su alegría,
contrario de su bien y su reposo,
tras un suspiro y otro congoxoso,
razones semejantes le decía:

«Luz clara, para mí la más oscura
que, con este paseo apresurado,
mi Sol con tu tiniebla oscureciste:

si allá pueden moverte en esa altura
las quejas de un Pastor enamorado,
no tardes en volver adó saliste».

Enquanto Febo os montes acendia
do Céu com luminosa claridade,
por evitar do ócio a castidade,
na caça o tempo Délia dispendia.

Vénus, que então de furto descendia,
por cativar de Anquises a vontade,
vendo Diana em tanta honestidade,
quase zombando dela, lhe dizia:

«Tu vais com tuas redes na espessura
os fugitivos cervos enredando;
mas as minhas enredam o sentido.»

«Milhor é — respondia a deusa pura —
nas redes leves cervos ir tomando
que tomar-te a ti nelas teu marido.»

Enquanto quis Fortuna que tivesse
esperança de algum contentamento,
o gosto de um suave pensamento
me fez que seus efeitos escrevesse.

Porém, temendo Amor que aviso desse
minha escritura a algum juízo isento,
escureceu-me o engenho co tormento,
para que seus enganos não dissesse.

Ó vós que Amor obriga a ser sujeitos
a diversas vontades, quando lerdes
num breve livro casos tão diversos,

verdades puras são, e não defeitos;
e sabeis que, segundo o amor tiverdes,
tereis o entendimento de meus versos.

Erros meus, má fortuna, amor ardente
em minha perdição se conjuraram;
os erros e a fortuna sobejaram,
que para mim bastava o amor somente.

Tudo passei; mas tenho tão presente
a grande dor das cousas que passaram,
que as magoadas iras me ensinaram
a não querer já nunca ser contente.

Errei todo o discurso de meus anos;
dei causa que a Fortuna castigasse
as minhas mal fundadas esperanças.

De amor não vi senão breves enganos.
Oh! quem tanto pudesse que fartasse
este meu duro génio de vinganças!

Espanta crescer tanto o crocodilo,
só por seu acanhado nascimento;
que, se maior nacera, mais isento
estivera de espanto o pátrio Nilo.

Em vão levantará meu baixo estilo
vosso pontifical novo ornamento,
pois no ventre o imortal merecimento
vo-lo talhou, pera depois vesti-lo.

Tardou, mas veio; que a quem mais merece
muito mais tarde vir o prémio é certo,
e sempre tarda, inda que venha cedo.

Os céus, que do primeiro estão mais perto,
mais devagar se movem. Quem soubesse
trás daquele segredo este segredo!

Esses cabelos louros e escolhidos,
que o ser ao claro sol estão tirando;
esse ar tão peregrino, em que cuidando
estão continuamente meus sentidos;

esses furtados olhos tão fingidos
que minha morte e vida estão causando;
essa fermosa graça que, em falando,
finge meus pensamentos não ser cridos;

esse compasso certo, essa medida
que faz dobrar no corpo a gentileza,
essa beldade em terra tão subida,

amostre piedade, e não crueza;
que são laços que Amor tece na vida,
em mim de sofrimento, e em vós dureza.

Está o lascivo e doce passarinho
Com o biquinho as penas ordenando,
O verso sem medida, alegre e brando,
Espedindo no rústico raminho.

O cruel caçador (que do caminho
Se vem calado e manso desviando),
Na pronta vista a seta endereitando,
Lhe dá no Estígio lago eterno ninho.

Destarte o coração, que livre andava
(Posto que já de longe destinado),
Onde menos temia, foi ferido.

Porque o Frecheiro cego me esperava,
Pera que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.

Está-se a primavera trasladando
em vossa vista deleitosa e honesta;
nas lindas faces, olhos, boca e testa,
boninas, lírios, rosas debuxando.

De sorte, vosso gesto matizando,
natura quanto pode manifesta
que o monte, o campo, o rio e a floresta
se estão de vós, Senhora, namorando.

Se agora não quereis que quem vos ama
possa colher o fruto destas flores,
perderão toda a graça vossos olhos.

Porque pouco aproveita, linda Dama,
que semeasse Amor em vós amores,
se vossa condição produze abrolhos.

Este terrestre caos com seus vapores
não pode condensar as nuvens tanto
que o claro Sol não rompa o negro manto
com suas belas e luzentes cores.

A ingratidão esquiva de rigores
oposta nuvem é, que dura enquanto
nos não converte o Céu em triste pranto
suas vãs esperanças, seus favores.

Pode-se contrapor ao Céu a Terra
e estar o Sol por horas eclipsado,
mas não pode ficar escurecido;

pode prevalecer a vossa guerra;
mas, apesar das nuvens, declarado
há de ser vosso Sol, e obedecido.

Eu cantarei de amor tão docemente,
por uns termos em si tão concertados,
que dous mil acidentes namorados
faça sentir ao peito que não sente.

Farei que amor a todos avivente,
pintando mil segredos delicados,
brandas iras, suspiros magoados,
temerosa ousadia e pena ausente.

Também, Senhora, do desprezo honesto
de vossa vista branda e rigorosa,
contentar-me-ei dizendo a menos parte.

Porém, para cantar de vosso gesto
a composição alta e milagrosa,
aqui falta saber, engenho e arte.

Eu cantei já, e agora vou chorando
o tempo que cantei tão confiado;
parece que no canto já passado
se estavam minhas lágrimas criando.

Cantei; mas se me alguém pergunta: — Quando?
— Não sei; que também fui nisso enganado.
É tão triste este meu presente estado
que o passado, por ledo, estou julgando.

Fizeram-me cantar, manhosamente,
contentamentos não, mas confianças;
cantava, mas já era ao som dos ferros.

De quem me queixarei, que tudo mente?
Mas eu que culpa ponho às esperanças
onde a Fortuna injusta é mais que os erros?

Eu me aparto de vós, Ninfas do Tejo,
quando menos temia esta partida;
e, se minha alma vai entristecida,
nos olhos o vereis com que vos vejo.

Pequenas esperanças, mal sobejo,
vontade, que a Razão leva vencida,
asinha darão fim à triste vida,
se vos não torno a ver como desejo.

Nunca a noite, entretanto, nunca o dia
verá de mi partir vossa lembrança;
Amor, que vai comigo, o certifica.

Por mais que na tornada haja tardança,
sempre me farão triste companhia
saudades do bem que em vós me fica.

Eu não canto, mas choro e vai chorando
comigo Amor de ter-me assi entregado
em parte tal que nem a ele é dado
valer-me em mais que ir-me consolando.

Vai-me sempre ante os olhos figurando
aquela fermosura em que enlevado
há tanto que ando; e tal me é forçado
ir-me trás ela, em vão, triste e enganando.

Mas não pode sofrer tamanho engano
Amor, que nos conhece e, de tal ver-me,
foge e me deixa só de pura mágoa.

Olho-me então, e vejo o desengano;
afronta a alma cansada e, por valer-me,
desabafo, desfeito em fogo e água.

Eu vivia de lágrimas isento,
num engano tão doce e deleitoso
que, em que outro amante fosse mais ditoso,
não valiam mil glórias um tormento.

Vendo-me possuir tal pensamento,
de nenhũa riqueza era envejoso;
vivia bem, de nada receoso,
com doce amor e doce sentimento.

Cobiçosa, a Fortuna me tirou
deste meu tão contente e alegre estado,
e passou-se este bem, que nunca fora;

em troco do qual bem só me deixou
lembranças, que me matam cada hora,
trazendo-me à memória o bem passado.

Ferido sem ter cura perecia
o forte e duro Télefo temido,
por aquele que n' água foi metido,
a quem ferro nenhum cortar podia.

Ao Apolíneo Oráculo pedia
conselho para ser restituído;
respondeu que tornasse a ser ferido
por quem o já ferira, e sararia.

Assi, Senhora, quer minha ventura
que, ferido de ver-vos, claramente
com vos tornar a ver Amor me cura.

Mas é tão doce vossa fermosura,
que fico como hidrópico doente,
que co beber lhe crece mor secura.

Fermosa Beatriz, tendes tais jeitos
num brando revolver dos olhos belos
que só no contemplá-los, senão vê-los,
se inflamam corações e humanos peitos.

Em toda perfeição são tão perfeitos
que o desengano dão a merecê-los;
não pode haver quem possa conhecê-los,
sem nele Amor fazer grandes efeitos.

Sentiram, por meu mal, tão graves danos
os meus que, com os ver, cegos e tristes
ficaram, sem prazer, co a luz perdida.

Mas, já que vós com eles me feristes,
tornai-me a ver com eles mais humanos,
e deixareis curada esta ferida.

Fermosa mão que o coração me aperta,
se a vontade me tem em si sujeita:
esta tão doce mostra contrafeita
quando será que a veja clara e certa?

Meu repouso sonhando a dor desperta
inteira a pena; a glória é imperfeita:
que vê-la em sonhos eu que me aproveita,
se, quando acordado estou, me é encoberta?

Manhosamente Amor me favorece
com mostras de algum bem, cheias de engano,
um bem que pouco dura e mais empece;

por que, tornando a vir o desengano,
acordando-me o mal que me adormece,
faça fugir o bem e dobre o dano.

De Luís de Camões à morte do bisconde de Lima. D. B.

Fermoso moço, que nos céus descansas
rindo dos que chorando cá deixaste,
quão asinha nos deste e nos levaste
de grandes cousas grandes esperanças!

Pois livre de misérias e mudanças
da vida, de que pouco te lograste,
a teu Pai Verdadeiro te tornaste,
deixando ao de cá tristes lembranças;

estende, ó Anjo novo, dessa altura,
a piedosa mão e enxuga o pranto
em que se banha, chorando tua morte;

mostra-lhe tua nova fermosura,
para que te não chore; e dize quanto
tens melhor vida agora e melhor sorte.

Fermoso Tejo meu, quão diferente
te vejo e vi, me vês agora e viste:
turvo te vejo a ti, tu a mi triste;
claro te vi eu já, tu a mi contente.

A ti foi-te trocando a grossa enchente,
a quem teu largo campo não resiste;
a mi trocou-me a vista, em que consiste
meu viver contente ou descontente.

Já que somos no mal participantes,
sejamo-lo no bem. Ah, quem me dera
que fôssemos em tudo semelhantes!

Lá virá então a fresca primavera:
tu tornarás a ser quem eras dantes,
eu não sei se serei quem dantes era.

Fermosos olhos, que cuidado dais
à mesma luz do sol mais clara e pura,
que sua esclarecida fermosura
com tanta glória vossa atrás deixais:

se, por serdes tão belos, desprezais
a fineza de Amor, que vos procura,
pois tanto vedes, vede que não dura
o vosso resplendor quanto cuidais.

Colhei, colhei do tempo fugitivo
e de vossa beleza o doce fruto
que em vão, fora de tempo, é desejado.

E a mi, que por vós mouro e por vós vivo,
fazei pagar a Amor o seu tributo,
contente de por vós lho haver pagado.

Fermosos olhos que na idade nossa
mostrais do Céu certíssimos sinais,
se quereis conhecer quanto possais,
olhai-me a mim, que sou feitura vossa.

Vereis que de viver me desapossa
aquele riso, com que a vida dais;
vereis como de Amor não quero mais,
por mais que o tempo corra e o dano possa.

E se dentro nest'alma ver quiserdes,
como num claro espelho, ali vereis
também a vossa, angélica e serena.

Mas eu cuido que só por não me verdes,
ver-vos em mim, Senhora, não quereis,
tanto gosto levais de minha pena.

Fermosura do céu a nós decida
que nenhum coração deixais isento
satisfazendo a todo o pensamento
sem seres de nenhum bem entendida:

que língua haverá tão atrevida
que tenha, de louvar-te, atrevimento,
pois a parte melhor do entendimento
no menos que em ti há se vê perdida?

Se teu valor contemplo, a melhor parte
vendo que abre na terra um paraíso,
o engenho me falta, o espírito míngua.

Mas o que mais me tolhe inda louvar-te
é que, quando te vejo, perco a língua;
e, quando te não vejo, perco o siso.

Fiou-se o coração, de muito isento
de si, cuidando mal que tomaria
tão ilícito amor tal ousadia,
tal modo nunca visto de tormento.

Mas os olhos pintaram tão a tento
outros que visto têm, na fantasia,
que a razão, temerosa do que via,
fugiu, deixando o campo ao pensamento.

«Ó Hipólito casto que, de jeito,
de Fedra, tua madrasta, foste amado,
que não sabia ter nenhum respeito!

Em mim vingou o Amor teu casto peito;
mas está desse agravo tão vingado,
que se arrepende já do que tem feito».

Foi já um tempo doce cousa amar,
enquanto me enganava a esperança;
o coração, com esta confiança,
todo se desfazia em desejar.

Ó vão, caduco e débil esperar!
Como se desengana ãa mudança!
Que, quanto é mor a bem-aventurança,
tanto menos se crê que há de durar.

Quem já se viu contente e prosperado,
vendo-se em breve tempo em pena tanta,
razão tem de viver bem magoado.

Porém quem tem o mundo exprimentado,
não o magoa a pena nem o espanta,
que mal se estranhará o costumado.

Fortuna em mi guardando seu direito,
Em verde derrubou minha alegria.
Oh! quanto se acabou naquele dia,
Cuja triste lembrança arde em meu peito!

Quando contemplo tudo, bem suspeito
Que, a tão bem, tal descanso se devia,
Por não dizer o mundo que podia
Achar-se em seu engano bem perfeito.

Mas se a fortuna o fez por descontar-me
Tamanho gosto, em cujo sentimento
A memória não faz senão matar-me,

Que culpas pode dar-me o sofrimento,
Se a causa que ele tem de atormentar-me,
Eu tenho de sofrer o seu tormento?

Gostos falsos de amor, gostos fingidos,
gostos vãos sempre limitados,
gostos grandes quando imaginados,
gostos pequenos quando possuídos;

inda não alcançados já perdidos,
inda não começados já acabados,
inconstantes, mudáveis, apressados,
aparecidos e desaparecidos.

Já vos perdi, e perdi a esperança
de vos cobrar; agora só queria
convosco se acabasse esta lembrança;

que, se me cansa a vida e fantasia
viver de vós tão longe, mais me cansa
lembrar-me o tempo que vos possuía.

Grão tempo há já que soube da Ventura
a vida que me tinha destinada;
que a longa experiência da passada
me dava claro indício da futura.

Amor fero, cruel, Fortuna dura,
bem tendes vossa força exprimentada:
assolai, destrui, não fique nada;
vingai-vos desta vida, que inda dura.

Soube Amor da Ventura que a não tinha;
e, por que mais sentisse a falta dela,
de imagens impossíveis me mantinha.

Mas vós, Senhora, pois que minha estrela
não foi melhor, vivei nesta alma minha,
que não tem a Fortuna poder nela.

Horas breves de meu contentamento,
nunca me pareceu, quando vos tinha,
que vos visse mudadas tão asinha
em uns tão longos dias de tormento.

As altas torres, que fundei no vento,
o vento as levou logo, que as sustinha;
do mal, que me ficou, a culpa é minha,
pois sobre cousas vãs fiz fundamento.

Amor com falsas mostras aparece;
tudo possível faz, tudo assegura
e logo, no melhor, desaparece.

Eu o quis, pois o quis minha Ventura,
que, gemendo e chorando, conhecesse
quão fugitivo ele é, quão pouco dura.

Ilustre e dino ramo dos Meneses,
aos quais o prudente e largo Céu
(que errar não sabe), em dote concedeu
rompesse os maométicos arneses;

desprezando a Fortuna e seus revezes,
ide para onde o Fado vos moveu;
erguei flamas no mar alto Eritreu,
e sereis nova luz aos Portugueses.

Oprimi com tão firme e forte peito
o Pirata insolente, que se espante
e trema Taprobana e Gedrosia.

Dai nova causa à cor do árabo estreito:
assi que o roxo mar, daqui em diante,
o seja só co sangue de Turquia.

Ilustre Gracia, nombre de una moza,
primera malhechora, en este caso,
á Mondoñedo, á Palma, al cojo Traso,
sujeito digno de imortal corozas:

si en medio de la iglesia no reboza
el manto á vuestro rostro tan devaso,
por vos dirán las gentes, recio y paso:
«Veis quien con el demonio se retoza?»

Puede mover los montes sin trabajo;
con palabras el curso al agua enfrena;
por las ondas hará camino enjuto.

Averguenza su patrio y rico Tajo,
que por ellas hombres leva, más que arena,
de que paga al infierno gran tributo.

Imagens vãs me imprime a fantasia;
discursos novos acha o pensamento,
com que dão à minh' alma grão tormento
cuidados de cem anos num só dia.

Se fim grande tivessem, bem seria
responder a esperança ao fundamento;
mas o Fado não corre tão a tento
que reserve à rezão sua valia.

Caso e Fortuna podem acertar;
mas se, por acidente, dão vitória,
sempre o favor da Fama é falsa história.

Excede ao saber determinar;
e a costância se deve toda a glória,
o ânimo livre é digno de memória

Indo o triste pastor todo embebido
na sombra de seu doce pensamento,
tais queixas espalhava ao leve vento
cum brando suspirar da alma saído:

«A quem me queixarei, cego, perdido,
pois nas pedras não acho sentimento?
Com quem falo? A quem digo meu tormento
que onde mais chamo, sou menos ouvido?

Oh! bela Ninfa, porque não respondes?
Porque o olhar-me tanto me encareces?
Porque queres que sempre me querele?

Eu quanto mais te vejo, mais te escondes!
Quanto mais mal me vês, mais te endureces!
Assi que co mal cresce a causa dele.»

Já cantei, já chorei a dura guerra
por Amor sustentada longos anos;
vezes mil me vedou dizer seus danos,
por não ver quem o segue o muito que erra.

Ninfas, por quem Castália se abre e cerra:
vós, que fazeis à morte mil enganos,
concedei-me já alentos soberanos,
para que diga o mal que Amor encerra;

para que aquele que o seguir, ardente,
veja em meus puros versos um exemplo
de quanto em glórias prometidas mente.

Que inda que em triste estado me contemplo,
se neste assunto me inspirais, contente
darei a minha lira ao vosso templo.

Já do Mondego as águas aparecem
a meus olhos, não meus, antes alheios,
que, de outras diferentes vindo cheios,
na sua branda vista inda mais crecem.

Parece que também forçadas decem,
segundo se detêm em seus rodeios,
tristes por quantos modos, quantos meios
as minhas saudades me entristecem.

Vida, de tantos males salteada,
Amor a põe em termos que duvida
de conseguir o fim desta jornada;

antes se dá de todo por perdida,
vendo que não vai da alma acompanhada,
que se deixou ficar onde tem vida.

Já me fundei em vãos contentamentos,
quando deles vivi todo enganado
de um fantástico bem e de um cuidado,
de que só cuidam cegos pensamentos.

Passava dias, horas e momentos
deste enleio de amores tão pagado
que tinha só por bem-aventurado
quem só por eles mais bebia os ventos.

Mas agora, que já caí na conta,
desengana-me quanto me enganava,
que tudo o tempo dá, tudo descobre.

O amor mais caudaloso menos monta;
que é de gostos mais rico, eu ignorava,
aquele que de amores é mais pobre.

Já não fere o Amor com arco forte,
as setas tem lançadas já por terra,
como soía já não nos faz guerra,
porque a que nos faz é de outra sorte.

Com olhos pelos olhos nos dá morte;
e, para acertar o que não erra,
os vossos escolheu em quem se encerra
mais bem do que há do Sul ao Norte.

Concede-vos o Amor tão grão poder
que vós sejais do seu livre e isenta.
Apagou-se a candeia no meio da consoante;

por isso, Feliza, se vos não contenta,
não vades co soneto por diante,
que é sonho o que a fantasia representa.

Já não sinto, Senhora, os desenganos
com que minha afeição sempre tratastes,
nem ver o galardão que me negastes,
merecido por fé, há tantos anos.

A mágoa choro só, só choro os danos
de ver por quem, Senhora, me trocastes;
mas em tal caso vós só me vingastes
de vossa ingratidão, vossos enganos.

Dobrada glória dá qualquer vingança
que o ofendido toma do culpado,
quando se satisfaz com cousa justa;

mas eu, de vossos males e esquivança
- de que agora me vejo bem vingado -,
não o quisera eu tanto à vossa custa.

Já tempo foi que meus olhos faziam
alegres novas ao pensamento;
já tempo foi que o sentimento
gostava do que eles lhe diziam.

Amor e saudade então faziam
no contente peito ajuntamento;
esperança e firme fundamento
os falsos argumentos desfaziam.

Tornou-se a minha Ninfa inumana;
feriu-me com descuido, de dous gumes.
O grave mal, ó crua Feliciano,

tem aparência de ciúmes,
e certo não o são nem tal me dana;
mas são de minha fé justos queixumes.

Já tempo foi que meus olhos folgavam
de ver os verdes campos graciosos;
tempo foi já também que os sonoros
ribeiros meus ouvidos recreavam.

Foi tempo que nos bosques me alegravam
os cantares das aves saudosos,
os freixos e altos álamos umbrosos
cujos ramos por cima se ajuntavam.

Permanecer não pude em tal folgança;
não me pôde durar esta alegria,
não quis este meu bem ter segurança;

ainda neste tempo eu não sentia
do fero Amor a força e a mudança,
os laços e as prisões com que prendia.

Julga-me a gente toda por perdido
vendo-me, tão entregue a meu cuidado.
andar sempre dos homens apartado
e dos tratos humanos esquecido.

Mas eu, que tenho o mundo conhecido
e quase que sobre ele ando dobrado,
tenho por baixo, rústico, enganado,
quem não é com meu mal engrandecido.

Vão revolvendo a terra, o mar e o vento,
busque riquezas, honras a outra gente,
vencendo ferro, fogo, frio e calma;

que eu só, em humilde estado, me contento
de trazer esculpido eternamente
vosso fermoso gesto dentro n'alma.

Las peñas retumbaban al gemido
del misero zagal que lamentava
el dolor, que a su alma lastimava,
de un obstinado desamor nacido.

El mar, que las batia su bramido,
con los retumbos dellas ayuntava;
confuso son al viento derramava,
en cavernosos valles repetido.

Responden a mi llanto duras peñas.
«Ay de mi! – dixo – La mar brama y gime;
los ecos suenan, de tristeza llenos.

Y tu, por quien la muerte en mi se imprime,
de oir las ansias mias te desteñas
y, quando lloro más, te ablando menos».

Leda serenidade deleitosa,
que representa em terra um paraíso:
entre rubis e perlas, doce riso;
debaixo de ouro e neve, cor de rosa.

Presença moderada e graciosa,
onde ensinando estão despejo e siso
que se pode por arte e por aviso,
como por natureza, ser fermosa:

fala de quem a morte e a vida pende,
rara, suave; enfim, Senhora, vossa;
repouso nela alegre e comedido.

Estas as armas são com que me rende
e me cativa Amor; mas não que possa
despojar-me da glória de rendido.

Lembranças de meu bem, doces lembranças,
que tão vivas estais nesta alma minha,
não queirais mais de mi, se os bens que tinha
em poder vedes todos de mudanças.

Ai, cego Amor! Ai, mortas esperanças,
de que eu em outro tempo me mantinha!
Agora deixareis quem vos sustinha,
acabarão com a vida as confianças.

Co a vida acabarão, pois a ventura
me roubou num momento aquela glória
que, quando tão grande é, tão pouco dura.

Oh! se após o prazer fora a memória!
Ao menos, estivera a alma segura
de ganhar-se com ela mais vitória.

Lembranças que lembrais meu bem passado
para que sinta mais o mal presente,
deixai-me (se quereis) viver contente,
não me deixeis morrer em tal estado.

Mas se também de tudo está ordenado
viver (como se vê) tão descontente,
venha (se vier) o bem por acidente,
e dê a morte fim a meu cuidado.

Que muito melhor é perder a vida,
perdendo-se as lembranças da memória,
pois fazem tanto dano ao pensamento.

Assi que nada perde, quem perdida
a esperança traz de sua glória,
se esta vida há de ser sempre em tormento.

Lembranças saudosas, se cuidais
de me acabar a vida neste estado,
não vivo com meu mal tão enganado
que não espere dele muito mais.

De muito longe já me costumais
a viver de algum bem desesperado;
já tenho co a Fortuna concertado
de sofrer os trabalhos que me dais.

Atado ao remo tenho a paciência
pera quantos desgostos der a vida;
cuide em quanto quiser o pensamento;

que pois não há i outra resistência
pera tão certa queda de subida,
apara-lhe-ei debaixo o sofrimento.

Lembranças tristes, para que gastais tempo
em cansar mais um coração cansado?
Contentai-vos em me ver em tal estado;
não queirais de mi mor vencimento.

Temo tão pouco já vosso tormento,
de andar a passar mal acostumado,
que sinto de me ver atormentado
de nada poder ter já contentamento.

Trabalho em vão, cuidando empecer
a quem a esperança tem perdida
de tudo quanto teve e desejou.

De perder muito não tenho a perder
se não for esta cansada vida
que, por mor perda minha, me ficou.

Levantai, minhas Tágides, a frente,
deixando o Tejo às sombras nemorosas;
dourai o vale umbroso, as frescas rosas
e o monte com as árvores frondente.

Fique de vós um pouco o Rio ausente;
cessem agora as líras numerosas;
cesse vosso louvor, Ninfas fermosas;
cesse da fonte vossa a grão corrente.

Vinde a ver a Teodósio grande e claro,
a quem está oferecendo maior canto
na cítara dourada o louro Apolo.

Minerva, do saber, dá-lhe o dom raro,
Palas lhe dá o valor de mais espanto,
e a Fama o leva já de polo a polo.

Lindo e sutil trançado, que ficaste
em penhor do remédio que mereço,
se só contigo, vendo-te, endoudeço,
que fora cos cabelos que apertaste?

Aquelas tranças de ouro que ligaste,
que os raios do Sol têm em pouco preço,
não sei se para engano do que peço,
se para me atar, os desataste.

Lindo trançado, em minhas mãos te vejo,
e por satisfação de minhas dores
(como quem não tem outra) hei de tomar-te.

E se não for contente meu desejo,
dir-lhe-ei que, nesta regra dos amores,
pelo todo também se toma a parte.

Los ojos que con blando movimiento
al pasar enternecen la alma mia,
si detenerse viesse solo un dia,
mi pecho librarian de tormento.

Pues de tan amoroso sentimiento
el importuno mal se acabaria,
o assi el accidente creceria
que la vida acabase en un momento.

O si tu esquivez lo permitiese
que, en presencia de tu semblante hermoso,
a manos de tus ojos me muriese;

ó si los destruyese, quan dichoso
seria aquel momento en que me viesse
cobrar ellos la vida y el reposo!

Los que biviis subjectos a la estrella
de Venus, cujo hijo Amor se llama,
no digo a los que viendo qualquier dama
dizis que padecieis muerte por ella;

Sino a los que de amor viva centella
por una solamente el pecho inflama;
y destos los que mas ardiente llama
sufris por bien amar la causa della.

Venid a ver mis versos, dó pintados
vereis varios efectos de la suerte,
que dentro en mis entrañas son formados.

Vereis al propio amor terrible y fuerte;
vereis angustias, ansias y cuidados,
suspiros, llanto, pena, fé y muerte.

Mal que de tempo em tempo vás crescendo,
quem te visse de um bem acompanhado
a vida passaria descansado;
da morte não temera o rosto horrendo.

Se os vãos cuidados fora convertendo
em suspiros que dão outro cuidado,
oh, quão prudente! Oh, quão afortunado
a capela de louro irá tecendo!

Tempo é já de esquecer contentamentos
passados, co a esperança que passou,
e de que triunfem novos pensamentos.

A fé, que viva na alma me ficou,
dê já fim aos caducos ardimentos
a que o passado bem se condenou.

Males, que contra mim vos conjurastes,
quanto há de durar tão duro intento?
Se dura porque dure meu tormento,
baste-vos quanto já me atormentastes.

Mas se assi perfiais porque cuidastes
derrubar meu tão alto pensamento,
mais pode a causa dele, em que o sustento,
que vós, que dela mesma o ser tomastes.

E, pois vossa tenção, com minha morte,
Há de acabar o mal destes amores,
dai já fim a um tormento tão comprido,

porque d'ambos contente seja a sorte:
vós, porque me acabastes, vencedores;
e eu, porque acabei de vós vencido.

Memória de meu bem, cortado em flores
por ordem de meus tristes e maus Fados,
deixai-me descansar com meus cuidados
nesta inquietação de meus amores.

Basta-me o mal presente e os temores
dos sucessos, que espero, infortunados;
sem que venham, de novo, bens passados
afrontar meu repouso com suas dores.

Perdi Nũa hora quanto em termos
tão vagarosos e largos alcancei;
leixai-me, pois, lembranças desta glória.

Cumpre acabe a vida nestes ermos,
que neles com meu mal acabarei
mil vidas, não ãa só, dura memória!

Memórias ofendidas que um só dia
me não deixais em paz o pensamento,
não me daneis o gosto do tormento,
que quem vos ofendeu vos defendia.

Que me quereis? Olhai que se injuria
convosco o delicado sentimento
que me ficou do eterno apartamento
de quem já tem desfeita a morte fria.

Deixaram-me co a mágoa das ofensas;
levaram um remédio só que tinha.
Quem irá vencer a pena que alma sente,

onde achará do dano as recompensas,
se ainda de ser triste a dita minha
me não deixa um momento ser contente?

Mi Gusto y tu Beldad se desposaron,
terceros por mi mal mis ojos fueron;
su logro ha sido tal que, alfin, hizieron
un hijo hermoso a quien Amor llamaron.

Tan fuera de compas le regalaron
que, quando más alegres estuvieron,
sin entender el mal que produxeron,
perdidos por amores se miraron.

La Beldad desposada deste suelo
vino a parir un monstro con dos alas;
la Madre a la soberbia, es nido el zelo.

O Madre que a tu Hijo en todo igualas!
Quien mortal haze al immortal Abuelo
y al Padre immortal dá immortales salas?

Mil veces entre sueños tu figura,
oh bela Ninfa, claramente veo;
y quando más la miro, más deseo
gozar, libre de sueños, su hermosura.

En tanto que este dulce engaño dura,
vivo en la vana gloria que poseo;
mas, quanto alli se eleva mi deseo,
viene a caer despierto en sombra oscura.

Dueleme el despertar por contemplarte
que, si bien sé te huelgas de no verme,
huelgome de ser ciego por mirarte.

Mas si quiero de engaños mantenerme,
y tu quieres me pierda por amarte,
sin gran ganancia no podré perderme.

Mil vezes determino não vos ver
por ver se abrandar mais o meu penar;
e, se cuido de assi me magoar,
cuidai o que será, se houver de ser.

Pouco me importa já muito sofrer,
depois que Amor me pôs em tal lugar;
e o que inda me dói mais é só cuidar
que mal sem esta dor posso viver.

Assi não busco eu cura contra a dor
porque, buscando algũa, entendo bem
que nesse mesmo ponto me perdi.

Quereis que viva, enfim, neste rigor?
Somente o querer vosso me convém.
Assi quereis que seja? Seja assi.

Mil vezes se move meu pensamento
a louvar o branco rosto cristalino,
a trança dos cabelos de ouro fino,
o claro e mais que humano entendimento

que, com brando e suave movimento,
pudera romper um peito diamantino,
a graça soberana, o ar divino,
a honesta majestade, o doce acento.

.....
as pérolas escolhidas orientais
que antre rubis mostrais no doce riso.

Que essa luz, que dos olhos derramais,
é o doce resplendor do paraíso
pois o demonstraís e daís com claro riso.

Moradoras gentis e delicadas
do claro e áureo Tejo, que metidas
estais em suas grutas escondidas,
e com doce repouso sossegadas:

agora estais de amores inflamadas,
nos cristalinos paços entretidas;
agora no exercício embevecidas
das telas de ouro puro matizadas.

Movei dos lindos rostos a luz pura
de vossos olhos belos, consentindo
que lágrimas derramem de tristura.

E assi, com dor mais própria, ireis ouvindo
as queixas que derramo da Ventura,
que com penas de Amor me vai seguindo.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
muda-se o ser, muda-se a confiança;
todo o mundo é composto de mudança,
tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
diferentes em tudo da esperança;
do mal ficam as mágoas na lembrança,
e do bem (se algum houve), as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
que já coberto foi de neve fria,
e, em mim, converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,
outra mudança faz de mor espanto,
que não se muda já como soja.

Na desesperação já repousava
o peito longamente magoado
e, com seu dano eterno concertado,
já não temia, já não desejava;

quando ãa sombra vã me assegurava
que algum bem me podia estar guardado
em tão fermosa imagem, que o treslado
na alma ficou, que nela se enlevava.

Que crédito que dá tão facilmente
o coração àquilo que deseja,
quando lhe esquece o fero seu destino!

Oh! deixem-me enganar, que eu sou contente;
que, posto que maior meu dano seja,
fica-me a glória já do que imagino.

Na margem de um ribeiro, que fendia
com líquido cristal o verde prado,
o triste pastor Liso debruçado
sobre o tronco de um freixo assi dizia:

«Ah, Natércia cruel, quem te desvia
esse cuidado teu do meu cuidado?
Se tanto hei de penar desenganado,
enganado de ti viver queria.

Que foi daquela fé que tu me deste?
Daquele puro amor que me mostraste?
Quem tudo trocar pôde tão asinha?

Quando esses olhos teus noutro puseste,
como te não lembrou que me juraste
por toda a sua luz que eras só minha?»

Na metade do Céu subido ardia
o claro, almo Pastor, quando deixavam
o verde pasto as cabras, e buscavam
a frescura suave da água fria.

Co a folha da árvore sombria,
do raio ardente as aves se emparavam;
o módulo cantar, de que cessavam,
só nas roucas cigarras se sentia;

quando Liso pastor, num campo verde
Natércia, crua Ninfa, só buscava
com mil suspiros tristes que derrama.

«Porque te vás, de quem por ti se perde,
para quem pouco te ama?» suspirava.
O Eco lhe responde: «Pouco te ama.»

Na ribeira do Eufrates assentado,
discorrendo me achei pela memória
aquele breve bem, aquela glória,
que em ti, doce Sião, tinha passado.

Da causa de meus males perguntado
me foi: — Como não cantas a história
do teu passado bem, e da vitória
que sempre de teu mal hás alcançado?

Não sabes, que a quem canta se lhe esquece
o mal, inda que grave e rigoroso?
Canta, pois, e não chores dessa sorte.

Respondo com suspiros: — Quando crece
a muita saudade, o piadoso
remédio é não cantar senão a morte.

Náiades, vós, que os rios habitais
que os saudosos campos vão regando,
de meus olhos vereis estar manando
outros, que quase aos vossos são iguais.

Dríades, vós, que as setas atirais,
os fugitivos cervos derrubando,
outros olhos vereis que, triunfando,
derrubam corações, que valem mais.

Deixai as aljavas logo, e as águas frias,
e vinde, Ninfas minhas, se quereis
saber como de uns olhos nascem mágoas;

vereis como se passam em vão os dias;
mas não vireis em vão, que cá achareis
nos seus as setas, e nos meus as águas.

Não há louvor que arribe à menor parte
de quanto em vós se vê, bela Senhora.
Vós sois vosso louvor; quem vos adora
reduz somente a este o engenho e arte.

Quanto por muitas damas se reparte
de belo e de fermoso em vós agora
se ajunta em modo tal que pouco fora
dizer que sois o todo, elas a parte.

Culpa logo não é, se vou louvar-vos,
ver incapazes todos os louvores,
pois tanto quis o Céu aventajar-vos.

Seja a culpa de vossos resplandores;
e a que eles têm vos dou, só para dar-vos
o mor louvor de todos os maiores.

«Não passes, caminhante!» «Quem me chama?»
«Úa memória nova e nunca ouvida
dum, que trocou finita e humana vida,
por divina, infinita e clara fama».

«Quem é que tão gentil louvor derrama?»
«Quem derramar seu sangue não duvida
por seguir a bandeira esclarecida
de um capitão de Cristo, que mais ama».

«Ditoso fim, ditoso sacrifício,
que a Deus se fez e ao mundo juntamente;
apregoando direi tão alta sorte».

«Mais poderás contar a toda a gente:
que sempre deu sua vida claro indício
de vir a merecer tão santa morte».

Não vás ao monte, Nise, com teu gado,
que eu lá vi que Cupido te buscava;
por ti somente a todos perguntava,
no gesto menos plácido que irado.

Ele publica, enfim, que lhe hás roubado
os melhores farpões da sua aljava;
e com um dardo ardente assegurava
traspasar esse peito delicado.

Fuge de ver-te lá nesta aventura,
porque, se contra ti o tens iroso,
pode ser que te alcance com mão dura.

Mas ai! que em vão te advirto temeroso,
se à tua incomparável fermosura
se rende o dardo seu mais poderoso!

Nas cidades, nos bosques, nas florestas,
nos vales e nos montes, teus louvores
sempre te cantem músicos pastores,
nas manhãs frias, nas ardentes sestas.

E neste templo, donde manifestas
e repartes agora teus favores,
com salmos, hinos e com várias flores,
sejam célebres sempre as tuas festas.

Estes te ofereçam pés, essoutros mãos;
daqueles pendam sobre os teus altares
monstros do mar, de servidão prisões;

que eu cuidados, enganos e afeições,
muito maiores monstros e milhares
te deixo aqui de pensamentos vãos.

Nem o tremendo estrépito da guerra,
com armas, com incêndios espantosos,
que despacham pelouros perigosos,
bastantes a abalar ãa alta serra,

podem pôr medo a quem nenhum encerra,
depois que viu os olhos tão fermosos,
por quem o horror nos casos pavorosos
de mi todo se aparta e se desterra.

A vida posso ao fogo e ferro dar,
e perdê-la em qualquer duro perigo,
e nele, como Fénix, renovar.

Não pode mal haver pera comigo,
de que eu já me não possa bem livrar,
senão do que me ordena Amor imigo.

No bastava que Amor puro y ardiente
por terminos la vida me quitase,
sino que desamor se apresurase
con un tan deshumano accidente.

Mi alma no resiste ni consiente
que el amoroso curso se atajase
por que nunca más se experimentase
que muera a desamor quien amor siente.

Mas vuestra voluntad tan poderosa
como vuestra hermosura me ordenaron
imposible crueldad jamás oyda.

Aquel fiero desdén y la amorosa
furia, de un golpe solo, me quitaron
con dos muertes contrarias una vida.

*A Pero Moniz, que morreu no mar
de Monte Félix, em epitáfio*

No mundo poucos anos, e cansados,
vivi, cheios de vil miséria dura;
foi-me tão cedo a luz do dia escura,
que não vi cinco lustros acabados.

Corri terras e mares apartados,
buscando à vida algum remédio ou cura;
mas aquilo que, enfim, não quer ventura,
não o alcançam trabalhos arriscados.

Criou-me Portugal na verde e cara
pátria minha Alenquer; mas ar corruto
que neste meu terreno vaso tinha,

me fez manjar de peixes em ti, bruto
mar, que bates na Abássia fera e avara,
tão longe da ditosa pátria minha!

No mundo quis um tempo que se achasse
O bem por acerto ou sorte vinha;
E, por exprimentar que dita tinha,
Quis que a Fortuna em mim se exprimentasse.

Mas por que meu destino me mostrasse
Que nem ter esperanças me convinha,
Nunca nesta tão longa vida minha
Cousa me deixou ver que desejasse.

Mudando andei costume, terra e estado,
Por ver se se mudava a sorte dura;
A vida pus nas mãos de um leve lenho.

Mas – segundo o que o Céu me tem mostrado -
Já sei que deste meu buscar ventura,
Achado tenho já que não a tenho.

No regaço da Mãe Amor estava
dormindo tão fermoso que movia
o coração que mais isento via,
e a sua própria mãe de amor matava.

Ela, com os olhos nele, contemplava
a quanto estrago o mundo reduzia;
ele porém sonhando lhe dizia
que todo aquele mal ela causava.

Soliso que, graduado em seus amores,
de saber de ambos mais teve a ventura,
assi soltou a dúvida aos pastores:

«Se bem me ferem sempre, sem ter cura,
do Minino os ardentes passadores
mais me fere da Mãe a fermosura».

No tempo que de Amor viver soía,
nem sempre andava ao remo ferrolhado;
antes agora livre, agora atado,
em várias flamas variamente ardia.

Que ardesse num só fogo, não queria
o Céu, porque tivesse exprimentado
que nem mudar as causas ao cuidado
mudança na ventura me faria.

E se algum pouco tempo andava isento,
foi como quem co peso descansou
por tornar a cansar com mais alento.

Louvado seja Amor em meu tormento,
pois para passatempo seu tomou
este meu tão cansado sofrimento!

Nos braços de um Silvano adormecendo
se estava aquela Ninfa que eu adoro,
pagando com a boca o doce foro,
com que os meus olhos foi escurecendo.

Ó bela Vénus! porque estás sofrendo
que a maior fermosura do teu coro
em um poder tão vil perca o decoro
que o mérito maior lhe está devendo?

Eu levarei daqui por pressuposto
desta nova estranheza, que fizeste,
que em ti não pode haver cousa segura.

Que, pois o claro lume, o belo rosto
àquele monstro tão disforme deste,
não creio que haja Amor, senão Ventura.

Novos casos de Amor, novos enganos,
envoltos em lisonjas conhecidas,
do bem promessas falsas e escondidas,
onde do mal se cumprem grandes danos:

como não tomais já por desenganos
tantos ais, tantas lágrimas perdidas,
pois em a vida não basta nem mil vidas
a tantos dias tristes, tantos anos?

Um novo coração mister havia
com outros olhos menos agravados
para tornar a crer o que eu não cria.

Andais comigo, enganos, enganados;
e se o quiserdes ver, cuidai um dia
o que se diz dos bem acutilados.

Num bosque que das Ninfas se habitava,
Sílvia, Nífa linda, andava um dia;
subida Nãa árvore sombria,
as amarelas flores apanhava.

Cupido, que ali sempre costumava
a vir passar a sesta à sombra fria,
num ramo o arco e setas que trazia,
antes que adormecesse, pendurava.

A Nífa, como idóneo tempo vira
para tamanha empresa, não dilata,
mas com as armas foge ao Moço esquivo.

As setas traz nos olhos, com que tira.
Ó pastores! fugi, que a todos mata,
senão a mim, que de matar-me vivo.

Num jardim adornado de verdura,
a que esmaltam por cima várias flores,
entrou um dia a deusa dos amores,
com a deusa da caça e da espessura.

Diana tomou logo ãa rosa pura,
Vénus um roxo lírio, dos milhores;
mas excediam muito às outras flores
as violas, na graça e fermosura.

Perguntam a Cupido, que ali estava,
qual daquelas três flores tomaria,
por mais suave, pura e mais fermosa.

Sorrindo-se, o Minino lhe tornava:
«Todas fermosas são; mas eu queria
viol'antes que lírio nem que rosa».

Num tão alto lugar, de tanto preço,
este meu pensamento posto vejo,
que desfalece nele inda o desejo,
vendo quanto por mim o desmereço.

Quando esta tal baixeza em mim conheço,
acho que cuidar nele é grão despejo,
e que morrer por ele me é sobejo
e mor bem para mim do que mereço.

O mais que natural merecimento
de quem me causa um mal tão duro e forte
o faz que vá crescendo de hora em hora.

Mas eu não deixarei meu pensamento,
porque, inda que este mal me causa a morte,
un bel morir tutta la vita onora.

Nunca em amor danou o atrevimento;
favorece a Fortuna a ousadia;
porque sempre a encolhida cobardia
de pedra serve ao livre pensamento.

Quem se eleva ao sublime Firmamento,
a estrela nele encontra que lhe é guia;
que o bem que encerra em si a fantasia
são ãas ilusões que leva o vento.

Abrir-se deve passos à ventura;
sem si próprio ninguém será ditoso;
os princípios somente a sorte os move.

Atrever-se é valor e não loucura;
perderá por covarde o venturoso
que vos vê, se os temores não remove.

Ó arma unicamente só triunfante.
propugnáculo só de nossas vidas,
com que foram ganhadas as perdidas
com que o Tártaro horrendo andava ovante!

Siga-se esta bandeira militante,
por quem são tais vitórias conseguidas,
por quantas almas, delas divertidas,
no Ponente erram cá, lá no Levante.

Ó árvore sublime e marchetada
de branco e carmezi, de ouro embutida,
dos rubis mais preciosos esmaltada,

de troféus mais claros guarnecida!
A vida à Morte vimos em ti dada,
para que em ti se desse a Morte à vida.

O capitão romano esclarecido
Sertório, nas armas sem segundo,
tal exemplo de si deixou ao mundo
qual nunca jamais foi visto nem ouvido.

Porque, por um soldado fementido
fazer um feito torpe e um caso imundo,
usou de um castigo tão profundo
que foi dos seus por ele mui temido.

Porque dizimou aquela legião?
Por não guardar a honesta disciplina
do cru, horrendo, duro e fero Marte.

Ó claro exemplo, ó fero, nobre capitão,
que não deixaste Roma sem doutrina
da militar e invencível arte!

O cesse ya, Señor, tu dura mano!
No llegues tanto al cabo con mi vida.
Baste el estar por ti tan consumida
que ya no se halla en ella lugar sano.

Ay, estraña hermosura! Ay, deshumano
hado, a que nunca puedo hallar salida!
Si tu de tu piedad no eres movida,
roto el hilo vital verás temprano.

Un blando desamor, un amor blando
bien basta para un hombre tan perdido,
que de su mal ningun remedio espera.

Y si estimas en poco el ver qual ando,
aqui me tienes ante ti rendido.
Viva tu gusto, mi esperanza muera.

O céu, a terra, o vento sossegado...
As ondas, que se estendem pela areia...
Os peixes, que no mar o sono enfreia...
O noturno silêncio repousado...

O pescador Aónio, que, deitado
onde co vento a água se meneia,
chorando, o nome amado em vão nomeia,
que não pode ser mais que nomeado:

— Ondas (dezia), antes que Amor me mate,
tornai-me a minha Ninfa, que tão cedo
me fizestes à morte estar sujeita.

Ninguém lhe fala; o mar de longe bate,
move-se brandamente o arvoredor;
leva-lhe o vento a voz, que ao vento deita.

O cisne, quando sente ser chegada
A hora que põe termo à sua vida,
Música com voz alta e bem subida
Levanta pola praia inabitada.

Deseja ter a vida prolongada,
Chorando do viver a despedida;
Com grande saudade da partida,
Celebra o triste fim desta jornada.

Assi, Senhora minha, quando via
O triste fim que davam os meus amores,
Estando posto já no extremo fio,

Com mais suave canto e harmonia
Descantei polos vossos desfavores,
La vuestra falsa fe y el amor mío.

Ó claras águas deste blando rio,
que en vos al natural estays pintando
el frondifero adorno con que alzando
se va a los Cielos este bosque umbrio.

Assi las lluvias, assi el Austro frio
ja mas puedan veniros enturbiando,
que os vays del seco estio preservando
con socorreros deste llanto mio.

Y, quando en vos Marfira se mirare,
mi figura, qual veys desfalecida,
ante sus claros ojos puesta sea.

Y si por mi de vos los apartare,
de verme assi mostrandose ofendida,
en pena de no verme no se vea.

O culto divinal se celebrava
no templo donde toda a criatura
louva o Feitor divino, que a feitura
com seu sagrado sangue restaurava.

Ali Amor, que o tempo me aguardava
onde a vontade tinha mais segura,
Nũa celeste e angélica figura
a vista da razão me salteava.

Eu, crendo que o lugar me defendia,
e meu livre costume não sabendo
que nenhum confiado lhe fugia,

deixei-me cativar; mas já que entendo,
Senhora, que por vosso me queria,
do tempo que fui livre me arrependo.

O dia em que eu nasci, moura e pereça,
Não o queira jamais o tempo dar,
Não torne mais ao mundo e, se tornar,
Eclipse nesse passo o sol padeça.

A luz lhe falte, o sol se lhe escureça,
Mostre o mundo sinais de se acabar,
Nasçam-lhe monstros, sangue chova o ar,
A mãe ao próprio filho não conheça.

As pessoas pasmadas, de ignorantes,
As lágrimas no rosto, a cor perdida,
Cuidem que o mundo já se destruiu.

Ó gente temerosa, não te espantes,
Que este dia deitou ao mundo a vida
Mais desgraçada que jamais se viu!

O dia, hora ou o último momento
ũa vida, em que meus fados me puseram!
Já minhas esperanças se perderam,
já me não enganará meu pensamento.

Triste mudança, duro apartamento,
que perder em tão breve me fizeram
tudo o que meus serviços mereceram!
Oh, quantas cousas muda o mudamento!

Não espero já ver cousa passada,
porque vejo que tem longa partida,
e não consente esperanças da tornada.

Minha fábula breve é já comprida,
porque bem sei que tenho averiguada
do longo apartamento curta vida.

O filho de Latona esclarecido,
que com seu raio alegra a humana gente,
o hórrido Piton, brava serpente,
matou, sendo das gentes tão temido.

Feriu com arco, e de arco foi ferido
com ponta aguda de ouro reluzente;
nas Tessálicas praias, docemente,
pela Ninfa Peneia andou perdido.

Não lhe pôde valer, para seu dano,
ciência, diligências, nem respeito
de ser alto, celeste e soberano.

Se este nunca alcançou nem um engano
de quem era tão pouco em seu respeito,
eu que espero de um ser que é mais que humano?

O fogo que na branda cera ardia,
vendo o rosto gentil que eu n' alma vejo,
se acendeu de outro fogo do desejo,
por alcançar a luz que vence o dia.

Como de dous ardores se encendia,
da grande impaciência fez despejo
e, remetendo com furor sobejo,
vos foi beijar na parte onde se via.

Ditosa aquela flama, que se atreve
a pagar seus ardores e tormentos
na vista de que o mundo tremer deve.

Namoram-se, Senhora, os Elementos
de vós, e queima o fogo aquela neve
que queima corações e pensamento.

Ó fortuna cruel, ó dura sorte,
trabalho que me pôs em tal estado
que não quero já ser desenganado
nem tem cura meu mal senão a morte.

És cego, dize, Amor? Porque tão forte
te mostras contra quem tão maltratado
anda de te servir, e magoado
traz o coração ferido de teu corte?

Mas já que não quer mal senão tratar-me
a cruel fortuna minha, ó Amor,
deixa-me sequer poder queixar-me.

Porque, em tanto trabalho e tanta dor,
mal poderei sem isto consolar-me,
já que de ti não quero outro favo.

Ó gloriosa cruz, ó vitorioso
troféu, de despojos rodeado,
ó sinal escolhido e ordenado
para remédio tão maravilhoso;

ó fonte viva de licor sagrado,
em ti nosso mal todo foi curado!
Em ti o Senhor, que forte era chamado,
quis merecer o nome de piedoso.

Em ti se acabou o tempo da vingança;
em ti misericórdia assim floreça
como depois do inverno a primavera.

Todo o imigo ante ti desapareça.
Tu pudeste fazer tanta mudança
em quem nunca deixou de ser quem era.

O raio cristalino se estendia
pelo mundo, da Aurora marchetada,
quando Nise, pastora delicada,
donde a vida deixava, se partia.

Dos olhos, com que o Sol escurecia
levando a vista em lágrimas banhada,
de si, do Fado e Tempo magoada,
pondo os olhos no Céu, assi dizia:

«Nasce, sereno Sol, puro e luzente;
resplandece, fermosa e roxa Aurora,
qualquer alma alegrando descontente;

que a minha, sabe tu que, desde agora,
jamais na vida a podes ver contente,
nem tão triste nenhũa outra pastora».

Ó rigorosa ausência receada
de mim sempre, mas nunca conhecida,
saúde outro tempo tão temida,
quanto em meu dano agora experimentada:

já rigorosamente começada
tendes vossa aspereza em minha vida
tanto que temo já que, de oprimida,
sejais com ela mui cedo acabada.

Os dias mais alegres me entristecem;
as noites em cuidados as desconto
em que, sem vós, sem conto me parecem.

Em desejo e esperança as horas conto;
mas com a vida enfim eles falecem.
Não me posso valer de assistir pronto.

O tempo acaba o ano, o mês e a hora,
A força, a arte, a manha, a fortaleza;
O tempo acaba a fama e a riqueza,
O tempo o mesmo tempo de si chora.

O tempo busca e acaba onde mora
Qualquer ingratidão, qualquer dureza;
Mas não pode acabar minha tristeza,
Enquanto não quiserdes vós, Senhora.

O tempo o claro dia torna escuro,
E o mais ledó prazer em choro triste;
O tempo, a tempestade em grã bonança.

Mas de abrandar o tempo estou seguro
O peito de diamante, onde consiste
A pena e o prazer desta esperança.

O tempo está vingado à custa minha
do tempo que no tempo não hei olhado;
triste quem do tempo em tal estado
que o tempo e todo o tempo não temia!

Bem me castigou o tempo e a porfia
de haver-me com só o tempo descuidado;
pois tão sem tempo o tempo me há deixado
que já não espero tempo de alegria.

Passaram horas, tempo e momentos
em que pudera do tempo aproveitar-me
para escusar com tempo meu tormento.

Mas pois quis do tempo confiar-me,
sendo o tempo de desvarios e movimento,
de mim, que não do tempo, posso queixar-me.

Oh! como se me alonga, de ano em ano,
a peregrinação cansada minha!
Como se encurta, e como ao fim caminha
este meu breve e vão discurso humano!

Vai-se gastando a idade e cresce o dano;
perde-se-me um remédio, que inda tinha;
se por experiência se adivinha,
qualquer grande esperança é grande engano.

Corro após este bem que não se alcança;
no meio do caminho me falece,
mil vezes caio, e perco a confiança.

Quando ele foge, eu tardo; e, na tardança,
se os olhos ergo a ver se inda parece,
da vista se me perde e da esperança.

Oh! quanto melhor é o supremo dia
da mansa morte que o do nascimento!
Oh! quanto melhor é um só momento
que livra de anos tantos de agonia!

De alcançar outro bem cesse a porfia;
cesse todo aplicado pensamento
de tudo quanto dá contentamento,
pois só contenta ao corpo a terra fria.

O que do seu fez Deus seu despenseiro
tem mais estreita conta que lhe dar:
então parece rico o ovelheiro.

Triste de quem no dia derradeiro
tem o suor alheio por pagar,
pois a alma há de vender pelo dinheiro!

Oh! quão caro me custa o entender-te,
molesto Amor que, só por alcançar-te,
de dor em dor me tens trazido a parte
onde em ti ódio e ira se converte!

Cuidei que, para em tudo conhecer-te,
me não faltasse experiência e arte;
agora vejo n'alma acrescentar-te
aquilo que era causa de perder-te.

Estavas tão secreto no meu peito
que eu mesmo, que te tinha, não sabia
que me senhoreavas deste jeito.

Descobriste-te agora; e foi por via
que teu descobrimento e meu defeito,
um me envergonha e outro me injuria.

Oh, quem dizer pudesse quanto sente
ou se não magoasse do que entende!
Entenda a dor do mal quem o entende;
conheça o bem quem dele se contente.

Vida de pouco gosto e descontente
pretende quem saber muito pretende,
que com obrigações caras se vende
o muito entendimento comumente.

Não há merecimento que mereça,
nem culpa que ninguém faça culpado:
a ventura é nas cousas geralmente

descostume tão cru desordenado
que, sem que o bem falte e o mal creça,
quem sente menos é quem menos sente.

Olhos de cristal puro que vertendo
estão lágrimas tristes, saudosas,
regando as brancas faces tão fermosas
que a luz do sol estão escurecendo.

Espelhos claros, onde se estão vendo
de contino boninas, lírios, rosas:
não são lágrimas, não, mas preciosas
pérolas, que de vós estão correndo.

Se em vós consiste meu contentamento,
e é glória de meu bem minha alegria
tomar em vós, meus olhos, mantimento,

como consente Amor que noite e dia,
movidos de um ausente sentimento,
façais sempre à tristeza companhia?

Olhos fermosos, em quem quis Natura
mostrar do seu poder altos sinais,
se quiserdes saber quanto possais,
vede-me a mim, que sou vossa feitura.

Pintada em mim se vê vossa figura;
no que eu padeço retratada estais;
que, se eu passo tormentos desiguais,
muito mais pode vossa fermosura.

De mim não quero mais que o meu desejo:
ser vosso; e só de ser vosso me arreio,
por que o vosso penhor em mim se assele.

Não me lembro de mim, quando vos vejo,
nem do mundo; e não erro, porque creio
que, em lembrar-me de vós, cumprio com ele.

Ondados fios de ouro, onde enlaçado
continuamente tenho o pensamento;
que, quanto mais vos solta o fresco vento,
mais preso fico então de meu cuidado.

Amor, de uns belos olhos sempre armado,
me combate co'as forças do tormento,
provando da minha alma o sofrimento
que à justa lei da paz trago obrigado.

Assi que em vosso gesto mais que humano
amo a paz juntamente e o perigo,
e em amar um e outro não me engano.

Muitas vezes dizendo estou comigo
que pois é tal a causa de meu dano,
é justa a guerra, é justa a paz que sigo.

Ondas que por el mundo caminando
contino vais llevadas por el viento,
llevad embuelto en vos mi pensamiento,
do está la que do está lo está causando.

Dizilde que os estoy acrescentando,
dizilde que de vida no hay momento,
dizilde que no muere mi tormento,
dizilde que no vivo ya esperando.

Dizilde quan perdido me hallastes,
dizilde quan garrado me perdistes
dizilde quan sin vida me matastes.

Dizilde quan llagado me feristes,
dizilde quan sin mi que me dexastes,
dizilde quan con ella que me vistes!

Onde acharei lugar tão apartado
e tão isento em tudo da ventura,
que, não digo eu de humana criatura,
mas nem de feras seja frequentado?

Algum bosque medonho e carregado,
ou selva solitária, triste e escura,
sem fonte clara ou plácida verdura,
enfim, lugar conforme a meu cuidado?

Porque ali, nas entranhas dos penedos,
em vida morto, sepultado em vida,
me queixe copiosa e livremente;

que pois a minha pena é sem medida,
ali triste serei em dias ledos
e dias tristes me farão contente.

Onde mereci eu tal pensamento,
nunca de ser humano merecido?
Onde mereci eu ficar vencido
de quem tanto me honrou co vencimento?

Em glória se converte o meu tormento,
quando vendo-me estou tão bem perdido;
pois não foi tanto mal ser atrevido,
como foi glória o mesmo atrevimento.

Vivo, Senhora, só de contemplar-vos;
e pois esta alma tenho tão rendida,
em lágrimas desfeito acabarei.

Porque não me farão deixar de amar-vos
receios de perder por vós a vida,
que por vós vezes mil a perderei.

Onde porei meus olhos que não veja
a causa donde nasce meu tormento?
Ou a que parte irei co pensamento
que, para descansar, parte me seja?

Engana-se quem busca ou quem deseja
em vão a mor firmeza no contento;
que todo seu prazer é névoa ao vento,
onde sempre o bem falta e o mal sobeja.

Anda minha alma cega, anda enganada.
A luz não busco; nem me desengano,
nem curo de razão. Busco o desejo.

Após um não sei quê, após um nada,
onde é certo o perigo e certo o dano;
que quanto mais me chego, menos vejo.

Orfeu enamorado que tañía
por la perdida ninfa, que buscaba,
en el Orco implacable donde estaba,
con la arpa y con la voz la enternecía.

La rueda de Ixión no se movía,
ningún atormentado se quejaba,
las penas de los otros ablandaba,
y todas las de todos él sentía.

El son pudo obligar de tal manera,
que, en dulce galardón de lo cantado,
los infernales reyes, condolidos,

le mandaron volver su compañera,
y volviola á perder el desdichado,
con que fueron entrambos los perdidos.

Ornou mui raro esforço ao grande Atlante
com que a celeste máquina sustenta;
honrou seu alto engenho esse, que intenta
Grécia do quarto céu levá-lo avante.

Coroou já o Amor o firme amante
Orfeu, firme na paz e na tormenta;
aspirou a ventura em tudo isenta
a César, de quem foi um tempo amante.

Tu exaltaste, ó Fama, a glória alta
de Hércules sobre o monte em que resides;
mas Castro, em quem o Céu seus dões derrama,

mais orna, honra, coroa, aspira, exalta
que Atlante, Homero, Orfeu, César e Alcides,
Esforço, Engenho, Amor, Ventura e Fama.

Os meus alegres, venturosos dias
passaram como raio, brevemente;
movem-se os tristes mais pesadamente
após das fugitivas alegrias.

Ah, falsas pretensões, vãs fantasias,
que me podeis já dar que me contente?
Já de meu triste peito a chama ardente
o Tempo reduziu a cinzas frias.

Nelas revolvo agora erros passados,
que outro fruto não deu a mocidade,
a quem vergonha e dor minha alma deve.

Revolvo mais de toda a mais idade
desejos vãos, vãos choros, vãos cuidados,
para que leve tudo o Tempo leve.

Os olhos onde o casto Amor ardia
ledo de se ver neles abrasado;
o rosto onde, com lustre desusado,
purpúrea rosa sobre neve ardia;

o cabelo, que inveja ao sol fazia,
porque fazia o seu menos dourado;
a branca mão, o corpo bem talhado,
tudo aqui se reduz a terra fria.

Perfeita fermosura em tenra idade,
qual flor que, antecipada, foi colhida,
murchada está da mão da Morte dura.

Como não morre Amor de piedade,
não dela, que se foi à clara vida,
mas de si, que ficou em noite escura?

Os reinos e os impérios poderosos,
que em grandeza no mundo mais cresceram,
ou por valor de esforço floresceram
ou por varões nas letras espantosos.

Teve Grécia Temístocles famosos;
os Cipiões a Roma engrandeceram;
doze pares a França glória deram;
Cides a Espanha, e Laras belicosos.

Ao nosso Portugal (que agora vemos
tão diferente de seu ser primeiro),
os vossos deram honra e liberdade.

E em vós, grão sucessor e novo herdeiro
do braganção estado, há mil extremos
iguais ao sangue, e mores que a idade.

Os vestidos Elisa revolvía
que lhe Eneias deixara por memória:
doces despojos da passada glória,
doces, quando seu Fado o consentia.

Entre eles a fermosa espada via
que instrumento foi da triste história;
e, como quem de si tinha a vitória,
falando só com ela, assi dizia:

«Fermosa e nova espada, se ficaste
só para executares os enganos
de quem te quis deixar, em minha vida,

sabe que tu comigo te enganaste;
que, para me tirar de tantos danos,
sobeja-me a tristeza da partida».

Para se namorar do que criou
te fez Deus, santa Fénix, Virgem pura.
Vede que tal seria esta feitura
que a fez quem para si só a guardou.

No seu santo conceito te formou
primeiro que a primeira criatura,
para que única fosse a compostura
que de tão longo tempo se estudou.

Não sei se direi nisto quanto baste
para exprimir as santas qualidades
que quis criar em ti quem tu criaste.

És filha, mãe e esposa. E se alcançaste,
ũa só, três tão altas dignidades,
foi porque a três e um só tanto agradaste.

Passo por meus trabalhos tão isento
de sentimento grande nem pequeno
que, só pola vontade com que peno,
me fica Amor devendo mais tormento.

Mas vai-me Amor matando tanto a tento,
temperando a triaga co veneno,
que do penar a ordem desordeno,
porque não mo consente o sofrimento.

Porém, se esta fineza o Amor sente
e pagar-me meu mal com mal pretende,
torna-me com prazer como ao sol neve.

Mas se me vê cos males tão contente,
faz-se avaro da pena, porque entende
que, quanto mais me paga, mais me deve.

Pede o desejo, Dama, que vos veja;
Não entende o que pede; está enganado.
É este amor tão fino e tão delgado,
Que, quem o tem, não sabe o que deseja.

Não há cousa, a qual natural seja,
Que não queira perpétuo o seu estado;
Não quer logo o desejo o desejado,
Por que não falte nunca onde sobeja.

Mas este puro afeito em mim se dana;
Que, como a grave pedra tem por arte
O centro desejar da Natureza,

Assi o pensamento, pela parte
Que vai tomar de mim, terrestre, humana,
Foi, Senhora, pedir esta baixeza.

Pelos extremos raros que mostrou
em saber Palas, Vénus em fermosa,
Diana em casta, Juno em animosa,
África, Europa e Ásia as adorou.

Aquele saber grande que ajuntou
espírito e corpo em liga generosa,
esta mundana máquina lustrosa,
de só quatro Elementos, fabricou.

Mas mor milagre fez a Natureza
em vós, Senhoras, pondo em cada ãa
o que por todas quatro repartiu.

A vós seu resplendor deu Sol e Lũa,
a vós com viva luz, graça e pureza,
Ar, Fogo Terra e Água vos serviu.

Pensamentos, que agora novamente
cuidados vãos em mim ressuscitais,
dizei-me: ainda não vos contentais
de terdes quem vos tem tão descontente?

Que fantasia é esta, que presente
cada hora ante meus olhos me mostrais?
Com sonhos e com sombras atentaís
quem nem por sonhos pode ser contente?

Vejo-vos, pensamentos, alterados;
e não quereis, de esquivos, declarar-me
que é isto que vos traz tão enleados?

Não me negueis, se andais para negar-me;
que, se contra mim estais alevantados,
eu vos ajudarei mesmo a matar-me.

Perder-me assi em vosso esquecimento
não mo consente o ser por vós perdido,
que sê-lo eu e ser de vós sabido
ou consentido já eu me contento.

Mas tratardes com um descuido isento
quem vos tem o contrário merecido,
bem que me tenha a mi n'alma ofendido,
mais me ofende em vós o merecimento.

Não pode sofrer-vos culpa a vontade
que comigo vos entreguei, Senhora,
nem cousa que em vós pareça tacha.

Acho eu em vosso rosto piedade,
pois ela nele enfim com graças mora,
e toda a perfeição em vós se acha.

Pois meus olhos não cansam de chorar
tristezas que não cansam de cansar-me;
pois não abrandam o fogo em que abrasar-me
pôde quem eu jamais pude abrandar;

não canse o cego Amor de me guiar
a parte donde não saiba tornar-me;
nem deixe o mundo todo de escutar-me
enquanto me a voz fraca não deixar.

E se nos montes, rios, ou em vales,
piedade mora, ou dentro mora Amor
em feras, aves, plantas, pedras, águas,

ouçam a longa história de meus males
e curem sua dor com minha dor;
que grandes mágoas podem curar mágoas.

Pois torna por seu rei, e juntamente
por Cristo, a governar aquela parte
onde se tem mostrado um Numa, um Marte,
o famoso Luís, justo e valente.

O Tejo espere ver de todo o Oriente,
onde se tão raros dões o Céu reparte,
render a tanto esforço, aviso e arte
mil palmas, mil tributos novamente.

Os que bebem no Gange, os que no Indo,
a quem pouco valerão lança e escudo,
o render-se terão por bom partido.

O Eufrates temerá, seu nome ouvindo;
que, para dele ver vencido tudo,
já viu do braço seu tudo vencido.

Por cima destas águas, forte e firme,
irei por onde as sortes ordenaram,
pois por cima de quantas me choraram
aqueles claros olhos pude vir-me.

Já chegado era o fim de despedir-me,
já mil impedimentos se acabaram,
quando rios de amor se atravessaram
a me impedir o passo de partir-me.

Passei-os eu com ânimo obstinado,
com que a morte forçada e gloriosa
faz o vencido já desesperado.

Em que figura ou gesto desusado
pode já fazer medo a morte irosa,
a quem tem a seus pés rendido e atado?

Por gloria tuve un tiempo el ser perdido.
Perdiame de puro bien ganado.
Gané, quando perdi, ser libertado;
libre agora me veo, mas vencido.

Venci, quando de Nise fui rendido;
rendime por no ser della dexado;
dexome en la memoria el bien pasado;
paso agora a llorar lo que he servido.

Servia al premio de la luz que amava;
amandola, esperavale por cierto;
incierto me salió, quando esperaba.

La esperanza se queda en desconcierto;
el concierto en el mal que no pensava,
el pensamiento con un fin incierto.

Por que a Terra no Céu agasalhasse,
o Céu na Terra Deus agasalhou;
lá não cabendo, cá se acomodou,
por que lá, de cá indo, se alargasse.

Por que o homem a ser deus por Deus chegasse
por o homem a ser homem Deus chegou;
seu divino poder tanto humanou,
por que o humano em divino se tornasse.

Vede bem o que deu e recebeu:
não se perca um bem tanto da memória.
Deu-nos a vida; a morte padeceu.

Trocou por nossa pena a sua glória.
Deu-nos o triunfo que ele mereceu:
porque Amor foi autor desta vitória.

Por sua Ninfa, Céfalo deixava
Aurora, que por ele se perdia;
posto que dá princípio ao claro dia,
posto que as roxas flores imitava.

Ele, que a bela Prócris tanto amava
que só por ela tudo enjeitaria,
deseja de atentar se lhe acharia
tão firme fé como nele achava.

Mudado o traje, tece o duro engano;
outro se finge, preço põe diante,
quebra-se a fé mudável, e consente.

Ó engenho sutil para seu dano!
Vede que manhas busca um cego
amante para que sempre seja descontente!

«Porque a tamanhas penas se oferece,
pelo pecado alheio e erro insano,
o trino Deus?» — «Porque o sujeito humano
não pode co castigo que merece».

«Quem padecerá as penas que padece?
Quem sofrerá desonra, morte e dano?»
«Ninguém, senão se for o soberano
que reina, e servos manda, e obedece».

Foi a força do homem tão pequena
que não pôde suste tanta aspereza,
pois não susteve a lei que Deus ordena.

Sofre-a aquela imensa Fortaleza,
por puro amor; que a humanal fraqueza
foi para o erro, e não já para a pena.

Porque me faz Amor inda acá torto?
O mal te faga Deos, desbergonçado,
rapaz bil, descortez, que me has guiado
a ber a Biolante, que me ha morto.

Bila, por más non berme tomar porto
en repouso ningun, desbenturado!
Mas para chorar sempre quede a bado;
as agoas dos meus olhos som conforto.

Bem vir ser tua madre Cypriana
una mundana astrosa, deshonesto,
cruel, falsa, sem lei, dura e tirana;

que a bos ella ser outra, e não ser esta,
não tiberas bontá tão deshumana,
nem fora contra mim tão cruda besta.

Porque quereis, Senhora, que ofereça
a vida a tanto mal como padeço?
Se vos nace do pouco que mereço,
bem por nacer está quem vos mereça.

Sabei que, enfim, por muito que vos peça,
que posso merecer quanto vos peço;
que não consente Amor que em baixo preço
tão alto pensamento se conheça.

Assi que a paga igual de minhas dores
com nada se restaura; mas deveis-ma,
por ser capaz de tantos disfavores.

E se o valor de vossos servidores
houver de ser igual convosco mesma,
vós só convosco mesma andai d' amores.

Posto me tem fortuna em tal estado,
E tanto a seus pés me tem rendido!
Não tenho que perder já, de perdido,
Não tenho que mudar já, de mudado.

Todo o bem para mim é acabado;
Daqui dou o viver já por vivido;
Que, aonde o mal é tão conhecido,
Também o viver mais será escusado.

Se me basta querer, a morte quero,
Que bem outra esperança não convém,
E curarei um mal com outro mal.

E pois do bem tão pouco bem espero,
Já que o mal este só remédio tem,
Não me culpem em querer remédio tal.

Presença bela, angélica figura,
Em quem, quanto o Céu tinha, nos tem dado;
Gesto alegre, de rosas semeado,
Entre as quais se está rindo a Fermosura;

Olhos, onde tem feito tal mistura
Em cristal branco e preto marchetado,
Que vemos já no verde delicado
Não esperança, mas enveja escura;

Brandura, aviso e graça que, aumentando
A natural beleza c'um desprezo
Com que, mais desprezada, mais se aumenta;

São as prisões de um coração que, preso,
Seu mal ao som dos ferros vai cantando,
Como faz a sereia na tormenta.

Prometi já mil vezes de emendar-me,
propus já duas mil de converter-me;
mas quando, no fim, quis determinar-me,
de quanto prometi fui esquecer-me.

Eu mesmo a mi não posso obedecer-me,
posto que bem trabalho refrear-me;
Deus sabe quanto temo de perder-me
e quanto custará poder salvar-me.

Mas qual será Senhor, o duro peito,
a quem vosso Amor não estê dando
de se poder salvar grã confiança?

Não bastam quantos males tenho feito
nem ver-me em tal estado qual eu ando
que de salvar-me perca a esperança?

Pues lágrimas tratáis, mis ojos tristes,
y en lágrimas pasáis la noche y día,
mirad si es llanto este que os envía
aquella por quien vos tantas vertistes.

Sentid, mis ojos, bien esta que vistes,
y si ella lo es, oh gran ventura mía!
por muy bien empleadas las habría
mil cuentos que por esta sola distes.

Mas una cosa mucho deseada,
aunque se vea cierta, no es creída;
cuanto más esta, que me es enviada.

Pero digo que aunque sea fingida,
que basta que por lágrima sea dada,
por que sea por lágrima tenida.

Qual tem a borboleta por costume,
que, enlevada na luz da acesa vela,
dando vai voltas mil, até que nela
se queima agora, agora se consume;

tal eu correndo vou ao vivo lume
desses olhos gentis, Aónia bela;
e abraço-me, por mais que com cautela
livrar-me a parte racional presume.

Conheço o muito a que se atreve a vista,
o quanto se levanta o pensamento,
o como vou morrendo claramente.

Porém, não quer Amor que lhe resista,
nem a minha alma o quer; que em tal tormento,
qual em glória maior, está contente.

Quando a suprema dor muito me aperta,
se digo que desejo esquecimento,
é força que se faz ao pensamento,
de que a vontade livre desconcerta.

Assi, de erro tão grave me desperta
a luz do bem regido entendimento,
que mostra ser engano ou fingimento
dizer que em tal descanso mais se acerta.

Porque essa própria imagem, que na mente
me representa o bem de que careço,
faz-mo de um certo modo ser presente.

Ditosa é logo a pena que padeço,
pois que da causa dela em mim se sente
um bem que, inda sem ver-vos, reconheço.

Quando cuido no tempo que, contente,
Vi pérolas, neve, rosa e ouro,
Como quem vê por sonhos um tesouro,
Parece tenho tudo aqui presente.

Mas tanto que se passa este acidente,
E vejo o quão distante de vós mouro,
Temo quanto imagino por agouro,
Por que de imaginar também me ausente.

Já foram dias em que por ventura
Vos vi, Senhora, se assi dizendo posso,
Co coração seguro estar, sem medo;

Agora, em tanto mal não me assegura
A própria fantasia e nojo vosso:
Eu não posso entender este segredo!

Quando da bela vista e doce riso
Tomando estão meus olhos mantimento,
Tão enlevado sinto o pensamento
Que me faz ver na terra o Paraíso.

Tanto do bem humano estou diviso,
Que qualquer outro bem julgo por vento;
Assi que em caso tal, segundo sento,
Assaz de pouco faz quem perde o siso.

Em vos louvar, Senhora, não me fundo,
Porque, quem vossas cousas claro sente,
Sentirá que não pode merecê-las.

Que de tanta estranheza sois ao mundo,
Que não é de estranhar, Dama excelente,
Que quem vos fez fizesse céu e estrelas.

Quando de minhas mágoas a comprida
Maginação os olhos me adormece,
Em sonhos aquela alma me aparece
Que pera mim foi sonho nesta vida.

Lá nua soïdade, onde estendida
A vista pelo campo desfalece,
Corro para ela; e ela então parece
Que mais de mim se alonga, compelida.

Brado: «Não me fujais, sombra beninal!»
Ela, os olhos em mim cum brando pejo,
Como quem diz que já não pode ser,

Torna a fugir-me: e eu, gritando: Dina...
Antes que diga mene, acordo e vejo
Que nem um breve engano e posso ter.

Quando descansareis, olhos cansados,
pois já não vedes quem vos dava vida?
Ou quando vereis fim e despedida,
a tantas desventuras e cuidados?

Ou quando quiserão meus duros Fados
erguer minha esperança tão caída?
Ou quando, se de todo é já perdida,
alcançar podereis meus bens passados?

Bem sei que hei de morrer nesta saudade,
e que meu esperar é todo vento,
pois nada espero ao que desejo.

E pois tão clara vejo esta verdade,
bem pode vir a mim todo o tormento,
que não me há de espantar, pois sempre o vejo.

Quando do largo esforço que mostravas
largo fruto na guerra produzias,
cortou-te a parca em flor, porque excedias
com teus feitos os anos que contavas.

De armas cobrindo o rosto, afiguravas
Marte encoberto, Amor se o descobrias;
que, se com a espada os esquadrões abrias,
com jeito os olhos após ti levavas.

Não pôde não ferir-te imigo ferro.
Vulcano foi que, com sua fortaleza,
o mais seguro arnês divide e parte.

Dá porém por desculpa de seu erro
que creu de teu esforço e gentileza
que eras filho de Vénus e de Marte.

Quando o Sol encoberto vai mostrando
Ao mundo a luz quieta e duvidosa
Ao longo de ãa praia deleitosa,
Vou na minha inimiga imaginando.

Aqui a vi os cabelos concertando;
Ali, co a mão na face, tão fermosa;
Aqui falando alegre, ali cuidosa;
Agora estando queda, agora andando.

Aqui esteve sentada, ali me viu,
Erguendo aqueles olhos tão isentos;
Aqui movida um pouco, ali segura;

Aqui se entristeceu, ali se riu...
Enfim, nestes cansados pensamentos,
Passo esta vida vã, que sempre dura.

Quando de minhas mágoas a comprida
maginação os olhos me adormece,
em sonhos aquel'alma me aparece
que para mim foi sonho nesta vida.

Lá nãa soïdade, onde estendida
a vista pelo campo desfalece,
corro par ela; e ela então parece
que mais de mim se alonga, compelida.

Brado: — Não me fujais, sombra divina!
Ela (os olhos em mim cum brando pejo,
como quem diz que já não pode ser),

torna a fugir-me; e eu, gritando *Dina...*
antes que diga *mene*, acordo, e vejo
que nem um breve engano posso ter.

Quando os olhos emprego no passado,
de quanto passei me acho arrependido;
vejo que tudo foi tempo perdido,
que tudo emprego foi mal empregado.

Sempre no mais danoso mais cuidado;
tudo o que mais cumpria mal cumprido;
de desenganos menos advertido
fui, quando de esperanças mais frustrado.

Os castelos que erguia o pensamento,
no ponto que mais alto os erguia,
por este chão os via em um momento.

Que erradas contas faz a fantasia!
Pois tudo pára em morte, tudo em vento,
triste o que espera, triste o que confia!

Quando se vir com água o fogo arder
e misturar co dia a noite escura,
e a terra se vir naquela altura
em que se veem os Céus prevalecer;

O Amor por Razão mandado ser,
e a todos ser igual nossa ventura,
com tal mudança, vossa fermosura
então a poderei deixar de ver.

Porém não sendo vista esta mudança
no mundo (como claro está não ver-se),
não se espere de mim deixar de ver-vos.

Que basta estar em vós minha esperança,
o ganho de minh' alma e o perder-se,
para não deixar nunca de querer-vos.

Quando, Senhora, quis Amor que amasse
essa grã perfeição e gentileza,
logo deu por sentença que a crueza
em vosso peito amor acrescentasse.

Determinou que nada me apartasse:
nem desfavor cruel, nem aspereza;
mas que em minha raríssima firmeza
vossa isenção cruel se executasse.

E pois tendes aqui oferecida
esta alma vossa a vosso sacrifício,
acabai de faltar vossa vontade.

Não lhe alargueis, Senhora, mais a vida;
acabará morrendo em seu ofício,
sua fé defendendo e lealdade.

Quando vejo que meu destino ordena
que, por me exprimentar, de vós me aparte,
deixando de meu bem tão grande parte
que a mesma culpa fica grave pena;

o duro desfavor que me condena,
quando pela memória se reparte,
endurece os sentidos de tal arte
que a dor da ausência fica mais pequena.

Pois como pode ser que na mudança
daquilo que mais quero estê tão fora
de me não apartar também da vida?

Eu refrearei tão áspera esquivança;
porque mais sentirei partir, Senhora,
sem sentir muito a pena da partida.

Quanta incerta esperança, quanto engano!
Quanto viver de falsos pensamentos,
pois todos vão fazer seus fundamentos
só no mesmo em que está seu próprio dano!

Na incerta vida estribam de um humano;
dão crédito a palavras que são ventos;
choram depois as horas e os momentos
que riram com mais gosto em todo o ano.

Não haja em aparências confianças;
entende que o viver é de emprestado;
que o de que vive o mundo são mudanças.

Mudai, pois, o sentido e o cuidado,
somente amando aquelas esperanças
que duram pera sempre com o amado.

Quantas penas, Amor, quantos cuidados,
quantas lágrimas tristes sem proveito,
de que mil vezes olhos, rosto e peito
por ti cego, me viste já banhados!

Quantos mortais suspiros derramados
do coração, por tanto a ti sujeito!
Quantos males, enfim, tu me tens feito,
todos foram em mim bem empregados.

A tudo satisfaz (confesso-te isto)
ũa só vista branda e amorosa,
de quem me cativou minha ventura.

Ó sempre para mim hora ditosa!
Que posso temer já, pois tenho visto
com tanto gosto meu tanta brandura?

Quantas vezes do fuso se esquecia
Daliana, banhando o lindo seio,
tantas vezes de um áspero receio
salteado, Laurénio a cor perdia.

Ela, que a Sílvia mais que a si queria,
para podê-lo ver não tinha meio.
Ora, como curar o mal alheio
quem o seu mal tão mal curar sabia?

Ele, que viu tão clara esta verdade,
com soluços dizia (que a espessura
comovia, de mágoa, a piedade):

«Como pode a desordem da Natura
fazer tão diferentes na vontade
a quem fez tão conformes na ventura?

Quanto tempo, olhos meus, com tal lamento
vos hei de ver tão tristes e agravados?
Não bastam meus suspiros inflamados,
que sempre em mi renovam seu tormento?

Não basta consentir meu pensamento
em mágoas, em tristezas e em cuidados,
senão que haveis de andar tão maltratados
que lágrimas tendes por mantimento?

Não sei porque tomais esta vingança,
mostrando-vos na ausência tão saudosos,
se sabeis quanto pode ãa esperança.

Olhos, não agraveis outros fermosos,
tornando um puro amor em esquivança,
pois ficais, por esquivos, desdenhosos.

Quão bem-aventurado me achara,
se o Amor tanto me favorecera
e assi como menos mostrar quisera
com ver no mais me contentara.

Inteiro e perfeito o bem lograra,
se meu desejo a mais se não atrevera;
pois, já que pude ver-vos, merecera
ao menos alcançara o que desejara.

Este desejo meu, esta ousadia
naceu comigo depois que pude ver-vos;
e, com vos ver, Senhora, se acrescenta.

Trabalho de o tirar da fantasia,
por quanto creio ofender-vos.
Mas, quanto mais resisto, mais me aumenta.

Quão cedo te roubou a Morte dura,
ânimo ilustre a grandes cousas dado,
deixando o frio corpo assi lançado
em estranha, mas nobre, sepultura!

Desta vida de cá, que pouco dura,
todo de sangue imigo já banhado,
por mão de teu valor foste levado
aos campos da imortal vida segura.

O espírito goza da ditosa idade;
e o corpo, não cabendo cá na terra,
às aves, que o levassem, se entregou.

Deixaste a todos mágoa e saudade;
buscaste morte honrosa em dura guerra;
deu-te o Tejo, e o Ganges te levou.

Que doudo pensamento é o que sigo?
Após que vão cuidado vou correndo?
Sem ventura de mi, que não me entendo;
nem o que calo sei, nem o que digo...

Pelejo com quem trata paz comigo;
de quem guerra me faz não me defendo.
De falsas esperanças que pretendo?
Quem do meu próprio mal me faz amigo?

Porque, se naci livre, me cativo?
E pois o quero ser, como não quero?
Porque me engano mais com desenganos?

Se já desesperei, que mais espero?
E, se inda espero mais, como não vivo
esperando algum bem de tantos danos?

«Que esperais, esperança?» «Desespero».
«Quem disse a causa foi?» «Õa mudança».
«Vós, vida, como estais?» »«Sem esperança».
«Que dizeis, coração?» «Que muito quero».

«Que sentis, alma, vós?» «Que amor é fero».
«E enfim, como viveis?» «Sem confiança».
«Quem vos sustenta, logo?» «Õa lembrança».
«E só nela esperais?» «Só nela espero».

«Em que podeis parar?» «Nisto em que estou».
«E em que estais vós?» «Em acabar a vida».
«E tende-lo por bem?» «Amor o quer».

«Quem vos obriga assi?» «Saber que sou».
«E quem sois?» «Quem de todo está rendida».
«A quem rendida estais?» «A um só querer».

«Que estila a Árvore sacra?» — «Um licor santo».
«Para quem?» — «Para o género é humano».
«Que faz dele?» — «Um remédio soberano».
«Para quê?» — «Para a culpa e triste pranto».

«E que obra?» — «Reduzir Luzbel a espanto».
«Porquê?» — «Porque cum pomo fez grão dano».
«Que foi?» — «A morte deu com um engano».
«Tanto pôde?» — «Sem falta pode tanto».

«Quem sobe a ela?» — «Quem do Céu deceu».
«A que dece?» — «A subir a criatura».
«Que quis da terra?» — «Só levá-la ao Céu».

«É escada para ir lá?» — «É a más segura».
«Quem o obrigou?» — «De Amor só se venceu».
«Que amava este Feitor?» — «Sua feitura».

Que fiz, Amor, que tão mal me tratas?
Não sendo todo teu, que mal me queres?
E, se por teu me tens, porque me feres
e a minha triste vida desbaratas?

Se com a fera Ninfa te contratas
e de suas asperezas não diferes
a quem me aqueixarei do que fizeres?
quem y vida me dará, se tu me matas?

Ó despiadosa honra e fama,
respondes com mortal esquecimento,
não tens a tanta fé algum respeito!

Mas, já que tu não vês a quem te ama,
não vindo, não terás conhecimento
de quem de contino por ti chama.

«Que gritos são os que ouço?» — «De tristeza».
«Quem é a causa dela?» — «A morte só».
«Tão grande mal nos fez?» — «Quebrou um nó».
«Que nó? A quem atava?» — «A gentileza».

«Era mais que fermosa?» — «Era de Alteza».
«Desfez-se em ouro?» — «Não, em terra, em pó».
«Também é como nós?» — «Também, mas só».
«Que gemes?» — «De perder a tal Princesa».

«Não vês que tudo é mundo?» — «Bem o entendo».
«Pois não te agastes». — «Não mo sofre a alma».
«Que te consola aqui?» — «Na vida vê-la».

«Tão boa foi?» — «O reino o está dizendo».
«Pois sabe que, se cá levou a palma,
que lá terá também a palma dela»

«Que levas, cruel Morte?» «Um claro dia».
«A que horas o tomaste?» «Amanhecendo».
«Entendes o que levas?» «Não o entendo».
«Pois quem to faz levar?» «Quem o entendia».

«Seu corpo quem o goza?» »«A terra fria.»
«Como ficou sua luz?» «Anoitecendo».
«Lusitânia que diz?» «Fica dizendo:
Enfim, não mereci Dona Maria».

«Mataste quem a viu?» «Já morto estava».
«Que diz o cru Amor?» «Falar não ousa.»
«E quem o faz calar?» «Minha vontade».

«Na corte que ficou?» «Saudade brava».
«Que fica lá que ver?» «Nenhã cousa;
mas fica que chorar sua beldade».

Que me quereis, perpétuas saudades?
Com que esperança ainda me enganais?
Que o tempo que se vai não torna mais
E, se torna, não tornam as idades.

Razão é já, ó anos, que vos vades,
Porque estes tão ligeiros que passais,
Nem todos pera um gosto são iguais,
Nem sempre são conformes as vontades.

Aquilo a que já quis é tão mudado
Que quase é outra cousa; porque os dias
Têm o primeiro gosto já danado.

Esperanças de novas alegrias
Não mas deixa a Fortuna e o Tempo errado,
Que do contentamento são espias.

Que modo tão sutil da Natureza,
para fugir ao mundo e seus enganos,
permite que se esconda, em tenros anos,
debaixo de um burel tanta beleza!

Mas esconder-se não pode aquela alteza
e gravidade de olhos soberanos,
a cujo resplendor entre os humanos
resistência não sinto, ou fortaleza.

Quem quer livre ficar de dor e pena,
vendo-a ou trazendo-a na memória,
na mesma razão sua se condena.

Porque quem mereceu ver tanta glória,
cativo há de ficar; que Amor ordena
que de juro tenha ela esta vitória.

Que pode já fazer minha ventura
que seja para meu contentamento?
Ou como fazer devo fundamento
de cousa que o não tem, nem é segura?

Que pena pode ser tão certa e dura
que possa ser maior que meu tormento?
Ou como receará meu pensamento
os males, se com eles mais se apura?

Como quem se costuma de pequeno
com peçonha criar por mão ciente,
da qual o uso já o tem seguro;

assi de acostumado co veneno,
o uso de sofrer meu mal presente
me faz não sentir já nada o futuro.

Que poderei do mundo já querer?
Que naquilo em que pus tamanho amor,
não vi senão desgosto e desamor,
e morte enfim, que mais não pode ser.

Pois vida me não farta de viver,
pois já sei que não mata grande dor,
se cousa há i que mágoa dê maior,
eu a verei, que tudo posso ver.

A morte, a meu pesar, m'assegurou
de quanto mal me vinha; já perdi
o que perder o medo m'ensinou.

Na vida desamor somente vi,
na morte a grande dor que me ficou:
parece que para isto só nasci!

A D. Luís de Ataíde, Vizo-Rei

Que vençais no Oriente tantos reis,
que de novo nos deis da Índia o estado,
que escureçais a fama que ganhado
tinham os que ganharam a infiéis;

que do tempo tenhais vencido as leis,
que tudo, enfim, vençais co tempo armado;
mais é vencer na pátria, desarmado,
os monstros e as quimeras que venceis.

E assi, sobre vencerdes tanto imigo,
e por armas fazer que, sem segundo,
vosso nome no mundo ouvido seja,

o que vos dá mais nome inda no mundo
é vencerdes, Senhor, no Reino amigo,
tantas ingratidões, tão grande enveja!

Quem busca no amor contentamento
achará nele que é seu natural;
mas a substância que há do bem ao mal
é como folha que revolve o vento.

Quem foi sujeito deste movimento
não pode ter sua glória por tal
que dure num ser para sempre igual,
pois é mudável pera seu tormento.

Assi que, em Amor, se acham cada dia
estes dous contrários ambos num sujeito,
os quais por ventura são ordenados

ora em ãa, ora em outra via,
em perda dos que amam, ou em proveito,
mas em nenhum momento são desesperados.

Quem diz que Amor é falso ou enganoso,
ligeiro, ingrato, vão, desconhecido,
sem falta lhe terá bem merecido
que lhe seja cruel ou rigoroso.

Amor é brando, é doce e é piadoso.
Quem o contrário diz não seja crido;
seja por cego e apaixonado tido,
e aos homens, e inda aos deuses, odioso.

Se males faz Amor, em mi se veem;
em mi mostrando todo o seu rigor,
ao mundo quis mostrar quanto podia.

Mas todas suas iras são de amor;
todos estes seus males são um bem,
que eu por todo outro bem não trocaria.

Quem fosse acompanhando juntamente
por esses verdes campos a avezinha
que, depois de perder um bem que tinha,
não sabe mais que cousa é ser contente!

Quem fosse, apartando-se da gente:
ela, por companheira e por vizinha,
me ajudasse a chorar a pena minha;
eu a ela o pesar que tanto sente!

Ditosa ave que, ao menos, se a Natureza
a seu primeiro bem não dá segundo,
dá-lhe o ser triste a seu contentamento.

Mas triste quem de longe quis Ventura
que, para respirar, lhe falte o vento;
e para tudo, enfim, lhe falte o mundo!

À sepultura del-Rei D. João III

«Quem jaz no grão sepulcro, que descreve
tão ilustres sinais no forte escudo?»

«Ninguém; que nisso, enfim, se torna tudo;
mas foi quem tudo pôde e tudo teve».

«Foi Rei?» «Fez tudo quanto a Rei se deve;
pôs na guerra e na paz devido estudo;
mas quão pesado foi ao Mouro rudo
tanto lhe seja agora a terra leve».

«Alexandre será?» «Ninguém se engane;
que sustentar mais que adquirir se estima».
«Será Adriano, grão senhor do mundo?»

«Mais observante foi da Lei de cima».
«É Numa?» »«Numa, não; mas é Joane
de Portugal terceiro, sem segundo».

Quem pode livre ser, gentil Senhora,
vendo-vos com juízo sossegado,
se o Minino que de olhos é privado
nas mininas dos vossos olhos mora?

Ali manda, ali reina, ali namora,
ali vive das gentes venerado;
que o vivo lume e o rosto delicado
imagens são, nas quais o Amor se adora.

Quem vê que em branca neve nascem rosas
que fios crespos de ouro vão cercando,
se por antre esta luz a vista passa,

raios de ouro verá, que as duvidosas
almas estão no peito traspassando,
assi como um cristal o Sol traspassa...

Quem presumir, Senhora, de louvar-vos
com humano saber e não divino,
ficará de tamanha culpa dino
quamanha ficais tendo em contemplar-vos.

Não pretenda ninguém de louvor dar-vos,
por mais que raro seja e peregrino:
que vossa fermosura eu imagino
que Deus a Ele só quis comparar-vos.

Ditosa esta alma vossa, que quisestes
em posse pôr de prenda tão subida
como, Senhora, foi a que me destes.

Melhor a guardarei que a própria vida;
que, pois mercê tamanha me fizestes,
de mim será jamais nunca esquecida.

Quem pudera julgar de vós, Senhora,
que com tal fé podia assi perder-vos,
e vir eu por amor a aborrecer-vos?
Que hei de fazer sem vós somente ãa hora?

Deixastes quem vos ama e vos adora;
tomastes quem quiçá não sabe ver-vos.
Eu fui o que não soube merecer-vos,
e tudo entendo e choro, triste, agora.

Nunca soube entender vossa vontade,
nem a minha mostrar-vos verdadeira,
inda que clara estava esta verdade.

Em mim viverá ela sempre inteira;
e, se pera perder já a vida é tarde,
a morte não fará que vos não queira.

Quem quiser ver d' Amor ãa excelência
onde sua fineza mais se apura,
atente onde me põe minha ventura,
por ter de minha fé experiência.

Onde lembranças mata a longa ausência,
em temeroso mar, em guerra dura,
ali a saudade está segura,
quando mor risco corre a paciência.

Mas ponha-me Fortuna e o duro Fado
em nojo, morte, dano e perdição,
ou em sublime e próspera ventura;

ponha-me, enfim, em baixo ou alto estado;
que até na dura morte me acharão
na língua o nome, n'alma a vista pura.

Quem vê, Senhora, claro e manifesto
o lindo ser de vossos olhos belos,
se não perder a vista só em vê-los,
já não paga o que deve a vosso gesto.

Este me parecia preço honesto;
mas eu, por de vantagem merecê-los,
dei mais a vida e alma por querê-los,
donde já me não fica mais de resto.

Assi que a vida e alma e esperança
e tudo quanto tenho, tudo é vosso,
e o proveito disso eu só o levo.

Porque é tamanha bem-aventurança
o dar-vos quanto tenho e quanto posso
que, quanto mais vos pago, mais vos devo.

Quem vos levou de mi, saudoso estado,
que tanta sem-razão comigo usastes?
Quem foi? Por quem tão presto me negastes,
esquecido de todo o bem passado?

Trocastes-me um descanso em um cuidado
tão duro, tão cruel, qual me ordenastes;
a fé, que tínheis dado, me negastes,
quando mais nela estava confiado.

Vivia sem receio deste mal;
Fortuna, que tem tudo a sua mercê,
amor com desamor me revolveu.

Bem sei que neste caso nada val,
que, quem nasceu chorando, justo é
que pague com chorar o que perdeu.

Razão é já que minha confiança
se deça de ãa falsa opinião;
mas Amor não se rege por razão:
não posso perder logo a esperança.

A vida, si; que ãa áspera mudança
não deixa viver tanto um coração.
E eu na morte tenho a salvação,
si; mas quem a deseja não a alcança.

Forçado é logo que eu espere e viva.
Ah! dura lei de Amor, que não consente
quietação Nãa alma que é cativa!

Se hei de viver, enfim, forçadamente,
para que quero a glória fugitiva
de ãa esperança vã que me atormente?

Rebuelvo en la incessable fantasia
quando me he visto en mas dichoso estado:
si agora, que de Amor vivo inflamado,
si quando de su ardor libre vivia.

Entonces desta llama solo huia,
despreciando en mi vida su cuidado;
agora, con dolor de lo passado,
tengo por gloria aquello que temia.

Bien veo que era vida deleitosa
aquella que lograva sin temores,
quando gustos de amor tuve por viento.

Mas, viendo hoy a Natércia tan hermosa,
hallo en esta prision glorias mayores,
y en perderlas, por libre, hallo tormento.

«Soneto contra o monteiro-mor do reino feito pelo Camões»:

Satanás Coronel, Fernão Zarolho,
feroz harpia das que o abismo encerra
no empenho de afligir toda esta terra,
para que queres bastão, se tens esse olho?

Vai-te deitar na Granja de remolho,
aonde o saloio, porque o escorchas, berra;
que não é para o ilustre ardor da guerra
abóbora com feitio de repolho.

Se pudeste unir com força rara,
sendo o prender em ti genealogia,
de galinha o valor, de mono a cara;

anda, prende, teima e aporfia,
pois em Aldeia Gavinha tens a vara,
na Ásia, em Cananor, a feitoria.

Saudades me atormentam cruelmente,
saudades de meu bem passado;
mas sam eu a tantos males condenado
sem razão por que posso ser ausente.

Por amor me vi um tempo já contente,
por amor eu me quis atormentado,
bem é que o meu erro veja tão passado
como com minha dor e mal presente.

Que bem mereceu pois fez tal partida
não vos ver ou não me verdes vós, Senhora,
por que assi pagasse minha vida.

Mas pois minha alma se viu e chora
não queirais que chore a sorte por perdida
ver-vos os meus olhos branda algũa hora.

Se a Fortuna inquieta e mal olhada,
que a justa lei do Céu consigo infama,
a vida quieta, que ela mais desama,
me concedera, honesta e repousada;

pudera ser que a Musa, alevantada
com luz de mais ardente e viva flama,
fizera ao Tejo lá na pátria cama
adormecer co som da lira amada.

Porém, pois o destino trabalhoso,
que me escurece a Musa fraca e lassa,
louvor de tanto preço não sustenta,

a vossa, de louvar-me pouco escassa,
outro sujeito busque valeroso,
tal qual em vós ao mundo se apresenta.

Se a ninguém tratais com desamor,
antes a todos tendes afeição,
e se a todos mostrais um coração
cheio de mansidão, cheio de amor;

desde hoje me tratai com desfavor,
mostrai-me um ódio esquivo, ãa isenção;
poderei acabar de crer então
que somente a mi me dais favor.

Que, se tratais a todos brandamente,
claro é que aquele é só favorecido
a quem mostrais irado o continenhã te.

Mal poderei eu ser de vós querido,
se tendes outro amor na alma presente,
que amor é um, não pode ser partido.

Se algũa hora em vós a piedade
de tão longo tormento se sentira,
não consentira Amor que me partira
de vossos olhos, minha saudade.

Apartei-me de vós; mas a vontade,
que pelo natural n'alma vos tira,
me faz crer que esta ausência é de mentira;
mas inda mal, porém, porque é verdade.

Ir-me-ei, Senhora; e, neste apartamento,
tomarão tristes lágrimas vingança
nos olhos de quem fostes mantimento.

E assi darei vida a meu tormento:
que, enfim, cá me achará minha lembrança
sepultado no vosso esquecimento.

Se algũa hora essa vista mais suave
acaso a mim volveis, em um momento
me sinto com um tal contentamento
que não temo que dano algum me agrave.

Mas, quando com desdém esquivo e grave,
o belo rosto me mostrais isento,
ũa dor provo tal, um tal tormento
que muito vem a ser que não me acabe.

Assi está minha vida ou minha morte
no volver desses olhos, pois podeis
dar, c'uma volta deles, morte ou vida.

Ditoso eu, que o Céu quer (ou minha sorte)
que ou vida, para dar-vo-la, me deis,
ou morte, para haver morte querida.

Se ao que te quero desses tanta fé
quando dás tormento ao coração,
meus suspiros não seriam tão em vão,
nem eu te pediria em vão mercê.

Mas é tanta a tua dureza que não crê
os males que me faz tua condição,
podendo contigo mais a sem razão
do que é o eterno amor que em mi se vê.

E pois sempre à morte me chegaste
com desamor que não te merecia,
eu morrerei; mas sabe que ganhaste

dizerem-te as gentes cada dia:
«Ah, Senhora cruel, porque mataste
a quem mais que à vida te queria?»

Se aos capitães antigos colocados
naqueles triunfos altos de vitória
feriram nas orelhas vossa história,
de vergonha e temor foram pasmados.

Por terra logo todos derribados
troféus, fama e sua grão memória,
dando lugar ao louvor vosso e glória,
que sós no mundo fossem celebrados.

Na Antiguidade levam-vos vantagem
que está de erros cheia em toda parte,
como se mostra bem no que temos visto.

Vós, nas obras, feitos e linhagem
que na milícia sois o mesmo Marte
e em virtudes cumpris a lei de Cristo.

(De Dom Constantino cante o universo,
se bastar língua, ou prosa, engenho, ou verso.)

Se as penas com que Amor tão mal me trata
quiser que tanto tempo viva delas
que veja escuro o lume das estrelas,
em cuja vista o meu se acende e mata;

e se o tempo, que tudo desbarata,
secar as frescas rosas sem colhê-las,
mostrando a linda cor das tranças belas
mudada de ouro fino em bela prata;

vereis, Senhora, então também mudado
o pensamento e aspereza vossa,
quando não sirva já sua mudança.

Suspirareis então pelo passado,
em tempo quando executar-se possa
em vosso arrepende minha vingança.

Se com desprezos, Ninfa, te parece
que podes desviar do seu cuidado
um coração constante, que se oferece
a ter por glória o ser atormentado,

deixa a tua porfia e reconhece
que mal sabes de amor desenganado,
pois não sentes nem vês que em teu mal crece,
crescendo em mi, de ti mais desamado.

O esquivo desamor com que me tratas
converte em piadade, se não queres
que creça o meu querer em teu desgosto.

Vencer-me com cruezas nunca esperes;
bem me podes matar, e bem me matas;
mas sempre há de viver meu pressuposto.

Se, como em tudo o mais, fostes perfeita,
fôreis de condição menos altiva,
vida pode esperar esta cativa
vida, que a vossos pés morta se deita.

Mas quanto de vós vê, quanto suspeita,
estorvos são para que mais não viva;
e, para maior mal, a morte esquiva,
vendo que me enjeitais, também me enjeita.

Se nisto contradiz vossa vontade,
mandai-lhe vós, Senhora, que dê fim
a vida tão cercada de tristeza;

pois ela não o faz por piedade
que tenha do meu mal, mas porque em mi
vivendo, farteis vós vossa crueldade.

Se cuidasse que nesse peito isento
inda algum tempo minha grande dor
vos fizesse sentir, não digo amor,
senão um piadoso sentimento;

tamanho fora meu contentamento
que o mal que por vós passo, inda que mor,
sem pena, sem cuidado, sem temor,
sem queixumes passara este tormento.

Porém como, Senhora, já conheço
a vossa condição isenta e dura
no pouco que sentis o que padeço,

não há i senão queixar-me da Ventura
pois, em lugar do bem que vos mereço,
males em tanto mal me dais por cura.

Se da célebre Laura a fermosura
um numeroso Cisne ufano escreve,
ũa angélica pena se te deve,
pois o Céu em formar-te mais se apura.

E se voz menos alta te procura
celebrar, ó Natércia, em vão se atreve;
de ver-te já a ventura Liso teve,
mas de cantar-te falta-lhe a ventura.

No Céu naceste, certo, e não na terra;
para glória do mundo, cá deceste;
quem mais isto negar muito mais erra.

E eu imagino que de lá vieste
para emendar os vícios, que ele encerra,
cos divinos poderes que trouxeste.

Se de vosso fermoso e lindo gesto
nasceram lindas flores para os olhos,
que para o peito são duros abrolhos,
em mim se vê mui claro e manifesto.

Pois vossa fermosura e vulto honesto,
em os ver, de boninas vi mil molhos;
mas, se meu coração tivera antolhos,
não vira em vós seu dano o mal funesto;

um mal visto por bem, um bem tristonho,
que me traz elevado o pensamento
em mil, porém diversas, fantasias,

nas quais eu sempre ando, e sempre sonho.
E vós não cuidais mais que em meu tormento,
em que fundais as vossas alegrias.

Se, depois de esperança tão perdida,
Amor pola ventura consentisse
que ainda algũa hora breve alegre visse
de quantas tristes viu tão longa vida;

ũa alma já tão fraca e tão caída,
por mais alto que a sorte me subisse,
não tenho para mim que consentisse
alegria tão tarde consentida.

Não tão somente Amor me não mostrou
ũa hora em que vivesse alegremente,
de quantas nesta vida me negou;

mas inda tanta pena me consente,
que co contentamento me tirou
o gosto de algũa hora ser contente.

Se em mi, ó Alma, vive mais lembrança
que aquela só da glória de querer-vos,
eu perca todo o bem que logro em ver-vos,
e de ver-vos também toda a esperança.

Veja-se em mi tão rústica esquivança
que possa indino ser de conhecer-vos;
e, quando em mor empenho de aprazer-vos,
vos ofenda, se em mi houver mudança.

Confirmado estou já nesta certeza;
examine-me vossa crueldade,
exprimente-se em mi vossa dureza.

Conhececi já de mi tanta verdade,
pois, em penhor e fé desta pureza,
tributo vos fiz ser o que é vontade.

Se grão glória me vem de olhar-te,
é pena desigual deixar de ver-te.
Se presumo com obras merecer-te,
grão pago de engano é desejar-te.

Se quero, por quem és, louvar-te,
sei certo por quem sou ofender-te.
Se mal me quero a mi por bem querer-te,
que prémio quero mais que só amar-te?

Porque amor tão raso sempre fere?
ó humano tesouro, doce glória,
que quer mais a alma que te serve?

Escrita estarás em minha memória;
e a alma viverá que por ti morre;
que, ao fim da batalha, é a vitória.

Se lágrimas choradas de verdade
abrandar podem um coração duro,
porque as minhas que nace[m] d' um amor puro
vos não movem, Senhora, a piadade?

Pois por vós perdi a liberdade,
e da vida não estou inda seguro,
rompei de desamor tão forte muro
e não useis de vossa crueldade.

A males nunca vistos dai já fim,
e não queirais ser, sendo fermosa,
havida por cruel e homicida.

Pera vós vos queria eu piadosa;
que de o nunca serdes pera mim
a esperança tenho já perdida.

Se, no que tenho dito, vos ofendo,
não é a intenção minha de ofender-vos;
que, inda que não pretenda merecer-vos,
não vos desmerecer sempre pretendo.

Mas é meu fado tal, segundo entendo,
que, por quanto ganhava entender-vos,
não me deixa até agora conhecer-vos,
por a mi próprio me ir desconhecendo.

Os dias ajudados da Ventura
a cada qual de si dão desenganos,
e a outros soe dá-lo a desventura.

Qual destas sirva a mi dirão os danos
ou gostos que eu tiver, enquanto dura
esta vida, tão larga em poucos anos.

Se para mi tivera que algum dia,
movida com paixão de meu tormento,
tivéreis um pequeno sentimento
de quem com isto só descansaria;

a meus males por glória julgaria
e por prazeres quantas penas sinto;
e, em meio do pesar, contentamento
com tão doces lembranças sentiria.

Mas ai, triste de mi, que estou cuidando
cousas que me darão mais cedo a morte
em pago de doudice tão notória!

De que serve estar tanto desejando,
pois vosso merecer e minha sorte
me fazem duvidosa esta glória?

Se pena por amar-vos se merece,
quem dela livre está, ou quem isento?
Que alma, que razão, qu'entendimento
em ver-vos se não rende e obedece?

Que mor glória na vida s'oferece
que ocupar-se em vós o pensamento?
Toda a pena cruel, todo o tormento
em ver-vos se não sente, mas esquece.

Mas se merece pena quem amando
contino vos está, se vos ofende,
o mundo matareis, que todo é vosso.

Em mim podeis, Senhora, ir começando,
que claro se conhece e bem se entende
amar-vos quanto devo e quanto posso.

Se quando vos perdi, minha esperança,
a memória perdera juntamente
do doce bem passado e mal presente,
pouco sentira a dor de tal mudança.

Mas Amor, em quem tinha confiança,
me representa mui miudamente
quantas vezes me vi ledto e contente,
por me tirar a vida esta lembrança.

De cousas de que não havia sinal,
por as ter postas já em esquecimento,
destas me vejo agora perseguido.

Ah, dura estrela minha! Ah, grão tormento!
Que mal pode ser mor que, no meu mal,
ter lembrança do bem que é já perdido?

Se tanta pena tenho merecida
em pago de sofrer tantas durezas,
provai, Senhora, em mi vossas cruezas,
que aqui tendes na alma oferecida.

Nela experimentai, se sois servida,
desprezos, disfavores e asperezas;
que mores sofrimentos e firmezas
sustentarei na guerra desta vida.

Mas contra vossos olhos quais serão?
Forçado é que tudo se lhe renda;
mas porei por escudo o coração.

Porque em tão dura e áspera contenda,
é bem que, pois não acho defesa,
com me meter nas lanças me defenda.

Se tomar minha pena em penitência
do erro em que caiu o pensamento,
não abrande, mas dobre meu tormento;
a isto e a mais obriga a paciência.

E se ãa cor de morto na aparência,
um espalhar suspiros vãos ao vento,
em vós não faz, Senhora, movimento,
fique meu mal em vossa consciência.

E se de qualquer áspera mudança
toda a vontade isenta Amor castiga
– como eu vi bem no mal que me condena –,

e se em vós não se entende haver vingança,
será forçado – pois Amor me obriga –
que eu só de vossa culpa pague a pena.

Seguia aquele fogo, que o guiava,
Leandro, contra o mar e contra o vento:
as forças lhe faltavam já e o alento;
Amor lhas refazia e renovava.

Depois que viu que a alma lhe faltava,
não esmorece; mas, no pensamento,
- que a língua já não pode – seu intento
ao mar, que lho cumprisse, encomendava.

«Ó mar – dizia o moço só consigo –,
já te não peço a vida; só queria
que a de Hero me salves; não me veja...

Este meu corpo morto, lá o desvia
daquela torre. Sê-me nisto amigo,
pois no meu maior bem me houveste enveja!»

Sempre a Razão vencida foi de Amor;
mas, porque assi o pedia o coração,
quis Amor ser vencido da razão.
Ora que caso pode haver maior!

Novo modo de morte e nova dor!
Estranheza de grande admiração:
que perde suas forças a afeição,
por que não perca a pena o seu rigor.

Pois nunca houve fraqueza no querer,
mas antes muito mais se esforça assim
um contrário com outro, por vencer.

Mas a Razão, que a luta vence, enfim,
não creio que é razão; mas há de ser
inclinação que eu tenho contra mim.

Sempre, cruel Senhora, receei,
medindo vossa grã desconfiança,
que desse em desamor vossa tardança,
e que me perdesse eu, pois vos amei.

Perca-se, enfim, já tudo o que esperei,
pois noutro amor já tendes esperança.
Tão patente será vossa mudança
quanto eu encobri sempre o que vos dei.

Dei-vos a alma, a vida e o sentido;
de tudo o que em mim há vos fiz senhora.
Prometeis e negais o mesmo Amor.

Agora tal estou que, de perdido,
não sei por onde vou; mas algũ' hora
vos dará tal lembrança grande dor.

Senhor João Lopes, o meu baixo estado
ontem vi posto em grau tão excelente
que vós, que sois enveja a toda a gente,
só por mim vos quiséreis ver trocado.

Vi o gesto suave e delicado
que já vos fez, contente e descontente,
lançar ao vento a voz tão docemente
que fez o ar sereno e sossegado.

Vi-lhe em poucas palavras dizer quanto
ninguém diria em muitas; eu só, cego,
magoado fiquei na doce fala.

Mas mal haja a Fortuna e o Moço cego:
um, porque os corações obriga a tanto;
outra, porque os estados desiguala.

Senhora já dest' alma, perdoai
de um vencido de Amor os desatinos;
e sejam vossos olhos tão beninos
com este puro amor, que d'alma sai.

A minha pura fé somente olhai,
e vede meus extremos se são finos;
e se de algũa pena forem dinos,
em mim, Senhora minha, vos vingai.

Não seja a dor, que abrasa o triste peito,
causa por onde pene o coração,
que tanto em firme amor vos é sujeito.

Guardai-vos do que alguns, Dama, dirão;
que, sendo raro em tudo vosso objeito,
possa morar em vós ingratidão.

Senhora minha, se a Fortuna imiga,
que em minha fim com todo o Céu conspira,
os olhos meus de ver os vossos tira,
por que em mais graves casos me persiga;

comigo levo esta alma, que se obriga,
na mor pressa de mar, de fogo, de ira,
a dar-vos a memória, que suspira
só por fazer convosco eterna liga.

Nesta alma, onde a Fortuna pode pouco,
tão viva vos terei, que frio e fome
vos não possam tirar, nem vãos perigos.

Antes co som da voz, trémulo e rouco,
bradando por vós, só com vosso nome,
farei fugir os ventos e os imigos.

Senhora minha, se de pura enveja
Amor me tolhe a vista delicada,
a cor, de rosa e neve semeada,
e dos olhos a luz que o Sol deseja;

não me pode tolher que vos não veja
nesta alma, que ele mesmo vos tem dada,
onde vos terei sempre debuxada,
por mais cruel imigo que me seja.

Nela vos vejo, e vejo que não nace
em belo e fresco prado deleitoso
senão flor que dá cheiro a toda a serra.

Os lírios tendes Nũa e noutra face.
Ditoso quem vos vir, mas mais ditoso
quem os tiver, se há tanto bem na terra!

Senhora minha, se eu de vós ausente
me defendera de um penar severo,
suspeito que ofendera o que vos quero,
esquecido do bem de estar presente.

Trás este logo sinto outro acidente
e é ver que, se da vida desespero,
perco a glória que, vendo-vos, espero;
e assi estou em meus males diferente.

E, nesta diferença, meus sentidos
combatem com tão áspera porfia
que julgo este meu mal por desumano.

Entre si sempre os vejo divididos;
e, se acaso concordam algum dia,
é só conjuração contra meu dano.

Sentindo-se tomada a bela esposa
de Céfalos, no crime consentido,
para os montes fugia do marido;
e não sei se de astuta ou vergonhosa.

Porque ele, enfim, sofrendo a dor ciosa.
de amor cego e forçoso compelido,
após ela se vai como perdido,
já perdoando a culpa criminosa.

Deita-se aos pés da Nífa endurecida,
que do cioso engano está agravada;
já lhe pede perdão, já pede a vida.

Ó força de afeição desatinada!
Que de culpa contra ele cometida,
perdão pedia à parte que é culpada!

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
mas não servia ao pai, servia a ela,
e a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
passava, contentando-se com vê-la;
porém o pai, usando de cautela,
em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
lhe fora assi negada a sua pastora,
como se a não tivera merecida;

começa de servir outros sete anos,
dizendo: — Mais servira, se não fora
para tão longo amor tão curta a vida.

Si el fuego, que me enciende, consumido
de algun mas suelto Aquario ser pudiesse,
si el alto suspirar me convirtiesse
en ayre por el ayre desparzido;

si un horrible rumor siendo sentido,
la alma a dexar el cuerpo reduxesse,
o por estos mis ojos al mar fuesse
este mi cuerpo en llanto convertido;

nunca podria la Fortuna airada,
con todos sus horrores, sus espantos,
derrocar la alma mia de su gloria;

porque en vuestra beldad ya transformada,
ni del estigio lago eternos llantos
os podrian quitar de mi memoria.

Si el triste corazon que siempre llora
sin ser obra su llanto meritoria
pudiesse ya gozar de la vitoria
de la guerra del amor, que l'empeora;

si entre los verdes arboles, dó agora
estoi apacentando la memória,
pudiesse yo gozar por suma gloria
de ver un solo punto a mi pastora;

ni el aire, con el aire que consiente
Amor, el mi dolor se aumentaria,
ni con la de mis ojos esta fuente.

Mas, para despojar-me de alegria,
ordena mi passion que viva ausente
de quien jamas lo esteve el alma mia.

Sobre os rios do Reino escuro, quando
tristes, quais nossas culpas o ordenaram,
lágrimas nossos olhos derramaram
por ti, Sião divina, suspirando;

os que iam nossas almas infestando
de contínuo em erro, as cativaram,
e em vão por nossos salmos perguntaram,
que tudo era silêncio miserando.

Dizendo estamos: «Como cantaremos
as aceitas canções a Deus benino,
quando a contrários seus obedecemos?»

Mas já, Senhor só Santo, determino,
deixando viciosíssimos extremos,
os cantos prosseguir de amor divino.

Sobre um olmo que al cielo parecia
llegar de flor no ojo se mostrava
una ave sola y triste vi que estava
y ali su soledad encarecia.

En una fuente clara que corria
con dulce son lloroso se baxava
y en ella se metiendo la enturbiava
y, viendo la agua turbia, la bevia.

La causa por que al dolor tanto se entregava
la sola tortolilla es verse ausente.
Mirad a quanto el mal d'ausencia llega!

Si tanto sentimiento el accidente
de una ave sin sintido amor la llega
sentir, que sentirá quien algo siente?

Sospechas que en mi triste fantasia
puestas, hazeis la guerra a mi sentido,
bolviendo y rebolviendo el afligido
pecho, con dura mano, noche y dia:

ya se acabó la resistencia mia
y la fuerza del alma; ya rendido,
vencer de vos me dexo, arrepentido
de averos contrastado en tal porfia.

Llevadme a aquel lugar tan espantable
que, por no ver mi muerte alli esculpida,
cerrados hasta aqui tuve los ojos.

Las armas pongo ya, que concedida
no es tan larga defensa al miserable;
colgad en vuestro carro mis despojos.

Suspiros inflamados, que cantais
a tristeza com que eu vivi tão ledó!
Eu mouro e não vos levo, porque hei medo
que, ao passar do Lete, vos percais.

Escritos para sempre já ficais
onde vos mostrarão todos co dedó
como exemplo de males; que eu concedo
que para aviso de outros estejais.

Em quem, pois, virdes falsas esperanças
de Amor e da Fortuna, cujos danos
alguns terão por bem-aventuranças,

dizei-lhe que os servistes muitos anos;
e que em Fortuna tudo são mudanças,
e que em Amor não há senão enganós.

Sustenta meu viver ãa esperança
derivada de um bem tão desejado
que, quando nela estou mais confiado,
mor dúvida me põe qualquer mudança.

E quando inda este bem na mor pujança
de seus gostos me tem mais enlevado,
me atormenta então ver eu que, alcançado
será por quem de vós não tem lembrança.

Assi que nestas redes enlaçado,
a penas dou a vida, sustentando
ũa nova matéria a meu cuidado;

suspiros d' alma tristes arrancando,
dos silvos de ãa pedra acompanhado,
estou matérias tristes lamentando.

Tal mostra dá de si vossa figura,
Sibela, clara luz da redondeza,
que as forças e o poder da Natureza
com sua claridade mais apura.

Quem viu ãa confiança tão segura,
tão singular esmalte da beleza,
que não padeça mais, se ter defesa
contra vossa gentil vista procura?

Eu, pois, por escusar essa esquivança,
a razão sujeitei ao pensamento
que, rendida, os sentidos lhe entregaram.

Se vos ofende o meu atrevimento,
inda podeis tomar nova vingança
nas relíquias da vida, que escaparam.

Tanto de meu estado me acho incerto,
que em vivo ardor tremendo estou de frio;
sem causa, juntamente choro e rio,
o mundo todo abarco e nada aperto.

É tudo quanto sinto, um desconcerto;
da alma um fogo me sai, da vista um rio;
agora espero, agora desconfio,
agora desvario, agora acerto.

Estando em terra, chego ao Céu voando,
Nũ' hora acho mil anos, e é de jeito
que em mil anos não posso achar ã' hora.

Se me pergunta alguém porque assi ando,
respondo que não sei; porém suspeito
que só porque vos vi, minha Senhora.

Tanto se foram, Ninfa, costumando
meus olhos a chorar tua dureza,
que vão passando já por natureza
o que por acidente iam passando.

No que ao sono se deve estou velando,
e venho a velar só minha tristeza;
o choro não abrandará esta aspereza,
e meus olhos estão sempre chorando.

Assi, de dor em dor, de mágoa em mágoa,
consumindo-se vão inutilmente,
e esta vida também vão consumindo.

Sobre o fogo de Amor, inútil água;
pois eu em choro estou continuamente
e do que vou chorando te vás rindo.

Têm feito os olhos neste apartamento
um mar de saudosa tempestade,
que pode dar saudade à saudade,
sentimentos ao próprio sentimento.

Em dor vai convertido o sofrimento,
em pena convertida a piedade;
a razão tão vencida da vontade
que escravo faz do mal o entendimento.

A língua não alcança o que a alma sente.
E assi, se alguém quiser em algũa hora
saber que cousa é dor não compreendida,

parta-se do seu bem por que experimente
que, antes de se partir, melhor me fora
partir-se do viver para ter vida.

Todas as almas tristes se mostravam
pela piadade do Feitor divino,
onde, ante o seu aspeto benino,
o devido tributo lhe pagavam.

Meus sentidos então livres estavam
(que até i foi costume o seu destino),
quando uns olhos, de que eu não era dino,
a furto da Razão me salteavam.

A nova vista me cegou de todo;
nasceu do descostume a estranheza
da suave e angélica presença.

Pera remediar-me não há i modo?
Oh! porque fez a humana natureza
entre os nascidos tanta diferença?

Todo o animal da calma repousava;
só Liso o ardor dela não sentia,
que o repouso do fogo em que ardia
consistia na Ninfa que buscava.

Os montes parecia que abalava
o triste som das mágoas que dezia;
mas nada o duro peito comovia,
que na vontade de outrem posto estava.

Cansado já de andar pela espessura,
no tronco de ãa faia, por lembrança,
escreveu estas palavras de tristeza:

«Nunca ponha ninguém sua esperança
em peito feminino que, de natureza,
somente em ser mudável tem firmeza».

Tomava Daliana por vingança
da culpa do pastor, que tanto amava,
casar com Gil vaqueiro; e em si vingava
o erro alheio e pérfida esquivança.

A discrição segura, a confiança,
as rosas que seu rosto debuxava,
o descontentamento lhas secava,
que tudo muda ãa áspera mudança.

Gentil planta disposta em seca terra,
lindo fruto de dura mão colhido,
lembranças d'outro amor e fé perjura

tornaram verde prado em dura serra;
interesse enganoso, amor fingido
fizeram desditosa a fermosura.

Tomou-me vossa vista soberana
adonde tinha as armas mais à mão,
por mostrar que quem busca defesa
contra esses belos olhos, que se engana.

Por ficar da vitória mais ufana,
deixou-me armar primeiro da Razão;
cuidei de me salvar, mas foi em vão,
que contra o Céu não val defesa humana.

Mas porém se vos tinha prometido
o vosso alto destino esta vitória,
ser-vos tudo bem pouco está sabido;

que, posto que estivesse apercebido,
não levais de vencer-me grande glória:
maior a levo eu de ser vencido.

Tornai essa brancura à alva açucena,
e essa purpúrea cor às puras rosas;
tornai ao sol as chamas luminosas
dessa vista que a roubos vos condena.

Tornai à suavíssima sirena
dessa voz as cadências deleitosas;
tornai a graça às Graças, que queixosas
estão de a ter por vós menos serena.

Tornai à bela Vénus a beleza;
a Minerva o saber, o engenho e a arte;
e a pureza à castíssima Diana.

Despojai-vos de toda essa grandeza
de dões; e ficareis em toda a arte
convosco só, que é só ser inumana.

Transforma-se o amador na cousa amada,
por virtude do muito imaginar;
não tenho, logo, mais que desejar,
pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minh'alma transformada,
que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente pode descansar,
pois consigo tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semideia,
que, como um acidente em seu sujeito,
assi co a alma minha se conforma,

está no pensamento corno ideia:
o vivo e puro amor de que sou feito,
como a matéria simples, busca a forma.

Transunto sou, Senhora, neste engano,
e tratar dele comigo é escusado,
que mal pode de vós ser enganado
quem de outras como vós tem desengano.

Já sei que foi à custa de meu dano
que só no doce dar tendes cuidado;
mas pera como eu sou de vós julgado,
mui vãs são as esp'ranças deste ano,

Tratei grão tempo d' Amor, e daqui veio
conhecer o fingido facilmente,
que tal é, gentil Dama, o que mostrais.

De treslida caístes neste enleio;
querei de mim o que eu quiser boamente,
que no al a costa arriba caminhais.

Tu que descanso buscas com cuidado
neste mar do mundo tempestuoso
não esperes de achar nenhum repouso
senão em Cristo Jesus Crucificado.

Se por riquezas vives desvelado,
em Deus está o tesouro mais precioso;
se estás de fermosura desejoso,
se olhas este Senhor ficas namorado.

Se tu buscas deleites ou prazeres,
nele está o dulçor dos dulçores
que a todos nos deleita com vitória.

Se porventura glória ou honra queres,
que maior honra pode ser nem glória
que servir ao Senhor grande dos senhores?

Um firme coração posto em ventura,
um desejar honesto que se enjeite
de vossa condição, sem que respeite
a meu tão puro amor, a fé tão pura;

um ver-vos de piedade e de brandura
sempre inimiga faz-me que suspeite
se algũa hircana fera vos deu leite,
ou se nascestes de ãa pedra dura.

Ando buscando causa que desculpe
cruenza tão estranha; porém quanto
nisso trabalho mais, mais mal me trata;

donde vem que não há quem nos não culpe:
a vós, porque matais quem vos quer tanto;
a mim, por querer tanto a quem me mata.

Um mover d'olhos, brando e piadoso,
sem ver de quê; um riso brando e honesto,
quase forçado; um doce e humilde gesto,
de qualquer alegria duvidoso;

um despejo quieto e vergonhoso;
um repouso gravíssimo e modesto;
Õa pura bondade, manifesto
indício da alma, limpo e gracioso;

um encolhido ousar; Õa brandura;
um medo sem ter culpa; um ar sereno;
um longo e obediente sofrimento;

esta foi a celeste fermosura
da minha Circe, e o mágico veneno
que pôde transformar meu pensamento.

Vai-me gastando Amor e um pensamento
que me inclina a seguir meus próprios danos,
a esperança, o ser, o gosto e os anos,
que para mi são mil cada momento.

Os suspiros que em vão entrego ao vento
paga-mos quem mos causa em desenganos;
e, se quero fingir novos enganos,
não mos quer consentir o entendimento.

Se pretendo mostrar quanto padeço,
falta-me a voz, o alento e o sentido;
e a triste vida, não, porque a aborreço.

O peito em vivas chamas convertido,
enfim, mostre seu mal, pois já confesso
que nem dizer se pode nem ser crido.

Vencido está de Amor meu pensamento
o mais que pode ser vencida a vida,
sujeita a vos servir instituída,
oferecendo tudo a vosso intento.

Contente deste bem, louva o momento
ou hora em que se viu tão bem perdida;
mil vezes desejando a tal ferida
outra vez renovar seu perdimento.

Com essa pretensão está segura
a causa que me guia nesta empresa,
tão estranha, tão doce, honrosa e alta.

Jurando não seguir outra ventura,
votando só por vós rara firmeza,
ou ser no vosso amor achado em falta.

Ventana venturosa do amañece
qual resplandor d'Apolo el de mi dama,
abrasarte veja yo con una llama
de las con que mi alma resplandece.

Porque se ves el mal que se padece
y sientes el dolor que il pecho inflama
no dexas a mis ojos ver la rama
que dientro en mi con lagrimas florece.

Si no te mueve ya la pena mia,
muevate ver lo poco que se gana
de no dexar al alma su alegria.

Y pues lo sabes ya, cruda ventana,
antes que mi dolor descubra el dia,
dexame ver mi ninfa soberana.

Verdade, Amor, Razão, Merecimento
qualquer alma farão segura e forte;
porém, Fortuna, Caso, Tempo e Sorte
têm do confuso mundo o regimento.

Efeitos mil revolve o pensamento
e não sabe a que causa se reporte;
mas sabe que o que é mais que vida e morte,
que não o alcança humano entendimento.

Doctos varões darão razões subidas,
mas são experiências mais provadas,
e por isso é melhor ter muito visto.

Cousas há i que passam sem ser cridas
e cousas cridas há sem ser passadas,
mas o melhor de tudo é crer em Cristo.

Vi queixosos de Amor mil namorados,
e nenhũa huns inda vi com seus louvores;
e aquele que mais chora o mal de amores
veja menos fugir de seus cuidados.

Se das dores de Amor sois maltratados,
porque tanto buscais de Amor as dores?
E se também as tendes por favores,
porque delas falais como agravados?

Não queirais alegria achar algũa
no amor, porque é composto de tristeza
na fortuna que acheis mais agradável.

Nela e nele achei sempre a mesma Lũa,
em quem nunca se viu outra firmeza
que não seja a de ser sempre mudável.

A D. Leonis Pereira

Vós, Ninfas da gangética espessura,
cantai suavemente, em voz sonora,
um grande Capitão, que a roxa Aurora
dos filhos defendeu da noite escura.

Ajuntou-se a caterva negra e dura,
que na áurea Quersoneso afouta mora,
para lançar do caro ninho fora
aqueles que mais podem que a ventura.

Mas um forte Leão, com pouca gente,
a multidão tão fera como nécia
destruindo castiga e torna fraca.

Pois, ó Ninfa, cantai; que claramente
mais do que fez Leónidas em Grécia,
o nobre Leonis fez em Malaca.

Vós outros, que buscais repouso certo
Na vida, com diversos exercícios;
A quem, vendo do mundo os benefícios,
O regimento seu está encoberto;

Dedicaí, se quereis, ao desconcerto
Novas honras e cegos sacrifícios;
Que, por castigo igual de antigos vícios,
Quer Deus que andem as cousas por acerto.

Não caiu neste modo de castigo
Quem pôs culpa à Fortuna, quem somente
Crê que acontecimentos há no mundo.

A grande experiência é grão perigo;
Mas o que a Deus é justo e evidente
Parece injusto aos homens e profundo.

Vós que, de olhos suaves e serenos,
com justa causa a vida cativais,
e que os outros cuidados condenais
por indevidos, baixos e pequenos;

se ainda do Amor domésticos venenos
nunca provastes, quero que saibais
que é tanto mais o amor depois que amais,
quanto são mais as causas de ser menos.

E não cuide ninguém que algum defeito,
quando na cousa amada se apresenta,
possa diminuir o amor perfeito.

Antes o dobra mais e, se atormenta,
pouco e pouco o desculpa o brando peito;
que Amor com seus contrairos se acrescenta.

Vós só podeis, Sagrado Evangelista,
angélico abrasado Serafim,
e na ciência mais alto Querubim
do que é mais sábio Amor ser Coronista.

Divina e real Águia, cuja vista
viu o que é sem princípio, o que é sem fim;
de Jacob mais querido Benjamim,
quem mais campeia de Josefina lista.

Apóstolo e profeta e patriarca,
ao Príncipe dos Céus o mais aceito,
que em seu seio dormindo então mais via,

a quem o mesmo Deus por irmão marca,
quem por filho da Mãe única feito,
em corpo e alma goza o claro dia.

Vossos olhos, Senhora, que competem
co Sol em fermosura e claridade,
enchem os meus de tal suavidade
que em lágrimas, de vê-los, se derretem.

Meus sentidos vencidos se sometem
assi cegos a tanta divindade
e da triste prisão, da escuridade,
cheios de medo, por fugir remetem.

Mas se nisto me vedes, por acerto,
o áspero desprezo, com que olhais,
torna a espertar a alma enfraquecida.

Ó gentil cura e estranho desconcerto!
Que fará o favor que vós não dais,
quando o vosso desprezo torna a vida?

Ôa admirável erva se conhece
que vai ao Sol seguindo, de hora em hora,
logo que ele do Eufrates se vê fora,
e, quando está mais alto, então floresce.

Mas, quando ao Oceano o carro dece,
toda a sua beleza perde Flora,
porque ela se emurchece e se descora;
tanto coa luz ausente se entristece!

Meu Sol, quando alegrais esta alma vossa,
mostrando-lhe esse rosto que dá vida,
cria flores em seu contentamento.

Mas logo em não vos vendo, entristecida,
se murcha e se consume em grão tormento.
Nem há quem vossa ausência sofrer possa.

Outros poemas

A Aónio, que de amor solto fugia,
a bela Galateia em vão chamava,
e «Aónio! Aónio!» o eco respondia.

E agora consigo só falava,
ora co mar, ora coa triste sorte,
ora co Tejo, onde chorando estava:

«Pois me não ouve Aónio em mal tão forte,
ouvi, ondas, a propriedade que imitava
a causa por que estou chorando a morte;

que a troco de amor puro e de verdade
- quem haverá no mundo que isto creia? -
me deixa em pranto e triste saudade.

Dizia-me: ó cruel minha Galateia,
primeiro que eu deixe o vosso Tejo,
tornará atrás co curso a rica areia.

Mas ai, triste de mim, que ainda vejo,
como dantes, levar ao Oceano
e a ti não, que é só o que desejo!

Se com quem te deu a alma usaste engano,
ingrato quem espera de ti já agora
tirar nunca senão vergonha e dano?

Vás-te cruel, da pátria fora
por esse mar entregue ao fero vento,
fugindo de quem te ama e quem te adora?

E deixas assim só isento
esta pura corrente, este tranquilo
e sossegado porto ao fresco vento,

onde move um som com suave estilo
sem sobressaltos da aurora peregrina
a vontade de quem cá quer ouvi-lo?

E se a rogos mortais o Céu inclina,
peço-lhe que o mar te traga e ponha espanto,
vingando-me da fé falsa e malina,

por que a ninguém tão puro, honesto e santo
Amor deixar não queira, antes procure
louvá-lo com suave e amoroso canto;

por que não haja alguém que se assegure
a buscar por o mar injusto e fero
empregos em que a vida se aventure.

Mas sem ventura, ai! para que quero
a morte ver daquele ingrato e duro,
se dele já ter bem não espero?

Seja-lhe sempre o Céu sereno e puro;
o mar, o vento brando, a sorte amiga,
o porto que tomar firme e seguro,

para que nunca mais alguém não diga
que minhas cousas foram causa ou parte
de ser-lhe irado o Céu, Fortuna imiga.

Oh, quão suave tu em toda parte
possas correr co Céu doce e brando
levaste este que me leva a melhor parte;

que eu por a sombra, por a luz passando,
ficarei sempre em minha dura sorte,
sem descansar uma hora suspirando:
ou veja Aónio ou veja a dura morte.

A culpa de meu mal só têm meus olhos
pois que deram a Amor entrada na alma,
para que perdesse eu a liberdade.
Mas quem pode fugir a ãa brandura
que, depois de vos pôr em tantos males,
dá por bens o perder por ela a vida?

Assaz de pouco faz quem perde a vida
por condição tão dura e brandos olhos,
pois se tal qualidade são meus males
que o mais pequeno deles toca na alma.
Não se engane com mostras de brandura
quem quiser conservar a liberdade.

Roubadora é de toda liberdade
— e oxalá perdoasse à triste vida! —
esta que o falso amor chama brandura.
Ai, meus antes imigos que meus olhos!
Que mal vos tinha feito esta vossa alma,
para vós lhe fazerdes tantos males?

Creçam de dia em dia embora os males;
perca-se embora a antiga liberdade;
transforme-se em amor esta triste alma;
padeça embora esta inocente vida;
que bem me pagam tudo estes meus olhos
quando de outros, se os veem, veem a brandura.

Mas como neles pode haver brandura,
se causadores são de tantos males?
Engano foi de Amor, por que meus olhos
dessem por bem perdida a liberdade.
Já não tenho que dar senão a vida,
se a vida já não deu quem já deu a alma.

Que pode já esperar quem a sua alma

cativa eterna fez de uma brandura
que, quando vos dá morte, diz que é vida?
Forçado me é gritar nestes meus males,
olhos meus, pois por vós a liberdade
perdi; de vós me queixarei, meus olhos.

Chorai, meus olhos, sempre danos da alma,
pois dais a liberdade a tal brandura
que, para dar mais males, dá mais vida.

MOTE ALHEIO

A dor que a minh' alma sente
não na sabe toda a gente.

VOLTAS

Que estranho caso de amor,
que desejado tormento,
que venho a ser avarento
das dores de minha dor!
Por me não tratar pior,
se se sabe ou se se sente,
não na digo a toda a gente.

Minha dor e causa dela
de ninguém ousar fiar,
que seria aventurar
a perder-me ou a perdê-la.
E pois só com padecê-la
a minha alma está contente,
não quero que a saiba a gente.

Ande no peito escondida,
dentro n'alma sepultada;
de mim só seja chorada,
de ninguém seja sentida.
Ou me mate ou me dê vida,
ou viva triste ou contente,
não ma saiba toda a gente.

A instabilidade da Fortuna,
os enganos suaves de Amor cego,
— suaves, se duraram longamente —,
darei, por dar a vida algum sossego;
que pois a grave pena me importuna,
importune meu canto a toda a gente.
E se o passado bem co mal presente
me endurece a voz no peito frio,
o grande desvario
dará de minha pena sinal certo;
que um erro, em tantos erros, e concerto.
E pois nesta verdade me confio
— se verdade se achar no mal que digo —,
saiba o mundo de Amor o desconcerto,
que já co a Razão se fez amigo,
só por não deixar culpa sem castigo.

Já Amor fez leis, sem ter comigo algũa;
já se tornou, de cego, arrazoadado,
só por usar comigo sem-razões.
E se em algũa cousa o tenho errado,
com siso grande dor não vi nem,
nem ele deu sem erros afeições.
Mas, por usar de suas isenções,
buscou fingidas causas por matar-me;
que, para derrubar-me
no abismo infernal de meu tormento,
não foi soberbo nunca o pensamento,
nem pretende mais alto alevantar-me
daquilo que ele quis; e se ele ordena
que eu pague seu ousado atrevimento,
saiba que o mesmo Amor, que me condena,
me fez cair na culpa e mais na pena.

Os olhos que eu adoro, aquele dia
que descaram ao baixo pensamento,

n' alma os aposentei suavemente;
e pretendendo mais, como avarento,
o coração lhe dei por iguaria,
que a meu mandado tinha obediente.
Porém como ante si lhe foi presente
que entenderam o fim de meu desejo,
ou por outro despejo,
que a língua descobriu por desvario,
de sede morto estou posto num rio,
onde de meu serviço o fruto vejo;
mas logo se alça, se a colhê-lo venho,
e foge-me a água, se beber porfio.
Assi que em fome e sede me mantenho:
não tem Tântalo a pena que eu sustenho.

Depois que aquela em quem minh' alma vive
quis alcançar o baixo atrevimento,
debaixo deste engano a alcancei:
a nuvem do contino pensamento
ma afigurou nos braços, e assi a tive,
sonhando o que acordado desejei.
Porque a meu desejo me gabei
de alcançar um bem de tanto preço,
além do que padeço,
atado em ãa roda estou penando,
que em mil mudanças me anda rodeando,
onde, se a algum bem subo, logo deço.
E assi ganho e perco a confiança;
e assi de mi fugindo, trás mi ando;
e assi me tem atado ãa vingança,
como Ixião, tão firme na mudança.

Quando a vista suave e inumana
meu humano desejo, de atrevido,
cometeu, sem saber o que fazia,
que de sua beleza foi nacido,

o cego Moço que, coa seta insana,
o pecado vingou desta ousadia,
e afora este mal que eu merecia,
me deu outra maneira de tormento:
que nunca o pensamento,
que sempre voa dũa a outra parte,
destas entranhas tristes não se farte,
imaginando sobre o famulento,
quanto mais come, mais está crescendo,
por que de atormentar-me não se aparte.
Assi que para a pena estou vivendo,
sou outro novo Tício, e não me entendo.

De vontades alheias, que roubava,
e que enganosamente recolhia
em meu fingido peito, me mantinha.
De maneira o engano lhe fingia
que, depois que a meu mando as sojugava,
com amor as matava, que eu não tinha.
Porém, logo o castigo que convinha
o vingativo Amor me fez sentir,
fazendo-me subir
ao monte da aspereza que em vós vejo,
co pesado penedo do desejo,
que do cume do bem me vai cair.
Torno a subi-lo ao desejado assento;
torna a cair-me; embalde, enfim, pelejo.
Não te espantes, Sísifo, deste alento,
que às costas o subi do sofrimento.

Dest'arte o sumo bem se me oferece
ao faminto desejo, por que sinta
a perda de perdê-lo mais penosa.
Como o avaro a quem o sonho pinta
achar tesouro grande, onde enriquece
e farta sua sede cobiçosa

e, acordando, com fúria pressurosa
vai cavar o lugar onde sonhava,
mas tudo o que buscava
lhe converte em carvão a desventura;
ali sua cobiça mais se apura,
por lhe faltar aquilo que esperava;
dest'arte Amor me faz perder o siso.
Porque aqueles, que estão na noite escura,
nunca sentirão tanto o triste abiso,
se ignorarem o bem do Paraíso.

Canção, não mais, que já não sei que digo;
mas por que a dor me seja menos forte,
diga o pregão a causa desta morte.

A ãa dama que se chamava ana.

MOTE

A morte, pois que sou vosso,
não na quero; mas se vem,
há de ser todo o meu bem.

GLOSA

Amor, que em meu pensamento
com tanta fé se fundou,
me tem dado um regimento
que, quando vir meu tormento,
me salve com cujo sou.
E com esta defesa,
com que tudo vencer posso,
diz a causa ao coração:
não tem em mim jurisdição
a morte, pois que sou vosso.
Por experimentar um dia
Amor se m' achava forte
nesta fé, como dizia,
me convidou com a morte,
só por ver se a tomaria.
E como ele seja a cousa
onde está todo meu bem,
respondi-lhe como quem
quer dizer mais e não ousa:
não a quero, mas se vem...
Não disse mais, porque então
entendeu quanto me toca.
E se tinha dito o não...
muitas vezes diz a boca
o que nega o coração.
Toda a cousa defendida

em mais estima se tem:
por isso é cousa sabida
que perder por vós a vida
há de ser todo meu bem.

À PAIXÃO DE CRISTO NOSSO SENHOR

Se quando contemplamos as secretas
causas, por que o mundo se sustenta,
o revolver dos céus e dos planetas;
causas, por que o mundo se sustenta,
o revolver dos céus e dos planetas;

e se quando a memória se apresenta
este curso do sol, que é tão medido
que um ponto só não mingua nem se aumenta;

aquele efeito, tarde conhecido,
da Lua, em ser mudável tão constante
que minguar e crescer é seu partido;

aquela natureza tão possante
dos céus, que tão conformes e contrários
caminham, sem parar um breve instante;

aqueles movimentos ordinários,
a que responde o tempo, que não mente,
cos efeitos da terra necessários;

se quando, enfim, revolve sutilmente
tantas cousas a leve fantasia,
sagaz, escrutadora e diligente;

vê bem, se da razão só não desvia,
o altíssimo Ser, puro e divino,
que tudo pode, manda, move e cria;

sem fim e sem começo, um ser contínuo;
um Padre grande, a quem tudo é possível,
por mais árduo que seja ao homem indolente;

um saber infinito, incompreensível;
ũa verdade que nas cousas anda,
que mora no visível e invisível.

Esta potência, enfim, que tudo manda,
esta causa das causas, revestida
foi desta nossa carne miseranda.

Do amor e da justiça compelida,
polos erros da gente, em mãos da gente
– como se Deus não fosse – perde a vida.

o cristão descuidado e negligente,
pondera isto que digo, repousado;
não passes por aqui tão levemente.

Não, que aquele Deus alto incriado,
Senhor das cousas todas, que fundou
o céu, a terra, o fogo e o mar irado,

não do confuso caos, como cuidou
a falsa teologia e povo escuro,
que nesta só verdade tanto errou;

não dos átomos falsos de Epicuro;
não do largo oceano, como Tales,
mas só do pensamento casto e puro.

Olha, animal humano, quanto vales,
que por ti este grande Deus padece
novo modo de morte, novos males.

Olha que o sol no Olimpo se escurece,
não por oposição doutro planeta,
mas só porque virtude lhe falece.

Não vês que a grande máquina inquieta
do mundo se desfaz toda em tristeza,
e não por natural causa secreta?

Não vês como se perde a natureza;
o ar se turba; o mar, batendo, geme,
desfazendo das pedras a dureza?

Não vês que os montes caem, a terra treme
e que, até na remota e grande Atenas
o sábio Dionísio sente e teme?

Ó sumo Deus, tu mesmo te condenas,
polo mal em que eu só sou tão culpado,
a tamanhas afrontas, tantas penas!

Por mim, Senhor, no mundo reputado
por falso e por quebrantador da lei,
a fama a ti se põe de meu pecado.

eu, Senhor, sou ladrão; tu, sumo Rei;
eu, só, furtei; tu, com ladrões padeces;
a pena a ti se dá do que eu pequei.

Eu, servo sem valor; tu, sumo preço,
em preço vil te pões, por me tirares
do cativo eterno, que mereço.

Eu, por perder-te; e tu, por me ganhares,
te dás aos homens baixos, que te vendem,
só para os homens presos resgatares.

A ti, que as almas soltas, a ti prendem;
a ti, sumo Juiz, ante juízes
te acusam, polo error dos que te ofendem.

Chamam-te malfeitor, não contradizes;
sendo tu dos profetas a certeza,
dizem que quem te fere profetizes.

Riem-se de ti; tu choras a crueza
que sobre eles virá. A gente dura,
por quem tu vens ao mundo, te despreza.

O teu rosto, de cuja fermosura
se veste o céu e o sol resplandecente,
diante de quem muda está a Natura,

com cruas bofetadas da vil gente,
de precioso sangue está banhado
cuspido, arrepelado cruelmente.

Aquele corpo tenro e delicado,
sobre todos os santos sacrossanto,
de açoutes rigorosos flagelado;

depois coberto mal de um pobre manto,
que se pegava às carnes magoadas,
para dobrar-lhe as dores outro tanto.

Magoavam-no as chagas não curadas,
um tormento causando-lhe, excessivo,
ao despir pelas mãos cruéis e iradas.

As santíssimas barbas de Deus vivo,
de resplendor ornadas, lhe arrancavam,
para desempenhar Adão cativo.

Com cordas pelas ruas o levavam,
levando sobre os ombros o troféu
das vitórias que as almas alcançavam.

e tu que passas, homem cireneu,
ajuda um pouco este Homem verdadeiro,
que agora como humano enfraqueceu!

Olha que o corpo, aflito do marteiro
e dos longos jejuns debilitado,
não pode já co peso do madeiro.

Oh! Não enfraqueçais, Deus encarnado!
Essas quedas, que tanto vos magoam,
suportai, Cavaleiro sublimado!

Que aquelas altas vozes que lá soam,
dos padres são que estão no Limbo escuro,
que já de louro e palma vos coroam.

Todos vos bradam que subais ao muro
da cidade infernal, e que arvoreis
em cima essa bandeira mui seguro.

Oh Santos Padres, não vos apresseis,
que muito mais a Deus que a vós custaram
essas duras prisões em que jazeis!

Aquelas mãos, que o mundo edificaram,
aqueles pés, que pisam as estrelas,
com duríssimos pregos se encravaram.

Mas qual será a pessoa, que as querelas
da angustiada Virgem contemplasse,
que não se mova a dor e a mágoa delas,

e que dos olhos seus não estilasse
tanta cópia de lágrimas ardentes
que carreiras no rosto assinalasse?

Oh! Quem lhe vira os olhos refulgentes
desfazendo-se em lágrimas, regando
aquelas belas faces excelentes!

Quem a vira cos gritos ir tocando
as estrelas, a quem responde o Céu,
cos acentos dos Anjos retumbando!

Quem vira quando o claro rosto ergueu
a ver o Filho, que na Cruz pendia,
donde a nossa saúde descendeu!

Que mágoas tão chorosas que diria!
Que palavras tão míseras e tristes
para o Céu, para a gente espalharia!

Pois que seria, Virgem, quando vistes
com fel nojoso e com vinagre amaro
matar a sede ao Filho que paristes?

Não era este o licor suave e claro
que, para o confortar, então daríeis
a quem vos era, mais que a vida, caro.

Como, Virgem Senhora, não corriéis
a dar tetas puras ao Cordeiro
que padecer na Cruz com sede víeis?

Não só era esse, Senhora, o verdadeiro
poto, que vosso Filho desejava,
morrendo polo mundo num madeiro;

mas era a salvação, que ali ganhava
para o mísero Adão, que ali bebia
na fonte, que do peito lhe manava.

Pois, ó pura e Santíssima Maria,
que enfim sentistes esta mágoa, quanto
a gravidade dela o requeria;

dessa Fonte sagrada e peito santo
me alcançai ãa gota, com que lave
a culpa, que me agrava e pesa tanto.

Do licor salutífero e suave
me abrangei, com que mate a sede dura
deste mundo tão cego, torpe e grave.

Assi, Senhora, toda a criatura
que vive e viverá, que não conhece
a Lei do vosso Filho, santa e pura;

o falsíssimo herege, que carece
da graça, e com danado e falso esprito
perturba a Santa Igreja, que floresce;

o povo pertinaz, no antigo rito,
que só o desterro seu, que tanto dura,
lhe diz que é pena igual ao seu delito;

o torpe Ismaelita, que mistura
as leis, e com preceitos viciosos
na terra estende a seita falsa, impura;

os idólatras maus, supersticiosos,
vários de opiniões e de costume,
levados de conceitos fabulosos;

as mais remotas gentes, onde o lume
da nossa fé não chega, nem que tenham
religião algũa se presume;

assi todos, enfim, Senhora, venham
confessar um só Deus crucificado,
e por nenhum respeito se detenham.

Mas de todos o vício já passado,
o Seu nome co vosso, neste dia,
seja por todo mundo celebrado;
e respondam os Céus: JESUS, MARIA.

A quem darão de Pindo as moradoras,
tão doudas como belas,
florescentes capelas
do triunfante louro ou mirto verde,
da gloriosa palma, que não perde
a presunção sublime,
nem por força do peso algum se oprime?

A quem trarão na fralda delicada
rosas a roxa Clóris,
conchas a branca Dóris;
estas, flores do mar, da terra aquelas,
argênteas, ruivas, brancas e amarelas,
com danças e coreias
de formosas Nereidas e Napeias?

A quem farão os hinos, odes, cantos,
em Tebas Anfion,
em Lesbos Arion,
senão a vós, por quem restituída
se vê da Poesia já perdida
a honra e glória igual,
Senhor Dom Manuel de Portugal?

Imitando os espíritos já passados,
gentis, altos, reais,
honra benigna dais
a meu tão baixo quão zeloso engenho.
Por Mecenas a vós celebro e tenho;
e sacro o nome vosso
farei, se alguma cousa em verso posso.

O rudo canto meu, que ressuscita
as honras sepultadas,
as palmas já passadas
dos belicosos nossos Lusitanos,

para tesouro dos futuros anos,
convosco se defende
da lei leteia, à qual tudo se rende.

Na vossa árvore, ornada de honra e glória,
achou tronco excelente
a hera florecente
para a minha, até aqui de baixa estima,
na qual, para trepar, se encosta e arrima;
e nela subireis
tão alto quanto aos ramos estendeis.

Sempre foram engenhos peregrinos
da Fortuna envejados;
que, quanto levantados
por um braço nas asas são da Fama,
tanto por outro a sorte, que os desama,
co peso e gravidade
os oprime da vil necessidade.

Mas altos corações, dignos de império,
que vencem a Fortuna,
foram sempre coluna
da ciência gentil: Octaviano,
Cipião, Alexandre e Graciano,
que vemos imortais:
e vós, que nosso século dourais.

Pois logo, enquanto a cítara sonora
se estimar pelo mundo,
com som douto e jucundo,
e enquanto produzir o Tejo e o Douro
peitos de Marte e Febo crespo e louro,
tereis glória imortal,
Senhor Dom Manuel de Portugal.

PROSSEGUINDO A PASSADA, A D. ANTÓNIO DE NORONHA.

A quem darei queixumes namorados
do meu pastor queixoso namorado:
a branda voz, suspiros magoados,
a causa por que na alma é magoado?
De quem serão seus males consolados?
Quem lhe fará devido gasalhado?
Por partes mil lançando a fantasia,
busquei na terra estrela que guiasse.

Só vós, Senhor, fermoso e excelente,
especial em graças entre a gente
meus rudos versos; em cuja companhia
a santa piadade sempre andasse,
luzente e clara, como a luz do dia,
que o rude engenho meu me alumiasse;
em vossas perfeições, grão Senhor, vejo,
cumprido inda além o meu desejo.

A vós se deem, a quem junto se há dado
brandura, mansidão, engenho e arte,
dum espírito divino acompanhado,
dos sobre-humanos um em toda a parte.
Em vós as graças todas se hão juntado;
de vós em outras partes se reparte;
sois claro raio, sois ardente chama,
glória e louvor do tempo, asas da fama.

Enquanto aparelho um novo espírito,
e voz de cisne tal que o mundo espante,
com que de vós, senhor, em alto grito
louvores mil em toda a parte cante,
ouvi o canto agreste em tronco escrito,
entre vacas e gado petulante;

que, quando tempo for, em melhor modo
por vós me ouvirá o mundo todo.

As vãs querelas, brandas e amorosas,
sejam de vós tratadas brandamente;
verdades d'alma pouco venturosas,
saídas com suspiro vivo e ardente,
que em vossas mãos se entregam valerosas,
para depois viverem entre a gente,
chorando sempre a antiga crueldade,
e os corações moverem a piadade.

Já declinava o sol contra o Oriente,
e o mais do dia já era passado,
quando o pastor, co grave mal que sente,
por dar alívio em parte a seu cuidado,
se queixa da pastora docemente,
cuidando de ninguém ser escutado.
Eu, que o ouvi d'ũa árvore, escrevia
as mágoas que cantou; e assi dizia:

«Ou tu do monte Píndaso és nascida,
ou mármore te pariu, fermosa e dura:
que não pode ser seja concebida
dureza tal de humana criatura;
ou és quiçais em pedra convertida,
ou tens de natureza tal ventura;
porém não fez em ti boa impressão
tomar-te só de mármore o coração.

Já esta minha voz rouca e chorosa
a gente mais remota moveria,
e se tocasse a veia lacrimosa
os tigres em Hircânia amansaria.
Se não foras cruel, quando fermosa,
meu longo suspirar te abrandaria;

mas suspirar por ti e bem querer-te
que fazem, senão mais endurecer-te?

Se deixaras vencer a crueldade
de tua tão perfeita fermosura,
um pouco viras bem minha vontade,
e viras esta fé tão limpa e pura,
porventura que houveras piadade
e tivera eu quiçais melhor ventura.
Mas nunca achei melhor tua beleza,
senão com ver-se em ti tua dureza.

Já um peito abrandara que não sente
meu duro e grave mal, segundo é forte;
se decera ao inferno fero e ardente
movera a piadade a mesma morte.
Se ãa gota de água brandamente
abrandá um penedo duro e forte,
como lágrimas tantas não farão
um pequeno sinal num coração?

Na testa tenho ãa fonte viva d' água,
que por meus olhos tristes se derrame;
no peito está de fogo na viva frágua,
que tudo em si converte e tudo inflama;
Amor, ao derredor, por maior mágoa,
voando, mais acende a ardente chama.
E, se qués ver se ardentes são seus tiros,
olha se são ardentes meus suspiros.

Quando rumor algum grande se sente,
que se acende fogo em casa, ou torre,
de pura compaixão vai toda a gente
gritando: «Água ao fogo!» »e cada um corre;
assi anda meu peito em chama ardente,
e coa água dos olhos se socorre;

que quem me abrasa outra água me defende,
porque com esta o fogo mais se acende.

Quando o sol sai lá no Oriente
o seu antigo curso começando,
fermoso, intenso, puro e refulgente,
o monte, campo, mar, tudo alegrando;
quando de nós se esconde no ponente,
e noutras terras sai, alumando;
sempre, enquanto dá ao mundo giro,
por ti meus olhos choram e eu suspiro.

Caminha o dia todo o caminhante,
vem, acabado, a noite em que descansa;
trabalha na tormenta o mareante,
goza o dia sereno e de bonança;
recobra o ano fértil e abundante
na terra o lavrador, se nela cansa:
mas eu, de meu trabalho e mal tão forte,
tormento espero, enfim, e crua morte.

Co ouvir meu mal, as rosas matutinas,
de dó de mim, se cerram e emurhecem;
co meu suspiro ardente, as cores finas
perdem o cravo e lírio, e não florescem.
Coa roxa aurora, as pálidas boninas,
em vez de se alegrarem, se entristecem;
deixa seu canto Progne e Filomena;
que mais lhe dói que a sua a minha pena.

Responde o monte côncavo a meus ais,
e tu, como áspide, cerras-lhe o ouvido;
as árvores do campo, os animais,
mostram sentir meu mal sem ter sentido;
e a ti, as minhas dores desiguais
não movem esse peito endurecido.

Por mais e mais que chamo, não respondes,
e quanto mais te busco, mais te escondes.

Naquela parte adonde costumavas
apacentar teus olhos e teu gado,
ali, onde mil vezes me mostravas
ser eu de ti o pasto desejado,
mil vezes te busquei por ver se davas
ainda algum descanso a meu cuidado.
No campo em vão te busco, e busco o monte,
qual o ferido cervo busca a fonte.

Este lugar de ti desamparado,
com cujas sombras frias já folgaste,
agora triste e escuro e já tornado;
que todo o bem contigo nos levaste.
Tu eras nosso sol mais desejado;
não temos luz depois que nos deixaste.
Toma, meu claro sol! Vem já, meu bem!
Qual é o Josué que te detém?

Depois que deste vale te apartaste,
não paze o branco gado, com secura;
secou-se o campo dês que lhe negaste
dos teus fermosos olhos a luz pura;
secou-se a fonte donde já te olhaste,
quando melhor que agora, áspera e dura.
Nega, sem ti, a terra dando gritos,
pasto às cabras e leite aos cabritos.

Sem ti, doce cruel minha inimiga,
a clara luz escura me parece;
este ribeiro, quando Amor me obriga,
com meu chorar por ti contínuo crece.
Não há fera que a fome não persiga,
nem o campo sem ti já não floresce;

cegos estão meus olhos, já não veem,
pois que não podem ver meu claro bem.

O campo, como de antes, não se esmalta
de bobinas azuis, brancas, vermelhas;
não chove ao pasto já, que há de água falta;
as mansas e pacíficas ovelhas
sem ti perecem e o Céu também lhes falta;
não acham flor as melíferas abelhas;
com lágrimas que manam dos meus olhos
produze a terra já ásperos abrolhos.

Torna pois já, pastora, a este prado,
e restituirás esta alegria;
alegrarás o monte, o campo, o gado,
alegrarás também a fonte fria.
Torna, vem já, meu sol tão desejado,
faze esta noite escura em claro dia;
e alegre já esta magoada vida,
toda em tua ausência consumida.

Vem, como quando o raio eminente
do nosso horizonte que, escondido,
deixa um certo temor à mortal gente,
que causa ver o orbe escurecido;
e quando torna a vir, claro e luzente,
alegra o mundo todo entristecido.
Assi é para mim tua luz pura
claro sol; e, ausente, noite escura.

Tu, esquecida já do bem passado e
e do primeiro amor que me mostraste,
teu coração de mim tens apartado,
e o lugar também desamparaste.
Não te quero eu a ti mais que a meu gado?
Não sou eu mesmo aquele que tu amaste?

Pois onde mereci tão grão desvio?
Ouve-me, pois me vês já morto e frio.

Bem vês que por Amor se move tudo,
e não há quem de Amor se veja isento:
o animal mais simples, baixo e rudo;
o de mais levantado pensamento;
até debaixo de água o peixe mudo,
lá tem d'Amor também seu movimento;
a ave, que no ar cantando voa
e também por outra ave se afeiçoa.

A música do leve passarinho,
que sem concerto algum solta e derrama,
saltando de raminho em raminho,
cantando com amor suspira e chama,
'té achar no amado e doce ninho
aquele a quem busca e a quem ama,
descansa do trabalho que tomara
tendo se seu descanso em quem achara.

A fera que é mais fera, e o leão
sempre acha outro leão, e outra fera,
em que possa empregar ãa afeição
que lhe a conversação no peito gera;
também sabe sentir sua paixão,
também suspira, morre e desespera,
acena, salta, brada, ferve e geme
e, não temendo nada; Amor só teme.

O cervo que, escondido e emboscado,
temendo o cobiçoso caçador,
está na selva, monte, bosque ou prado,
ali onde está e vive, vive amor.
De amor e de temor acompanhado,
com justa causa, amor tem e temor:

temor de quem ali feri-lo vinha;
e amor a quem já ferido o tinha.

Se o animal insensível, que não sente,
também sente de amor a frecha dura,
porque te não abrandas o fogo ardente,
que procede de tua fermosura?
Porque escondes a luz do sol a gente,
que nesses olhos trazes, bela e pura,
mais bela, mais suave e mais fermosa
que o lírio, o jasmim, o cravo, a rosa?

Pode ser, se me viras, que sentiras
ver desfazer um peito em triste pranto;
e bem pouco fizeras, se me viras,
já que eu só por te ver, suspiro tanto.
As mágoas e suspiros que me ouviras
te puderam mover a grande espanto,
a dor, a piadade, a sentimento;
e mais, que para mim é meu tormento.

Os pensamentos vãos, que o vento leve;
o suspirar em vão também ao vento;
o esperar a calma, a chuva, a neve,
e não te poder ver em só momento,
tormento é que somente a ti se deve.
E se pode inda haver maior tormento,
quem te viu e se vê de si ausente,
muito mais passará mais levemente.

Faz nossa a pedra dura em sua dureza
coa água que lhe toca brandamente;
abrandas o ferro forte a fortaleza,
se lhe toca também o fogo ardente;
só em ti não conheço a natureza,
que a ser de pedra, ferro, ou de serpente,

já teu peito cruel fora desfeito
do fogo e das lágrimas que deito.

Quando a fermosa Aurora mostra a fronte,
alegra toda a terra, vendo o dia;
quando Febo aparece no horizonte,
manifesta também grande alegria;
contente como o gado ao pé do monte,
alegre vai beber a fonte fria.
Tudo contente está, alegre tudo;
eu só, só, pensativo, triste e mudo.

Se da alma e do corpo tens a palma,
e do corpo sem alma não tens dó,
há dó do corpo só, que está sem alma,
pois sem alma não vive o corpo só.
Na chama, no ardor, no fogo e calma,
na afeição, no querer eu sou um só;
não acharás vontade mais cativa;
nem outra como a tua tão esquiva.

Se te apartas por não ouvir meu rogo,
onde estiveres te hei de importunar;
posto que vá por água, ferro ou fogo,
contigo em toda a parte me hás de achar;
que a chama que me abrasa é de tal fogo
que, enquanto eu vivo for, há de durar;
e o nó que me tem preso é de tal sorte
que não se há de soltar em vida ou morte.

Neste meu coração sempre estarás
enquanto a alma estiver com ele unida;
meu espírito também possuirás,
despois que a alma do corpo for partida;
por mais e mais que faças, não farás
que não te ame nesta e na outra vida.

Impossível será que, eternamente,
estês de mim ausente, estando ausente.

Cá me acompanhará tua memória,
se o rio que se diz do esquecimento
da minha não borrar tão longa história,
tão grave mal, tão duro apartamento.
Até que eu te veja entrar na glória
viverei num contínuo sentimento;
inda então será — se isto ser possa —
servir esta alma minha lá a vossa».

Aqui, com grave dor, com triste acento,
deu o triste pastor fim a seu canto;
co rosto baixo, e alto o pensamento,
seus olhos começaram novo pranto;
mil vezes fez parar no ar o vento
e apiadou no Céu o coro santo;
as circunstâncias selvas se abaixaram
de dó das tristes mágoas que escutaram.

Com ãa mão na face, e encostado,
em sua dor tão enlevado estava
que, como em grave sono sepultado,
não viu o sol que já no mar entrava.
Berrando anda em roda o manso gado,
que o seguro curral já desejava;
nas covas as raposas, e em seus ninhos
se recolhem os simples passarinhos.

Já sobre um seco ramo estava posto
o mocho co funesto e triste pranto,
a cujo som o pastor ergueu o rosto
e viu a terra envolta em negro manto.
Quebrando então o fio a seu gosto,
mas não quebrando o fio a seu pranto,

para melhor cuidar em seu cuidado,
levou para os currais o manso gado.

Ao Duque de Aveiro

ALICUTO, pescador; AGRÁRIO, pastor

A rústica contenda desusada
entre as Musas dos bosques, das areias,
de seus rudos cultores modulada

— a cujo som, atónitas e alheias,
do monte as brancas vacas estiveram
e do rio as saxáteis lampreias —,

desejo de cantar; que se moveram
os troncos e as avenas dos pastores,
e os silvestres brutos suspenderam.

Não menos o cantar dos pescadores
as ondas amansou do alto pego,
e fez ouvir os mudos nadadores.

E se, por sustentar-se, o Moço cego
nos trabalhos agrestes a alma inflama,
o que é mais próprio no ócio e no sossego,

mais maravilhas dando a voz da fama,
no mesmo mar undoso e vento feio
brasas roxas acende a roxa flama.

Vós, ó ramo de um tronco alto e sombrio,
cuja frondente coma já cobriu
de Luso todo o gado e senhorio,

e cujo são madeiro já saiu
a lançar a forçosa e larga rede
no mais remoto mar que o mundo viu;

e vós, cujo valor tão alto excede
que cantá-lo em voz alta e divina
a fonte de Parnaso move a sede;

ouvi da minha humilde sanfonina
a harmonia que vós alevantais
tanto, que de vós mesmo a fazeis dina.

E se, agora que afábil me escutais,
não ouvirdes cantar com alta tuba
o que vos deve o mundo que dourais;

se os Reis avós vossos, que de Juba
os reinos devastaram, não ouvís
que nas asas do verso excelso suba;

se não sabem as frautas pastoris
pintar de Toro os campos, semeados
de armas, corpos fortes e gentis,

por um moço animoso sustentados
contra o índomo pai de toda Espanha,
contra a Fortuna vã e injustos Fados;

um moço, cujo esforço, ânimo e manha
fez decer do Olimpo o duro Marte
e dar-lhe a quinta esfera, que acompanha;

se não sabem cantar a menos parte
do sapiente peito e grão conselho
que pôde, ó Reino ilustre, descansar-te;

peito que o douto Apolo fez, vermelho,
deixar o sacro Monte, e as Nove irmãs
diz que a ele se afeitem, como a espelho:

saberão só cantar as suas vãs
contendas de Alicuto vil e Agrário,
um de escamas coberto, outro de lãs.

Vereis, Duque sereno, o estilo vário,
a nós novo, mas noutro mar cantado
de um, que só foi das Musas secretário:

o pescador Sincero, que amansado
tem o pego de Pócrita co canto
pelas sonoras ondas compassado.

Deste seguindo o som, que pode tanto,
e misturando o antigo Mantuano,
façamos novo estilo, e novo espanto.

Partira-se do monte Agrário insano
para onde a força só do pensamento
lhe encaminhava o laço peso humano.

Embebido num longo esquecimento
de si, e do seu gado e pobre fato,
após dum doce sonho e fingimento,

rompendo as silvas hórridas do mato,
vai por cima de outeiros e penedos,
fugindo, enfim, de todo humano trato.

Ante os seus olhos leva os olhos ledos
da branca Dinamene, que enverdece,
só co meneio, os vales e rochedos.

Ora se ri consigo, quando tece
na fantasia algum prazer fingido;
ora fala; ora mudo se entristece.

Qual a tenra novilha que corrido
tem montanhas fragosas e espessuras
por buscar o cornífero marido

e, cansada, nas húmidas verduras
cair se deixa ao longo de um ribeiro,
já quando as sombras vêm descendo escuras,

e nem coa noite ao vale seu primeiro
se lembra de tornar, como soía,
perdida pelo bruto companheiro;

tal Agrário chegado, enfim, se via
onde o grão pego horrísono suspira
numa praia arenosa, húmida e fria.

Tanto que ao mar estranho os olhos vira,
tornando em si, de longe ouviu tocar-se
de douda mão não vista e nova lira.

Fê-lo o som desusado desviar-se
para onde mais soava, desejando
de ouvir e conversar, e de provar-se.

Não tinha muito espaço andado, quando
Nũa concavidade de um penedo,
que pouco e pouco fora o mar cavando,

topou cum pescador que, pronto e quedo,
Nũa pedra assentado, brandamente
tangendo, fazia o mar sereno e ledó.

Mancebo era de idade florecente,
pescador grande do alto, conhecido
pelo nome de toda a húmida gente.

Alicuto se chama, que perdido
era pela fermosa Lemnoria;
Ninfa que tem o mar enobrecido.

Por ela as redes lança noite e dia,
por ela as ondas tûmidas despreza;
por ela sofre o sol e a chuva fria.

Co seu nome mil vezes a braveza
dos ventos feros amansou co verso,
que remove das rochas a dureza.

E agora, em som de voz suave e terso,
está seu nome aos ecos ensinando
por estilo do agreste som diverso;

do qual Agrário, atónito, aflouxando
da fantasia um pouco seu cuidado,
suspenso esteve, os números notando.

Mas Alicuto, vendo-se estorvado
pelo pastor da música divina,
alevantando o rosto sossegado,

lhe diz assi: «Vaqueiro da campina,
que vens buscar as arenosas praias,
onde a bela Anfitrite só domina?

Que razão há, pastor, por que te saias
para o nosso escamo e vil terreno
dos mui floridos mirtos e altas faias?

Que se agora o mar vês brando e sereno,
e estenderem-se as ondas pela areia,
amansadas das águas com que peno,

verás logo o como desenfreada
Eolo o vento pelo mar undoso,
de sorte que Neptuno o arreceia.»

Responde Agrário: «Ó músico e amoroso
pescador, eu não venho a ver o lago
bravo quieto, ou o vento brando e iroso;

mas o meu pensamento, com que apago
as flamas ao desejo, me trazia
sem ouvir e sem ver, suspenso e vago,

até que a tua angélica harmonia
me acordou, vendo o som com que aqui cantas
a tua perigosa Lemnoria.

Mas, se de ver-me cá no mar te espantas,
eu me espanto também do estilo novo
com que as ondas horríssonas quebrantas;

o qual, posto que certo louvo e aprovo,
desejo de provar contra o silvestre
antigo pastoril, que eu mal renovo.

E tu, que no tocar pareces mestre,
podes julgar se há clara diferença
entre o novo marítimo e o campestre.»

«Não há – disse Alicuto – em mim detença;
mas antes alvoroço, inda que veja
que essa tua confiança só me vença.

Mas, por que saibas que nenhũa enveja
os pescadores têm aos pastores,
no som que pelo mundo se deseja,

toma a lira na mão, que os moradores
do vítreo fundo vejo já juntar-se
para ouvir nossos rústicos amores.

E bem vês pela praia apresentar-se
nas conchas vária cor à vista humana,
e o mar vir por antre elas e tornar-se.

Sossegada do vento a fúria insana,
encrespa brandamente o ameno rio
que seu licor aqui mistura e dana.

Este penedo côncavo e sombrio,
que de cangrejos vês estar coberto,
nos dá abrigo do sol, quieto e frio.

Tudo nos mostra, enfim, repouso certo,
e nos convida ao canto, com que os mudos
peixes saem, ouvindo, ao ar aberto.»

Assi se desafiavam estes rudos
poetas, nos ofícios discrepantes,
nos engenhos, porém, sutis e agudos.

E já mil companheiros circunstantes
estavam para ouvir, e aparelhavam
ao vencedor os prêmios semelhantes,

quando já as liras súbito tocavam;
Agrário começava, e da harmonia
os pescadores todos se admiravam.

E destarte Agrário respondia:

AGRÁRIO

Vós, semicapros deuses do alto monte,
Faunos longevos, Sátiros, Silvanos;
e vós, deusas do bosque e clara fonte,
ou dos troncos que vivem largos anos;
se tendes pronta um pouco a sacra fronte
a nossos versos rústicos e humanos,
ou me dai já a coroa do loureiro,
ou penda a minha lira dum pinheiro.

ALICUTO

Vós, húmidas deidades deste pego,
Tritões cerúleos, Próteo, com Palemo;
e vós, Nereidas do sal em que navego,
porque do vento as fúrias pouco temo:
se às vossas ricas aras nunca nego
o congro nadador na pá do remo,
não consintais que a música marinha
vencida seja aqui da lira minha.

AGRÁRIO

Pastor se fez um tempo o Moço louro,
que do Sol as carretas move e guia;
ouviu o rio Anfriso a lira de ouro
que o seu sacro inventor ali tangia.
Io foi vaca; Júpiter foi touro;
mansas ovelhas junto da água fria
guardou fermoso Adónis; e tornado
em bezerro Neptuno foi já achado.

ALICUTO

Pescador já foi Glauco, o qual agora
deus é do mar; e Próteo focas guarda.
Naceu no pego a deusa, que é senhora

do amoroso prazer, que sempre tarda.
Se foi bezerro o deus que o mar adora
também já foi delfim; e quem resguarda
verá que os moços pescadores eram
que o escuro enigma ao Vate deram.

AGRÁRIO

Fermosa Dinamene, se dos ninhos
os implumes penhores já furtei
à doce filomela, e dos murtinhos
para ti, fera! as flores apanhei;
e se os crespos medronhos nos raminhos
a ti, com tanto gosto, apresentei,
porque não dás a Agrário desditoso
um só revolver de olhos piadoso?

ALICUTO

Para quem trago eu de água, em vaso cavo,
os curvos camarões vivos saltando?
Para quem as conchinhas ruivas cavo,
na praia os brancos búzios apanhando?
Para quem, de mergulho, no mar bravo,
os ramos de coral venho arrancando
senão para a fermosa Lemnoria
que cum só riso a vida me daria?

AGRÁRIO

Quem viu já o desgrenhado e crespo inverno
de altas nuvens vestido, hórrido e feio,
enegrecendo a vista o Céu superno,
quando arranca os troncos o rio cheio,
raios, chuvas, trovões, um triste inferno,
mostra ao mundo um pálido receio;

tal é o amor cioso a quem suspeita
que outrem de seus trabalhos se aproveita.

ALICUTO

Se alguém viu pelo alto o sibilante
furor, deitando flamas e bramidos,
quando as pasmosas serras traz diante,
hórrido aos olhos, hórrido aos ouvidos,
a braços derrubando o já nutante
mundo, cos elementos destruídos
assi me representa a fantasia
a desesperação de ver um dia.

AGRÁRIO

Minh'alva Dinamene, a primavera,
que os campos deleitosos pinta e veste
e, rindo-se, ãa cor aos olhos gera
com que na terra veem o arco celeste;
o cheiro, rosas, flores, a verde hera,
com toda a fermosura amena, agreste,
não é para meus olhos tão fermosa
como a tua, que abate o lírio e rosa.

ALICUTO

As conchinhas da praia que apresentam
a cor das nuvens, quando nace o dia;
o canto das Sirenas, que adormentam;
a tinta que no múrice se cria;
navegar pelas águas que se assentam
co brando bafo quando a sesta é fria,
não podem, Ninfa minha, assi aprazer-me
como ver-te ãa hora alegre ver-me.

AGRÁRIO

A deusa que na líbica alagoa
em forma virginal apareceu,
cujo nome tomou, que tanto soa,
os olhos belos tem da cor do céu;
garços os tem; mas ãa, que a coroa
das formosas do campo mereceu,
da cor do campo os mostra, graciosos.
Quem diz que não são estes os formosos?

ALICUTO

Perdoem-me as deidades; mas tu, diva,
que no líquido mármore és gerada,
a luz dos olhos teus, celeste e viva,
tens por vício amoroso atravessada;
nós petos lhe chamamos; mas quem priva
do dia o lume, baixa e sossegada,
traz a dos seus nos meus, que o não nego;
e com tudo isso inda assi estou cego.

Assi cantavam ambos os cultores
do monte e praia, quando os atalharam:
a um, pastores; a outro, pescadores;

e quaisquer a seu vate coroaram
de capelas idóneas e formosas,
que as Ninfas lhe teceram e ordenaram:

a Agrário, de murtinhos e de rosas;
a Alicuto, de um fio de torcidos
búzios e conchas ruivas e lustrosas.

Estavam na água os peixes embebidos,
coas cabeças fora e quase em terra;

os músicos delfins estão perdidos.

Julgavam os pastores que na serra
o cume e preço está do antigo canto;
que quem o nega contra as Musas erra.

Dizem os pescadores que outro tanto
tem da sonora frauta quanto teve
o campo pastoril de antigo Manto.

Mas já o pastor de Admeto o carro leve
molhava n'água amara, e compelia
a recolher a roxa tarde e breve;
e foi fim da contenda o fim do dia.

A vida já passei assaz contente;
livre tinha a vontade e o pensamento,
sem receios de Amor nem da Ventura.
Mas isto foi um bem de um só momento,
e à minha custa vejo claramente
que a vida não dá algum de muita dura.
No tempo em que eu vivia mais segura
de Amor e seu cuidado,
por me ver num estado
em que eu cuidei que Amor não tinha parte;
não sinto por qual arte
me vejo entregue a ele de tal sorte
que enquanto tarda a morte,
a esperança do bem tenho perdida.
Ai, quão devagar passa a triste vida!

Quantas vezes eu triste aqui ouvia
o meu Felício, e outros mil pastores,
queixar-se em vão de minha crueldade!
E mais surda então eu a seus clamores
que áspide surda, ou surda penedia,
julgava os seus amores por vaidade.
Agora, em pago disto, a liberdade,
a vontade e o desejo
de todo entregue vejo
a quem, inda que brade, não responde
pois vejo que se esconde
já debaixo da terra este que eu chamo,
que é aquele a quem amo;
aquele a quem agora estou rendida.
Ai, quão devagar passa a triste vida!

Que glória, Amor cruel, com meu tormento,
que louvor a teu nome acrescentaste?
Ou que te constrangeu a tal crueza,

que com tal pressa esta alma sujeitasse
a um mal, onde não basta o sofrimento?
Mas se, Amor, és cruel de natureza,
bastava usar comigo da aspereza
que usas com outra gente.
Mas tu, como semente
de ver-me estar morrendo te contentas,
quando mais me atormentas,
então desejas mais de atormentar-me;
e não queres matar-me
por que este mal de mi se não despida.
Ai, quão devagar passa a triste vida!

Onde cousa acharei que alegre veja?
A quem chamarei já que me responda?
Quem me dará remédio à dor presente?
Não há bem, que de mi já não se esconda;
nem algum verei já, que a mi o seja,
porque está quem o foi da vida ausente.
Eu alguma não vi tão descontente,
que Amor tão mal tratasse,
que inda não esperasse
a seus males remédio achar vivendo.
Eu só vivo sofrendo
um mal tão grave e tão desesperado,
que tanto é mais pesado
quanto a vida com ele é mais comprida.
Ai, quão devagar passa a triste vida!

Suaves águas, pura penedia,
arvoredo sombrio, verde prado,
donde eu já tive livre o pensamento;
frescas flores, e vós, meu manso gado,
que já me acompanhastes na alegria,
não me deixeis agora no tormento.
Se do mal meu vos toca sentimento,

dai-me para ele ajuda,
que eu tenho a língua muda,
o alento me vai já desamparando.
Mas quando — ai triste! — quando
de um dia uma hora me virá contente,
que eu te veja presente,
pastor meu, e contigo esta alma unida?
Ai, quão devagar passa a triste vida!

Mas não sei se é sobrado atrevimento
querer-se esta alma minha unir contigo,
pois dela foste já tão desprezado.
Amor me livrará deste perigo;
que, depois que lá vires meu tormento,
creio que te haverás por bem vingado.
E se inda em ti durar o amor passado
e aquela fé tão pura,
eu estou bem segura
que hás lá de receber-me brandamente.
Aprenda em mi a gente
quão cara uma isenção com Amor custa.
A pena dá bem justa
a uma alma que lhe é pouco agradecida.
Ai, quão devagar passa a triste vida!

A vida me aborrece, a morte quero.
Será eterno o meu mal, segundo entendo,
pois na mor esperança desespero.

Sem viver vivo, por morrer vivendo,
por não verdes, Senhora, como eu vejo
quanto de mi por vós me ando esquecendo.

Seja-me agradecido este desejo:
ingrata não sejais a quem vos ama
com puro e honestíssimo despejo.

A culpa que me pondes, ponde-a à Fama
que pregoa de vós celeste vida
que os corações de amor divino inflama.

Humana, quando não agradecida,
vos mostrai ao mal meu que me faz vosso,
antes que a alma do corpo se despida.

Mas que passo eu fazer, pois já não posso
um tormento domar tão forte e duro,
homem formado só de carne e osso?

Em minha fé segura me asseguro,
porque esta, quando é grande, jamais erra,
se resulta de amor sincero e puro.

Essa Beldade santa me faz guerra;
por ela hei de morrer, inda que veja
tornar o brando rio em dura guerra.

Que cousa tenho eu já que minha seja?
Quem não deseja a vossa fermosura
não pode assegurar que o Céu deseja.

De que eu sempre o desejo estai segura:
neste desejo meu nunca mudança
hão de ver as mudanças da ventura:

A vida tenho posta na balança
da glória singular do dano esquivo,
que o perdê-la por vós é mor bonança.

Se vos ofendo, cuido que não vivo.
Olhai se muito mais que de ofender-vos
das esperanças do viver me privo.

O que temo somente é só perder-vos;
o que quero somente é só adorar-vos;
o que somente adoro é só querer-vos.

Querer-vos sem deixar de venerar-vos;
desejar-vos somente por servir-vos;
por servir a amor vil não desejar-vos.

Somente ver-vos e somente ouvir-vos
pretendo, e pois somente isto pretendo;
deveis a estes sentidos permitir-vos.

Isto somente, ó cego, estou dizendo?
Como se fora pouco isto somente!
Que mais que ouvir-vos há que estar-vos vendo?

Se o não merece o meu amor decente;
se morte por amar-vos se merece,
morra eu, Senhora, e vós ficai contente.

Se vos agrava quem por vós padece,
se vos vem a ofender quem vos quer tanto,
quem desta sorte errou não desmerece.

Que quando os olhos da razão levanto
ao céu de essa raríssima beleza
de não morrer por ela só me espanto.

Deixai-me contentar desta tristeza
e fazer de meus olhos largo rio,
se algum pode abrandar vossa dureza.

Correndo sempre as lágrimas em fio,
farei crescer as ervas por os prados,
pois já de outra alegria desconfio.

No monte darei pasto a meus cuidados,
e serão de mi sempre entre pastores
esses divinos olhos celebrados.

Aprenderão de mim os amadores
aquilo que se chama amor sublime,
ouvindo o rigor vosso e minhas dores.

E nenhum haverá que a pena estime
mais soberana por a causa dela
que a que teve até então não desestime,
e que inveja não mostre à minha estrela.

INTERLOCUTORES: DÉLIO, ALCIDO E GALÁSIO

DÉLIO

Agora, Alcido, enquanto o nosso gado
pasce diante nós, manso e seguro,
sentemo-nos aqui neste abrigado.

Logremos este sol sereno e puro,
que livre se nos dá, antes que venha
a noite fria com seu manto escuro.

O rico com seu ouro lá se avenha;
não se farta a cobiça coa riqueza;
mais arde o fogo quando tem mais lenha.

Com pouco se contenta a Natureza.
Quem isto bem olhasse, certifico
que não fugisse tanto da pobreza.

O sol também me aquece, como ao rico;
a fonte água me dá, frutos a terra;
com pouco mantimento farto fico.

Ah! que a má vaidade nos faz guerra!
Para que gasto tempo em mais palavras?
Os olhos da razão esta nos cerra.

Alcido, tens ovelhas e tens cabras,
de que tiras da lã, tiras do leite;
e não te faltam campos em que labras.

Inda tu queres mais? Amigo, eu hei-te
de falar claro e sem lisonjarias,
não hajas medo tu que eu as afeite.

Tu cantavas Amor, Amor tangias;
falava a tua frauta, agora é muda.
Que mal te mudou tanto em poucos dias?

ALCIDO

Muda-se a idade, Délio; e, se se muda
com ela a condição, nada me espanto;
o gosto me ajudou, já não me ajuda.

Se já cantei Amor, se Amor não canto,
culpas do tempo são, que vai mudando
o meu cantar alegre em triste pranto.

O tempo, que tão leve vai voando,
Délio, não torna mais; e assi fugindo,
mil claros desenganos nos vai dando.

Pouco a pouco se veio descobrindo
o mal de uma esperança vã e incerta,
que me deixou chorando, e foi-se rindo.

Quem nasce sem ventura ou quem acerta
de fazer fundamento em peito alheio,
de mil contas que faz nenhuma é certa.

DÉLIO

Pois se isso entendes tu, donde te veio
sentir tão de verdade as sem-razões;
não sendo de outra cousa o mundo cheio

ALCIDO

Não queres tu que sintam corações
obrigados com dor a sentimento,
vendo a razão vencida de afeições?

DÉLIO

Enfim, todas as cousas querem tento.
Encobre a dor, e guarda-te de extremos,
que sempre trazem arrependimento.

Ao nosso doce canto nos tornemos:
das nossas Ninfas, belas inimigas,
cruza e formosura celebremos.

ALCIDO

Como cantarei eu novas cantigas
em terra tão estéril, cheia de ira,
que nega flores e que nega espigas?

Pendurei num salgueiro a minha lira:
ouvi-la ao som do vento é uma mágoa;
em lugar de tanger, geme e suspira.

A Amarília pintei; pintada trago-a
aqui neste meu seio, e também chora.
Seus olhos me dão fogo, os meus dão-lhe água.

Mas vejo vir Galásio.

DÉLIO

Venho embora.
Galásio, queres tu cantar comigo?

GALÁSIO

Eu nunca me roguei: menos agora.

DÉLIO

Cantaremos de Amor cruel imigo,
ou brando e amoroso, em razão pasto,
tirano e cego, e cego até consigo?

GALÁSIO

Cada qual cante do que for seu gosto:
quer mimos, quer rigores de Amor fero,
ou de olhos verdes cante ou de alvo rosto.

ALCIDO

Enquanto vós cantais, recolher quero
o gado, que são horas de ordenhar;
à noite na malhada vos espero.

GALÁSIO

Isso não: hás de ouvir para julgar
qual de nós melhor canta e melhor sente.

DÉLIO

Eu já não cantarei sem apostar.
Aposto o meu rafeiro, que Valente
se chama, e com razão; que o lobo afasta
se não cantar mais branda e docemente.

GALÁSIO

Um cervo manso aposto.

DÉLIO

Isso não basta:
põe mais um par de cabras.

GALÁSIO

Deus me guarde;
porque, Délio, este gado é da madrasta.

ALCIDO

Fazeis-me vós juiz? Quereis que aguarde?
Ora cantai sem preço e sem inveja;
e seja logo, porque já é tarde.

DÉLIO

Liarda minha, branca mais que a neve,
e muito mais corada que a grã fina;
se inda Amor a vencer-te não se atreve,
que fará quem de amor por ti se fina?
Eu morro, e tu meu mal julgas por leve?
Não vês tu como já me desatina?
Ai triste, que me veem vales e montes,
regados de meus olhos feitos fontes!

GALÁSIO

Marfida, branca mais que o branco leite,
vermelha muito mais que a rosa pura,
assi descuido em ti nunca suspeite,
assi me trates inda com brandura!
Que a cabana, que a vida e alma enjeite
por ti, quando tu, mais que mármore dura. . .
Testemunhas serão montes e vales,
a quem dou larga conta de meus males.

DÉLIO

Quando a minha Liarda desencilhe
os seus cabelos de ouro, longo, ondado,
o Sol, de pura inveja, se recolhe
corrido de se ver menos dourado.
Livre pastor não há, que bem os olhe,
sem se achar logo neles enlaçado.
Ai, não soltes, Liarda, os teus cabelos,
pois tanto prendem quantos ousam vê-los!

GALÁSIO

Os tristes corações se tornam ledos,
ouvindo de Marfida o doce canto;
os furiosos ventos estão quedos;
não guia o claro Sol seu carro entanto.
Converte-se a dureza dos penedos
em brando amor; Amor desfaz-se em pranto,
vencido dessa voz, doce Marfida;
mas tu nunca de Amor foste vencida.

DÉLIO

O campo de verdura vejo pobre;
o céu chuvoso sempre, e turvo o rio;
da sua leda folha a terra cobre
o bosque, que foi já verde e sombrio.
Mas se Liarda o rosto seu descobre,
logo desaparece o tempo frio.
Consigo a primavera traz Liarda.
Ai, quem a visse já! Ai, quanto tarda!

GALÁSIO

A triste Progne já desapareceu;
a toda flor o frio foi imigo;
a doce Filomela emudeceu,
rouca de lamentar seu mal antigo
Mas venha por aqui quem me venceu
com um só volver de olhos, que eu me obrigo
que as aves tornem logo a seus amores,
e os campos se matizem de mil flores.

DÉLIO

A viva chama, aquele vivo ardor
que brando sinto já pelo costume,
de noite dá de si tal resplendor
que os pastores vêm dele a tornar lume.
Pasmados ficam, vendo em mi de amor
o fogo que me queima e não consume.
E tu, por quem eu ardo noite e dia,
quando vês tal ardor, ficas mais fria.

GALÁSIO

Eu sempre choro e tanto já chorei,
vencido da grã dor que na alma tinha,
que mil vezes de lágrimas fartei
meu gado, quando a fonte a buscar vinha.
Chorando, as duras pedras abrandei;
mas nunca a ti, cruel imiga minha,
que, vendo que por ti me estilo em água,
nenhuma mágoa tens de minha mágoa.

DÉLIO

Quando vires, Liarda, o nosso Lima
que lá vai de meu choro acompanhado,
tornar com suas águas para cima;

de seu curso esquecido costumado;
então embora julga, então estima
que tenho noutra parte o meu cuidado.
Mas deixarão os rios de correr,
primeiro que deixe eu de te querer.

GALÁSIO

Estas serras, Marfida, por certeza
de minha firme fé só quero dar-te
quando, com espantosa ligeireza,
daqui correr as vires a outra parte;
então cuida que falta em mi firmeza,
que então deixarei eu, meu bem, de amar-te.
Mas mudar-me daqui bem podem elas,
e eu não mudar de mi graças tão belas.

ALCIDO

Se esta vontade minha não deseja
a vossos versos dar justos louvores,
hora nunca na vida alegre veja.
Aceitai meu desejo, meus pastores:
mais vos não pode dar quem traz o espirito
de todo entregue a danos, mágoas, dores.
Mas por que dê de vós público grito
a leve Fama, como vedes, deixo
o vosso canto e o meu juízo escrito
no liso tronco deste verde freixo.
Délio neste lugar doce cantou
com Galásio, que doce respondia;
um Liarda, Marfida outro louvou,
com inveja de qual melhor diria.
Alcido, que o seu canto bem notou,
por ver quem a vitória levaria,

como livre juiz, deu por sentença
que não havia entre eles diferença.

INTERLOCUTORES: ERGASTO, DÉLIO E LAURENO

ERGASTO

Agora, já que o Tejo nos rodeia,
neste penedo, donde mansamente
murmurando se quebra a branda veia,

espera, Délio, até que do Ocidente
de azul deixe a ribeira matizada
o Sol, levando o dia a outra gente.

Entretanto daqui verás pintada
a praia de conchinhas de ouro e prata,
e a água dos mansos sopros encrespada.

Verás como do monte se desata
a vagarosa fonte por penedos,
que pouco a pouco cava e desbarata;

e como move os frescos arvoredos
Favónio, que de flores pinta o prado,
e como se estão rindo os campos ledos.

Ditoso o que do Céu foi tão amado
que no campo alcançou passar a vida
livre de pena, livre de cuidado;

o rouxinol na vara que, vestida
de verdes folhas, sombra faz ao rio,
lhe canta o doce verso sem medida.

Agora, ao pé de um álamo sombrio;
vê como dous carneiros se oferecem
os cornos inclinando, a desafio;

como ao que vence todos obedecem
e folgam de o ver fora de perigo,
e outros com face esquiva o aborrecem.

Ditoso aquele que, co ferro antigo,
lavra os campos do pai, e se contenta,
nos seus molhos atando o louro trigo!

Este a fúria do mar não exp'rimenta,
nem corre, por achar a pedra rica,
a outra praia, que outro sol aqueça

onde, quando a esperança o fortifica
em adquirir mais ouro e mais riqueza,
ouro, esperança e vida a muitos fica.

Este vive quieto na pobreza,
e deste confiarei que a anteponha
a quanto o mundo mais procura e preza.

Comendo em mesa vil, não se envergonha:
antes bebe nas mãos a fonte pura
que em precioso metal cruel peçonha.

Oh, feliz tempo de ouro! Inda aqui dura,
inda conversa aqui com os humanos
a justiça, fugindo à gente impura!

Quem visse bem tão claros desenganos
e quanto mal nos vícios se aparelha,
no campo gastaria bem os anos.

Ao dia a nossa vida se assemelha
porque, quando no mar o sol se banha,
se costuma tingir de cor vermelha.

Assi, se olharmos bem, sempre se ganha
lá no ocaso da mal gastada vida
rubicunda vergonha em mágoa estranha.

DÉLIO

A glória, Ergasto meu, que é possuída,
nunca sabe de nós ser tida em preço;
só depois que se perde é conhecida.

E desta vida os bens, que eu não mereço,
quando os perco, e o mal da outra já me espera,
com grandes mágoas d'alma os reconheço.

Oh! se em ditosa sorte me coubera
por favor ou destino das estrelas
que entre pastores eu, pastor, vivera,

muitas vezes te ouvira as luzes belas
cantar da linda Nise, nas quais arde
teu peito, sempre ufano de arder nelas.

Buscai pastor, ovelhas que vos guarde,
que o Céu não quer que eu mais vos guarde e conte,
e depois vos recolha sobre a tarde.

Não vos verei saltar junto da fonte,
cabras minhas, já meu querido gado,
nem da rocha pender no verde monte.

ERGASTO

Consente agora, ó Délio, que chorada
em triste verso seja apartamento,
que assi me deixa triste e magoado.

DÉLIO

Não, que se dobrará meu sentimento;
mas se queres, Ergasto, que me esqueça
partida, que lembrada é só tormento,

canta aquele soneto, que começa:
Quantas vezes do fuso se esquecia;
que digas um dos teus, não sei se o peça.

ERGASTO

Se, com me ouvir, a dor se te alivia,
eu o direi. Mas eis cá vem Laureno,
que a cantar vezes mil me desafia.

Cantando, venceu já Títiro e Almeno;
e eu, inda que sei certo ser vencido.
apostar a cantar com ele ordeno.

LAURENO

Ergasto, pois o tempo se há ofrecido
celebremos Amor e formosura
enquanto o gado à sombra está acolhido.

ERGASTO

Posto que já a vitória tens segura,
não cantarei sem preço, por que saia
mais ledo quem cantar com mais brandura.

LAURENO

Eu um vaso porei de lisa faia,
divina obra de Alceu, que celebrado

será sempre por claro nesta praia.

A vide, de que em roda está cercado,
os roxos cachos cobre; e primor teve
em pôr no meio a Dama e Pã cansado.

Parece que a beijá-la o deus se atreve
e que, ainda dos beijos mal sofridos,
inclinado lhe foge o tronco leve.

ERGASTO

Outro vaso porei de hera cingido,
no qual Orfeu das aves esquecidas
e dos suspensos bosques é seguido.

Não cuido que de faia são saídas
de tal arte labor de tal maneira;
também obra é de Alceu, das mais polidas.

Esta, das que me deu, foi a primeira;
que a dar-ma o velho Alcido enfim se abrande
ouvindo-me cantar nesta ribeira.

Ouviu-me então, estando desta banda;
e, dando-ma, dizia: «Este seja
o prémio, Ergasto, dessa Musa branda.»

LAURENO

Délio o nosso cantar pondere, e veja
qual dos dous a voz dá mais docemente;
que uma tal causa tal juiz deseje.

DÉLIO

Se o meu juízo cada qual consente,
tu, Ergasto, ao doce canto dá começo;
tu responde, Laureno, juntamente;
e eu fico que nenhum perca o seu preço.

ERGASTO

Alcida, que na cor o leite puro
e a rosa da manhã deixas vencida,
culpa é dos olhos teus, neles o juro,
este amor de que estás tão ofendida.
Castiga-os com me verem, que eu seguro
que a vingança será deles sentida.
Nem temas tu de os meus alegres serem,
vendo tristes tais olhos por me verem.

LAURENO

Violante minha, cuja cor iguala,
mas antes vence os cravos, vence a neve:
desta dor, que até aqui minha alma cala,
teu amoroso riso a culpa teve.
Se só por viver dela e por amá-la,
julgas que algum castigo se me deve,
a ver-te sempre rindo me condena
pois, crescendo n amor mais, mais cresce a pena.

ERGASTO

Com a mãe, que maçãs colhendo andava,
inda pequena, a bela Alcida vinha.
Eu os ramos da terra já tocava,
já fácil para amar o tempo tinha.
Não sei que fogo ou neve se passava
daqueles olhos seus a esta alma minha,

que me deixaram posto em tal extremo
que até de cuidar neles ardo e tremo.

LAURENO

No bosque a Violante vi um dia,
doce princípio destas doces dores.
A flor caía nela e parecia
dizer, caindo: «Aqui reinam amores.»
Humilde em tanta glória, ela se ria,
e errando iam sobre ela as várias flores;
eu, que vencido fui de um error cego,
àquele honesto riso a alma entrego.

ERGASTO

Pastores deste bosque, que buscais,
anoitecendo, o lume por costume:
chegai a mi, que eu fico, se chegais,
que destes meus suspiros leveis lume.
Acesos saem d'alma os doces ais
no ardor, que pouco a pouco me consume;
mas nem as chamas, que em suspiros deito,
acenderão jamais um frio peito.

LAURENO

Pastores, que buscais na sombra amada
a fonte, por fugir o ardor do estio:
vinde a mi, porque d'água destilada
por meus olhos se solta um largo rio
tal que a sede d'Amor, nunca apagada,
fartá-la já de lágrimas confio.
Mas com choro de tanta quantidade
não movo aqueles olhos a piedade.

ERGASTO

Se quando a minha Alcida esta alma visse
nos meus olhos, d'Amor tão maltratada;
se quando a grave dor fora saísse,
entre suspiros mil, rota e quebrada,
sequer com brandos olhos me admitisse,
ficando de vergonha mais corada;
ditoso fora vendo-a, juntamente
com ser a mais bela, deste amor contente.

LAURENO

Se à vista de Violante derramadas
as lágrimas de amor, que vive nelas,
tal força lhe fizessem que orvalhadas
lhe ficassem de dor ambas estrelas,
e as rosas entre a neve semeadas,
co piedoso orvalho, inda mais belas,
ditoso me fizera. Hora ditosa,
se a vira ser mais bela e ser piedosa!

ERGASTO

Claros olhos, que ao sol fazeis inveja,
que brandos vos mostreis já vos não peço;
mas que poder-vos ver paga me seja,
se por tamanho amor tanto mereço.
Armados de esquivança então vos veja,
cheios de um não sei quê, com que pereço,
que doce me será tal esquivança;
doce o morrer que em olhos tais se alcança.

LAURENO

Olhos, que vos moveis tão docemente
que trás vós todo o mundo ides levando:
eu não sei se tomais do céu luzente
o movimento seu, se lho estais dando;
sei certo — e não me engano —, sei somente
que a vós de mi minha alma ides passando;
mas não posso entender como deixais
ao cuidado o que vós em vós levais.

ERGASTO

Por mais que a minha soberana Alcida
— minha não, porque só sua beleza
vem a ser minha em ser de mi querida —
me trate vezes mil com aspereza;
uma só vez que dela acho admitida
minha pequena vista na grandeza
da luz do rosto seu, sinto tal glória
que de todo o penar perco a memória.

LAURENO

Quando a minha mais que única Violante
- se minha pode ser a que é tão sua -
aquela santa luz um breve instante
me deixa ver, por mais que a veja crua;
a vista tanto em mi vejo adiante
que não é muito, não, que me atribua
a soberba de ser uma águia nova,
que do céu no olho claro a vista prova.

DÉLIO

Pastores, que alcançar pudestes tanto,
com vossa branda Musa, que já nesta
idade renovais o antigo canto:

Para vosso louvor, que verso presta?
Que hera dina será? Que louro dino,
que em prémio a cada qual adorne a testa?

Em parte paga Amor, se de contino
por dentro a cada um gasta os espritos,
pois co divino canto o faz divino.

Nós veremos por anos infinitos
nos altos troncos destas faias belas
os nomes vossos por memória escritos.

De únicas flores mereceis capelas:
têm Alcida e Violante sós tais flores;
e pois elas as têm, deem-vo-las elas.
Os vossos prémios recolhei, pastores:

cada qual igualmente o seu merece,
e ambos de Apolo os mereceis maiores.
Recolhamos o gado, que anoitece.

MOTE

Ai de mi,
que muero despues que os vi;
ai de vós,
que cuenta dareis a Dios?

VOLTAS

En dos maneras se muestra
la pïena que por vós siento:
es la una mi tormento,
la otra la culpa vuestra;
que se vi,
en perderme no perdi.
Pero vos
que cuenta dareis a Diós?

Porque se vuestra codicia
en mi dano es de tal arte,
aun que perdone la parte,
queda el caso a la justicia.
Yo de aqui
tomaré la culpa en mi;
pero Diós
tomara la pena en vos.

MOTE

Ai de mim, mas de vós ai,
que eu morrendo,
bem entendo
que a vós nisso mais vai.

VOLTA

A vida, por vós perdida,
bem me pode ser gloriosa;
mal pode ser não penosa
a vós perdida esta vida.
se me matais, atentai
que, morrendo,
bem entendo
que a vós mais nisso vai.

Com vossos olhos serenos,
não divisais
querer vos sirva demais
ter uma vida de menos.
Matai, meus olhos, matai,
que eu, morrendo,
bem entendo
que a vós mais nisso vos vai

MOTE

«Amaria eu, Gil amigo,
mas sou mui grosseiro e rudo».
«Quem amarias, Rodrigo?»
«Amaria, e mais não digo».
«Agora disseste tudo.»

VOLTA

Embalde logo me calo,
se encubro meu pensamento;
pois é de arte meu tormento
que, sem sentir o que falo,
estou falando o que sento.
Amostro-me, Gil amigo,
aos amigos cego e rudo,
por encobrir meu perigo;
e contudo, se o não digo,
sem o saber digo tudo.

A Dona Guiomar de Blasfé, queimando-se com ãa vela no rosto.

Amor que todos ofende
teve, Senhora, por gosto
que sentisse o vosso rosto
o que nas almas acende.
Aquele rosto que traz
o mundo todo abrasado,
se foi da flama tocado,
foi por que sinta o que faz.

Bem sei que Amor se lhe rende;
porém, o seu pressuposto
foi sentir o vosso rosto
o que nas almas acende.

Carta a uma senhora

Amor que viu minha dor
ser maior que a paciência,
prometeu-me, por favor,
uma carta de aderência
para vosso desfavor.

Eu, que ainda não sabia
quanto tinha de divino,
julgava, por desatino,
que carta de tal valia
notasse um cego menino.

Ele, vendo-me ficar
comigo quase suspenso,
por mais me enganar,
começou-me de notar
na memória por extenso.

E diz, por ver se o nego:
«Via boa, se assi for...»
E eu tornei-lhe, por louvor:
«Os conceitos são de cego,
e as palavras são de amor.»

Logo escrever me mandou;
e, não sendo a pena boa,
para as asas se virou
e uma grande arrancou
daquelas com que mais voa.

E diz-me: «Toma esta pena,
que por minha a todos ganha;
que parece cousa estranha

que baste cousa pequena
a contar cousa tamanha.

E por ser mais igual
a matéria ao pensamento,
tudo é de um natural:
molha a pena de teu mal
na tinta do meu tormento.

O pensamento ligeiro
como portador tão fiel,
sendo em tudo verdadeiro,
te dê agora o papel,
te sirva de mensageiro.»

E eu, aparelhado assi
como Amor me aparelhou,
dês que nada me falece,
desta maneira escrevi
o que o moço cego notou:

«Senhora, que não quereis
depois que tudo quisestes
e a morte me trazeis,
negando-me o que podeis;
sabendo quanto pudestes:

esperai, estai atento,
que, p'ra contar minha dor,
me dá a tinta o tormento,
a pena me dá o Amor,
o papel o pensamento.

Democrito tirai
a vista tanto estimada
que, sem ela, procurai

furtar o corpo à cilada
que do desejo esperai.

Se, primeiro que vos vira,
minha dor adivinhara,
meus, certo, olhos tirara;
que, inda que pena sentira,
menos pena lhe ficara.

Mas ai, Senhora, que nisto
não acerto, nem pode ser;
porque, para meu querer,
antes cego por ter-vos visto
que cego por vos não ver.

Quanto mais que os cegos tais,
se ante vós estivessem
como os que vos veem, cegais,
os cegos vista tivessem
para nunca verem mais.

Porque, depois que vos vi,
quando vós ver me quisestes,
nunca mais me vi a mim,
nem vi quando me perdestes,
sentindo que me perdi.

Tanto enleveí o cuidado
na luz com que me cegastes
que, de cego e enlevado,
não vi quando me roubastes,
mas vi que fora roubado.

O pensamento, por quanto
vos quis ter por sua estrela,
como quem mais se acautela,

se descuidou da alma tanto
por vos dar cuidado dela.

Mas a alma, que na glória
se viu de vossa prisão,
deu recado ao coração
que, rendido ou com vitória,
se rendesse em vossa mão.

Os olhos que cada dia
os vossos lhe eram defesos,
como que mais não queria,
iam sempre ver os presas
por ver a quem prendia.

Gozavam da vista pura,
viam uma alma no céu.
Oh, que céu! Mas pouco dura
a glória, pois a tolheu
ou vós ou minha ventura.

Ventura não, que é causa dura
negar ela o que podeis;
vós sim, pois que bem sabeis
quão pouco pode a ventura
onde vós tanto podeis.

E se, Senhora, quereis
ser remédio do que espero,
sou contente que me deis
não mais que quanto podeis
p'ra ficar com quanto quero.

Se de bem tão sublimado
por indigno me tiverdes,
tende convosco assentado

que pois tenho meu cuidado
que terei quanto me derdes.

E pois que o pensamento
foi capaz de imaginar-vos
pela glória do tormento,
quis o merecer comprar-vos
com vosso merecimento.

Assim que de merecer
não me falta cantidade
nem me falta o poder ser;
mas, para tudo poder,
falta-me vossa vontade.

E pois que podeis por vós
o que não posso por mim,
porque não quereis o fim,
sem desfazeres em vós,
vir a fazer tanto em mim?

E pois o tempo vos dá
licença por que me deis,
não negueis o que podeis,
que depois o negará
e vós mo concedereis.

E pois tanto bem me destes,
Senhora, não mo tireis;
porque mais pena tereis
em saber que já pudestes
que ver que já não podeis.

Enfim por que nunca seja
chegado a tão dura sorte,
ou consenti que vos veja,

ou não me negueis a morte
que a vida, sem vós, deseja.

MOTE ALHEIO

Amores de ãa casada
que eu vi polo meu mal.

VOLTAS PRÓPRIAS

Nũa casada fui pôr
os olhos, de si senhores;
cuidei que fossem amores,
eles fizeram-se Amor.
Faz-se o desejo maior
donde o remédio não val,
em perigo de meu mal.

Não me pareceu que Amor
pudesse tanto comigo
que, donde entra por amigo,
se levante por senhor.
Leva-me de dor em dor
e de sinal em sinal,
cada vez para mor mal.

ABC FEITO EM MOTES

A A A A

Ana quisestes que fosse
o vosso nome da pia,
para mor minha agonia.

Apeles, se fora vivo
e a ver-vos alcançara,
por vós retratos tirara.

Aquiles morreu no templo,
contemplando de gíolhos;
eu, quando vejo esses olhos.

Artemisa sepultou
a seu irmão e marido;
vós a mim e a meu sentido.

B

Bem vejo que sois, Senhora,
extremo de fermosura,
para minha sepultura.

C C

Cleópatra se matou
vendo morto a seu amante;
e eu por vós, em ser constante.

Cassandra disse de Troia
que havia ser destruída;
e eu por vós, d'alma e da vida.

DD

Dido morreu por Eneias,
e vós matais quem vos ama;
julgai se sois cruel dama!

Dianira, inocente,
da má morte causadora;
vós da minha sabedora.

E

Eurídice foi a causa
de Orfeu ir ao inferno;
vós de ser meu mal eterno.

FF

Fedra, só de puro amor,
morreu por seu enteado;
eu mouro de desamado.

Febo vai escurecendo
ante vossa claridade;
e eu sem ter liberdade.

G G

Galateia sois, Senhora,
da fermosura extremo;
e eu perdido Polifemo.

Genebra, que foi rainha,
se perdeu por Lançarote;
e vós por me dar a morte.

H H

Hércules, uma camisa
de chamas o consumiu;
minh' alma, dêis que vos viu.

Hébis e Dido morreram
com o rigor da mudança;
eu, vendo vossa esquivança.

J J J J

Judite, que o duro Holofernes
degolou, se viva fora,
mate lhe déreis, Senhora.

Júlio César conquistou
o mundo com fortaleza;
vós a mim com gentileza.

Júlio César se livrou
dos inimigos com abrolhos;
eu não posso desses olhos.

Jazia-se o Minotauro
preso no seu labirinto;
mas eu mais preso me sinto.

L L

Leandro se afogou
e foi sua causa Hero;
e a mim, o que vos quero.

Leandro se afogou
no mar de sua bonança;

eu no de vossa esperança.

M M

Minerva dizem que foi,
e Palas, deusas da guerra:
e vós, Senhora, da terra.

Medeia foi mui cruel,
mas não chegou a metade
de vossa grão crueldade.

N N

Narciso o siso perdeu
em vendo a sua figura;
eu, por vossa fermosura.

Ninfas enganam mil Faunos
com seu ar e fermosura;
e a mim, vossa figura.

O O

Os olhos choram o dano
que em vos verem sentiram;
mas eu pago o que eles viram.

Orfeu com a doce harpa
venceu o reino de Plutão;
vós a mim, com perfeição.

P P

Páris a Helena roubou,
por quem Troia foi perdida;

e vós a mim, alma e vida.

Pirro matou Policena,
perfeita em todos sinais;
e vós a mim me matais.

Q Q

Quanto mais desejo ver-vos,
menos vos vejo, Senhora:
não vos ver melhor me fora.

Querendo ver a Diana,
Actéon perdeu as vida,
que eu por vós trago perdida.

R R

Remédio nenhum não vejo
que remedeie meu mal;
nem crueza à vossa igual.

Roma o mundo sujeita
com armas, saber, temor;
vós a mim só por amor.

S

Sirena, na mor fortuna
com enganos vai cantando;
e vós, sempre a mim matando.

T T

Tisbe morreu por Piramo,
a ambos matou o Amor;

a mim vosso desfavor.

Tisbe pelo seu amante
morreu com amor sobejo;
mas eu mais morto me vejo.

V V

Vénus, que por mais fermosa
lhe deu Páris a maçã,
não foi quanto vós louçã.

Vénus levou a maçã
por vós não serdes, Senhora,
nacida naquela hora.

X X

Xpõ vos acabe em graça,
e vos faça piadosa
tanto, quanto sois fermosa.

Xantopeia tornou atrás
por Apónio a invocar;
e vós não, a meu chamar.

ALMENO e AGRÁRIO, pastores

Ao longo do sereno
Tejo, suave e brando,
num vale de altas árvores sombrio,
estava o triste Almeno
suspiros espalhando
ao vento e doces lágrimas ao rio.
No derradeiro fio
o tinha a esperança
que, com doces enganos,
lhe sustentara a vida tantos anos
Nũa amorosa e branda confiança;
que, quem tanto queria,
parece que não erra, se confia.

A noite escura dava
repouso aos cansados
animais, esquecidos da verdura;
o vale triste estava
cuns ramos carregados
que a noite faziam mais escura.
Mostrava a espessura
um temeroso espanto;
as roucas rãs soavam
num charco de água negra, e ajudavam
do pássaro noturno o triste canto;
o Tejo, com som grave,
corria mais medonho que suave.

Como toda a tristeza
no silêncio consiste,
parecia que o vale estava mudo;
e, com esta graveza,
estava tudo triste.
Porém o triste Almeno mais que tudo;

tomando por escudo
de sua doce pena,
para poder sofrê-la,
estar imaginando a causa dela;
que, em tanto mal, e cura bem pequena.
Maior é o tormento
que toma por alívio um pensamento.

Ao rio se queixava,
com lágrimas em fio,
com que cresciam as ondas outro tanto.
Seu doce canto dava
tristes águas ao rio,
e o rio triste som ao doce canto.
Co cansado pranto,
que as águas refreava,
responde o vale umbroso.
Da mansa voz o acento temeroso
na outra parte do rio retumbava,
quando, da fantasia,
o silêncio rompendo, assi dizia:

«Corre suave e brando
com tuas claras águas,
saídas de meus olhos, doce Tejo,
fé de meus males dando,
para que minhas mágoas
sejam castigo igual de meu desejo;
que pois em mim não vejo
remédio, nem o espero,
e a morte se despreza
de me matar, deixando-me a crueza
daquela por quem meu tormento quero,
saiba o mundo meu dano,
por que se desengane em meu engano.

Já que minha ventura
— ou quem me a causa ordena —
quer por paga da dor tome sofrê-la,
será mais certa cura
para tamanha pena
desesperar de haver já cura nela.
Porque, se minha estrela
causou tal esquivança,
consinta meu cuidado
que me farte de ser desesperado,
para desenganar minha esperança,
que para isso naci:
para viver na morte, e ela em mi.

Não cesse meu tormento
de fazer seu ofício,
que aqui tem ãa alma ao jugo atada;
nem falte o sofrimento,
porque parece vício
para tão doce mal faltar-me nada.
Ó Ninfa delicada,
honra da Natureza!
Como pode isto ser;
que de tão peregrino parecer
pudesse proceder tanta crueza?
Não vem de nenhum jeito
de causa divinal contrário efeito.

Pois como pena tanta
é contra a causa dela?
Fora é de natural minha tristeza.
Mas a mim que me espanta?
Não basta, ó Ninfa bela,
que podes perverter a Natureza?
Não é a gentileza
de teu gesto celeste

fora do natural?
Não pode a Natureza fazer tal;
tu mesma, bela Ninfa, te fizeste.
Porém porque tomaste
tão dura condição, se te formaste?

Por ti, o alegre prado
me é pesado e duro;
abrolhos me parecem suas flores.
Por ti, do manso gado,
como de mim, não curo,
por não fazer ofensa a teus amores.
Os jogos dos pastores,
as lutas entre a rama,
nada me faz contente;
e sou já do que fui tão diferente
que, quando por meu nome alguém me chama,
pasma, quando conheço
que inda comigo mesmo me pareço.

O gado que apacento
são n'alma meus cuidados;
e as flores, que no campo sempre vejo,
são no meu pensamento
teus olhos debuxados,
com que estou enganando meu desejo.
As águas frias do Tejo,
de doces, se tornaram
ardentes e salgadas,
despois que minhas lágrimas cansadas
com seu puro licor se misturaram,
como quando mistura
Hípanis co Exampeu sua água pura.

Se aí no mundo houvesse
ouvires-me algũa hora,

assentada na praia deste rio,
e de arte te dissesse
o mal que passo agora,
que pudesse mover-te o peito frio...
Oh, quanto desvario
que estou afigurando!
Já agora meu tormento
não pode pedir mais ao pensamento
que este fantasiar que, imaginando,
a vida me reserva.
Querer mais de meu mal será soberba.

Já a esmaltada Aurora
descobre o negro manto
da sombra, que as montanhas encobria.
Descansa, frauta, agora,
que meu cansado canto
não merece que veja o claro dia.
Não canse a fantasia
de estar em si pintando
o gesto delicado,
enquanto traz ao pasto o manso gado
este pastor que lá só vem falando;
calar-me-ei somente,
que meu mal nem ouvir-se me consente.»

AGRÁRIO pastor

Fermosa manha clara e deleitosa
que, como fresca rosa na verdura,
te mostras bela e pura, marchetando
as Ninfas, espalhando seus cabelos
nos verdes montes belos; tu só fazes,
quando a sombra desfazes triste e escura,
fermosa a espessura e fresca a fonte,
fermoso o alto monte e o rochedo,

fermoso o arvoredado e deleitoso;
enfim, tudo fermoso. Co teu rosto,
de ouro e rosas composto e claridade,
trazes a saudade ao pensamento,
mostrando num momento o roxo dia,
coa doce harmonia nos cantares
dos pássaros a pares que, voando,
seu pasto andam buscando nos caminhos,
para os amados ninhos, que mantêm.
Ó grande e sumo bem de Natureza!
Estranha subtileza de pintora,
que matiza, Nãa hora, de mil cores
o céu, a terra, as flores, monte e prado!
Ó tempo já passado, quão presente
te vejo abertamente na vontade!
Quamanha saudade tenho agora
do tempo que a pastora minha amava,
e de quanto prezava minha dor!
Então tinha o amor maior poder;
então num só querer nos igualava,
porque, quando um chamava a quem queria,
o eco respondia da afeição
no brando coração da doce imiga.
Nesta amorosa liga concertavam
os tempos, que passavam com prazeres.
Mostrava a flava Ceres polas eiras
das brancas sementeiras ledto fruto,
pagando seu tributo aos lavradores;
e enchia aos pastores todo o prado
Pales, do manso gado guardadora.
Zéfiro e a fresca Flora passeando,
os campos esmaltando de boninas;
nas águas cristalinas triste estava
Narciso, que inda olhava n'água pura
sua linda figura delicada;
mas Eco, namorada de seu gesto,

com pranto manifesto, seu tormento
no derradeiro acento lamentava.

Ali também se achava o sangue tinto
do purpúreo Jacinto, e o destroço
de Adónis, lindo moço, morte feia,
da bela Citereia tão chorada;
toda a terra esmaltada destas rosas!

Ali as Ninfas fermosas pelos prados,
os Faunos namorados após elas,
mostrando-lhe capelas de mil cores,
que faziam das flores que colhiam;
as Ninfas lhe fugiam, amedrontadas,
as fraldas levantadas, pelos montes.

A fresca água das fontes espalhar-se,
Vertuno transformar-se ali se via;
Pomona, que trazia os doces frutitos;
ali pastores muitos, que tangiam
as gaitas que traziam e, cantando,
estavam enganando suas penas,
tomando das Sirenas o exercício.

Ouvia-se Salício lamentar-se,
da mudança queixar-se crua e feia
da dura Galateia, tão fermosa;
e da morte envejosa Nemoroso
ao monte cavernoso se querela,
que sua Elisa bela, em pouco espaço,
cortara inda em agrão a dura sorte.

Ó imatura morte, que a ninguém,
de quantos vida têm, nunca perdoas!
Mas tu, Tempo, que voas apressado,
um deleitoso estado quão asinha
nesta vida mesquinha transfiguras
em mil desaventuras, e a lembrança
nos deixas por herança do que levas!

Assi que se nos cevas com prazeres,
á para nos comeres no melhor.

Cada vez em pior te vás mudando;
quanto vens inventando, que hoje aprovas,
logo amanhã reprovas com instância!
Ó estranha inconstância e tão profana
de toda a cousa humana inferior,
a quem o cego error sempre anda anexo!
Mas eu de que me queixo? ou que digo?
Vive o tempo comigo, ou ele tem
culpa no mal que vem da cega gente?
Porventura ele sente ou ele entende
aquilo que defende o Ser Divino?
Ele usa de contino seu ofício,
que já por exercício lhe é devido:
dá-nos fruto colhido na sazão
de fermoso verão; e, no inverno,
com seu humor eterno congelado,
do vapor levantado coa quentura
do sol, a terra dura lhe dá alento,
para que o mantimento produzindo
estê sempre cumprindo seu costume;
assi que não consume de si nada,
nem muda da passada vida um dedo;
antes sempre está quedo no devido,
porque este é seu partido e sua usança;
e nele está mudança e mais firmeza.
Mas quem a lei despreza e pouco estima
de Quem de lá de cima está movendo
o Céu sublime e horrendo, o mundo puro,
este muda o seguro e firme estado
do tempo, não mudado da verdade.
Não foi naquela idade de ouro claro
o firme tempo caro e excelente?
Vivia então a gente moderada;
sem ser a terra arada, dava pão;
sem ser cavado, o chão as frutas dava;
nem chuva desejava, nem quentura;

supria então Natura o necessário.
Pois quem foi tão contrário a esta vida?
Saturno que, perdida a luz serena,
causou que, em dura pena desterrado,
fosse do Céu deitado, onde vivia,
porque os filhos comia, que gerava.
Por isso se mudava o tempo igual
em mais baixo metal e, assi decendo,
nos veio assi trazendo a este estado.
Mas eu, desatinado, adonde vou?
Para onde me levou a fantasia,
que estou gastando o dia em vãs palavras?
Quero ora minhas cabras ir levando
ao manso Tejo brando, porque achar
no mundo que emendar não e de agora;
basta que a vida fora dele tenho.
Com meu gado me avenho, e estou contente.
Porém, se me não mente a vista, eu vejo
nesta praia do Tejo estar deitado
Almeno que, enlevado em pensamentos,
as horas e momentos vai gastando;
para ele vou chegando, só por ver
se poderei fazer que o mal, que sente,
um pouco se lhe ausente da memória.

ALMENO, sonhando

Ó doce pensamento, ó doce glória!
São estes porventura os olhos belos
que tem de meus sentidos a vitória?

São estas, Ninfa, as tranças dos cabelos
que fazem de seu preço o ouro alheio,
e a mim de mim mesmo, só com vê-los?

É esta a alva coluna, o lindo esteio,
sustentador das obras mais que humanas,
que eu nos braços tenho, e não no creio?

Ah! falso pensamento, que me enganas!
Fazes-me pôr a boca onde não devo,
com palavras de doudo, e quase insanas!

Como alçar-te tão alto assi me atrevo?
Tais asas dou-tas eu, ou tu mas dás?
Levas-me tu a mim, ou eu te levo?

Não poderei eu ir onde tu vás?
Porém, pois ir não posso onde tu fores,
quando fores, não tornes donde estás.

Ó que triste sucesso foi de amores
o que a este pastor aconteceu,
segundo ouvi contar a outros pastores!

Que tanto por seu dano se perdeu
que o longo imaginar em seu tormento
em desatino Amor lho converteu.

Ó furioso vigor do pensamento,
que pode noutra cousa estar mudando
a forma, a vida, o siso, o entendimento!

Está-se um triste amante transformando
na vontade daquela que tanto ama,
de si sua própria essência transportando;

e nenhũa outra cousa mais desama
que a si, se vê que em si há algum sentido
que deste fogo insano não se inflama.

Almeno, que aqui está tão influído
no fantástico sonho, que o cuidado
lhe traz sempre ante os olhos esculpido,

está-se-lhe pintando, de enlevado,
que tem já da fantástica pastora
o peito diamantino mitigado.

Em este doce engano estava agora
falando como em sonhos; mas achando
ser vento o que sonhava, grita e chora.

Destarte andavam sonhos enganando
o pastor sonolento, que a Diana
andava entre as ovelhas celebrando;

destarte a nuvem falsa em forma humana
o vão pai dos Centauros enganava,
que Amor, quando contenta, sempre engana;

como a este que consigo só falava
cuidando que falava, de enlevado,
com quem lhe o pensamento figurava.

Não pode quem quer muito ser culpado
em nenhum erro, quando vem a ser
o amor em doudice transformado.

Não é amor, se não vier
com doudices, desonras, dissensões,
pazes, guerras, prazer e desprazer,

perigos, línguas más, murmurações,
ciúmes, arruídos, competências,
temores, mortes, nojos, perdições.

Estas são verdadeiras experiências
de quem põe o desejo onde não deve,
de quem engana alheias inocências.

Mas isto tem Amor, que não se escreve
senão onde é ilícito e custoso;
e onde é mor o perigo mais se atreve.

Passava alegre tempo, deleitoso,
o troiano pastor, enquanto andava
sem ter alto desejo e perigoso.

Seus furiosos touros coroava,
e nos álamos altos escrevia
teu nome, Enone, quando a ti só amava.

Creciam os altos álamos, crecia
o amor que te tinha; sem perigo
e sem temor contente te servia.

Mas depois que deixou entrar consigo
ilícito desejo e pensamento,
de sua quietação tão inimigo,

a toda a pátria pôs em detrimento,
com morte de parentes e de irmãos,
com cru incêndio e grande perdimento.

Nisto fenecem pensamentos vãos,
tristes serviços mal galardoados,
cuja glória se passa dantre as mãos.

Lágrimas e suspiros arrancados
d'alma, todos se pagam com enganos,
e oxalá fossem muitos enganados.

Andam com seu tormento tão ufanos,
gastando na doçura de um cuidado
após ãa esperança, tantos anos!

E tal há tão perdido namorado,
tão contente co pouco, que daria
por um só mover d'olhos, todo o gado.

E em todo o povoado e companhia,
sendo ausentes de si, estão presentes
com quem lhe pinta sempre a fantasia.

Cum certo não sei quê andam contentes,
e logo um nada os torna ao contrário,
de todo o ser humano diferentes.

Ó tirânico Amor, ó caso vário,
que obrigas um querer que sempre seja
de si contino e áspero adversário!

E outr' hora nenhũa alegre esteja,
senão quando do seu despojo amado
sua imiga estar triunfando veja!

Quero falar com este, que enredado
nesta cegueira está sem nenhum tento.
Acorda já, pastor desacordado!

ALMENO

Oh! porque me tiraste um pensamento
que agora estava os olhos debuxando,
de quem aos meus foi doce mantimento?

AGRÁRIO

Nessa imaginação estás gastando
o tempo e a vida, Almeno? Oh, perda grande!
Não vês quão mal os dias vais passando?

ALMENO

Fermosos olhos, ande a gente e ande,
que nunca vos ireis desta alma minha,
por mais que o tempo corra e a morte o mande.

AGRÁRIO

Quem poderá cuidar que tão asinha
se perca o curso assi do siso humano,
que corre por direita e justa linha?

Que sejas tão perdido por teu dano,
Almeno irmão, não é, por certo, aviso,
mas mui grande doudice e grande engano.

ALMENO

Ó Agrário, que vendo o doce riso
e o rosto tão fermoso como esquivo,
o menos que perdi foi todo o siso.

E não entendo, dêś que fui cativo,
outra cousa de mim, senão que mouro;
nem isto entendo bem, pois inda vivo.

À sombra deste umbroso e verde louro
passo a vida, ora em lágrimas cansadas,
ora em louvores dos cabelos de ouro.

Se perguntares porque são choradas,
ou porque tanta pena me consume,

revolvendo memórias magoadas:

dês que perdi da vista o claro lume,
e perdi a esperança e a causa dela,
não choro por razão, mas por costume.

Jamais soube co Fado ter cautela;
nem nunca houve em mi contentamento
que não fosse trocado em dura estrela.

Que bem livre vivia e bem isento,
sem nunca ser ao jugo sometido
de nenhum amoroso pensamento!

Lembra-me, Agrário amigo, que o sentido
tão fora de amor tinha que me ria
de quem por ele via andar perdido.

De várias cores sempre me vestia,
de boninas a fronte coroava;
nenhum pastor, cantando, me vencia.

A barba então nas faces me apontava;
na luta, no correr e em qualquer manha
sempre a palma antre todos alcançava.

Da minha idade tenra, em tudo estranha,
vendo, como acontece, afeiçoadas
muitas Ninfas do rio e da montanha,

com palavras mimosas e forjadas
da solta liberdade e livre peito,
as trazia contentes e enganadas.

Mas não querendo Amor que, deste jeito,
dos corações andasse triunfando

em quem ele criou tão pouco efeito,

pouco e pouco me foi de mim levando
dissimuladamente as mãos de quem
toda esta injúria agora esta vingando.

AGRÁRIO

Deste teu caso, Almeno, eu sei mui bem
o princípio e o fim, que Nemoroso
contado tudo isso, e mais, me tem.

Mas quero-te dizer: se o enganoso
Amor é costumado a desconcertos
que nunca, amando, fez pastor ditoso,

já que nele estes casos são tão certos,
porque os estranhas tanto que, de mágoa,
te choram as montanhas e os desertos?

Vejo-te estar gastando em viva frágua
e, juntamente, em lágrimas vencendo
a grã Sicília em fogo, o Nilo em água.

Vejo que as tuas cabras não querendo
gostar as verdes ervas, se emagrecem,
as tetas aos cabritos encolhendo.

Os campos que co tempo reverdecem
os olhos alegrando, descontentes
em te vendo, parece que entristecem.

Todos os teus amigos e parentes,
que lá da serra vêm por consolar-te,
sentindo n' alma a pena que tu sentes,

se querem de teus males apartar-te.
Deixando a casa e gado vais fugindo,
como cervo ferido, a outra parte.

Não vês que Amor, as vidas consumindo,
vive só de vontades enlevadas
no falso parecer dum gesto lindo?

Nem as ervas das águas desejadas
se fartam; nem de flores as abelhas;
nem este amor de lágrimas cansadas.

Quantas vezes, perdido entre as ovelhas,
chorou Febo de Dafne as esquivações,
regando as flores brancas e vermelhas?

Quantas vezes as ásperas mudanças
o namorado Galo tem chorado
de quem o tinha envolto em esperanças?

Estava o triste amante recostado,
chorando ao pé dum freixo o triste caso
que o falso Amor lhe tinha destinado;

por ele o sacro Pindo e o grão Parnaso
na fonte de Aganipe distilando,
o faziam de lágrimas um vaso.

Vinha o intenso Apolo ali culpando
a sobeja tristeza perigosa
com ásperas palavras reprovando:

«Galo, porque endoudeces, que a fermosa
Ninfa que tanto amaste, descobrindo
por falsa a fé que dava e mentirosa,

pelas alpinas neves vai seguindo
outro amor, outro bem, outro desejo,
como inimiga, enfim, de ti fugindo?»

Mas o mísero amante, que o sobejo
mal empregado amor lhe defendia
ter de tamanha fé vergonha ou pejo,

da falsífica Ninfa não sentia
senão que o frio do gelado Reno
os delicados pés lhe ofenderia.

Ora se tu vês claro, amigo Almeno,
que de Amor os desastres são de sorte
que para matar basta o mais pequeno,

porque não pões um freio a mal tão forte
que em estado te põe que, sendo vivo,
já não se entende em ti vida nem morte?

ALMENO

Agrário, se do gesto fugitivo
por caso da fortuna desastrado,
algũa hora deixar de ser cativo;

ou sendo para as Ursas degradado,
aonde Bóreas tem o Oceano
cos frios Hiperbóreos congelado;

ou onde o filho de Climene insano,
mudando a cor das gentes totalmente,
as terras apartou do trato humano;

ou, se por qualquer outro acidente,
deixar este cuidado tão ditoso,

por quem sou de ser triste tão contente:

este rio, que passa deleitoso,
tornando por detrás, irá negando
a natureza o curso pressuroso;

as feras pelo mar irão buscando
seu pasto e andar-se-ão pola espessura
das ervas os delfins apacentando.

Ora, se tu vês n'alma quão segura
tenho esta fé e amor, para que insistes
nesse conselho e prática tão dura?

Se de tua perfia não desistes,
vai repastar teu gado a outra parte;
que é dura a companhia para os tristes.

Õa só cousa quero encomendar-te,
para repouso algum de meu engano,
antes que o tempo, enfim, de mim te aparte:

que, se esta fera que anda em trajo humano
vires pela montanha andar vagando,
de meu despojo rica e de meu dano,

com os espiritos vivos inflamando
o ar, o monte e a serra, que consigo
continuamente leva namorando;

se queres contentar-me como amigo,
passando, lhe dirás: «Gentil pastora,
não há no mundo vício sem castigo.

Tornada em duro mármore não fora
a fera Anaxarete, se amoroso

mostrara o rosto angélico algũa hora.

Foi bem justo o castigo rigoroso;
porém quem te ama, Nífa, não queria
noda tão feia em gesto tão fermoso».

AGRÁRIO

Tudo farei, Almeno, e mais faria
por te ver algũa hora descansado,
se se acabam trabalhos algum dia.

Mas bem vês como Febo, já empinado,
me manda que da calma iníqua e crua
recolha em algum vale o manso gado.

Tu, nessa fantasia falsa tua,
para engano maior de teu perigo,
não queres companhia senão a sua.

Vou-me daqui e fique Deus contigo;
e ficarás melhor acompanhado.

ALMENO

Ele contigo vá, como comigo
me fica acompanhando meu cuidado.

Ao pé de uma alta faia vi sentado
num vale deleitoso e bem florido
a Almeno, pastor triste e namorado.

Outro no mundo pode haver nacido
tão queixoso de Amor; porém, não tanto
como este amante por amar perdido.

Já Vénus ia recolhendo o manto
escuro com que a terra se mostrava
para ajudar de Almeno o triste pranto.

Apolo sobre os montes derramava
seus dourados cabelos, que faziam
ao triste inda mais triste do que estava.

As flores por o prado se estendiam
e das que finas mais eram as cores
as brancas roxas Ninfas mais colhiam.

Já guiavam seus gados os pastores
que, deixando-os no campo deleitoso,
com elas praticavam só de amores.

Mas era esta alegria um perigoso
estado para Almeno entristecido,
e por isso a deixava pressuroso.

Buscando outro lugar, contra Cupido
claramente exclamava, e o arguia
de contrário, de astuto e fementido.

De quando em quando, a frauta que tangia
números dava ao ar tão docemente
que as aves provocava a melodia.

Cego assi desta dor, deste acidente,
com os olhos em lágrimas banhados
postos no céu, dizia tristemente:

«Se, Amor, eu te ofendi com meus cuidados,
porque mos deste tu para ofender-te,
quando livre vivia nestes prados?

Não vês quanto me negas merecer-te
o bem que me mostravas, se deixasse
ferir meu coração para sofrer-te?

Qual bem me hás dado, Amor, que me durasse?
Ou qual me hás prometido, que hajas dado?
Ou qual deste que muito não custasse?

Mostra-me quem puseste em tal estado
que pudesse viver de ti contente,
ou quem de ti não fosse lastimado.

Inimigo cruel de toda a gente,
já não quero teu bem, só meu mal quero,
se de ti nem meu mal se me consente.

Inda que de teus bens já desespero,
não desprezo dos males o tormento,
antes o prezo mais quando é mais fero».

Arrebatado deste pensamento,
ia o triste pastor com um contino
pranto, que lhe avivava o sentimento,

quando entrou num vergel de esmalte fino,
que era de Amor plantado, e parecendo
lhe está menos humano que divino.

Nele a dor sua esteve suspendendo:
porém não como cervo está, ferido,
reparo ao mal que leva pretendendo.

Aparecia o sítio tão florido
que provocava a não vulgar espanto,
entre uns altos ulmeiros escondido.

De um cristalino orvalho tinha o manto,
quando entrou nele, o mísero pastor,
e as tenções explicou neste seu canto:

«Ó belas rosas, vós, que sois Amor,
é por dita humildade ou é baixeza
o ter a par de vós murta, que é dor?

Papoulas conversais, que são tristeza?
Não desprezais o cardo, que é tormento?
Admitis a hortelã, sendo crueza?

Dos goivos longe vejo o sentimento;
dos jasmíns perto estou vendo o perigo;
do malmequeres vejo o sofrimento.

Deste me temerei como inimigo.
Mas traz por armas salva, que é razão:
com ela acabará também comigo.

As minhas vêm a ser uma afeição
que são os puros cravos misturados
coa vontade sujeita, que é limão.

Ai, mosquetas, que sois de Amor cuidados!
Ai, crespas manjerona, que és prazer!
Vós sós devíeis adornar os prados.

Não podem dois opostos juntos ser,
onde se opõem giestas, que é lembrança,
junto do rosmaninho, que é crescer.

Bem pesa do leve álamo a mudança;
do roxo goivo anima o pensamento,
do cipreste odorífero a esperança.

O trevo, que é sentido apartamento,
cerca o manjerição, que se interpreta
memória a quem ofende o esquecimento.

Mais importuna que o jardim de Creta,
a ameixieira a flor está soltando;
a segurelha vejo, que é discreta.

As ervas que daqui irei tomando
são a pura cecém, que é saudade;
cravos medo de ver qual de amor ando.

E, de ter mui perdida a liberdade,
tomarei madressilva entendimento;
legação tornarei, porque é verdade.

Marmeleiro me dá arrependimento;
por a salva, que é gosto, tomarei
coentro, oposto ao meu contentamento.

Conhecimento firme nunca achei
que violetas são; e, quando o houvera,
qual meu dano então fora bem o sei.

Oh, quem, erva-cidreira, oh, quem pudera
ver-vos aqui menor, pois sois vitória,
que de mim alcançou chama severa!

Mas se quereis que tenha alguma glória
por galardão de amar e ser sujeito,
perderei de tormentos a memória.

Porém, pois mo negais, de todo enjeito
a palma, que é ventura; e na parreira,
que é esperança perdida, me deleito.

Entretanto coa flor da laranjeira,
que é desafio duro e arriscado,
posso arguir da hora derradeira.

Já não se quer deter o meu cuidado.
Com a romã descanso; a brevidade
das maravilhas só tem desejado.

E vós, ovelhas minhas, sem piedade,
vos apartai de mim, se algum desejo
tendes de ter do pasto mais vontade.

Se muita de me verdes em vós vejo,
toda a minha de ver-vos hei perdido,
à força do poder de amor sobejo.

Lograi do Tejo o plácido ruído;
sós, lograi estas veigas florecidas.
Pois se perde o pastor vosso querido,
não gosteis de com ele ser perdidas.

*Endechas a Õa cativa com quem andava
d'amores na Índia, chamada Bárbara*

Aquela cativa,
que me tem cativo,
porque nela vivo
já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
em suaves molhos,
que para meus olhos
fosse mais fermosa.

Nem no campo flores,
nem no céu estrelas,
me parecem belas
como os meus amores.
Rosto singular,
olhos sossegados,
pretos e cansados,
mas não de matar.

Õa graça viva,
que neles lhe mora,
para ser senhora d
e quem é cativa.
Pretos os cabelos,
onde o povo vão
perde opinião
que os louros são belos.

Pretidão de Amor,
tão doce a figura,
que a neve lhe jura
que trocara a cor.
Leda mansidão
que o siso acompanha;

bem parece estranha,
mas *bárbara* não.

Presença serena
que a tormenta amansa,
nela enfim descansa
toda a minha pena.
Esta é a cativa
que me tem cativo,
e, pois nela vivo,
é força que viva.

A D. ANTÓNIO DE NORONHA, ESTANDO NA ÍNDIA.

Aquela que de amor descomedido
pelo formoso moço se perdeu
que só por si de amores foi perdido,

despois que a deusa em pedra a converteu
de seu humano gesto verdadeiro,
a última voz só lhe concedeu;

assi meu mal do próprio ser primeiro
outra cousa ena me consente
que este canto que escrevo derradeiro.

E, se uma pouca vida, estando ausente,
me deixa Amor, e por que o pensamento
sinta a perda do bem de estar presente.

Se, Senhor, vos espanta o sentimento
que tenho em tanto mal, para escrevê-lo
furto este breve tempo a meu tormento;

porque quem tem poder para sofrê-lo,
sem se acabar a vida co cuidado,
também terá poder para dizê-lo.

Nem eu escrevo mal tão costumado,
mas n'alma minha, triste e saudosa,
a saudade escreve, eu traslado.

Ando gastando a vida trabalhosa,
espalhando a contínua saudade
ao longo de ãa praia saudosa.

Vejo do mar a instabilidade
como, com seu ruído impetuoso,

retumba na maior concavidade

e, com sua branca espuma, furioso,
na terra, a seu pesar, lhe está tomando
lugar onde se estenda, cavernoso.

Ela, como mais fraca, lhe está dando
as côncavas entranhas, onde esteja
suas salgadas ondas espalhando.

A todas estas cousas tenho enveja
tamanha, que não sei determinar-me,
por mais determinado que me veja.

Se quero em tanto mal desesperar-me,
não posso, porque Amor e Saudade
nem licença me dão para matar-me.

Às vezes cuido em mim se a novidade
e estranheza das cousas, coa mudança,
se poderão mudar ãa vontade.

E com isto afiguro na lembrança
a nova terra, o novo trato humano,
a estrangeira gente e estranha usança.

Subo-me ao monte que Hércules tebano
do altíssimo Calpe dividiu,
dando caminho ao mar Mediterrano.

Dali estou tenteando aonde viu
o pomar das Hespéridas, matando
a serpe que a seu passo resistiu.

Em outra parte estou afigurando
o poderoso Anteu que, derrubado,

mais força lhe estava acrescentando;

mas, do hercúleo braço sojugado,
no ar deixou a vida, não podendo
da madre terra já ser ajudado.

Nem com isto, enfim, que estou dizendo,
nem com as armas tão continuadas
de lembranças passadas me defendo.

Todas as cousas vejo demudadas,
porque o tempo ligeiro não consente
que estejam de firmeza acompanhadas.

Vi já que a primavera, de contente,
de mil cores alegres revestia
o monte, o rio, o campo, alegremente.

Vi já das altas aves a harmonia,
que até aos montes duros convidava
a um modo suave de alegria.

Vi já que tudo, enfim, me contentava
e que, de muito cheio de firmeza,
um mal por mil prazeres não trocava.

Tal me tem a mudança e estranheza
que, se vou pelos campos, a verdura
parece que se seca, de tristeza.

Mas isto é já costume da ventura:
que os olhos que vivem descontentes,
descontente o prazer se lhe afigura.

Ó graves e insofríveis acidentes
de Fortuna e de Amor, que penitência

tão grave dais aos peitos inocentes!

Não basta exprimentar-me paciência,
com temores e falsas esperanças,
sem que também me atente o mal de ausência?

Trazeis um brando ânimo em mudanças,
para que nunca possa ser mudado
de lágrimas, suspiros e lembranças.

E, se estiver ao mal acostumado,
também no mal não consentis firmeza,
para que nunca viva descansado.

Vivia eu sossegado na tristeza,
e ali não me faltava um brando engano,
que tirasse os desejos da fraqueza;

e, vendo-me enganado estar ufano,
deu à roda Fortuna, e deu comigo
onde de novo choro o novo dano.

Já deve de bastar o que aqui digo
para dar a entender o mais que falo,
a quem já viu tão áspero perigo.

E se nos bravos peitos faz abalo
um peito magoado e descontente,
que obriga a quem o ouve a consolá-lo;

não quero mais senão que largamente,
Senhor, me mandeis novas dessa terra:
ao menos poderei viver contente.

Porque se o duro Fado me desterra
tanto tempo do bem que o fraco esprito

desampare a prisão onde se encerra,

ao som das negras águas de Cocito,
ao pé dos carregados arvoredos
cantarei o que na alma tenho escrito.

E, por entre esses hórridos penedos,
a quem negou Natura o claro dia,
entre tormentos ásperos e medos,

com a trémula voz, cansada e fria,
celebrarei o gesto claro e puro
que nunca perderei da fantasia.

E o músico de Trácia, já seguro
de perder sua Eurídice, tangendo
me ajudará, ferindo o ar escuro.

As namoradas sombras, revolvendo
memórias do passado, me ouvirão;
e, com seu choro, o rio irá crescendo:

Em Salmoneu as penas faltarão,
e das filhas de Belo, juntamente,
de lágrimas os vasos se encherão.

Que se o amor não se perde em vida ausente;
menos se perderá por morte escura;
porque, enfim, a alma vive eternamente,
e amor é afeito d'alma, e sempre dura.

Aquele moço fero
na peletrónia cova doutrinado
do Centauro severo,
cujo peito esforçado
com tutanos de tigres foi criado;

na água fatal, minino,
o lava a mãe, pressaga do futuro,
para que ferro fino
não passe o peito duro
que de si mesmo a si se tem por muro.

A carne lhe endurece,
que ser não possa de armas ofendida.
Cega! que não conhece
que pode haver ferida
n'alma, que menos dói perder a vida.

Que, aonde o braço irado
dos Troianos passava arnês e escudo,
ali se viu passado
daquele ferro agudo
do Minino que em todos pode tudo.

Ali se viu cativo
da cativa gentil, que serve e adora;
ali se viu que, vivo,
em vivo fogo mora,
porque de seu senhor se vê senhora.

Já toma a branda lira
na mão que a dura Pélias meneara;
ali canta e suspira,
não como lhe ensinara
o velho, mas o Moço que o cegara.

Pois, logo, quem culpado
será se, de pequeno, oferecido
foi logo a seu cuidado,
no berço instituído
a não poder deixar de ser ferido?

Quem, logo, fraco infante,
doutro mais poderoso foi sujeito,
que para cego amante
foi de princípio feito,
com lágrimas banhando o brando peito?

Se agora foi ferido
da penetrante seta e força de erva,
e se Amor é servido
que sirva à linda serva,
para que minha estrela me reserva?

O gesto bem-talhado,
o airoso meneio e a postura,
o rosto delicado,
que na vista afigura
que se ensina por arte a fermosura,

como pode deixar
de cativar quem tenha entendimento?
Que, quem não penetrar
um doce gesto, atento,
não lhe é nenhum louvor viver isento.

Que aqueles cujos peitos
ornou de altas ciências o destino,
esses foram sujeitos
ao cego e vão Minino,
arreatados do furor divino.

O Rei fermoso hebreio,
que mais que todos soube, mais amou;
tanto que a deus alheio
falso sacrificou.
Se muito soube e teve, muito errou.

E o grão Sábio que ensina,
passeando, os segredos da Sofia,
à baixa concubina
do vil eunuco Hermia
aras ergueu, que aos deuses só devia.

Aras ergue a quem ama
o Filósofo insigne namorado.
Dói-se a perpétua Fama
e grita que, culpado,
da lesa-divindade e acusado.

Já foge donde habita;
já paga a culpa enorme com desterro.
Mas, oh! grande desdita!
Bem mostra tamanho erro
que doutos corações não são de ferro.

Antes na altiva mente,
no sutil sangue e engenho mais perfeito,
há mais conveniente
e conforme sujeito
onde se imprima o brando e doce afeito.

Aquele mover de olhos excelente,
aquele vivo espírito inflamado
do cristalino rosto transparente;

aquele gesto imoto e repousado,
que, estando na alma propriamente escrito,
não pode ser em verso trasladado;

aquele parecer, que é infinito
para se compreender de engenho humano,
o qual ofendo enquanto tenho dito,

me inflama o coração dum doce engano.
me enleva e engrandece a fantasia,
que não vi maior glória que meu dano.

Oh, bem-aventurado seja o dia
em que tomei tão doce pensamento,
que de todos os outros me desvia!

E bem-aventurado o sofrimento
que soube ser capaz de tanta pena,
vendo que o foi da causa o entendimento!

Faça-me, quem me mata, o mal que ordena;
trate-me com enganos, desamores;
que então me salva, quando me condena.

E se de tão suaves disfavores
penando vive ãa alma consumida,
oh! que doce penar! que doces dores!

E se ãa condição endurecida
também me nega a morte, por meu dano,
oh! que doce morrer! que doce vida!

E se me mostra um gesto brando e humano,
como quem de meu mal culpada se acha,
oh! que doce mentir! que doce engano!

E se em querer-lhe tanto ponho tacha,
mostrando refrear o pensamento,
oh! que doce fingir! que doce cacha!

Assi que ponho já no sofrimento
a parte principal de minha glória,
tomando por melhor todo o tormento.

Se sinto tanto bem só na memória
de vos ver, linda Dama, vencedora,
que quero eu mais que ser vossa a vitória?

Se tanto vossa vista mais namora
quanto eu sou menos para merecer-vos,
que quero eu mais que ter-vos por senhora?

Se procede este bem de conhecer-vos
e consiste o vencer em ser vencido,
que quero eu mais, Senhora, que querer-vos?

Se em meu proveito faz qualquer partido,
só na vista duns olhos tão serenos,
que quero eu mais ganhar que ser perdido?

Se meus baixos espiritos, de pequenos,
ainda não merecem seu tormento,
que quero eu mais, que o mais não seja menos?

A causa, enfim, me esforça o sofrimento,
porque, apesar do mal, que me resiste,
de todos os trabalhos me contento;
que a razão faz a pena alegre ou triste.

Aquele único exemplo
de fortaleza heroica e de ousadia,
que mereceu, no templo
da eternidade, ter perpétuo dia
o grão filho de Thétis, que dez anos
flagelo foi dos míseros Troianos;

não menos ensinado
foi nas ervas e médica notícia
que destro e costumado
no soberbo exercício da milícia:
assi que as mãos que a tantos morte deram,
também a muitos vida dar puderam.

E não se desprezou
aquele fero e indómito mancebo,
das artes que ensinou
para o lânguido corpo o intonso Febo
que, se o temido Hector matar podia,
também chagas mortais curar sabia.

Tais artes aprendeu
do semíviro mestre e douto velho,
onde tanto creceu
em virtude, ciências e conselho,
que Télefo, por ele vulnerado,
só dele pôde ser despois curado.

Pois a vós, ó excelente
e ilustríssimo Conde, do céu dado
para fazer presente
de heróis altos o tempo já passado;
em que bem trasladada está a memória
de vossos ascendentes a honra e a glória:

Posto que o pensamento
ocupado tendeis na guerra infesta,
ou do sanguinolento
trobado Achem, que o mar molesta,
ou do Cambaico; oculto inimigo nosso,
que qualquer deles treme ao nome vosso;

favorecei a antiga
ciência, que já Aquiles estimou;
olhai que vos obriga
verdes que em vosso tempo se mostrou
o fruto daquela Orta, onde florescem
plantas novas, que os doutos não conhecem.

Olhai que, em vossos anos,
uma Orta insigne produz várias ervas
nos campos lusitanos,
as quais aquelas douradas e protervas
Medeia e Circe nunca conheceram,
posto que as leis da Magia excederam.

E vede carregado
d'anos, letras e longa experiência,
um velho que, ensinado
das gongélicas Musas na ciência
podalíria sutil e arte silvestre,
vence o velho Quiron, d'Aquiles mestre;

o qual está pedindo
vosso favor e ajuda ao grão volume
que, agora em luz saindo,
dará da Medicina um novo lume,
e descobrindo irá segredos certos
a todos os antigos encobertos.

Assi que não podeis
negar – como vos pede – benina aura:
que, se muito valeis
na polvorosa guerra índica e maura,
ajudai quem ajuda contra a morte;
e sereis semelhante ao Grego forte.

PISCATÓRIA

Arde por Galateia branca e loura
Serenó, pescador pobre, forçado
de ùa estrela cruel que à míngua moura.

Os outros pescadores têm lançado
no Tejo as redes; ele só fazia
este queixume ao vento descuidado:

«Quando virá, fermosa Ninfa, o dia
em que te possa dar a conta estreita
desta doudice triste e vã porfia?

Não vês que me foge a alma e que me enjeita,
buscando num só riso da tua boca,
nos teus olhos azuis, mansa colheita?

Se a esse espírito algũa mágoa toca,
se de Amor fica nele ùa pegada,
que te vai, Galateia, nesta troca?

Dar-te-ei minha alma; lá ma tens roubada;
não ta demandarei; dá-me por ela
ùa só volta de olhos descuidada.

Se muito te parece, e minha estrela
não consentir ventura tão ditosa,
dou-te as asas do Amor perdidas nela.

Que mais te posso dar, Ninfa fermosa,
inda que o mar de aljôfar me cubrira
toda esta praia leda e graciosa?

Amansam ondas, quebra o vento a ira;
minha tormenta triste não sossega;

arde o peito em vão, em vão suspira.

Ao romper d'alva anda a névoa cega
sobre os montes da Arrábida viçosos,
enquanto a eles a luz do sol não chega.

Eu vejo aparecer outros fermosos
raios, que a graça e cor ao céu roubaram;
ficam meus olhos cegos mais saudosos.

Quantas vezes as ondas se encrespam
com meus suspiros! Quantas com meu pranto
se pararam com mágoa e me escutaram!

Se na força da dor a voz levanto,
e ao som do remo que a água vai ferindo
por alta Lũa meu cuidado canto,

os maviosos delfins me estão ouvindo;
a noite sossegada; o mar, calado.
Só, Galateia, foges e vás rindo.

Estranhas, porventura, o mar cercado
da fraca rede, a barca ao vento solta,
e um pobre pescador aqui lançado?

Antes que o sol dê no céu ãa volta
se pode melhorar minha ventura,
como acontece aos outros, n'água envolta.

Igual preço não é da fermosura
areia de ouro, que o rico Tejo espraia,
mas um amor que para sempre dura.

Vejam teus olhos, bela Ninfa, a praia;
verás teu nome na mimosa areia.

Nunca sobre ele o mar com fúria saia,

que até agora nem vento e ar salteia!

Três dias há que escrito aqui o deixou

Amor, guardando-o a toda a força alheia.

Ele com suas mãos mesmo ajudou

escolher estas conchas que, guardando,

ũa e ãa para ti só ajuntou.

Um ramo te colhi de coral brando;

antes que o ar lhe desse, parecia

o que eu de tua boca estou cuidando.

Ditoso se o soubesse inda algum dia!

Belisa, único bem desta alma triste,
descanso singular de minha vida,
trono donde o poder de Amor consiste;

formosa fera, a quem está rendida
de Amor a que é mais livre liberdade,
ganhada mais, se mais por ti perdida:

Quão contrário parece na beldade,
que os corações cativa com brandura,
alguma nódoa haver de crueldade;

quão contrário parece em formosura,
que deixa muito atrás quanto é humano,
esquiva condição ou alma dura;

quão mal parece em quem só cum engano
pode dar vida ao coração sujeito,
dar-lhe, em lugar de vida, um mortal dano;

quão mal parece que um amor perfeita
não seja de outro igual remunerado,
inda que seja, acaso, contrafeito;

quão mal parece estar desesperado
quem tanto por ti sofre e tem sofrido,
devendo estar de penas aliviado!

Porém pior parece quem rendido
não for a um parecer que tudo rende,
por mais que em seu rigor viva ofendido.

E inda pior parece quem defende
o ser essa beleza sempre amada,
por mais que em vão se canse o que a pretende.

Se quem te mostra amor te desagrada,
só podes pretender o não ser vista;
mas não, depois de vista, o ser deixada.

Quão mal sabe o valor de tua vista
quem cuida que o que dela acaso alcança
pode achar coração que lhe resista!

Quão bem pareceria uma esperança
já concedida a meu amor ardente,
não sempre uma mortal desconfiança!

Se um padecer por ti constantemente
pudesse ser reparo a quem mais te ama,
inda esperar pudera o ser contente.

Mas eu terno que aquela imensa chama
com que a teu belo império me levaste,
te enfrie tanto a ti, quanto me inflama.

Se a olímpica beleza assi imitaste,
que brandamente move um amor puro,
porque tão dura condição tomaste?

Qual elevado, qual soberbo muro
este mal, que me ocupa o pensamento,
contado, não tornara menos duro?

Tu, que és a causa só de meu tormento,
tu, que somente podes gloriar-me,
queres que as minhas queixas leve o vento?

Tu, que me pagarias com matar-me,
inda a morte me negas vezes tantas?
Ai, que me deras vida em morte dar-me!

Usa piedade, tu, que o mundo espantas
cos belos olhos, com que o douras tanto,
se acaso a vê-lo brandos os levantas.

Estende-se na terra o negro manto,
e à noute dá alegria a luz alheia;
mas nos meus olhos tristes dura o pranto.

Torna a manhã depois alegre e cheia
da luz que o choro enxuga à bela Aurora;
mas do meu choro nunca enxuga a veia.

Lágrimas já não são que esta alma chora,
mas amor é vital que dentro arde,
e por a luz dos olhos salta fora.

Como inda a morte quer que mais aguarde?
Não tarda já mas corra a mal tão fero.
Mas já por mais que corra virá tarde.

Nem no supremo trance de ti espero
que inda, com ver o estado em que me hás posto,
queiras, crua, entender quanto te quero.

Ai! se volveres esse belo rosto
ao lugar triste em que morrer me vires,
não por desgosto teu, mas por teu gosto,

não quero de ti, não, que ali suspires,
nem que de dar-me a morte te arrependas,
mas que os olhos de ver-me então não tires.

Assi nunca pastor a quem te rendas
te faça conhecer o que me fazes,
para que com teu mal meu mal entendas!

Como já agora não te satisfazes
das penas deste amor que, por querer-te,
de teu merecimento são capazes?

Pois quem com outro mérito render-te
presume — ó raro monstro de beleza! -
muito mais longe está de merecer-te.

Este si, que merece a grã crueza
com que tu de acabar-me a vida tratas,
pois diante de ti, de si se preza.

Se cuidas que com isto desbaratas
o meu constante amor, por que não viva,
ele mais vive quando mais me matas.

Se o dar-me morte tens por glória altiva,
eu me inclino a que mates; tu te inclina
a matar mais de branda que de esquiva.

Se esta alma tua julgas por indina
daquele grande bem que em ti se esconde,
do descoberto mal a faze dina.

Onde — ai! — voz acharei que baste — ai! — onde,
a poder reduzir-te a ser piedosa?
Ou me acaba de todo, ou me responde.

Mas por mais que te mostres rigorosa,
deixar meu pensamento me é impossível,
igualmente que a ti não ser formosa.

E por mais que esta dor seja terrível,
somente o contemplar a causa dela,
inda que a faz maior, a faz sofrível.

Porém chegando a não poder sofrê-la,
perdendo a vida; quando a morte chame,
não perderei o gosto de perdê-la.

É justo que eu por ti mil mortes ame:
mas vê tu se te ilustra, quando ofensa
minha mortal o teu valor se chame.

Bem vês que uma beldade tão imensa
de vencer-me tem glória bem pequena,
pois só render-me tomo por defesa.

Mas já que amor tão puro me condena,
contente fico assaz desta vitória;
que não me dão meus males tanta pena
quanto o serem por ti me dá de glória.

Bem-aventurado aquele que, ausente
do reboiço, tráfego e tumulto,
vê de longe as perdas e insultos,
que faz o mundo vil da nécia gente.
Aos cuidados tem posto freio,
mui alheio
do perigo
que consigo
traz a vida
que, embebida
no peçonhento gosto da cobiça,
o fogo com que arde assim atiga.

Não se mantém no gosto dos favores,
enlevado em falsas esperanças;
vis lhe parecem e baixas as privanças
dos Príncipes, dos Reis e dos Senhores;
por abundância tem e por riqueza
a pobreza;
que, imiga
da fadiga,
não contente,
descontente
por ver o coração que, por viver
sem cuidado e temor, quis pobre ser;

pisa, com peito forte e animoso,
as ambições que os olhos de alma cegam;
despreza as vãs promessas que enlevam
ao vão pensamento cuidadoso
— este por mau e por perverso sempre tive —;
e assim vive,
porque a vida
consumida
com cuidados
escusados,

e sujeita a desconcertos da Ventura,
não é vida vital, mas morte pura.

Não tiram o doce sono as lembranças
importunas do bem ou mal futuro;
os várias sucessos vê seguro,
livre de medo, isento de mudanças.
E posto que a vida breve seja,
não deseja
entendê-la;
goza dela,
que parece
que enriquece.
Porque a vida ocupada em buscar vida,
acha-se mal gastada e não crecida.

Não anda entre amigos encobertos,
a perigos imensos avisado;
mas, com ânimo constante e sossegado,
goza dos corações leais e certos.
Quando o bravo mar furioso
belicoso
fogo acende,
e pretende
com estranha
ira e sanha
roubar a cara paz cá na terra,
com sossego está-se rindo da guerra.

Não ouve da trombeta temerosa
o rouco som que assombra o esforçado;
não teme do cruel e vão soldado
a espada de sangue cobiçosa;
nem o pelouro da espingarda saindo,
retinindo,
pelo ar voa

ledo e soa;
mas descendo,
não se vendo
vai ferir entre muitos o coitado,
que tal caso está bem descuidado.

E posto que o livre entendimento
cativa a vista, e regra a lei que segue,
e a outra vontade a sua entregue,
refreando o errado pensamento;
contudo, tem mais certa liberdade
a vontade
que aceita
ser sujeita,
porque os danos
e enganoso
que procedem do próprio parecer,
senhor de si a um não deixa ser.

Ora da baixa terra alevanta
o esperto pensamento ao céu fermoso,
e da vida e de si mesmo queixoso,
morre por possuir riqueza tanta;
ora com doces ais o céu rompendo,
e gemendo
diz a morte:
dura sorte,
se vieras
e me deras
um golpe tão esquivo que morrera,
por verdadeira vida te tivera.

Cá nesta Babilónia adonde mana
hipocrisia, engano e falsidade;
cá donde ousada toda carne humana
a todo arbítrio vive da vontade;
cá donde enrouqueceu da lusitana
musa o furor heroico e suavidade;
cá donde se produz por cega via
matéria a quanto mal o mundo cria;

cá donde o puro amor não tem valia,
porque Baco o tem hoje desterrado;
cá donde a frecha de ouro não feria
senão cabelo preto e alfenado;
cá donde a loura trança não servia
nem o rosto de sangue matizado;
cá donde nada vale à glória humana,
que a Mãe, que manda mais, tudo profana;

cá donde o mal se afina o bem se dana,
se algum a terra em si quer produzir;
cá donde a falsa gente maometana
a glória toda funda em adquirir;
cá donde multiplica a mão tirana
professa em mais crescer, matar, mentir;
cá donde o fazer bem é vilania,
e pode mais que a honra a tirania;

cá donde a errada e cega monarquia
de fabulosas leis está vivendo
e à força de um amor engrandecia
o nefando Alcorão em que está crendo;
cá donde nada vale a poesia
e se está da lei dela escarnecendo;
cá donde a fidalguia maometana
cuida com nome vão que a Deus engana;

cá nesta Babilónia onde a nobreza
da lusitana gente se perdeu,
e do grão Sebastião toda a grandeza
irreparavelmente se abateu;
cá donde algum mentir não é baixeza
e os méritos esmola – assi creceu
da cobiça mortal a sem-razão -
com esforço e saber pedindo vão;

às portas da cobiça e da vileza
estes netos de Agar estão sentados
em bancos de torpíssima riqueza,
todos de tirania marchetados.
É do feio Alcorão suma a largueza
que tem para que sejam perdoados
de quantos erros cometendo estão,
cá neste escuro caos de confusão.

Cumprindo o curso estou da Natureza,
ilustre Dama, neste labirinto;
mas quem usa comigo mais crueza
é tua condição, que na alma sinto.
Acabe-se algum dia tal tristeza
e este sentido mal que em versos pinto.
E, pois na alma é sentido e coração,
vê se me esquecerei de ti, Sião!

A ãa Dama:

FRONDOSO E DURIANO, PASTORES

Cantando por um vale docemente,
deciam dous pastores, quando Febo
no reino de Neptuno se escondia.
De idade, cada um era mancebo,
mas velho no cuidado, e descontente
do que lhe ele causava parecia.
O que cada um dizia,
lamentando seu mal, seu duro Fado,
não sou eu tão ousado
que o ouse a cantar sem vossa ajuda;
porque, se a minha ruda
frauta, deste amor vosso for dina,
posse escusar a fonte cabalina.

Em vós tenho Helicon, tenho Pegaso;
em vós tenho Calíope, em vós Talia
e as outras sete irmãs do fero Marte;
em vós perde Minerva sua valia;
em vós estão os sonos de Parnaso;
das Piérides em vós se encerra a arte.
Coa mais pequena parte,
Senhora, que me deis da ajuda vossa,
podeis fazer que eu possa
escrever ao sol resplandecente;
podeis fazer que a gente
em mim do grão poder vosso se espante
e que vossos louvores sempre cante.

Podeis fazer que creça de hora em hora
o nome lusitano, e faça enveja
a Esmirna, que de Homero se engrandece.
Podeis fazer também que o mundo veja

soar na rude frauta o que a sonora
cítara mantuana se merece.

Já agora me parece
que podem começar os meus pastores
tratar de seus amores;
porque, ainda que presentes não estejam
as que eles ver desejam,
mudança do lugar, menos de estado,
não muda um coração de seu cuidado.

Já deixava dos montes a altera
e nas salgadas ondas se escondia
o sol, quando Frondoso e Duriano,
ao longo de um ribeiro que corria
pola mais fresca parte da verdura,
claro, suave e manso, todo o ano,
lamentando seu dano,
vinha já recolhendo o manso gado.
E um estando calado,
enquanto um pouco o outro se queixava,
após ele tornava
a dizer de seu mal o que sentia;
e, enquanto ele falava, o outro ouvia.

Vinham-se assi queixando aos penedos,
aos silvestres montes e aspereza,
que quase de seus males se doíam.
Ali as pedras perdiam sua dureza;
ali os correntes rios estar quedos,
prontos a suas queixas, pareciam;
e se as que podiam
estes males curar, que elas causavam,
o ouvido lhe negavam
por perderem de todo a esperança;
mas eles, que mudança

de amor com tantos males não faziam,
falando inda com elas lhes diziam:

FRONDOSO

Isto é o que aquela verdadeira
fé, com que te amei sempre, merecia,
sem nunca te deixar um só momento?
Como, cruel Belisa, te esquecia
um mal cuja esperança derradeira
em ti se tinha posto seu assento?
Não vias meu tormento?
Não vias tu a fé com que te amava?
Porque não te abrandava
este amor que me tu tão mal pagaste?
Mas, pois já me deixaste
coa esperança de ti toda perdida,
perca, quem te perdeu, também a vida.

DURIANO

Se os males que por ti tenho sofrido
— ó Silvana, em meus males tão constante! —
quiseras que algu' hora te dissera,
ainda que de duro diamante
fora tão cruel peito endurecido,
creio que a piadade te movera.
Já agora em branda cera
os montes são tornados e os penedos;
e os rios, que estão quedos,
sentiram meus suspiros, minhas queixas.
Tu só, cruel, me deixas,
que és, mais que montes e penedos, dura,
e fugitiva mais que a água pura.

FRONDOSO

Onde está aquela fala, que soía,
se com seu doce tom que me chegava,
a avivar-me os espíritos cansados?
Onde está o olhar brando, que cegava
o sol resplandecente ao meio-dia?
Onde estão os cabelos delicados
que, ao vento espalhados,
o ouro escureciam, e a mim matavam?
E a quantos os olhavam
causavam também novos acidentes?
Porque, cruel, consentes,
que goze outro a glória a mim devida?
Perca, quem te perdeu, também a vida.

DURIANO

Não vejo bem já que a meu mal espere,
senão se é esperar que morte dura
enfim me venha dar tua saudade.
Vejo faltar-me a tua fermosura;
a vontade me diz que desespere,
contradiz-me a razão esta vontade.
Diz que Nũa beldade
em quem mostrou o cabo a natureza,
não há tanta crueza
que um tão firme amor desprezar queira
e ãa fé verdadeira;
mas tu, que de razão nunca curaste,
porque era dar-me a vida, ma tiraste.

FRONDOSO

A quem, Belisa ingrata, te entregaste?
A quem deste, cruel, a fermosura,
que só a meu tormento se devia?

Porque ãa fé deixaste, firme e pura?
Porque tão sem respeito me trocaste
por quem só nem olhar-te merecia?
E o bem que te queria,
que nunca perderei senão por morte,
não é de maior sorte
que quanto a cega gente estima e preza?
Se a tua crueza
foi nisto contra mim endurecida:
perca, quem te perdeu, também a vida.

DURIANO

Levaste-me meu bem num só momento;
levaste-me com ele, juntamente;
de cobrá-lo jamais a confiança;
deixaste-me, em lugar dele, somente
ũa continua dor, e um tormento,
um mal em que não pode haver mudança.
Tu, que eras a esperança
dos males que me tu, cruel, causaste,
de todo te trocaste,
com Amor conjurada em minha morte.
Porém, se minha sorte
consente que por ti seja causada,
morte não foi mais bem-aventurada.

FRONDOSO

Não naceste de algũa pedra dura;
não te gerou algũa tigre hircana;
não foi tua criação entre a rudeza.
A quem, cruel, saístes desumana?
No Céu formada foi tua fermosura,
onde a mesma brandura e natureza;
esta tua dureza

donde teve princípio, ou a tomaste?
Porque, dura, enjeitaste
um verdadeiro amor que tu bem vias,
ũa fé, que conhecias,
por outra de ti nunca conhecida?
Perca, quem te perdeu, também a vida.

DURIANO

Vai-se co seu pastor o manso gado,
porque de amor entende aquela parte
que a bruta Natureza lhe ensina.
O rústico leão sem nenhũa arte
do instinto natural só ensinado,
aonde sente amor, ali se inclina.
E tu, que de divina
não tens menos que Vénus e Cupido,
porque sequer co ouvido
um amar verdadeiro não socorres?
Ou porque te não corres
que te vença o leão em piadade,
se Vénus não te vence na beldade?

FRONDOSO

A mim não me faltava o que se preza
entre os celestes deuses, que formaram
a tua mais que humana fermosura;
em mim os voluntários Céus faltaram;
em mim se perverteu a natureza
dũa cruel, fermosa criatura.
Mas pois, Belisa dura,
que do mais alto Céu a nós vieste,
e em peito celeste
um tal contrário pôde aposentar-se,
não é contrário achar-se

tamanha fé tão mal agradecida.
Perca, quem te perdeu, também a vida.

DURIANO

Por ti, a noite escura me contenta;
por ti, o claro dia me avorrece;
abrolhos para mi são frescas flores;
a doce filomela me entristece;
todo o contentamento me atormenta
com a contemplação de teus amores;
as festas dos pastores,
que podem alegrar toda a tristeza.
Em mim tua crueza
faz que o mal cada hora vá dobrando.
Ó cruel! Até quando
durará em ti um tal avorrecimento?
E a vida, em mi, que sofre tal tormento?

FRONDOSO

Fugiste de um amor tão conhecido,
fugiste de ãa fé tão clara e firme,
e seguiste a quem nunca conheceste,
não por fugir de Amor, mas por fugir-me;
que bem vias que tinha merecido
o amor que tu a outrem concedeste.
A mim não me fizeste
nenhũa sem-razão, que bem conheço
que tanto não mereço;
fizeste-a àquele bem, firme e sincero,
que sabes que te quero,
em lhe tirar a glória merecida.
Perca, quem te perdeu, também a vida.

DURIANO

Crece cada hora em mim mais o cuidado,
e vejo que em ti cresce juntamente
cada hora mais de mim o esquecimento.
Ó Silvana cruel, porque consente
o teu feminil peito delicado
esquecer-lhe um tão áspero tormento?
Tal avorrecimento
merece um capital teu inimigo;
não j'eu, que só contigo
estou contente, e nada mais desejo,
se alguma hora te vejo.
Tu és um só bem meu, ãa só glória,
que nunca se me aparta da memória.

FRONDOSO

Olhos que viram já tua fermosura;
vida que só de ver-te se sustinha;
vontade, que em ti era transformada;
ũa alma que a tua em si só tinha,
tão unida consigo quanto a pura
alma co débil corpo está pegada,
e agora apartada
te vê de si com tal apartamento...
Qual será seu tormento?
Qual será aquele mal que tem presente?
Maior é que o que sente
o triste corpo na última partida.
Perca, quem te perdeu, também a vida.

DURIANO

Regendo noutro tempo o manso gado,
tangendo minha frauta nestes vales,
passava a doce vida alegremente.

Não sentia o tormento destes males;
menos sentia o mal deste cuidado,
que tudo então em mim era contente.
Agora, não somente
desta vida suave me apartaste,
mas outra me deixaste
que, ao duro mal que sinto cá no peito,
me tem já tão afeito
que sinto já por glória minha pena;
por natureza, o mal que me condena:
Juntamente viver compridos anos
os Fadas te concedem, que quiseram
ajuntar-te com tal contentamento.
Pois para ti os bens todos naceram,
tormentos para mim, males e danos,
logra tu só teu bem; eu, meu tormento.
Nenhum apartamento,
Belisa, me fará deixar de amar-te,
porque em nenhũa parte
poderás nunca estar sem mim ãa hora.
Consente pois agora
que, em pago desta fé tão conhecida,
perca, quem te perdeu; também a vida.

DURIANO

Veja-te eu, crua, amar quem te desame,
porque saibas que cousa é ser amada
de quem tu avorreces e desprezas.
Veja-te eu ser ainda desprezada
de quem tu mais desejas que te ame,
por que sintas em ti tuas cruezas;
sintas tuas durezas,
e quanto pode o seu cruel efeito
num coração sujeito.
Porque, em sentindo o mal que eu sinto agora,

espero que algu' hora
faça o teu próprio mal de mim lembrar-te,
já que não pôde o meu nunca abrandar-te.

FRONDOSO

Mil anos de tormento me parece
cada hora que sem ti e sem esperança
vivo de poder mais tornar a ver-te.
Sustenta-me esta vida tua lembrança;
a vida sobre tudo me entristece;
a vida antes perdera que perder-te.
Mas eu, se por querer-te,
um bem que em ti só tem seu firme assento
padece tal tormento
que inda espera por ti quem te desame,
ou ao menos te ame
com algum falso amor ou fé fingida,
perca, quem te perdeu, também a vida.

DURIANO

Então, cruel, verás se te merece
com tamanho desprezo ser tratada
ũa alma, que de amar-te, só se preza.
Mas como podes tu ser desprezada,
se o menos que em ti fora, se parece,
abrandar pode montes e aspereza?
Porque se a Natureza
em ti o remate pôs da fermosura,
qual será a pedra dura
que a teu valor resista brandamente?
Quanto mais fraca gente,
que ao humano parecer não se defende,
e a mesma Vénus deusa ao teu se rende?

FRONDOSO

E pois fé verdadeira, amor perfeito,
tormento desigual e vida triste,
junta com um contínuo sofrimento
e em mal, em que todo o mal consiste,
não puderam mover teu duro peito
a amostrares sequer contentamento
de veres meu tormento;
mas antes isto tudo desprezaste,
e a outrem te entregaste,
por não me ficar nada em que esperasse,
senão quando acabasse
a vida, que a meu mal e tão comprida,
perca, quem te perdeu, também a vida.

DURIANO

Longo curso de tempo, e apartado
lugar, a um coração que está entregue
não podem apartar de seu intento.
Porque foges, cruel, a quem te segue?
Não vês que teu fugir é escusado,
que sem mim nunca estás um só momento?
Nenhum apartamento
— inda que a alma do corpo se aparte —,
poderá ausentar-te
desta alma triste que, continuamente,
em si te tem presente.
Torna, cruel; não fujas a quem te ama:
vem dar a morte ou vida a quem te chama.

A noite escura, triste e tenebrosa,
que já tinha estendido o negro manto,
de escuridade a terra toda enchendo,
fez pôr a estes pastores fim ao canto,

que ao longo da ribeira deleitosa
vinham seu manso gado recolhendo.
Se aquilo que eu pretendo
deste trabalho haver, que é todo vosso,
Senhora, alcançar posso,
não será muito haver também a glória
e o lauro da vitória,
que Virgílio procura e haver pretende,
pois o mesmo Virgílio a vós se rende.

Carta minha tão ditosa,
pois que chegarás a ver
o que eu não, dou-te a entender
de minha vida penosa
o que lhe podes dizer.

Quero que vás instruída
para poder falar lá:
pede bem, dar-me-ás vida,
que em seres bem respondida
todo o meu remédio está.

Humildade e reverência
convém nesta parte teres;
basta-te humilde a mim veres
para tu, que és dependência
minha, humilde também seres.

Já que me vás remediar
se necessário me for,
chora lá por alcançar:
fica à conta do chorar
e em conto de minha dor.

«Senhora, – dirás chorando -
sou cá mandado de quem
não quer mais que só o bem
d'estar sempre contemplando
no que de vós junto tem.

Não fora nunca atrevido
a cometer tal empresa,
dizendo, dela esquecido:
«Basta-me a mim ser perdido
por uma tão grande beleza.»

Mas Amor, que viu estar
tão engolfado na pena,
disse: «Assi hás de penar,
sem queres aplicar
sequer remédio de pena.

Põe-te logo a escrever
para aquela que te cansa,
sem te faltar que dizer;
eu prometo de te ser
em tudo inteira lembrança.»

Pois ele, vindo de Amor
um tão grande oferecimento,
faz de mim embaixador,
com a pena de sua dor
escrevendo seu tormento,

dizendo: «Senhora minha;
lá onde quer que ora estais,
como podeis ser mezinha
desta vida tão mesquinha,
com um só sim que digais!

Um sim digo de contente,
que por vós feneça, amando;
de modo que saiba a gente
que me dais vida, penando
num vagaroso acidente.

Quem souber que por vós mouro...
que melhor sorte quero eu?
Quem teve mor bem por seu?
Que quero eu mor tesouro
que morrer pelo bem meu?

Macias, o namorado,
teve que era glória
na morte ter estampado,
até ser alanceado,
o nome de sua senhora.

Só quero que de em diante
se saiba que sois servida
de quem por vós perca a vida:
que não houve nunca amante
que a dê por melhor perdida.

Que é tão grande o bem de amar-vos,
suposto que muito peno,
que inda cuido que é pagar-vos
pouco, e que sacrificar-vos
a vida é prémio pequeno.

Assi que para esperar,
Senhora, de vós favor,
não me acho merecedor;
que enfim se vem a pagar
meu amor c'ó mesmo amor.

Um só, que de vós proceda,
mereço, pois me perdi,
e é que nunca suceda
que algum outro se conceda
o que se nega a mim».

MOTE ALHEIO

Caterina bem promete...
Eramá, como ela mente!

VOLTAS PRÓPRIAS

Caterina é mais fermosa
para mim que a luz do dia;
mas mais fermosa seria
se não fosse mentirosa.
Hoje a vejo piadosa,
amanhã tão diferente
que sempre cuido que mente.

Caterina me mentiu
muitas vezes, sem ter lei;
mas todas lhe perdoei
por ãa só que cumpriu.
Se, como me consentiu
falar, o mais me consente,
nunca mais direi que mente.

Má, mentirosa, malvada,
dizei: para que mentis?
Prometeis, e não cumpris.
Pois, sem cumprir, tudo é nada,
Não sois bem aconselhada;
que quem promete, se mente,
o que perde não no sente.

Jurou-me aquela cadela
de vir pela alma que tinha.
Enganou-me: tem a minha;
dá-lhe pouco de perdê-la.
A vida gasto após ela

porque ma dá, se promete;
mas tira-ma, quando mente.

Tudo vos consentiria
quanto quisésseis fazer,
se esse vosso prometer
fosse por me ter um dia;
todo então me desfaria
convosco; e vós, de contente,
zombaríeis de quem mente.

Prometeu-me ontem de vir,
nunca mais apareceu;
creio que não prometeu
senão só por me mentir.
Faz-me enfim chorar e rir:
rio, quando me promete;
mas choro, quando me mente.

Mas pois folgais de mentir,
prometendo de me ver,
eu vos deixo o prometer,
deixai-me vós o cumprir.
Haveis então de sentir
quanto fica mais contente
o que cumpre que o que mente.

MOTE

Coifa de beirame
namorou Joane.

VOLTAS PRÓPRIAS

Por cousa tão pouca
andas namorado?
Amas a toucado
e não quem o touca?
Ando cega e louca
por ti, meu Joane;
tu, pelo beirame.

Amas o vestido?
És falso amador.
Tu não vês que Amor
se pinta despido?
Cego e perdido
andas por beirame;
e eu por ti, Joane.

Se alguém te vir,
que dirá de ti?
Que deixas a mi
por cousa tão vill!
Terá bem que rir,
pois amas beirame,
e a mim não, Joane.

Quem ama assi
há de ser amada;
ando maltratada
d'amores por ti.
Ama-me a mi

e deixa o beirame,
que é razão, Joane!

A todos encanta
tua parvoíce;
de tua doudice
Gonçalo se espanta
e, zombando, canta:
«Coifa de beirame
namorou Joane!»

Eu não sei que viste
neste meu toucado
que tão namorado
dele te sentiste.
Não te veja triste:
ama-me, Joane,
e deixa o beirame!

(Joane gemia.
Maria chorava;
assi lamentava
o mal que sentia.
Os olhos feria,
e não o beirame
que matou Joane.)

Não sei de que vem
amores vestido,
que o mesmo Cupido
vestido não tem.
Sabes de que vem
amores beirame?
Vem de ser Joane.

Com força desusada
aquece o fogo eterno
ũa ilha lá nas partes do Oriente,
de estranhos habitada,
aonde o duro inverno
os campos reverdece alegremente.
A lusitana gente,
por armas sanguinosas,
tem dela o senhorio.
Cercada está dum rio
de marítimas águas saudosas;
das ervas que aqui nascem,
os gados juntamente e os olhos pascem.

Aqui minha ventura
quis que ũa grã parte
da vida, que não tinha, se passasse,
para que a sepultura
nas mãos do fero Marte
de sangue e de lembranças matizasse.
Se Amor determinasse
que, a troco desta vida,
de mim qualquer memória
ficasse, como história
que de uns fermosos olhos fosse lida,
a vida e alegria
por tão doce memória trocaria.

Mas este fingimento,
por minha dura sorte,
com falsas esperanças me convida.
Não cuide o pensamento
que pode achar na morte
o que não pôde achar tão longa vida.
Está já tão perdida
a minha confiança

que, de desesperado
em ver meu triste estado,
também da morte perco a esperança.
Mas oh! que, se algum dia
desesperar pudesse, viveria.

De quanto tenho visto
já agora não me espanto,
que até desesperar se me defende.
Outrem foi causa disto,
que eu nunca pude tanto
que causasse este fogo que me encende.
Se cuidam que me ofende
temor de esquecimento,
oxalá meu perigo
me fora tão amigo
que algum temor deixara ao pensamento!
Quem viu tamanho enleio
que houvesse aí esperança sem receio?

Quem tem que perder possa
se pode recluir.
Mas triste quem não pode já perder!
Senhora, a culpa é vossa,
que para me matar
bastara ãa hora só de vos não ver.
Pusestes-me em poder
de falsas esperanças;
e, do que mais me espanto:
que nunca vali tanto
que vivesse também com esquivações.
Valia tão pequena
não pode merecer tão doce pena.

Houve-se Amor comigo
tão brando e pouco irado,

quanto agora em meus males se conhece;
que não há mor castigo
para quem tem errado
que negar-lhe o castigo que merece.
E bem como acontece
que, assi como ao doente
da cura despedido,
o médico sabido
tudo quanto deseja lhe consente.
assi me consentia
esperança, desejo e ousadia.

E agora venho a dar
conta do bem passado
a esta triste vida e longa ausência.
Quem pode imaginar
que pode haver pecado
que mereça tão grave penitência?
Olhai que e consciência,
por tão pequeno erro,
Senhora, tanta pena!
Não vedes que é onzena?
Mas se tão longo e mísero desterro
vos dá contentamento,
nunca se acabe nele meu tormento.

Rio fermoso e claro,
e vós, ó arvoredos,
que os justos vencedores coroaís,
e ao cultor avaro,
continuamente ledos,
dum tronco só diversos frutos dais:
assi nunca sintais
do tempo injúria algũa;
que em vós achem abrigo
as mágoas que aqui digo,

enquanto der o Sol virtude à Lua;
por que de gente em gente
saibam que já não mata a vida ausente.

Canção, neste desterro viverás,
voz nua e descoberta,
até que o tempo em Eco te converta.

A D. Constantino, Vizo-rei da Índia

Como nos vossos ombros tão constantes,
Príncipe ilustre e raro, sustenteis
tantos negócios árduos e importantes
dignos do largo Império que regeis;
como sempre nas armas rutilantes
vestido, o mar e a terra segureis
do pirata insolente e do tirano
jugo do potentíssimo Otomano;

e como, com virtude necessária
mal entendida do juízo alheio,
à desordem do vulgo temerária
na santa paz ponhais o duro freio;
se com minha escritura longa e vária
vos ocupasse o tempo, certo creio
que com ridícula fantasia
contra o comum proveito pecaria.

E não menos seria reputado
por doce adulator sagaz e agudo,
que contra tão baixo e triste estado
busco favor em vós, que podeis tudo;
se, contra a opinião do vulgo errado,
vos celebrasse em verso humilde e rudo,
dirão que com lisonja ajuda peço
contra a miséria injusta que padeço.

Porém, porque a virtude pode tanto
no livre arbítrio – como disse bem
a Dario rei, o moço sábio e santo
que foi reedificar Hierusalém – ,
esta me obriga que, em humilde canto,
contra a tenção que a plebe ignara tem,

vos faça claro o que vos não alcança,
e não de prémio algum vil de esperança.

Rómulo, Baco e outros que alcançaram
nomes de semideuses soberanos,
enquanto pelo mundo exercitaram
altos feitos e quase mais que humanos,
com justíssima causa se queixaram
que não lhe responderam os mundanos
favores do rumor, justos e iguais,
a seus merecimentos imortais.

Aquele que nos braços poderosos
tirou a vida ao tingitano Anteu,
a quem os seus trabalhos tão famosos
fizeram cidadão do alto Céu,
achou que a má tenção dos envejosos
não se doma senão depois que o véu
se rompe corporal; porque na vida
ninguém alcança a glória merecida.

Pois, logo, se varões tão excelentes
foram do baixo vulgo molestados,
o vitupério vil das rudes gentes
é louvor dos reais e sublimados.
Quem no lume dos vossos ascendentes
poderá pôr os olhos que, abalados
lhe não fiquem da luz, vendo os maiores
vossos passados, Reis e Imperadores?

Quem verá aquele pai da pátria sua,
açoite do soberbo Castelhana,
que o duro jugo, só, coa espada nua
removeu do pescoço lusitano,
que não diga: «Ó grão Nuno, a eterna tua
memória causará, se não me engano,

que qualquer teu menor tanto se estime
que nunca possas ser senão sublime!»

Nisto não falo mais, porque conheço
que da matéria se me abaixa o engenho.
Mas, pois que a dizer tudo me ofereço,
que dias há que no desejo o tenho,
sendo vós de tão alto e ilustre preço,
a vida fostes pôr num fraco lenho,
por largo mar e undosa tempestade
só por servir a régia Majestade.

E depois de tomar a rédea dura
na mão, do povo indómito que estava
costumado à largueza e à soltura
do pesado governo que acabava;
quem não terá por santa e justa cura,
qual do vosso conceito se esperava,
a tão desenfreada infirmitade
aplicar-lhe contrária qualidade?

Não é muito, Senhor, se o moderado
governo se blasfema e se desama;
porque o povo a larguezas costumado
à lei serena e justa dura chama.
Pois o zelo, em virtude só fundado,
de salvar almas da tartárea flama
coa água salutífera de Cristo,
poderá porventura ser malquisto?

Quem quisesse negar tão grã verdade,
qual é o seu efeito santo e pio,
negue também ao sol a claridade,
e certifique mais que o fogo é frio.
Que o sucesso é contrário da vontade;
as obras, que são boas, e o desvio,

está nas mãos dos homens cometê-las,
e nas de Deus está o sucesso delas.

Sei eu e sabem todos: os futuros
verão por vós o Estado acrecentado;
serão memória vossa os fortes muros
do cambaico Damão bem sustentado;
da ruína mortal serão seguros,
tendo todo o alicerce seu fundado
sobre órfãs emparadas com maridos,
e pagos os serviços bem devidos.

Camanha infâmia ao Príncipe é perder-se
ponto do Estado seu, que inteiro herdou,
por tão célebre glória pode ter-se
se acrecentado e próspero o deixou.
Nunca consentiu Roma enobrecer-se
com triunfo ninguém, se não ganhou
província que o Império acrecentasse,
por maiores vitórias que alcançasse.

Pode tomar o vosso nome dino
Damão, por honra sua clara e pura,
como já do primeiro Constantino
tomou Bizâncio aquele que inda dura.
E tu, rei, que no reino neptunino,
lá no seio gangético, a Natura
te aposentou, de seres inimigo
deste Estado, não ficas sem castigo.

Bem viste contra ti nadantes naves
cortar a espumosa água, navegando;
ouviste o som das tubas, não suaves,
mas com temor horrífero soando;
sentiste os golpes ásperos e graves
do braço lusitano, nunca brando;

não sofreste o grão brado penetrante,
que os trovões imita do Tonante;

mas antes, dando as costas e a vitória
à bragancês ventura, não corrido,
deste bem a entender camanha glória
e de tal vencedor seres vencido.
Quem fez obras tão dinas de memória
sempre será famoso e conhecido
onde os juízos altos se estimarem,
que estes sós têm poder de fama darem.

Não vos temais, Senhor, do povo ignaro
e ingrato, a quem tanto fez por ele;
mas sabei que é sinal de serdes claro
serdes agora tão malquisto dele.
Temístocles, da pátria sua emparo,
o forte, liberal Címon, e aquele
que leis ao povo deu de Esparta antigo,
testemunhas serão disto que digo.

Pois ao justo Aristides um robusto,
votando no ostracismo costumado,
lhe disse claro assi: porque era justo,
desejava que fosse desterrado.
Paquitas, por fugir do povo injusto,
calunioso, dando no Senado
conta de Lesbos, que ele já mandara,
se tirou com sua espada a vida cara.

Demóstenes, deitado das tormentas
populares, a Palas foi dizendo:
«De que três monstros grandes te contentas:
do drago e mocho, e do vil povo horrendo!»
Que glórias imortais houve, que isentas
do veneno vulgar fossem? E vendo

pois mil exemplos deixo de Romanos;
e vês também sois um dos Lusitanos.

MOTE

Como quer que tendes vida
a minha alma tão de vosso
não digais, mana: «Não posso.»

VOLTA

Para haver-vos de entregar-me,
bastava somente uma hora;
e sobrava esta de agora
para poder descansar-me.
Se a vida pode faltar-me,
inda que eu não de ser vosso,
não digais, mana: «Não posso.»

Correntes águas frias do Mondego,
dignas de ser somente celebradas
de outro engenho, menos que o meu cego:

correi agora, claras e apressadas,
por esses campos verdes saudosos,
banhando-lhe as flores prateadas;

e por desertos montes cavernosos,
vosso natural curso repugnando,
seguí novos caminhos espantosos.

Deixai de ir docemente murmurando
pelos troncos dos freixos e salgueiros,
que o Zéfiro move, fresco e brando;

e as fontes de cristal, frescos ribeiros,
refúgio pola sesta dos pastores,
que de vós correm mansos e ligeiros,

todos tornem atrás; sequem-se as flores
que nos alegres prados floreciam
com mil diversidades de labores.

As mui formosas Ninfas que saíam
caçar ligeiras feras na montanha.
que em vão achar guarida pretendiam,

da terra a melhor vão da nossa Espanha
buscar novo apascento e novo rio
em triste sítio e entre gente estranha.

O líquido elemento claro e frio
que, retratando suas formosuras,
refreia o seco ardor do seco estio,

das teias de ouro e sedas que em figuras
vivas ao parecer fazem presente
o passado melhor que as escrituras;

a morada quieta e reluzente
de preciosas pedras fabricada,
no mais fundo do rio e mor corrente;

o retorcido arreio e mui dourada
Frecha de ouro, temida e poderosa,
armas da casta deusa venerada;

o branco lírio e a purpúrea rosa
que, entre outras várias flores, coroava
a branca fronte pura e graciosa;

o bosque, vale ou selva, que gozava
da doce fala e amoroso canto,
que aos mais duros penedos abrandava;

tudo triste, cruel, cheio de espanto
mostre perpétuo inverno e aspereza,
onde jamais se viu seu negro manto.

Os campos se revistam de tristeza;
jamais se veja neles primavera;
em tudo lhe falte arte e natureza.

Nada do que dá o Céu, que a gente espera
se possa achar aqui, nem ache abrigo
Ninfa, gado, pastor, nem ave ou fera.
Tudo, como a mi foi, lhe seja imigo;
que, por força de estrela ou de costume,
fujo do melhor sempre e o pior sigo.
Aquele dos meus olhos doce lume,
por quem alegre fui, por quem sou triste,

e a vida em largas queixas se consume,
donde está, cego Amor? Onde encobriste
um bem de tanto tempo, em um momento,
depois que tão sujeito a ti me viste?
Coa vista, co desejo e pensamento
ver o angélico rosto em vão procuro,
que excede todo o humano entendimento.
Ah, tempo avaro! Ah, Fado esquivo e duro,
que partiste a minha alma, e ma roubaste,
quando eu tinha meu bem por mais seguro!
Ah! Para que o grão preço me tiraste
da vida, num desterro aborrecido,
pois o gosto de o ter, tu mo deixaste?
Ah! Quem se vira dele despedido,
quando se despediu uma confiança,
que lhe fazia glória o ser perdido!
Quantas cousas mudou uma esperança,
quanto prazer já vi, quanto mal vejo.
quanto engano nasceu de uma confiança!
Deixem o celebrado e rico Tejo
os coros das Nereidas que cantavam,
que é princípio e fim de meu desejo;
as peregrinas aves, que alternavam
cantigas aprazíveis nos sombrios
vales que amanhecendo retumbavam.
Tornai-vos, olhos meus, tornai-vos rios,
até que a imortal Parca, ou tarde ou cedo,
atalhe tanto mal com duros fios.
Que ainda falar de estado ou tempo ledos
co alívio me tolha meu destino
para que viva de continuo em medo.
Mas tão longe do bem, de que era indino,
que pode arrepear que já não visse
o vago pensamento peregrino?
Se a meu ânimo crera, ele me disse,
antes de anoutecer com mil receios

da dor que adivinhou sem que a sentisse.
Fortuna me tirou todos os meios
de ser contente, e mais com apartar-me
destes campos de erva e prazer cheios.
E pois que neles só posso alegrar-me,
jamais quero ver neles alegria,
que só pode servir de magoar-me.
Vai crescendo coa dor, de dia em dia,
o grão temor, tristeza e saudade.
Faça à cansada vida companhia
a perda da esperança e liberdade.

Crecendo vai meu mal de hora em hora;
creio que quer Fortuna que pereça,
segundo contra mim sua roda guia,
pois, se a vida faltar, a pena creça,
que por muito que creça, cruel Senhora,
por fim fim há de ter sua porfia.
Ôa cousa de ti saber queria:
que ganhas em perder-me?
Que perdes em valer-me,
se à custa de me olhares brandamente
me podes ter contente?
E com me dar remédio e bem-fazer
não deixarás por isso ser quem eres.

Se minha pena esquiva e meu tormento
te desse de alegria alguma parte,
contente viveria assi penando;
porque, como pretendo contentar-te,
me estaria sumamente deleitando;
mas claramente estou de ti notando
nesses teus olhos belos,
se acerto uma hora vê-los,
quão pouca conta tens co que padeço.
Ai que mui bem conheço,
pastora, que por meu destino e sorte
tens essa condição tão dura e forte.

Um tigre, qualquer fera irracional,
com sua asperidade, tem amor,
e por ele vive em paz silvestremente:
das aves, a maior e a menor,
todas com um distinto natural
possuem amor, e o têm naturalmente.
E tu, de perfeição tão excelente,
de tanta honestidade,
de tanta divindade,

de tanta galhardia e gentileza,
somente tens crueza!
Creio que com razão a ti compete
o nome da cruel Anaxarete.

Se cuidas que servir-te não mereço
por minha indinidade e tua valia,
engana-te, pastora, o pensamento;
que, se tens gentileza e galhardia,
eu tenho fé e amor de tanto preço
que me iguala com teu merecimento.
Mas, pouco presta ter tal fundamento
quem tem contrário o Fado:
amar-te me é forçado;
teu merecer altivo me faz força;
mas, quanto mais me esforça
a fé de meu amor e a confiança,
mais me desdenhas tu, com esquivança.

Que vale tua gentileza e alegre vista?
Que vale que sejas tão fermosa Dama,
se tudo tens em ti tão submergido?
A fresca flor, que coberto a rama,
a quem o tempo gasta sem ser vista,
nenhã cousa presta haver nacido.
O ouro nada vale, se está escondido
em sua própria mina,
e não se tira e afina;
nem a pérola, em sua concha feia,
escondida na areia;
porque, sem a humana companhia
nenhã cousa tem sua valia.

Assim, sua graça suma sobre-humana,
angélica figura grave e honesta,
o preço perde estando em ti escondida;

pois teu cabelo de ouro e branca testa
rostro belo, florida idade ufana,
gastas sem companhia em deserta vida.
Ó ingrata, cruel, desconhecida!
O campo que merece,
ou que te agradece
gastares nele idade tão sublime?
Dás-lhe o que não estima;
dás-lhe, com larga mão, o que me negas;
enfim, a luz lhe dás, a mim as trevas.

Olha que com pressa o tempo voa,
e como, com corrida pressurosa,
caladamente a fim tudo encaminha.
Procura de gozar de tua pessoa;
porque, depois de seca, à fresca rosa
sem preço e sem valia fica a espinha;
confesso-te que a graça que ela tinha,
se o tempo quis tirar-lha,
o mesmo torna a dar-lha;
e, se perde a sazão que a enobrece,
ao outro ano reverdece.
Mas tua sazão fresca, se se perde,
não cuides que jamais se torna verde.

Se te fez Natureza tão preclara,
se te dotou de graça e perfeição,
com ela não assanhes a Ventura;
olha que estás agora em tua sazão,
não sejas para ti tu mesma avara;
porque a fruta há de colher-se se madura.
Se deixares murchar tua fermosura,
que agora mel despendes,
depois, se te arrependes,
o tempo, como corre à rédea solta,
não torna mais a dar volta,

nem nosso estado humano é tão felice
que se renove assim como a Fenice.

Como posso esperar de ti piedade,
se tu, com teu intento desumano,
contigo mesma usando estás crueza?
Claro está de meu mal o desengano:
quem não tem pera si liberalidade
mal poderá pera outrem ter largueza.
Mas contudo, essa roda de aspereza
espero que desande,
e algũa hora abrande;
porque, por tempo, as feras das montanhas
abrandam suas sanhas,
e o feroz cavalo altivo ufano,
por tempo se somete ao uso humano.

Se pera atormentar-me estás constante,
se pera crueldade tens tal posse,
a esperança em mim vive segura,
porque, por tempo, a poma se faz doce
e se quebra o forte diamante,
a água branda cava a pedra dura.
Quiçais permitirá minha ventura
que algum tempo veja
o bem que alma deseja;
que no tempo brumal o céu espelhado
não está sempre ofuscado;
e às vezes o mar manso tem tormenta,
mas escassa, se o vento a fúria assenta.

Se de qualquer trabalho, pouco ou muito,
pastora, galardão igual se espera,
e dar-se a quem o merece se costuma,
de meu amor constante e fé sincera
bem posso com razão esperar fruto.

Sem te ofender com isso em cousa alguma
a vida pois se gaste e se consuma
em tão gentil demanda,
pois que Amor o manda;
e se nela quiser Fortuna ou Fado
que seja de ti amado,
não quero dele glória mais comprida.
E, quando não, morrer por ti é vida.

Canção, perdida vás, mas mais perdido
está quem te oferece ao seco vento;
pois, pera sentir males tem sentido,
e pera mais lhe falta sentimento.
Se me queixo, ao doente é concedido
queixar-se de seu mal, de seu tormento.
Portanto deixa-te ir e, donde fores,
pubrica meu tormento e mal de amores.

A ãa dama que estava doente

MOTE

Da doença em que ardeis
eu fora vossa mezinha
só com vós serdes a minha.

VOLTAS

É muito para notar
cura tão bem acertada,
que podereis ser curada
somente com me curar.
Se quereis, Dama, trocar,
ambos temos a mezinha:
eu a vossa, e vós a minha.

Olhai que não quer Amor
(por que fiquemos iguais),
pois meu ardor não curais,
que se cure vosso ardor.
Eu cá sinto a vossa dor
e, se vós sintis a minha,
dai e tomai a mezinha.

A ãa dama que estava vestida de dó

MOTE

De atormentado e perdido,
já vos não peço senão
que tenhais no coração
o que tendo no vestida

VOLTAS

Se de dó vestida andais
por quem já vida não tem,
porque não no haveis de quem
vós tantas vezes matais?
Que brado sem ser ouvido,
e nunca vejo senão
cruzas no coração,
e grande dó do vestido.

À MORTE DE D. CATERINA DE TAÍDE

Personagens: SOLISO e SILVANO

SOLISO

De camanho alvoroço me causava
a vinda da menhã resplandecente
e quanto a clara aurora me alegrava
que, quando via o sol claro e luzente,
bem clara então em mi se conhecia
ũa nova alegria diferente;
tanto me mata agora o novo dia,
vendo que me não mostra a fermosura
de que só me alegrava e só vivia.
E não me quis deixar minha ventura
esperança de mais tornar a vê-la.
Ó fado cruel, triste! ó sorte dura!
Ó fermosa Natércia, Ninfa bela,
em que mostrou o cabo a Natureza
de quanto se podia esperar dela:
se lá onde tu estás, na mor alteza,
te lembras de quem fica cá na terra
pera te magoar sua tristeza,
lembre-te da contínua, cruel guerra,
em que sempre me traz tua lembrança,
sem me lembrar do gado nem da serra.
Lembre-te que perdi a confiança
de poder jamais ver-te, e juntamente
de todo o outro bem a esperança.
Lembre-te por ti a água corrente
deste fermoso rio me é nojosa,
com que já noutro tempo fui contente.
Por ti esta menhã clara e fermosa
os males cada hora me acrecenta,
sendo-me noutro tempo deleitosa.

Por ti o claro sol me descontenta;
com seu cantar me mata Filomela;
e Progne, porque chora, me contenta:
For ti, casta Natércia, Ninfa bela,
a verdura suave deste prado
os males me acrescenta só com vê-la.
Por ti não curo já do manso gado;
e aquilo em que antão meu bem crescia
com isso crece agora meu cuidado.
Por ti não sou já agora o que soía:
mudou-se-me a vontade coa ventura,
mudou-se-me em tormento a alegria.
Mudou-se-me o dia claro em noite escura;
nem é muito que o bem se me mudasse,
pois se mudou tua fermosura.
Não via outro remédio que cuidasse
poder aproveitar a meu tormento,
nem outro nenhum bem em que esperasse,
senão enquanto o triste pensamento
se punha a contemplar tua beldade,
sem lhe lembrar tão longo apartamento.
Agora que me falta a claridade,
que de te ver a minha alma recebia,
ficando-me só dela a saudade,
qual ficará ãa alma que soía
desta glória somente sustentar-se,
glória de que eu gozar não merecia?
Qual poderá ficar quem com lembrar-se
somente deste bem que é já passado
faz que não venha a morte em mal dobrar-se?
Qual poderá ficar quem um cuidado
sustém, que do mal é certa morada,
e vive já do bem desesperado?
Qual ficará, ó Ninfa delicada,
ũa alma que te viu e, em te vendo,
o fio te cortou a dura fada?

A causa deste mal eu não entendo.
Entendo só que vi tua fermosura
e que, pola não ver, vivo morrendo.
Vejo que me roubou a morte dura
um bem por que meu mal me contentava.
Lembra-te tu de tanta desventura!
Lembra-te que de ti só esperava
remédio a meu mal. Antão verás
qual ficou quem em ti se confiava.
Lembra-te onde estou, e onde tu estás
e que, sem ti, o bem me aborrece,
e do mal de meu bem te alembrarás.

SILVANO

Não sei por que rezão assi amanhece
este dia, dos outros diferente,
em que toda a alegria se entristece:
porque o manso gado que, contente,
buscava pelos campos a verdura
e nos rios a clara água corrente,
agora o vejo andar pela espessura
sem lhe lembrar o campo e água fria,
sinal de algũa grande desventura.
Filomela não cura de harmonia;
Progne seu canto dobra cada hora;
também se mostra triste a penedia.
Sobretudo também a clara Aurora,
que os seus cabelos de ouro vem mostrando,
sendo sempre contente, é triste agora.
Está-se nestas ervas enxergando
ũa tristeza, donde se conhece
que algum mal se nos vai aparelhando.
E vejo que agora tudo se entristece
e que a causa não sei; Deus ora queira
que menos seja o mal do que aparece;

que dê que aqui conheço esta ribeira
não me lembra que a visse tão pesada,
correndo com um tom desta maneira.
Não me lembra que visse a alvorada
tão triste esclarecer, como esta vejo
vir toda de tristeza acompanhada.
Folgara ter agora quem, sem pejo,
desta causa a razão me declarasse
pera satisfazer a meu desejo.
Porque não posso eu crer que se gerasse
de algũa baixa causa um tal efeito
que até nas duras pedras se enxergasse.
Porque o coração dentro no peito
me diz que esta tamanha novidade
se mostra por algum grande respeito.
Mas, se me não cega esta claridade,
lá vejo vir Soliso com seu gado,
de quem posso saber toda a verdade.
Mas não posso cuidar neste cuidado
que com os olhos não mostre onde me chega
a dor de o ver tão fora do passado.
Porém, quem ao cruel Amor se entrega
não é muito sofrer todo o tormento
porque dá todo mal, todo bem nega.
Porque este, enquanto trouxe o pensamento
livre de outro cuidado em que o ocupasse
senão só em buscar contentamento,
festa não se fazia em que faltasse
a sua frauta, que ele assi tangia
que nunca houve pastor que lhe chegasse.
Agora já não é o que soía:
vejo-o na condição todo mudado,
mudada também dele esta alegria.
Porque não cura já do manso gado;
aborrecer-lhe vejo as frescas flores,
aborrecer-lhe a gente e povoado.

Não cura já das festas dos pastores;
vejo-o apartar-se só pela espessura,
enlevado somente em seus amores.

SOLISO

Deixa chorar, Silvano, ao que chora;
deixa-me lamentar meu triste fado
pois que meu bem perdi todo em ãa hora.
Tu não sentes agora outro cuidado
senão buscar os campos e água fria.
Ah, ditoso viver, ditoso estado!
Coitado de quem passa a noite e dia
em desejar a morte, e a ventura
lha nega, porque o morrer lhe dá alegria!
Ó formosa Terciana, tu a altura
do Céu resplandecente andas pisando.
Triste de quem cá viu tua fermosura!

SILVANO

Que é isso que do Céu estás falando?
Parece-me que já não és Soliso;
ou alguma coisa estás imaginando.

SOLISO

Quem já perdeu aquele doce riso
que dava discrição, saber e vida
não é muito perder também o siso.

SILVANO

Declara-me que coisa está perdida,
de que tanto te aqueixas, que o que eu sento
Natércia destes montes é partida.

SOLISO

Quão livre fala o que o tormento
alheio vê de fora, mas não sente
onde chega tamanho sentimento!
A perda que eu perdi não me consente
que tenha as palavras tão expertas
que possa declarar-tas facilmente.
Mas por outra razão vejo que acertas;
que com nenhum mal deve embaraçar-se
quem as desventuras tem tão certas.

SILVANO

A quem a outrem não quer manifestar-se,
faltando-lhe pera isso a vontade,
não faltarão razões pera escusar-se.
Não sei donde te vem tal novidade:
negares-me ãa cousa que te peço,
pois ta merece já nossa amizade.
Se por ser teu amigo te aborreço,
- porque esse mal que cega o entendimento
às amizades faz perder o preço -,
eu te deixarei só com teu tormento;
mas não sem dor, por ver que tanto a peito
te sujeitas a um vão pensamento.

SOLISO

Outra era a razão, outro o respeito
o que me fez negar-te o que pedias;
não creias que de ti tão mal suspeito.
Bem sei que meu proveito pretendias:
esta obrigação me fez negar-te
o que de mi saber tanto querias.

SILVANO

Vejo tanto em dizer-mo prolongar-te
que já suspeito mal por tua vida
que queiras acabar de declarar-te.

SOLISO

A alma sinto já desfalecida,
lembrando-me somente aquela história
que é, pera meus males, tão comprida.
Porque sinto em mi de novo a memória
daquele bem que o meu só sustentava.
Oh, quem pudera ir trás tanta glória!
Natércia, que estes montes alegrava
e à casta Diana fez inveja
e com sua bela vista o sol cegava;
Natércia, que era em perfeição sobeja,
em que a Natureza pôs o cume
de quanto em ãa Nífa se deseja;
Natércia, que ao mundo foi o lume
de fermosura tal que usurpado
tinha quase ao Amor o seu costume;
Natércia, por quem ando rodeado
de tanto mal que só a morte dura
espero que dê fim a meu cuidado;
já não amostará aquela fermosura
com que alegrar soía toda a terra,
e fazia contente a noite escura.
Aos pastores já não fará guerra
com a vista, senão com a lembrança,
guerra que em maior dano se encerra.
Já de vê-la é perdida a esperança,
que esta vida trocou, de mal cercada,
por outra em que do bem não há mudança.

E por esta razão esta alvorada,
das outras que passaram diferente,
vedes de sinais tristes rodeada.
Não me atrevo a dizer-te mais que sente
alma há no que digo; tal tormento
que quase esta memória não consente.

SILVANO

Se a mi não engana o entendimento,
Natércia deste mundo é partida.
Dize-me se é verdade ou fingimento.

SOLISO

Não queiras renovar-me esta ferida.
Natércia é morta; e eu tão endurecido
que me dura, sem ela, a triste vida.

SILVANO

Ó mundo cruel e triste, quão perdido
anda o que em tuas mostras se confia,
e a quanta desventura oferecido!
O teu contentamento e alegria,
o tem bem, que dás pera mor dano,
que são senão de males ãa guia?
Deixas passar um bem de ano em ano
porque com maior mal nosso e tua glória
venhas a declarar-nos teu engano.
Assi contigo vai sempre a vitória,
deixando-nos somente por herança
do bem, que nos roubastes, a memória.
Perdida é em ti toda confiança,
que só de falsidades e enganoso
se deve ter em ti certa esperança.

Quem cuidara que uns tão tenros anos
e ãa tal claridade, que excedia
quanto podem cuidar peitos humanos;
e aquele olhar brando, que fazia
ao mesmo Amor guerra livremente,
pudesse perecer em algum dia?
Qual é o peito duro que isto sente
que queira vida mais, pois morta é aquela
que fazia o viver ledó e contente?
Morta é já aquela vista bela,
que alegrar a tristeza bem pudera
e a quem não a tem também trazê-la.
Ah, morte, morte dura e fera,
como não te movia ãa beldade
que até as duras pedras comovera?
Como não te moveu ãa tenra idade?
Como não te moveu a sorte dura
dos que agora sentem sua saudade?
Deixai, tristes pastores, a verdura;
deixai as frautas já e os mansos gados,
e vinde chorar vossa desventura.
E vós, silvestres Faunos namorados,
chorai tamanho mal, pois já perderam
seu remédio e seu bem vossos cuidados.
Ninfas, a quem os deuses concederam
destes bosques espessos as moradas,
em que tamanhas graças esconderam:
se aquela piedade costumada,
de que assi vos prezais, não esquecesteis,
que sempre foi de vós tão venerada,
pois do alheio mal sempre vos doestes,
vinde chorar o próprio vosso agora,
pois vossa glória e honra já perdestes.
Náiades, das águas saí fora;
vinde chorar comigo um mal tão forte
que ali o duro monte também chora.

ó Ninfas, chorai a triste sorte
dos coitados pastores a quem nega
Amor pera maior mal a triste morte.
Ó Dríades, a quem o Amor se entrega,
a vós dou o cuidado deste pranto,
pois sabeis este mal onde nos chega.
Deixai, ó Amadríades, entretanto,
os prantos que guardais, por ajudar-me,
pois deixa Filomela o alegre canto.
Que pois não podeis remediar-me,
vinde deixar-me, por que juntamente
lembrança deste mal possa deixar-me;
que, enquanto vos tiver, terei presente.

De peña em peña muevo las pasadas;
la tristísima voz al aire dando,
voy cantando mis quejas desusadas.

Incierto en el camino que, pisando
de un monte esquivo al otro, me encamina;
en medio del estoy en tí pensando,

o riguroso paso, y cuan indigna
el alma voe aquí de sola una hora
poder en tí pensar cosa tan digna.

Si el alma aun no es merecedora
purísima y perfecta, y que me puede
de esperanza quedar en tí, Señora?

Mas que puedo querer, Fortuna rueda,
elevando-me de un triste en otro estado?
Y si es tu voluntad un bien no quede.

En mí no vive ya, es transformado
en tí, el triste espíritu, que tenía
de tí sola se quiere ver mirado.

Que aunque en fatigas pase noche y día
de tu mano se viesse, o en paso estrecho,
la firme voluntad no mudaría.

Y si por realeza un blando pecho,
que tanto tiempo fue endurecido
quisiese ya mostrar un nuevo hecho,

adó me llegaría aquel sonido
de tu nueva mudanza, y mi ventura!
Al eco, al valle, al monte empedernido

dó no se cantarí tu blandura.
En que región estraña, o nueva parte
quedara por loar a tu hermosura!

Quien no pusiera estudio, ingenio y arte
y cuando todo nó mucho dijera
mostrando que cupiera en tí ablandarte?

Que roble, que león, que tigre huviera,
que áspera montaña intratada,
que mis mudadas voces no oyera?

Mas no quiere Amor que la usada
queja, en estas sierras esparcida,
de tanto tiempo ya sea dejada.

Ni tu querrás que yo deje la vida,
para me dar tormento aun más fiero,
ni con tan luenga usanza interrumpida.

Cada hora más áspera te espero;
que vengas pido, el mal sea más duro;
que el que puedo sufrir ya no lo quiero.

Pruevase este amor perfecto y puro
en fatigas mayores, en crudeza;
cuanto fuere mayor, es más seguro.

Excedas en las fieras en dureza.
Cuando se ha visto, en esta pura y rara
gracia, del duro monte la aspereza?

De los bienes que puedes dar, avara,
al que puedes dar vida y por tí pena,
pues niegas lo que el mundo no pensara,
hace en tu voluntad, como ella ordena.

MOTE ALHEIO

De pequena tomei Amor,
porque o não entendi;
agora, que o conheci,
mata-me com desfavor.

VOLTAS PRÓPRIAS

Vi-o moço e pequenino,
e a mesma idade ensina
que se incline ãa minina
às mostras de um minino.
Ouvi-lhe chamar Amor,
pelo nome me venci;
nunca tal engano vi
nem tamanho desamor.

Creceu-me de dia em dia
com a idade a afeição,
porque amor de criação
n' alma e na vida se cria.
Criou-se em mim este amor
e senhoreou-se de mim.
Agora, que o conheci,
mata-me com desfavor.

As flores me torna abrolhos,
a morte me determina
quem eu trouxe de minina
nas mininas dos meus olhos.
Desta mágoa e desta dor
tenho sabido enfim;
por amor me perco a mim,
por quem de mim perde o amor.

Parece ser caso estranho
o que Amor em mim ordena:
que em idade tão pequena
haja tormento tamanho.
Sejam milagres de Amor,
hei-os de sofrer assi,
até que haja dó de mim
quem entender esta dor.

MOTE SEU

De que me serve fugir
de morte, dor e perigo,
se me eu levo comigo?

VOLTAS

Tenho-me persuadido,
por razão conveniente,
que não posso ser contente,
pois que pude ser nacido.
Anda sempre tão unido
o meu tormento comigo
que eu mesmo sou meu perigo.

E se de mi me livrasse,
nenhum gosto me seria;
que, não sendo eu, não teria
mal que esse bem me tirasse.
Força é logo que assi passe:
ou com desgosto comigo,
ou sem gosto e sem perigo.

MOTE

De vós quererdes meu mal
me vem podê-lo sofrer.

GLOSA

De tantas penas cercado,
gozo de um bem que já tive;
que o que me é menos pesado
é ponderar que ainda vive
um amor tão mal pagado.
A causa deste tormento,
sem vós, me fora mortal;
daqui vem que, em dano tal,
só tenho o contentamento
de vós quererdes meu mal.

De vós quererdes meu mal
vem o querer esta vida;
porque a dor de tal ferida
posto que em si é mortal,
fica assim menos sentida.
Eu tenho a dor desta pena
que me vós fazeis querer;
E posto que me condena,
de ver que se me ordena
me vem podê-la sofrer.

MOTE

*Descalça vai para a fonte
Leonor pela verdura;
vai fermosa, e não segura.*

VOLTAS

Leva na cabeça o pote,
o testo nas mãos de prata,
cinta de fina escarlata,
saínho de chamalote;
traz a vasquinha de cote,
mais branca que a neve pura;
vai fermosa, e não segura.

Descobre a touca a garganta,
cabelos d'ouro o trançado,
fita de cor d'encarnado,
tão linda que o mundo espanta;
chove nela graça tanta
que dá graça à fermosura;
vai fermosa, e não segura.

MOTE SEU

Descalça vai pola neve...
Assi faz quem Amor serve.

VOLTAS

Os privilégios que os reis
não podem dar, pode Amor,
que faz qualquer amador
livre das humanas leis.
Mortes e guerras cruéis,
ferro, frio, fogo e neve,
tudo sofre quem o serve.

Moça fermosa despreza
todo o frio e toda a dor.
Olhai quanto pode Amor
mais que a própria natureza:
medo nem delicadeza
lhe impede que passe a neve.
Assi faz quem Amor serve.

Por mais trabalhos que leve,
a tudo se ofreceria;
passa pela neve fria
mais alva que a própria neve;
com todo o frio se atreve...
Vede em que fogo ferve
o triste que o Amor serve.

Depois que a clara Aurora a noite escura
com novo resplendor foi desfazendo,
e Febo por os montes e espessura
os seus dourados raios estendendo;
se buscava nos vales a verdura
o manso gado a luz serena vendo,
quando a férvida sesta já abrasava,
todo o animal da calma repousava.

Já por fugir do sol o fogo ardente,
as sombras os rebanhos vão buscando;
os tenros cabritinhos juntamente
após as mansas mães iam saltando;
tangendo as suas frautas docemente,
os pastores estavam enganando
a grã chama solar que então ardia;
só Liso o ardor dela não sentia.

Tristes lembranças tanto o traspassavam,
que a dura sesta nelas só passava.
O tempo, que em prazer outros gastavam,
em celebrar seu mal ele o gastava:
as festas, que com jogos celebravam,
ele com suspirar as celebrava.
Nada buscava mais, mais não queria
que o repouso do fogo em que ele ardia.

Os repetidos jogos dos pastores,
as lutas entre a rama repetidas,
em nada lhe divertem suas dores;
mas antes n'alegria as vê crescidas.
Como o repouso roubam os amores
às almas que para eles são nascidas,
ele, todo o repouso que esperava,
consistia na Ninfa que buscava.

Com o choro, que já corria em fio
por o pálido rosto, aumenta as fontes,
que levam água estranha ao claro rio
que os vales vai regando entre altos montes.
Com suspiros a quem o eco pio
responde de apartados horizontes,
os ventos parecia que enfreava,
os montes parecia que abalava.

Que às queixas de seus doces pensamentos
se movessem os montes mais constantes,
se parassem os mais velozes ventos,
que estavam, que corriam circunstantes,
bem se devia à dor de seus tormentos,
e inda que fosse em peitos de diamantes;
que um peito de diamante abrandaria
o triste som das mágoas que dizia.

Porém ele as dizia a outro peito,
mais que diamante inexpugnável, duro;
a fé lhe encarecia, a que sujeito
o tinha em pena eterna o amor puro;
mostrava-lhe este n'alma mais perfeito
quanto mais ofendido, mais seguro:
a Ninfa mais segura tudo ouvia,
mas nada o duro peito comovia.

As lástimas aqui tanto cresceram
que se em montes de Hircânia se escuitaram,
tigres nos seios seus mover puderam,
e pedras nos seus cumes abrandaram.
Mas, se no peito as tristes vozes deram
daquela fera humana que buscaram,
ele de as admitir se retirava;
que na vontade de outro posto estava.

Desenganado já da triste sorte,
de que mal fino amor se desengana,
com a desesperança só de sua morte
aquelas penas últimas engana;
deixando na espessura o claro Norte,
para ele de outra luz mais soberana,
a um vale aberto então sair procura,
cansado já de andar por a espessura.

Deixando as suas cabras que pascessem
naquele verde prado as frescas flores,
por que os Sátiros leves o soubessem
e os silvestres Faunos amadores,
também por que os pastores o entendessem,
todo o processo e fim de seus amores
escreveu – sem em nada haver mudança -,
no tronco de uma faia por lembrança.

Por lembrança no tronco de uma faia,
que vai saindo ao céu de puro altiva,
na verde, prateada e áurea praia,
por onde o claro Tejo se deriva;
por que também ao Céu sua dor saia
sobre aquela corrente fugitiva,
escrita no papel da natureza,
escreve estas palavras de tristeza:

«Natércia, Ninfa bela, por quem vivo
em tal tormento, tempo algum me olhou;
mas dê que em mi sentiu que era cativo
daquele brando olhar que me enganou,
o amor tornava em desamor esquivo;
e dum tormento tal a outro passou.
Em cousas tão sujeitas a mudança
nunca ponha ninguém sua esperança.

Para dar proveitosos desenganos
dos enganos que são de Amor efeitos,
e dos dous sexos publicar, humanos,
a origem das mudanças de seus peitos;
estas letras aqui por longos anos
digam a corações a amar sujeitos
em peito varonil, que de ventura,
em peito feminino, que da natura...»

Faltou-lhe aqui o alento e, já cansado
caiu ao pé da faia em que escrevia,
não podendo seguir o começado,
porque a alma já do corpo lhe saía;
três vezes, com acento mal formado
para exemplo futuro repetia:
«Amantes, entendei que a mor beleza
somente em ser mudável tem firmeza.»

Detém um pouco, Musa, o largo pranto
que Amor te abre do peito;
e, vestida de rico e ledó manto,
dêmos honra e respeito
àquela cujo objeito
todo o mundo alumia
e, quando escuro está, é mais que o dia.

Ó Délia, que, apesar da névoa grossa,
cos teu raio de prata
a escura noite fazes que não possa
encontrar o que trata,
e o que n'alma retrata
Amor por teu divino
rosto, por que endoudeço e desatino;

tu, que de fermosíssimas estrelas
coroas e rodeias
teus cabelos d'argento e faces belas,
e os campos fermoseias
coas rosas que semeias,
coas boninas que gera
o teu celeste amor na primavera;

pois, Délia, dos teus céus vendo estás quantos
furtos de puridades,
suspiros, mágoas, ais, músicas, prantos,
as amantes vontades
— ùas por saudades,
outras por crus indícios —
fazem das próprias vidas sacrifícios

Vejo teu Endimião por estes montes,
suspensó o Céu olhando,
e o teu nome, cos olhos feitos fontes,
em balde e em vão chamando,

pedindo e suspirando
mercês à tua beldade,
sem em ti achar ãa hora de piadade.

Por ti feito pastor de branco armento,
nas selvas solitárias
acompanhado só do pensamento,
conversa as alimárias,
de todo amor contrárias,
mas não como ti duras,
onde lamenta e chora desventuras.

Por ti guarda o sítio fresco de Ílio
suas sombras fermosas;
para ti, Erimanto e o lindo Epílio
as mais purpúreas rosas;
e as drogas cheirosas
deste nosso Oriente
também Arábia Félix eminente.

De que pantera, tigre, leopardo
as ásperas entranhas
não temeram o agudo e fero dardo,
quando pelas montanhas
mui remotas e estranhas
ligeira atravessavas,
tão fermosa que Amor de amor matavas?

Das castas virgens sempre os altos gritos,
clara Lucina, ouviste,
renovando-lhe a força e os espritos;
mas os daquele triste
já nunca consentiste
ouvi-los um momento,
para ser menos grave seu tormento.

Não fujas de mim assi, nem assi te escondas
dum tão fiel amante!
Olha como suspiram estas ondas,
e como o velho Atlante
o seu colo arrogante
move piadosamente,
ouvindo a minha voz fraca e doente.

Triste de mim, que o pior é queixar-me,
pois minhas queixas digo
a quem já ergue a mão para matar-me,
como a cruel imigo;
mas eu meu fado sigo,
que a isto me destina,
e isto só pretendo e só me ensina.

Quantos dias há que o Céu me desengana,
e sempre porfio
cada vez mais na minha teima insana!
Tendo livre alvedrio,
não fujo o desvario;
e este, que em mi vejo,
para esperança minha e meu desejo.

Oh! quanto melhor fora que dormissem
um sono perenal
estes meus olhos tristes, e não vissem
a causa de seu mal
fugir, a tempo tal,
mais que dantes, por tema,
mais cruel Que ussa fera, mais que ema.

Ai de mim, que me abraso em fogo vivo,
com mil mortes ao lado,
e, quando mouro mais, então mais vivo!
Porque assi me há ordenado

meu infelice estado
que, quando me convida
a morte, para a morte tenha vida.

Minha secreta amiga, mansa noute,
estas rosas – porquanto
ouviste meus queixumes – ora dou-te
este fresco adianto,
húmido inda do pranto
e lágrimas da esposa
do cioso Titão, branca e fermosa.

A outra dama, que estava também doente.

MOTE

Deu, Senhora, por sentença
Amor que fôsseis doente
para fazerdes à gente
doce e fermosa a doença.

VOLTAS

Não sabendo Amor curar,
foi a doença fazer
fermosa para se ver,
doce para se passar.
Então, vendo a diferença
que há de vós a toda a gente,
mandou que fôsseis doente
para glória da doença.

E digo-vos, de verdade,
que a saúde anda envejosa,
por ver estar tão fermosa
em vós essa enfermidade.
Não façais logo detença,
Senhora, em estar doente,
porque adoecerá a gente
com desejos da doença.

Que eu, por ter, fermosa Dama,
a doença que em vós vejo,
vos confesso, que desejo
de cair convosco em cama.
Se consentis que me vença
este mal, não houve gente

de saúde tão contente
como eu serei da doença.

ELEGIA DE SEXTA-FEIRA DE ENDOENÇAS

Divino, almo Pastor, Délio dourado,
a quem de Anfriso já viram os prados
guardar fermoso, rico e branco gado;

aos quais adormentavas, enlevados
no doce som da lira, e alternando
com versos e cantares namorados,

e às Ninfas e pastoras ensinando
o caminho de Cipro e dos amores,
as onças, feras e aves enlevando!

Ó fermosura e honra dos pastores,
que de um a outro pólo do horizonte
a natureza pintas de mil cores!

Ó pai das nove Irmãs, Senhor da fonte
a quem as ondas cedem de Leteu,
posta no mais excelso e sacro monte!

Por que causa, me dize, almo Timbreu,
o céu resplandecente hoje cobriste
de tão mal-assombrado e negro véu?

Se lembranças te fazem, Febo, triste,
de Dafne, para ti tão fera e crua,
a quem com tal vontade já seguiste;

também te lembrará como por tua
causa foi transformada em vez de rama,
por não se ver da roupa casta nua;

por onde aquela dor e aquela chama,
no insensato corpo difundida,

nenhum vigor nem força já, derrama.

Pois tu, da praia Hespéria esclarecida
adonde Thétis, Xanto e Galateia
a teus cavalos vem tirar a brida;

e a fermosa Clio e Panopeia,
com Dóris, sobre as ondas levantadas,
te vem receber com boa estreia;

e ainda estas aquém duas jornadas,
e no outro hemisfério a noute escura
tem as noturnas sombras encerradas.

Se acaso a caída e má ventura
de Faeton te lembra, cuja morte
te deu sempre jamais tanta tristura,

o não teres tu culpa te conforte,
que o moço, de soberbo, não podia
cair em menos miserável sorte.

Mas vós, castas irmãs, que noute e dia
cantais com versos élegos o choro,
com o cândido Cisne em companhia;

unidas todas, a vicenda, em coro,
um padre consolai tão descontente,
em módulo cantar doce e canoro.

Se a dor que manifesta e mostra a gente
desta causa procede, mais parece
que outra pena maior é a que sente.

Pois a prenhada terra brota e crece,
de mil flores enchendo os verdes prados,

e tarda bem o tempo que anoutece.

Eolo, nas montanhas, encerrados
os cruéis ventos tem mais furiosos,
de mil prisões de ferro carregados.

Só Zéfiro Favónio, de amorosos
'spíritos cheio, brandamente aspira
por estes vales verdes e fermosos.

Naís fermosa por Amor suspira
e Flora, em companhia da Alvorada,
que, agora, o seu veneno tem mais ira,

pois tu, no Touro, fazes a morada
deixando Aquário e Píscis – , de mau brio,
com Vénus entre os cornos assentada,

o qual meteu Europa no mar frio.
Assi que, bem olhado e bem sentido,
triunfas do inverno e seco estio.

Se mortal rogo foi jamais ouvido,
Délío imortal, de ti; se nalgũa hora
à piedade foste comovido;

dize-me por que causa o mundo chora,
mostrando tais sinais e tal tristura,
escondendo a rosada e fresca Aurora

que, segundo os segredos de Natura
nos mostram claramente os elementos,
o mundo não será de muita dura.

Vejo o furor do mar e bravos ventos;
das estrelas e signos e planetas

de seus lugares fora e firmamentos;

vejo coriscos, raios e cometas,
relâmpagos, trovões mui acendidos
sair por diferentes e altas metas;

e nos mais altos montes e subidos
de Pélio, Emo, Ossa, Pindo, Atlante,
os robustos carvalhos destruídos.

Quer porventura algum novo gigante
subir por estes ao firmamento
e derrubar a Júpiter possante?

O qual, movido de soberbo intento,
qual os de Flegra que de já passados,
em pago de tamanho atrevimento?

Os eixos dos dous orbes, ordenados
a sustentar a máquina mundana,
parecem já desfeitos e quebrados.

Ó mente baixa de matéria humana,
cega no bem e vista na maldade,
que tão soberba vás e tão ufana

que vás buscando a fonte da verdade,
e cega-te a mentira de maneira
que não vês palmo já de claridade!

Põe os olhos da fé pura e sincera
nas altas cimas do Calvário monte,
por donde irás à glória verdadeira:

verá a cristalina e clara fonte
da vida pura posta em um madeiro,

por te livrar da barca de Aqueronte.

Ó verdadeira Luz, manso Cordeiro,
Jesus benigno, manso e piadoso,
Filho do Padre eterno e verdadeiro!

Que causa te moveu, Rei poderoso,
tão escondida lá na mente eterna,
a padeceres fim tão desonroso,

e deixares a mais alta e mais superna.
cadeira e vida pela mais escura
de quantas a mortal fama governa?

Se te moveu, Senhor, esta feitura,
e. morte condenada eternamente
por a lei quebrantada de Natura,

lembra-te quão malvada e má semente
é esta a quem te dás crucificado,
que sempre te tem pago ingratamente.

Ó mundo ingrato, cego, descuidado,
cheio de falsidades enganosas,
em pecados e vícios ocupado,

que não derramas lágrimas chorosas
em tanta quantidade que pareça
mostrar sequer entranhas amorosas!

Tu, mar, que não levantas a cabeça
por tomar a cobrir o que cobriste,
para que tudo acabe e que pereça!

Vós, ventos, a quem nada não resiste,
que não transtornais tudo em desconcerto!

Tu, dura terra, porque não te abriste!

Vós, plantas, feras e aves do deserto,
que não chorais, pois chora a Natureza,
vendo-se posta em tamanho aperto!

Vós, altos Céus, de lá da mor alteza,
bem sei quanto sentis a Divindade
em tal miséria posta e tal baixeza,

pois vedes o Senhor da Majestade,
que vos criou de nada, submetido,
por amor puro, aos pés da humildade.

Senhor! que amor foi este tão crecido
que tão dobradas forças faz singelas,
só tão alto, baixo e abatido?

Ó preciosas chagas roxas, belas
luminárias da noute tenebrosa,
de toda luz privada das estrelas!

Ó Cruz bendita, cara, preciosa!
Contempla bem o passo que te deram,
ó coroa de espinhos amargosa!

Vós, santos cravos, quando vos meteram
à força de martelo, logo à hora,
os serpentes e dragos se esconderam.

O coração, a alma que não chora,
vendo-te, Redentor, com tantas dores,
em pedra viva de diamante mora.

Que não contemplais isto, pecadores,
e derramais mil lágrimas no dia,

vendo o Senhor tão triste dos senhores?

Tu, Virgem pura, Santa Avé Maria,
cheia de Graça, Esposa, Filha e Madre,
mais fermosa que o sol ao meio-dia,

que vás buscando ao Esposo, Filho e Padre,
qual cordeira perdida da manada,
sem guarda de pastora nem cão que ladre;

vai, Rainha dos Anjos mui amada,
e preciosa pedra diamantina,
de perfeições e graças esmaltada;

vai, estrela do mar; vai, luz divina,
escolhida do Céu, vai, cordeirinha,
branca açucena e rosa matutina;

vai caminho da glória, vai, pombinha
branca sem fel; bendita entre as mulheres;
vai, mãe da lei da Graça, vai asinha

ao monte Calvário, se ver queres
ao teu precioso Filho antes de morto.
Desconsolada vai, vai, não esperes;

a o qual acharás bem sem conforto,
posto na Cruz, por partes mil chagado,
por nos dar sossegado e manso porto.

Escarnecido, só, desamparado
e antre dous malfeitores condenados,
de fariseus e armas rodeado.

Ó duros corações desatinados,
cegos, malditos, torpes, de má casta,

lobos no sangue justo encarniçados!

Dizei: que tigre hircana, ou que cerasta,
que aspe, basilisco, ou que dipsarta,
das quais a quente Líbia é cheia e basta;

que Trácia, Grécia, Colcos, Cítia, Esparta,
ou que bárbara gente, crua e fera,
de trágicos insultos nunca farta,

humana não deixara e não perdera
a crueldade toda, se te vira,
Jesus benigno, posto na Cruz vera?

Mas vós, cruéis, perversos, cheios de ira,
com grita e escárnio, risos tudo misto,
estais asidos todos na mentira,

dizendo em alta voz: «Se tu és Cristo,
dece-te dessa Cruz em que estais posto!»,
não bastando os milagres que haveis visto.

e tu, Senhor, metido em tal desgosto,
estás sofrendo penas tão estranhas
com humilde, sereno e manso rosto.

Ó algozes ingratos, de más manhas,
de troncos e penedos produzidos
nas mais altas e ásperas montanhas;

que não vos humilhais, dizei, perdidos,
e não pedis perdão do que vos toca,
que, segundo é meu Deus, sereis ouvidos?

Pois ele, com humilde rogo, invoca
ao Padre por vós, benignamente,

deitando o fel e sangue pela boca,

dizendo: «Padre meu onnipotente,
pedir-te quero, antes que me acabem,
que tudo isto perdoeis a esta gente,

pois o que fazem, certo, não no sabem!»
Ó palavras altíssimas, celestes,
nas quais secretos e mistérios cabem!

Mas vós, malditos, como não soubestes
senão idolatrar como gentios,
nenhã cousa destas conhecestes,

que sempre caminhastes por desvios,
deixando a Lei de Deus sagrada e pura,
desterrados por montes, selvas, rios.

Quem cuidará, Senhor, na tua brandura,
misericórdia grande e piidade
que excede ser e ordem de Natura,

por mais duro que seja na maldade,
que não derrame sempre noite e dia
lágrimas, qual um rio, em quantidade?

Leitor que lendo vás esta elegia,
Quero-te perguntar, de amor vencido,
se contemplando lá na fantasia

algã vez, acaso, no sentido,
vendo raiar o sol na mor altura,
de rubicundos raios acendido;

e, depois que se põe, a fermosura
de diversas estrelas espalhadas,

quando Hécate cobre a terra dura;

e as ondas do mar bravo salgadas,
tão sujeitas num ser sem se espalharem,
nem de rios ou chuva acrescentadas,

os quais, cursando sempre sem faltarem,
digo de muitos que há aí que são famosos,
que correm sempre, sem jamais pararem;

se ver os campos verdes deleitosos,
qual formoso pavão, feras e aves
nos apartados bosques mais sombrosos;

as quais, com cantos doces e suaves,
saúdam a manhã, mui prazenteiras,
com passos ora agudos, ora graves;

se ao ver os ritos, vidas e maneiras
tão diversos que há aí por nosso dano
nas apartadas gentes estrangeiras;

se ver tanta mudança num só ano,
escuro, claro, chuva, frio e calma,
e tudo para prol do bem humano,

contemplaste lá dentro na tua alma,
porventura, algum dia separado
da pesada, mortal, terrestre salma,

em tantas criaturas que há criado
o criador do mundo, Padre Eterno,
no alto Céu com os olhos enlevado;

e neste pensamento tão superno,
com tão ligeiras asas desprezando

a trabalhosa vida deste inferno?

Pois olha, pecador, que vás nadando
nas procelosas ondas deste mundo,
nos mistérios divinos contemplando,

e verás o mais alto, sem segundo,
posto na vera Cruz, no Monte santo,
por te livrar do lago mui profundo;

não aquele que lá te punha espanto,
fabricado na mente que sempre erra,
coberta de mortal e cego manto,

mas o próprio que fez o céu e a terra,
e santas maravilhas que cá vemos,
afora as outras que consigo encerra.

Dizei, dizei, mortais, que lhe daremos,
por mais que o amemos ou sirvamos,
que a mais pequena parte lhe paguemos?

este domingo atrás nos alegrámos,
Senhor, com festas, danças e alegrias,
dando-te capas e olorosos ramos;

e agora, por cumprir as profecias
pelos profetas santos declaradas,
te vemos morto dentro em cinco dias,

com as carnes feridas e chagadas,
de mil açoutes cheio, arrepelado
de couces, empurrões e bofetadas.

Estás, Jesus benigno, qual no prado
o lírio branco fica decomposto,

do homicida ferro derribado;

ou qual o sol se mostra antes de posto,
de cores tristes, ou qual branca rosa
de frio trespassada ou mês de Agosto;

ou qual cisne na ribeira umbrosa,
que, pressago do fim, brando enternece
a circunstante selva em voz melosa.

Senhor, com cuidar isto se entristece
a minha alma de modo, e meu sentido,
que de seu próprio alento desfalece.

Contemplo-te, meu Deus, na cruz subido,
e vejo-te com os olhos verdadeiros
cercado de mil anjos e servido;

os quais, voando leves e ligeiros,
qual enxame de abelhas, pressurosos
trabalham por curar os teus marteiros:

uns cobrem com unguentos olorosos,
e outros com vasos de poção divina,
os teus sagrados membros preciosos;

outro com água pura e cristalina
está lavando as chagas, e outros prestes
acodem com toalha rica e fina;

outros parecem entre todos estes
com cálices do novo testamento,
tomando as gotas de licor celestes;

outros, batendo as asas sempre ao vento,
parece que trabalham quanto podem

por te tomar a dar vital alento;

outros de novo pelo ar acodem;
e outros, feitos bizarros soldados,
com espadas na mão, postos em ordem,

querem ir cometer, mui denodados,
aquela gente torpe, endiabrada!
Mas tu, Senhor, os tens só refreados,

vendo quão pouco ganham na jornada,
porque, se tu quiseras, de um aceno
só, Pedro os destruía sem espada.

Recebe, Pão de vida, este pequeno
sacrifício de mim, à sombra escrito
dum alto freixo deste vale ameno,

e dá-me tanta graça e tanto espirito,
para que sempre louve, qual espero,
o teu saber profundo e infinito.

Tomara ser Virgílio ou ser Homero,
somente no saber, que foi divino,
— que ser quem eles foram não no quero —,

para poder cantar, ó Rei benino,
em puro choro as chagas que te vejo,
a dor das quais provoca a desatino.

Mas, já que ver não posso este desejo,
o qual tomara só para louvar-te,
meu Deus, de dar-te pouco não me pejo;
porque eu, para dar mais, sou pouca parte.

Soneto do próprio a quem se dirigiu:

A ti, Senhor, a quem as sacras Musas
nutrem e cibam de poção divina,
não as da fonte Délia cabalina,
que são Medeias, Circes e Medusas,

mas aquelas em cujo peito, infusas,
as leis estão, que as leis da Graça ensina,
beninas no amor e na doutrina
e não soberbas, cegas e confusas;

este pequeno parto, produzido
de meu saber e fraco entendimento,
ũa vontade grande te oferece.

Se for de ti notado de atrevido,
daqui peço perdão do atrevimento,
o qual esta vontade te merece.

Duvidosa esperança, certo medo
de não ouvirdes, Senhora, os meus danos
fizeram que não fiz isto mais cedo.

Mil remédios busquei, busquei enganos
por encobrir o mal que me causais,
temendo outra dor dos desenganos.

Mas tudo quanto fiz, fiz por de mais:
Amor, que como quer, de mi o ordena,
não sofre que tal dor encubra mais.

A ser vosso, Senhora, me condena;
nisto mercê me faz: a vós se ofende,
a culpa ao amor dai, a mim a pena.

Não cuideis que minha alma se defende
de cousa de que vós fordes contente,
porque só isso busca, isso pretende.

Ditosa dor a que por vós se sente:
ditoso, pois conheço esta verdade,
para não ser das minhas descontente.

Contudo, a não poder uma vontade
tão pura, e tanto a medo oferecida,
mover-vos de meu mal a piedade;

não quero mais viver, não quero vida;
melhor me será morte que desgosto
a quem tanto desejo ver servida.

Banhem minhas lágrimas meu rosto;
suspire o coração, que treme, e arde;
chorar e suspirar seja o meu gosto.

Não queiram os meus fados que me guarde
de sentir nova dor, novo tormento,
que sinto muito mais senti-lo tarde.

Quisera, dêis que tive entendimento,
por ver se com firmeza vos movia,
não ter em outra cousa o pensamento:

em vós cuidar a noite, em vós o dia;
por vós sentir prazer, por vós tristeza;
sem vós ter pera mim que não vivia.

Mas nem por isso haja em vós crueza:
sofre-se mal num peito delicado;
parece cousa contra natureza.

Olhai que em vivas chamas abrasado
por remédio, Senhora, ante vós venho;
buscá-lo noutra parte é escusado.

Porque não val' saber, força nem engenho,
pedras, palavras, ervas de virtude,
contra o golpe de amor, que n'alma tenho.

Se vossos olhos podem dar saúde,
se neste grave mal me não socorrem,
deixem-me morrer já, ninguém me ajude.

Ditosos são os tristes, quando morrem
no começo dos danos, que não sentem
quão vagarosas as tristezas correm.

Porém, se as esperanças me não mentem,
espero deste conto inda ser fora,
que cruezas em vós não se consentem.

Enfim, a fim de tudo é, Senhora,
que, se me não valeis, tendeis por certo
que cedo verei a derradeira hora.

Já que meu mal vos tenho descoberto,
havei de mim dó: não seja isto, enfim,
(como dizem) dar vozes em deserto.
Valei-me, que por vós me perco a mi.

À morte de D. António de Noronha

Em flor vos arrancou, de então crescida
- Ah! Senhor dom António! -, a dura sorte,
donde fazendo andava o braço forte
a fama dos Antigos esquecida.

Õa só razão tenho conhecida
com que tamanha mágoa se conforte:
que pois no mundo havia honrada morte,
que não podíeis ter mais larga a vida.

Se meus humildes versos podem tanto
que co desejo meu se iguale a arte,
especial matéria me sereis.

E, celebrado em triste e longo canto,
se morrestes nas mãos do fero Marte,
na memória das gentes vivereis.

MOTE

Em tudo vejo mudanças,
senão onde as ver quisera;
passa a vida em esperanças,
nunca chega a que se espera.

VOLTA

E posto que chegue o bem
- o que duvido de ser — ,
que gasto se pode ter
na que firmeza não tem?
Vida cheia de mudanças,
tudo em ti cansa e altera;
porque dás mil esperanças
e não dás o que se espera.

O mal é que te conheço
já por falsa e sem firmeza;
e, com ter esta certeza,
inda te não aborreço.
De tuas vãs esperanças
ver-me já livre quisera,
por me rir das mudanças
do que espera e desespera.

PISCATÓRIA

MELISO

Encheu do mar azul a branca praia
Meliso, pescador, de mil querelas;
Meliso, que por Lília arde e desmaia.
Depois que à luz da lua e das estrelas,
sobre dura fateixa o barco posto,
as redes recolheu, remos e velas:
«Que gosto, ó Lília — disse — , ou que desgosto
te move a me negar, vendo qual ando,
teus olhos cor do céu, teu alvo rosto?
Se tu queres que pene desejando,
se queres que no mar em fogo viva;
ardendo sempre estê, sempre penando...
Mas olha, ó branda Lília — antes esquiva —
que não merece ser tão mal tratada
uma alma deuses olhos tão cativa.
Vives dos meus cuidados descuidada.
Coitado de quem traz a duvidosa
vida no mar e terra aventurada!
Bem podes com razão ser piedosa
com quem não quer mor bem que bem querer-te,
não sendo tão cruel como és formosa.
Ora deixa já, ingrata, deixa ver-te
a meus cansados olhos, que de tantas
lágrimas são movidos, sem mover-te.
Se tu me vences e se tu me encantas
com tua doce fala, doce riso,
porque foges de mi? Porque te espantas?
Lembre-te a formosura de Narciso
e qual pago lhe deu seu desamor:
olha que com amor disto te aviso.
Mas quando essa crueza tanta for
que mereça do Céu novo castigo,
qual erva será digna de tal flor?

Amor que me persegue, Amor que sigo,
me faz dum grave mal andar temendo;
dum mal, que eu sinto na alma e que não digo.
Quanto mais ledó já te estive vendo
aqui as mansas ondas esperando
—que, por chegar a ti, vinham correndo — .
e da molhada areia despegando
com a cândida mão roxas conchinhas,
a forma de teu pé nela deixando?
Daquelas, de que tu mais gosto tinhas,
muitas te trago aqui, posto que temo
que menos o terás por serem minhas.
Um temor tal me chega a tal extremo
que, vencido de um triste esquecimento,
no mar me cai da mão o duro remo.
E quando a branca vela solto ao vento,
tão descuidado vou do fiel leme
que me leva a perder meu pouco tento.
Mas quem arde por ti, quem por ti treme,
os seus maiores riscos não receia;
os teus, que sente mais, muito mais teme.
Depois que te não vi — não sei que creia
desta tardança tua e morte minha —,
sendo a lua vazia, é quase cheia.
O tempo, que nos gostos passa asinha,
detém-se neste mal da saudade,
por me dobrar a dor que dantes tinha.
Não desprezes, ó Lília, uma vontade
que, por te contentar, tudo despreza,
tudo julga, sem ti, por pouquidade.
Se pretendes amor, já tens certeza
que não podes ser nunca mais amada
dos que vencidos traz tua beleza.
Se porventura estás afeiçoada
a gentil parecer, a bom engenho,
a ninguém nestas partes devo nada.

Se fazes caso de honra, olha que venho
de geração de honrados pescadores;
se de riqueza, barco e redes tenho.
Por erros julgarás estes louvores,
e oxalá não os julgues por doudice!
Mas quem siso quer ter não tenha amores.
E mais tudo foi pouco quanto disse,
pondo os olhos no muito que meu Fado
nos teus, que ver desejo, quis que visse.
Aconteceu-me um caso desusado,
- inda que de uma cousa noutra salto -
digno, por ser de amor, de ser contado.
Pescando ontem à tarde no mar alto,
suspenso nessa rara formosura,
a quem com mil lembranças nunca falto,
comecei a cantar: «Lília, mais dura
que a mais inculta rocha rodeada
do mar, de cujo encontro está segura;
mais alva que jasmins, e mais corada
que purpúreas cerejas polo Maio;
mais loura que manhã desentrançada;
não vês...» Dizer queria que desmaio,
quando— cousa que mal me será crida —
no mar, vencido de um, do barco caio.
Ali tivera fim a triste vida,
se de um brando delfim, que me escuitava,
não fora, por ser tua, socorrida.
Parece que também vencido estava
do mal, de que me via andar vencido
quem em tamanho risco me ajudava.
Trouxe-me sobre si adormecido,
nadando ao som das ondas mansamente,
até que me sentiu em meu sentido,
livre deste mortal, bravo acidente.
Tal foi o espanto meu, tal meu temor,
que doutro me livrei escassamente.

Mas logo o amoroso nadador
me pôs junto do barco, que tão perto
estive de ficar sem pescador.
O sol era de todo já coberto,
quando eu, entrando nele, saí fora
do perigo, onde tive o fim tão certo.
Porém outro maior me cansa agora.
De que mal sairei, se te não vir
amanhecer aqui coa nova Aurora?
Não pode ela tardar em descobrir
as suas louras tranças desatadas,
das quais as tuas bem se podem rir.
Pois por cima das ondas, acordadas,
as Alcíóneas ouço lamentar-se,
do seu antigo dano inda lembradas.
E sinto o fresco orvalho derramar-se
mais congelado e frio; e Vénus bela
polo oriente já vejo levantar-se.
Bem podes, Lília, competir com ela,
e com Palas e Juno em gentileza;
em amor não, pois ele nasceu dela:
desterrou-o de ti tua aspereza,
que desterra de mi prazer e vida,
deixando em seu lugar mágoa e tristeza.
No silêncio da noite, que convida
a descanso comum, tanto me cansa
que não sei se remédio ou morte pida.
Se tu quisesses dar-me uma esperança
de te servir de mi ou tarde ou cedo,
nunca me negaria o mar bonança.
Polas inchadas ondas, que põem medo,
eu só, sem mais ajuda, levaria
sempre à força de braço o barco quedo.
Tão seguro por elas andaria,
como polo seu campo o lavrador
no mais quieto, claro e belo dia.

Olha que não há destro pescador,
que mais manhoso as redes desencolha,
nem os tortos anzóis isque melhor.
Os peixes deixarei em tua escolha:
aqueles de que fores mais amiga
nunca te faltarão de folha a folha.
Não sei, Lília formosa, que mais dia,
que mova amor em ti, que mova mágoa;
sei que mágoa e que amor a mais obriga.
Mas antes que o sol dê naquela frágoa,
onde meus ais dilata a triste Eco,
vou-me segurar mais o barco na água,
por que de baixa-mar não fique em seco.

Entre rústicas serras e fragosas,
compostas de asperíssimos rochedos,
de salitradas lapas cavernosas,

onde gretando os húmidos penedos
orvalhados de neve branca e fria,
brotando estão de si mil arvoredos;

uma floresta fez verde e sombria
a Natureza experta, que rodeia,
como elevado muro, a serrania.

Neste fermoso sítio se recreia
o lascivo Cupido entre as boninas,
que sempre um brando Zéfiro meneia.

Da cândida cecém, das clavelinas,
da salva, manjerona e das mosquetas,
das rubicundas flores jacintinas,

muitas capelas tece, que de setas
lhe servem contra peitos de donzelas,
a quem de inveja traz sempre inquietas.

Não são de uma só cor as flores belas;
que umas esmalta verde, outras rosado,
entre as azuis crescendo as amarelas.

Dos agrestes loureiros rodeado,
faz o vale uma sombra deleitosa,
quando aparece o sol mais levantado.

E, por cima da relva bem graciosa,
as gotas de cristal quase imitando
estão do aljôfar puro a luz fermosa.

As cristalinas fontes, que brotando
por entre alvos seixinhos se derivam
das árvores os troncos vão banhando.

Entre as límpidas águas, que inda esquivam
o fermoso pastor que se perdeu,
preso das falsas mostras que o cativam,

cresce a por cuja causa se esqueceu
a linda Citereia de Vulcano,
quando presa de Amor se lhe rendeu.

Na brancura do rosto soberano,
inda as cruéis feridas aparecem
do javali cerdoso e desumano.

As rosas que de sangue resplandecem,
as cândidas boninas marchetadas,
qual roxo esmalte à vista bem se of'recem.

Do matutino orvalho rociadas,
as flores rutilantes e cheirosas
estão como por cima prateadas.

Os húmidos botões abrindo as rosas,
que os agudos espinhos vão cercando,
no prado se veem rindo deliciosas.

A melífera abelha , sussurrando
por cima das boninas que rodeia,
está co som das águas concertando.

Do trémulo regato a branda areia
de jacintos se cobre e de vieiras,
que encrespam da corrente a branca veia.

Os álamos se abraçam coas videiras
de sorte que se enxerga escassamente
se são as cachos seus, se das parreiras:

E pendendo por cima da corrente,
outro fermoso bosque debuxando
estão no fundo dela brandamente.

Ouve-se o rouxinol aqui, lembrando
do pérfido cunhado a crueldade,
mágoas em melodias transformando.

A solitária rola com soidade
desfaz o rouco peito, já cansada
de que não move a morte a piedade.

A doméstica Progne anda banhada
no sangue de seus filhos, em vingança
da triste Filomela profanada.

De competir co merlo não descansa
o gárrulo calhandro, que enrouquece
por não perder calado a confiança.

Enquanto o pobre ninho ajunta e tece
o sonoro canário, modulando,
engana a grave pena que padece.

Alguns versos se escuta derramando
o vário pintassirgo, tão saudáveis
que produzem memórias de amor brando.

Por os direitos troncos há notáveis
epigramas; alguns de antiga história,
que contra o duro tempo são duráveis.

Uns de cruel tormento, outros de glória,
conforme a liberdade do que escreve,
estranhos casos mostram à memória.

O que neste lugar contente esteve,
contente declarou seu pensamento
e os prazeres também que nele teve.

Mas outros, declarando o sentimento
que dos olhos destila tristes águas,
deixaram mil lembranças de tormento:

Abrasando-se alguns em vivas fráguas,
escreveram do bosque em muitas partes
gostos de Amor agora, agora mágoas.

Porque, cruel Menino, o prémio partes
a quem serás tirano se lho negas,
e injusto e desigual, se lho repartes?

Porque enganas as almas que tão cegas
arrastas após ti, de error cativas?
Porque a cruéis rigores as entregas?

Para que contra um peito assi te esquivas,
que humilde se sujeita a teu cuidado,
com enganos de sombras fugitivas?

Levas, como a menino, um pobre a nado,
numa aparência falsa embevecido,
quando cos braços corta o mar inchado.

Querendo-se tornar, vê-se perdido,
já grita que se afoga; e tu zombando,
da praia entre os penedos escondido!

O triste, que conhece ir-se afogando,
no meio da arriscada zombaria
por divino socorro está clamando.

Mas eu de que me espanto, se dizia
um sábio que de enganos se temesse
o que tomasse a um cego tal por guia?

Nunca nele a firmeza permanece;
se nos dá gosto algum, muda-se logo;
já chora, já se ri, já se enfurece.

Anda cos corações sempre em um jogo:
umas vezes os faz de pedra fria;
outras os faz de neve; outras de fogo.

Tornando ao bosque meu que descrevia,
depois de ter contado da frescura
que nele tão pomposa aparecia,

referir quero agora uma aventura
que nele ao vão Narciso aconteceu,
digna de se chorar com mágoa pura.

Castigo foi que o moço mereceu
por se mostrar esquivo com aquela,
que em viva pedra Juno converteu.

Ardia em fogo d'alma a vã donzela
sofrendo um duro peito; que a Narciso,
quando ela mais se abrasa, mais congela.

E quando a fraca Ninfa mais de siso
mostrava um sinal certo de firmeza,
então se provocava o moço a riso.

Já de uma profundíssima tristeza
a descora o rigor que a consumia.
Como diz desfavor mal com beleza!

O gelado pastor folgava e ria;
mas vendo-a de seu gosto andar contente,
por não a contentar se entristecia.

É tal o seu rigor que não consente
que seja o gosto próprio festejado;
antes disso se mostra descontente.

Mas o cego Cupido, de afrontado,
em vingança da fé que desprezou,
fez que fosse de si mesmo enganado.

Casualmente um dia se chegou
a beber numa fonte cristalina,
que de si nova sede lhe causou.

Vendo a sua figura peregrina,
que a fonte dentro em si representava,
se perdeu por imagem tão divina.

Como já, de enlevado, não cuidava
nos enganos que a sombra lhe fazia,
vendo o formoso rosto, suspirava.

Por as avaras águas se metia;
e, quanto mais molhava os tenros braços,
então mais vivamente o fogo ardia.

Vendo-se assi prender em duros laços,
ao sentimento obriga a paciência,
dando, fora de si, ao vento abraços.

Embevecido todo na aparência,
sem saber do cuidado o que sentia,
não fez ao doce engano resistência.

Ao ver-se longe mais, mais perto via
o peregrino gesto; e se chegava,
então para mais longe lhe fugia.

Vendo enfim como em tudo o remedava,
caiu no torpe engano que tivera,
a tempo que de si já preso estava.

A beleza que a tantas morte dera,
de si mesma se abrasa e se cativa.
Quão longe então de si ver-se quisera!

Ela se abrandava própria; ela se esquivava;
e sendo ela somente a que se amava,
ela se chama ingrata e fugitiva.

A formosura, pois, que namorava,
com tal dificuldade era seguida
que estando dentro em si, mui longe estava.

A solitária Ninfa, que escondida
já nas cavernas côncavas se via,
dos males que lhe ouviu foi comovida.

Das namoradas mágoas que dizia
o namorado moço, ela somente
os últimos acentos repetia.

Ele vendo-se estar ali presente,
as cristalinas águas acusava
de que elas o faziam descontente.

Outras vezes à fonte, quando a olhava,
já cego e sem juízo, agradecia
a figura que dentro lhe mostrava.

Mas vendo que ela em nada se doía
de seu grave tormento, grita e chora.
Quanto erra quem de sombras se confia!

Já lhe pede que saia para fora,
ignorando que sempre fora esteve
a beleza que nele próprio mora.

Depois que longo espaço se deteve
nestes queixumes seus tão lastimosos
que, com tão longo ser, julgou por breve,

cos olhos, belos si, mas lagrimosos,
do vale se despede e da espessura,
dando soluços da alma vagarosos.

Entregue na vontade da ventura
ou, por melhor dizer, de seus enganos,
ao centro se arrojou da fonte pura.

Destarte feneceu em tenros anos
Narciso, dando exemplo à fermosura
de que tema, se é tal, também seus danos.

Sentimento mostrou da sorte dura
o namorado Júpiter, mudando
ao moço em flor purpúrea, que inda dura.

Aquelas claras águas rodeando,
onde por seus amores se perdeu,
está depois da morte acompanhando.

Tanto no seu engano procedeu
que não sabe na morte inda apartar-se
dos erros que na vida cometeu.

Bem pode o coração desenganar-se,
que o fogo de um querer, na alma inflamado,
não costuma na morte resfriar-se.

Porque depois do corpo sepultado,
prisão onde se encerra o fraco esprito,
eternamente chora o seu cuidado

e, das escuras águas do Cocito
a rápida corrente refreando,
celebra o lindo gesto na alma escrito.

Lá se está cos favores recreando;
e, se foi desprezado, lá padece,
as duras esquivanças lamentando.

Nem dos avaros olhos lá se esquece,
que de formoso verde a terra esmaltam,
por não ver os do triste que endoudece.

Assi que os desfavores nunca faltam,
até depois da morte perseguindo
um triste coração que desbaratam.
Triste de quem em vão lhe vai fugindo!

MOTE

Esconjuro-te, Domingas,
pois me dás tanto cuidado,
que me digas se te vingas:
viverei menos penado.

VOLTAS

Juravas-me que outras cabras
folgavas de apacentar;
eu, por não me magoar,
fingia que eram palavras.
Agora d' arte te vingas
d' algum meu doudo pecado,
qu' inda [que] queiras, Domingas,
não posso ser enganado.

Qualquer cousa busca o seu:
a fonte vai para o Tejo,
e tu para o teu desejo
por te vingares do meu.
De mi te esqueces, Domingas,
como eu faço do meu gado.
Praza a Deus que, se te vingas,
que moura desesperado.

Na fantasia te pinto;
falo-te, responde o monte;
busco o rio, busco a fonte,
endoudeço e não o sinto.
«Domingas!» »no vale brado.
Responde o eco: «Domingas!»
E tu inda te não vingas
de me ver doudo tomado?

MOTE

Esperanças mal tomadas,
agora vos deixarei
tão mal como vos tomei.

VOLTAS

Fostes tomadas em vão
de mim e sem fundamento.
Vós éreis todas de vento,
e eu dele vivia então.
Se vos tomei sem razão,
com ela vos deixarei
tão mal como vos tomei.

Assim vos queria ter
sem razão e mal tomadas
sabendo, quando deixadas,
quanto havíeis de doer.
Mas nem isto pode ser,
que por meu mal vos tomei
e por vós me deixarei.

Quereis que faça mudança!
De vós outro bem não entendo.
Isto só se ganha em vos vendo;
isto só de vós se alcança.
Mas esta vã esperança,
Senhora, se eu a tomei
por vós, como a deixarei?

Petição feita ao regedor de ãa nobre moça presa no limoeiro da cidade de Lisboa por se dizer que fizera adultério a seu irmão, que era na Índia, feita por Luís de Camões.

Esprito valeroso, cujo estado
o alto Deus prospere e crescente,
regendo o fiel Reino descansado,
com vida felicíssima e contente:
a vós, em quem o humil necessitado
acha sempre favor e amor ardente
peço queirais ouvir que, na verdade,
zelo e amor de Deus me persuade.

Não vos seja pesado o atrever-me
a querer emprender sujeito alheio,
porque fizeram lágrimas mover-me
vir ante vós, ousado e sem receio.
E se por tal quiserdes conhecer-me,
servindo-vos de mim por algum meio,
o nome, o braço, a Musa e quanto posso,
há já muito, Senhor, que tudo é vosso.

Quem isto oferece vos dirá quanto
desejo, muito lea, ser-vos aceito
por que, com vosso zelo, o favor santo
faça meu rude verso algum proveito;
que, cobrindo-me vós com vosso manto,
a eu ser nobre tendo algum respeito,
sei que posso ganhar o que não tenho,
pois me não faltam forças nem engenho.

Porém isto, Senhor, deixando à parte,
que razão é devida a que me guia,
a vós venho com força, engenho e arte,
por influxo do Céu, que a vós me envia;
a vós, a quem tem dado Apolo e Marte

de seus tesouros parte e melhoria,
venho cantar com voz rouca e chorosa,
por ãa encarcerada desditosa.

A vós venho, Senhor, na confiança
do vosso nome pondo meu sentido,
que quem em vós confia, tudo alcança,
sendo cousa de que Deus é servido;
e pois Ele vos deu justa balança
para pesar justiça e dar ouvido,
ouvi a petição da miserável,
com quem Fortuna foi tão pouco afável.

Ouvi da pobre Dona Catarina
o grande desamparo inopinado,
a quem nenhum remédio determina
ou permite seu duro e cruel Fado;
que se na tenra idade foi mofina,
a vida entregando ao vão cuidado,
haja nisso castigo com brandura,
porque o medo a fará viver segura.

Haja, Senhor, cuidar que é moça pobre;
que pobreza não tem nenhum respeito,
e mais não tendo idade que lhe sobre
pera saber fugir do que é mal feito;
haja também cuidar que é sangue nobre
e ao jugo da Igreja inda sujeito,
e que pode nacer de tal processo
um grande e cruelíssimo sucesso.

Certo que, com razão urgente e clara,
tem algũa razão a infelice;
que se ninguém recolhe nem ampara
a triste, órfã na flor da meninice,
a Fortuna cruel, em tudo avara,

pera lhe acarretar triste velhice,
lhe entrega a honra e pura castidade
nas mãos de ãa cruel necessidade.

Bem sei que de ter culpa não carece,
se por não ser do sangue seu lembrada;
mas dê-se-lhe o castigo que merece,
e não para tão longe desterrada.
Que, se para lá for, bem se conhece
quão vilmente será vituperada,
dando motivo ao rude marinheiro
que seja incontinente carnicheiro.

Vede, Senhor, o risco a que se obriga
a desditosa e frágil mocidade,
se honra não vai buscar ou parte amiga
que lhe defenda sua honestidade.
Não queirais, não, Senhor, que o mundo diga
Ah! que grande rigor e crueldade!»,
como já vai dizendo e murmurando,
sua grande ignorância desculpando.

Eu certo não duvido que o piloto,
o mestre, o marinheiro, o capitão,
usem do costumado vício roto
com todas as que em seus poderes vão;
dai-me vós, Senhor, um que este remoto
de tal delícia nesta ocasião,
e eu direi ser falso o que vos digo,
tomando sobre mim todo o castigo.

já não há i João posto em deserto,
que seja ao Céu, por casto, tão aceito,
nem há quem não cometa desconcerto
nessa torpeza bruta e vil sujeito.
Já não é aí Hierónimo tão certo

que, com pedra na mão, ferindo o peito,
e da carne estimulado, assi lhe diga:
«Não te chegues a mim, carne inimiga!»

A culpa é dos parentes descuidados,
que, vendo-a sem amparo e sem abrigo,
em tempo que os mais ricos e esforçados,
temendo a Deus, fugiam a seu castigo,
uns pera seus jardins determinados,
outros por onde o Céu lhe fosse amigo,
a deixaram tão só nesta cidade,
batalhando coa vil necessidade.

Pois quem houvera aí que não caíra,
vendo-se em tal extremo, em tal miséria?
Qual Artemisa aqui não consentira?
Qual romana Sofrónia, ou qual Valéria?
E qual Lucrecia fora, que isto vira,
que não rendera o jugo à vil matéria?
Qual tebana Timóquia, ou linda Sara,
ou qual mulher de Ulisses se negara?

Qual fora a que se vira em tão infesta
batalha, turbulenta e espantosa,
exercitando a morte rija e mesta
seu duro ofício, brava e rigorosa;
que ninfa houvera aí, que deusa Vesta
em virginal estado poderosa,
que não rendera a tudo o casto nome,
por não morrer nas mãos da dura fome?

Ah! valeroso espirito, caso é isto
pera se dar perdão à fraca ovelha;
não seja o perdão seu, seja de Cristo,
pois ele a perdoar nos aconselha.
Assi nos altos Céus sejais benquisto,

e vos incline Deus atenta orelha.
Que vos lembre, Senhor, seu desamparo,
pois sois dos pobres pai e amigo claro.

Por isso olhai, Senhor, a quanto importa
cortar ocasiões com fio agudo;
porque, não se cortando, abre-se porta
do lascivo desejo ao nauta rudo.
e se, como vos digo, esta se corta,
olhando bem as leis do claro estudo,
será grandeza vossa mui subida,
dessa real prosápia produzida.

Olhai que tem, Senhor, ãa menina
do ausente consorte e filha sua,
muito desamparada e pequenina,
fora do natural, despida e nua.
Sede vós, Senhor, água da piscina;
a vosso zelo tudo se atribua;
que, movendo-vos ele, não duvido
que tudo a ela seja concedido.

Eu só perdi o verdadeiro amigo,
eu só hei de viver nesta saudade
sabe Deus a tristeza com que o digo.

O meu Silveira era uma vontade,
um amor, um desejo e um querer,
ambas um coração e uma amizade.

Não tenho já razão de vos fazer,
meus castelos de vento sobre o mar.
Que cousa há i já no Gange para ver?

Que cousa nele há que desejar?
Foi-se daquela vida o meu Silveira;
tudo o bom na outra se há de achar.

Que espada nas batalhas foi primeira,
ou qual entre os imigos mais prezada,
ou qual se achou mais só na derradeira?

E ora de seus soldados ajudada
fora deles uma hora mais seguida,
fora deles melhor acompanhada.

Que aquela ilha deles tão temida,
ele a tinha já em tal estreiteza
que durar não pudera ãa hora em vida.

Mas gentes que não têm de natureza
esforço, espírito, sangue e condição,
o seu natural é mostrar fraqueza.

Deixam morrer seu próprio Capitão,
deixam perder as forças que as sustêm,
e tudo lhes consente o coração.

Não tratam da glória deste bem,
deste viver na fama sempre e vida,
o que lhes dizem disto não o creem.

Quem a vitória viu mais conhecida
- a não se ver dos seus desamparado,
qual esteve -, mais certa ou mais subida?

Com que saber o porto foi tomado
à gente de Barém, que o defendia?
Com que esforço foi tudo começado?

Que temor nos imigos já se via,
que vitória tão clara aquela estava?
Que cousa aquele espírito não faria?

Que receio já neles se enxergava,
que deram pelas vidas, se quisera,
aquele que tirar-lhas desejava?

Mas que ouro, que preço então pudera
fazer tornar atrás tanta ousadia,
ou quem fora o que aquisto cometera?

Quem se atrevera aí, quem ousaria
com os tesouros de Crasso acometer
a quem só a honra e fama pretendia?

Forçado neste caso se há de crer
que o coração lhe não dava lugar
a meios que naquisto podia ter.

Por onde quis por obra começar
aquela crua peleja receando,
concertos que a soem desviar.

A presteza da cousa está mostrando
a vontade que tinha e o desejo
de se ver já na pátria pelejando.

Aquela hora, momento, aquele ensejo
quantas vezes ali desejaria,
verem-no pelejar Ninfas do Tejo!

Quantas vezes por elas chamaria,
com que esforço seria esta lembrança?
Quantas vezes a alguma invocaria?

Com que graça e arte e confiança
se parte na praia dos primeiros,
quão longe de fazer atrás mudança!

Aquestes bons espritos verdadeiros,
de que não digo o terço do que calo
que desprezar faria dos frecheiros!

Que longe de poderem enfadá-lo
aqueles insofríveis alaridos
daquela gente iníqua de cavalo!

Rodeado de mortos e feridos,
que aquele forte braço derribava,
sendo os seus às naus já recolhidos,

deu a alma a quem a desejava,
com tanto gasto e contentamento
quanto de tal esforço se esperava.

Oh, bom desastre, alegre esquecimento!
Por vós o meu Silveira está na Glória;
por vós lá lhe repousa o pensamento;

por vós eternamente na memória
correrá a este caso seu louvor,
de que se pode fazer larga história:
Quem a vida sacrificou ao Redentor.

CANTIGA VELHA

Falso cavaleiro ingrato,
enganais-me:
vós dizeis que eu vos mato,
e vós matais-me.

VOLTAS PRÓPRIAS

Costumadas artes são
para enganar inocências
piadosas aparências
sobre isento coração.
Eu vos amo, e vós, ingrato,
magoais-me
dizendo que eu vos mato;
e vós matais-me.

Vede agora qual de nós
anda mais perto do fim:
que a justiça faz-se em mim
e o pregão diz que sois vós.
Quando mais verdade trato,
levantais-me
que vos desamo e vos mato;
e vós matais-me.

Fermosa e gentil Dama, quando vejo
a testa de ouro e neve, o lindo aspeito,
a boca graciosa, o riso honesto,
o marmóreo colo e branco peito,
de meu não quero mais que meu desejo,
nem mais de vos que ver tão lindo gesto.
Ali me manifesto
por vosso a Deus e ao mundo; ali me inflamo
nas lágrimas que choro;
e de mim, que vos amo,
em ver que soube amar-vos, me namoro;
e fico por mim só perdido, de arte
que hei ciúmes de mim por vossa parte.

Se porventura vivo descontente
por fraqueza de espirito, padecendo
a doce pena que entender não sei,
fujo de mim e acolho-me, correndo,
à vossa vista; e fico tão contente
que zombo dos tormentos que passei.
De quem me queixarei
se vós me dais a vida deste jeito
nos males que padeço,
senão de meu sujeito,
que não cabe com bem de tanto preço?
Mas ainda isso de mim cuidar não posso,
de estar muito soberbo com ser vosso.

Se, por algum acerto, Amor vos erra,
por parte do desejo cometendo
algum nefando e torpe desatino;
se ainda mais que ver, enfim, pretendo;
fraquezas são do corpo, que é de terra,
mas não do pensamento, que é divino.
Se tão alto imagino
que de vista me perco — peço nisto —,

desculpa-me o que vejo;
que se, enfim, resisto
contra tão atrevido e vão desejo,
faço-me forte em vossa vista pura,
e armo-me de vossa fermosura.

Das delicadas sobranceiras pretas
os arcos, com que fere, Amor tomou,
e fez a linda corda dos cabelos;
e, porque de vós tudo lhe quadrou,
dos raios desses olhos fez as setas
com que fere quem alça os seus, a vê-los.
Olhos, que são tão belos,
dão armas de vantagem ao Amor,
com que as almas destrui;
porém, se é grande a dor,
co a alteza do mal a restitui;
e as armas com que mata são de sorte
que ainda lhe ficais devendo a morte.

Lágrimas e suspiros, pensamentos,
quem deles se queixar, fermosa Dama,
mimoso está do mal que por vós sente.
Que maior bem deseja quem vos ama
que estar desabafando seus tormentos,
chorando, imaginando docemente?
Quem vive descontente
não há de dar alívio a seu desgosto,
por que se lhe agradeça;
mas com alegre rosto
sofra seus males, para que os mereça;
que quem do mal se queixa, que padece,
fá-lo porque esta glória não conhece.

De modo que, se cai o pensamento
em algũa fraqueza, de contente
é porque este segredo não conheço:
assi que com razões, não tão-somente
desculpo ao Amor de meu tormento,
mas ainda a culpa sua lhe agradeço.
Por esta fé mereço
a graça, que esses olhos acompanha,
o bem do doce riso;
mas porém não se ganha
cum paraíso outro paraíso.
E assi, de enleada, a esperança
se satisfaz co bem que não alcança.

Se com razões escuso meu remédio,
sabe, Canção, que, porque não vejo,
engano com palavras o desejo.

Fermosa fera humana,
em cujo coração soberbo e rudo
a força soberana
do vingativo Amor, que vence tudo,
as pontas amoladas
de quantas setas tinha, tem quebradas;

amada Circe minha
- posto que minha não, contudo amada – ,
a quem um bem que tinha
da doce liberdade desejada
pouco a pouco entreguei,
e, se mais tenho, inda entregarei:

pois natureza irosa
da razão te deu partes tão contrárias
que, sendo tão fermosa,
folgues de te queimar em flamas várias,
sem arder em nenhũa
mais que enquanto alumia o mundo a Lũa;

pois triunfando vás
com diversos despojos de perdidos,
que tu privando estas
de razão, de juízo e de sentidos,
e quase a todos dando
aquele bem que a todos vós negando;

pois tanto te contenta
ver o noturno moço, em ferro envolto,
debaixo da tormenta
de Júpiter, em água e vento solto,
à porta, que impedido
lhe tem seu bem, de mágoa adormecido;

porque não tens receio
que tantas inocências e esquivaças
a deusa que põe freio
a soberbas e doudas esperanças
castigue com rigor,
e contra ti se acenda o fero Amor?

Olha a fermosa Flora:
de despojos de mil suspiros rica,
pelo capitão chora
que lá em Tessália, enfim, vencido fica,
e foi sublime tanto
que altares lhe deu Roma e nome santo.

Olha em Lesbos aquela
no seu salteiro insigne conhecida
dos muitos que por ela
se perderam: perdeu a cara vida,
na rocha que se infama
com ser remédio extremo de quem ama

pelo moço escolhido,
onde mais se mostravam as três Graças;
que Vénus escondido
para si teve um tempo antre as alfaças;
pagou coa morte fria
a ma vida que a muitos já daria.

E, vendo-se deixada
daquele por quem tantos já deixara,
se foi desesperada
precipitar da infame rocha cara;
que o mal de mal querida
sabe que vida lhe é perder a vida.

«Tomai-me, bravos mares;
tomai-me vós, pois outrem me deixou!»
E assi, dos altos ares
pendendo, com furor se arremessou.
Acude tu, suave,
acude, poderosa e divina ave!

Toma-a nas asas tuas,
Minino pio, ilesa sem perigo,
antes que nessas cruas
águas caindo, apague o fogo antigo.
É digno amor tamanho
de viver e ser tido por estranho?

«Não; que é razão que seja
para as lobas isentas, que amor vendem,
exemplo onde se veja
que também ficam presas as que prendem.»
Assi deu por sentença
Némesis, que Amor quis que tudo vença.

MOTE

Ferro, fogo, frio e calma
todo o mundo acabarão;
mas nunca vos tirarão,
alma minha, da minha alma.

GLOSA

Não vos guardei, quando vinha,
em torre, força ou engenho;
que mais guardada vos tenho
em vós, que sois alma minha.
Ali, nem frio nem calma
não podem ter jurisdição;
na vida sim, porém não
em vós, que tenho por alma.

Fogem as neves frias
dos altos montes, quando reverdecem
as árvores sombrias;
as verdes ervas crecem,
e o prado ameno de mil cores tecem.

Zéfiro brando espira;
suas setas Amor afia agora;
Progne triste suspira
e Filomela chora;
o Céu da fresca terra se enamora.

Vai Vénus Citereia
com os coros das Ninfas rodeada;
a linda Panopeia,
despida e delicada,
com as duas irmãs acompanhada.

Enquanto as oficinas
dos Ciclopes Vulcano esta queimando,
vão colhendo boninas
as Ninfas e cantando,
a terra co ligeiro pé tocando.

Dece do duro monte
Diana, já cansada d'espessura,
buscando a clara fonte
onde, por sorte dura,
perdeu Actéon a natural figura.

Assi se vai passando
a verde primavera e seco estio;
trás ele vem chegando
depois o inverno frio,
que também passará por certo fio.

Ir-se-á embranquecendo
com a frígida neve o seco monte;
e Júpiter, chovendo,
turbará a clara fonte;
temerá o marinheiro a Oriente.

Porque, enfim, tudo passa;
não sabe o tempo ter firmeza em nada;
e nossa vida escassa
foge tão apressada
que, quando se começa, é acabada.

Que foram dos Troianos
Hector temido, Eneas piadoso?
Consumiram-te os anos,
Ó Cresso tão famoso,
sem te valer teu ouro precioso.

Todo o contentamento
crias que estava no tesouro ufano?
Ó falso pensamento
que, à custa de teu dano,
do douto Sólon creste o desengano!

O bem que aqui se alcança
não dura, por possante, nem por forte;
que a bem-aventurança
durável de outra sorte
se há de alcançar, na vida, para a morte.

Porque, enfim, nada basta
contra o terrível fim da noite eterna;
nem pode a deusa casta
tornar à luz superna
Hipólito, da escura noite averna.

Nem Teseu esforçado,
com manha nem com força rigorosa,
livrar pode o ousado
Pirítoo da espantosa
prisão leteia, escura e tenebrosa.

Foge-me pouco a pouco a curta vida
— se por acaso é verdade que inda vivo —;
vai-se-me o breve tempo d'ante os olhos;
choro pelo passado em quanto falo,
se me passam os dias passo e passo;
vai-se-me enfim a idade, e fica a pena.

que maneira tão áspera de pena
que nunca ua hora viu tão longa vida,
em que possa do mal mover-se um passo!
que mais me monta ser morto que vivo?
para que choro, enfim? para que falo,
se lograr-me não pude de meus olhos?

Ó fermosos, gentis e claros olhos,
cuja ausência me move a tanta pena
quanta se não compreende em quanto falo!
Se, no fim de tão longa e curta vida,
de vós m'inda inflamasse o raio vivo,
por bem teria tudo quanto passo.

Mas bem sei que primeiro o extremo passo
me há de vir a cerrar os tristes olhos
que Amor me mostre aqueles por que vivo.
Testemunhas serão a tinta e pena,
que escreveram de tão molesta vida
o menos que passei, e o mais que falo.

Oh! que não sei que escrevo, nem que falo!
Que, se de um pensamento n'outro passo,
vejo tão triste género de vida
que, se lhe não valerem tantos olhos,
não posso imaginar qual seja a pena
que traslade esta pena com que vivo.

N'alma tenho contino um fogo vivo
que, se não respirasse no que falo,
estaria já feita cinza a pena;

mas, sobre a maior dor que sofro e passo,
me temperam as lágrimas dos olhos
com que, fugindo, não se acaba a vida.
passo glória e pena.

Morrendo estou na vida, e em morte vivo;
vejo sem olhos, e sem língua falo;
e juntamente passo glória e pena.

Foi-me alegre o viver, já me é pesado:
que, do contentamento que sentia,
à minha custa estou desenganado.

Ao regaço da Morte a dor me guia;
porém, porque com vida mais me mata
dilatando-ma vai de dia em dia.

Manda-me Amor fugir da Morte ingrata
— pois não sofre limite em vós amor —,
que ele os laços ordena, ele os desata.

Lancei contentamentos a voar;
tarde os espero ver, que é seu costume
ter asas ao fugir, freio ao tornar.

O pensamento, posto em alto cume,
pera sacrificar-se à vossa vista,
no coração me guarda eterno lume.

Co pensamento os olhos têm conquista,
pois sempre em vós está, porque os não leva,
que ele muro não tem que lhe resista.

Ainda que minha alma em vós se enleva,
em todo tempo não deixa de arder,
quando o monte arde em calma, ou quando neva.

Vivei, cuidados, enquanto eu viver,
ou por que em sombras vossas sempre viva,
ou por que me apresseis pera morrer.

Vontade minha, sempre sois cativa;
meu pensamento, nunca sois mudado;
flama de amor, sereis sempre em mi viva.

Suave cativo, doce estado,
brando fogo de amor, que em vós guardais
a fim de meu desejo retratado:

nunca nesta alma minha, aonde estais,
falteis, porque então falta a esperança,
sem quem me falta a vida muito mais.

Senhora, em cujo peito ódio e mudança
lançam fora o Amor e sua firmeza,
que dais esquecimento por lembrança:

armada dos espinhos da crueza,
trazeis por aparências a brandura
no rosto, a qual o peito pouco preza.

Mostrou-me um leve bem minha ventura;
paguei-o logo com longo tormento,
que o gosto foge sempre, e a pena dura.

A tanta dor um leve sentimento
nunca em vós pude ver; quanto em vão digo,
mais mudável que o vento, o dais ao vento.

No princípio, meu Fado me foi amigo;
naveguei pelo mar deste desejo,
que leva de um perigo a outro perigo.

Em vós é pouco o amor, em mim sobejo;
cresce em mim, falta em vós; e de maneira
que, de quanto em vós vi, já nada vejo.

Mostrou-se-me o tormento, na primeira,
com rosto alegre, para que o seguisse;
e lancei-me a o seguir nesta cegueira.

Fortuna, porque quis que eu o sentisse,
mostra-se, por mostrar qual dentro era;
eu choro meu engano, e ela ri-se.

Quem em contentamentos vãos espera,
espera cedo de enganar-se,
que tem breves limites sua espera.

Porém, quem há que mais queira livrar-se
de tão doce prisão, ou quem deseja
dos nós desses cabelos desatar-se?

Olhos, a quem as luzes têm inveja,
que em vós o Amor de amor tendes vencido,
quem há que vos não ame e vos não veja?

Rosto fermoso, em quem está esculpido
o mor bem que se pode ver na terra,
quem há não queira ser por vós perdido?

Olhai, Senhora, as horas apressadas,
que vêm cobrindo o ouro dos cabelos
de neve, e tornar as rosas descoradas.

Ireis ver ao cristal os olhos belos,
e já os não vereis quais de antes eram;
pois quais então serão não queirais vê-los.

Usai dos bens, que vão como naceram;
olhai que tudo dece de alto estado;
que também os prazeres meus deceram.
Mas não decerá nunca meu cuidado.

Ilustre e nobre Silva, descendido
do grão filho de Anquises valoroso
por armas e por sangue esclarecido

que, como forte, ousado e piedoso,
às costas salvou o pai de longos anos,
e o filho pela mão tenro e mimoso.

E os Penates, que tinham os Troianos,
tirou no mor conflito da cidade,
em que Gregos fizeram tantos danos.

Crescendo foi de ãa em outra idade
esta ilustre progénie generosa
em virtude, valor, honra, e bondade,

até chegar à nossa tão ditosa,
pois nele o Céu a ti, Silva, nos deu,
que a fazes com tuas obras mais formosa.

Aonde o ínclito Rei, de motu seu,
movido pelo 'spírito que o guia
a maiores proezas que a Teseu,

pelas partes, que em ti já conhecia
— ou decreto de cima —, te escolheu
por começo do fim que pretendia.

De Capitão de Tânger te proveu
em tempo que o Maluco assaz valente
o grande império de África venceu.

E sendo esta eleição do Rei valente,
da cega inveja foste murmurado,
porque ninguém escapou ao maldizente.

Não te negaram seres esforçado;
mas diziam que à guerra em tal idade
servia Capitão exp'rimetado;

e que em tempo de tal necessidade
convinha velho amparo e forte escudo
em quem não possa haver temeridade.

Mas bem ao contrário se viu tudo,
pois prudência e esforço juntamente
em ti exp'rimetou o Mouro rudo

quando, com grão conselho e pouca gente,
atravessaste os campos africanos
como grão Capitão velho, valente,

e foste à parte onde os Mauritanos
não tinham visto lança de Cristãos
havia longos tempos, longos anos.

Tomaste descuidado um Capitão,
no tempo e assi guerra exp'rimetado,
em quem se confiava Tetuão:

Alafe, irmão de Alafe, nomeado,
que não só o seu campo defendia,
mas entrava no nosso confiado.

Este, que toda a grande Berberia
tinha por mui prudente e animoso,
agora o tens na tua estrebaria.

Que pode aqui dizer pois o invejoso,
onde tão claro vê que nessa idade
supre o nobre sangue generoso?

Não te dirá que foi temeridade
para feito como este tão valente,
com ter seguro o campo e a cidade;

nem te pode negar seres prudente,
pois tempo e conjunção foste escolher
em que não arriscaste a tua gente;

mas assi te soubeste recolher
com grão despojo feito, denso dano,
sem um dos que levaste se perder.

Ó felice varão, Silva troiano,
quem te pode louvar, como venceste,
pois no dia menor, que tinha o ano,
o maior feito em África fizeste!

Canção

Já a roxa manhã clara
do Oriente as portas vem abrindo,
dos montes descobrindo
a negra escuridão da luz avara.
O Sol, que nunca para,
de sua alegre vista saudoso,
trás ela, pressuroso,
nos cavalos cansados do trabalho,
que respiram nas ervas fresco orvalho,
se estende claro, alegre e luminoso.
Os pássaros, voando,
de raminho em raminho vão saltando,
com fia suave e doce melodia
o claro dia estão manifestando.

A manhã bela e amena,
seu rosto descobrindo, a espessura
se cobre de verdura,
branda, suave, angélica, serena.
Ó deleitosa pena!
Ó efeito de Amor tão preeminente!
Que permite e consente
que onde quer que me ache, e onde esteja,
o seráfico gesto sempre veja,
por quem de viver triste sou contente!
Mas tu, Aurora pura,
de tanto bem dá graças à ventura,
pois as foi pôr em ti tão diferentes,
que representes tanta fermosura.

A luz suave e leda
a meus olhos me mostra por quem mouro,
e os cabelos d'ouro
não igual'aos que vi, mas arremeda:

esta é a luz que arreda
a negra escuridão do sentimento
ao doce pensamento;
o orvalho das flores delicadas
são nos meus olhos lágrimas cansadas,
que eu choro co prazer de meu tormento;
os pássaros que cantam
os meus espritos são, que a voz levantam,
manifestando o gesto peregrino
com tão divino som que o mundo espantam.

Assi como acontece
a quem a cara vida está perdendo,
que, enquanto vai morrendo,
algũa visão santa lhe aparece;
a mim, em quem falece
a vida, que sois vós, minha Senhora,
a esta alma que em vós mora
(enquanto da prisão se está apartando)
vos estais juntamente apresentando
em forma da fermosa e roxa Aurora.
Ó ditosa partida!
Ó glória soberana, alta e subida,
Se mo não impedir o meu desejo,
porque o que vejo, enfim, me torna a vida!

Porém a Natureza,
que nesta vista pura se mantinha,
me falta tão asinha,
quão asinha o sol falta à redondeza.
Se houverdes que é fraqueza
morrer em tão penoso e triste estado,
Amor será culpado,
ou vós, onde ele vive tão isento,
que causastes tão longo apartamento,
porque perdesse a vida co cuidado.

Que se viver não posso,
um homem sou só de carne e osso,
esta vida que perco, Amor ma deu;
que não sou meu: se mouro, o dano é vosso.

Já calma nos deixou
sem flores as ribeiras graciosas;
já de todo secou
os cravos, lírios e as purpúreas rosas;
fogem da calma grave os passarinhos
para o sombrio emparo de seus ninhos.

Meneia os altos freixos
a branda viração, de quando em quando,
e dentre vários seixos,
o líquido cristal sai murmurando;
as gotas, que das alvas pedras saltam,
o prado, como pérola, esmaltam.

Da caça já cansada,
busca a casta Titânia a espessura,
onde, a sombra deitada,
logre o doce repouso da verdura,
e sobre o seu cabelo crespo e louro
deixe cair o bosque o seu tesouro.

O Céu desimpedido
mostra o eterno lume das estrelas;
e de flores vestido,
ũa vermelhas, outras amarelas,
se mostra alegre o bosque, alegre o monte,
o rio, o arvoredor, o prado, a fonte.

Porque como o minino
que a Júpiter pola águia foi levado,
no cerco cristalino
foi do amador de Clície visitado,
o bosque chorará, chorará a fonte,
o rio, o arvoredor, o prado, o monte.

O mar, que agora, brando,
é das lindas Nereidas cortado,
se irá alevantando
todo, em crespas escumas empolado;
o soberbo furor do negro vento
fará por toda a parte movimento.

Lei e da Natureza
mudar-se desta sorte o tempo leve;
suceder a beleza
da primavera o fruto; à calma, a neve;
e tornar outra vez, por certo fio,
outono, inverno, primavera, estio.

Tudo, enfim, faz mudança,
quanto o claro Sol vê, quanto alumia;
nem se acha segurança
em tudo quanto alegre o belo dia;
mudam-se as condições, muda-se a idade,
a bonança, os estados e a vontade.

Só a minha inimiga
a dura condição nunca mudou,
para que o mundo diga
que, nela, lei tão certa se quebrou;
só ela em me não ver sempre está firme,
ou por fugir d'Amor, ou por fugir-me.

Mas já sofrível fora
só ela em me matar mostrar firmeza,
se não achara agora
também em mim mudada a natureza;
pois sempre o coração tenho turbado,
sempre d'escuras nuvens rodeado.

Sempre exprimento os fios
que em contino receio Amor me manda;
sempre os dous caudais rios
que em meus olhos abriu quem nos seus anda,
correm, sem chegar nunca o verão brando,
que tamanha aspereza vá mudando.

O Sol, sereno e puro,
que no fermoso rosto resplandece,
envolto em manto escuro,
do triste esquecimento, não parece,
deixando em triste noite a triste vida,
que nunca é de luz nova socorrida.

Porém seja o que for:
mude-se, por meu dano, a Natureza;
perca a constância Amor;
a Fortuna inconstante ache firmeza;
e tudo se conjure contra mi,
mas eu firme estarei no que emprendi.

MOTE

Já não posso ser contente:
tenho a esperança perdida;
ando perdido entre a gente,
nem morro nem tenho vida.

GLOSA

Depois que meu cruel Fado
destruiu uma esperança
em que me vi levantado,
no mal fiquei sem mudança,
e do bem desesperado.
O coração, que isto sente,
à sua dor não resiste,
porque vê mui claramente
que pois nasci para triste,
já não posso ser contente.

Por isso, contentamentos,
fugi de quem vos despreza.
Já fiz outros fundamentos,
já fiz senhora a tristeza
de todos meus pensamentos.
O menos que lhe entreguei
foi esta cansada vida:
cuido que nisto acertei
porque, de quanto esperei,
tenho a esperança perdida.

Acabar de me perder
fora já muito melhor:
tivera fim esta dor
que, não podendo mor ser,
cada vez a sinto mor.

De vós desejo esconder-me
(e de mi principalmente),
onde ninguém possa ver-me;
que pois me ganho em perder-me,
ando perdido entre a gente.

Gostos de mudanças cheios,
não me busqueis, não vos quero;
tenho-vos por tão alheios
que do bem, que não espero,
inda me ficam receios.
Em pena tão sem medida,
em tormento tão esquivo,
que morra ninguém duvida.
Mas eu, se morro ou se vivo,
nem morro nem tenho vida.

Juízo extremo, horrífico e tremendo
e juiz sempiterno, alto e celeste
significará a terra humedecendo.

Ver-se-á nela um suor que manifeste
como em carne vem Deus, a quem veja
o crédulo e incrédulo terrestre;

Rei justo, que almas e que corpo reja,
juiz será, quando este mundo inculto
sobre espinhos cruéis deitado seja.

Todo o vão simulacro e rico culto
ousará enjeitar a gente, e guerra
fará co mar o fogo e cru tumulto.

Imensa, a luz que as carnes desenterra,
lançará fora as portas vãs do Averno,
os justos seus levando à santa terra.

Outros, que são os maus, no fogo eterno
deitará, descobrindo-se os segredos,
e sendo claro todo feito interno.

Desfar-se-á a terra, os montes e os penedos,
e será tudo pranto e estridor duro,
obras de grande dor e tristes medos.

Será tornado o sol de todo escuro
e destruída a máquina do mundo,
sem luz a lua, estrelas e o Orbe puro.

Altos serão os vales, e em profundo
lugar se abaixarão os altos montes;
ver-se-á no mar o vento furibundo;

Haverá só de fogo vivas fontes;
da trombeta tremenda som terrível
ouvido, fará pálidas as fontes.
Responderá dos maus gemido horrível.

Junto de um seco, fero e estéril monte,
inútil e despido, calvo, informe,
da natureza em tudo aborrecido,
onde nem ave voa, ou fera dorme,
nem rio claro corre, ou ferve fonte,
nem verde ramo faz doce ruído;
cujo nome, do vulgo introduzido,
é Félix, por antífrase infelice;
o qual a Natureza
situou junto a parte
onde um braço de mar alto reparte
Abássia da arábica aspereza,
onde fundada já foi Berenice,
ficando a parte donde
o Sol que nele ferve se lhe esconde;

nele aparece o Cabo com que a costa
africana, que vem do Austro correndo,
limite faz, Arómata chamado
(Arómata outro tempo; que, volvendo
os céus, a ruda língua mal composta
dos próprios outro nome lhe tem dado).
Aqui, no mar que quer apressurado
entrar pela garganta deste braço,
me trouxe um tempo e teve
minha fera ventura.

Aqui, nesta remota, áspera e dura
parte do mundo, quis que a vida breve
também de si deixasse um breve espaço,
por que ficasse a vida
pelo mundo em pedaços repartida.

Aqui me achei gastando uns tristes dias,
tristes, forçados, maus e solitários,
trabalhosos, de dor e de ira cheios,
não tendo tão-somente por contrários

a vida, o sal ardente e águas frias,
os ares grossos, férvidos e feios;
mas os meus pensamentos, que são meios
para enganar a própria Natureza,
também vi contra mi,
trazendo-me à memória
algũa já passada e breve glória,
que eu já no mundo vi, quando vivi,
por me dobrar dos males a aspereza,
por me mostrar que havia
no mundo muitas horas de alegria.

Aqui estive eu co estes pensamentos
gastando o tempo e a vida; os quais tão alto
me subiam nas asas que caía
– e vede se seria leve o salto! –
de sonhados e vãos contentamentos
em desesperação de ver um dia.
Aqui o imaginar se convertia
num súbito chorar e nuns suspiros,
que rompiam os ares.
Aqui, a alma cativa,
chagada toda, estava em carne viva,
de dores rodeada e de pesares,
desamparada e descoberta aos tiros
da soberba Fortuna:
soberba, inexorável e importuna.

Não tinha parte donde se deitasse,
nem esperança algũa onde a cabeça
um pouco reclinasse, por descanso.
Todo lhe é dor e causa que padeça,
mas que pereça não, por que passasse
o que quis o Destino nunca manso.
Oh! que este irado mar, gritando, amanso!
Estes ventos da voz importunados,

parece que se enfreiam!
Somente o Céu severo,
as Estrelas e o Fado sempre fero
com meu perpétuo dano se recreiam,
mostrando-se potentes e indignados
contra um corpo terreno,
bicho da terra vil e tão pequeno.

Se de tantos trabalhos só tirasse
saber inda por certo que algũa hora
lembrava a uns claros olhos que já vi;
e se esta triste voz, rompendo fora,
as orelhas angélicas tocassem
daquela em cujo riso já vivi;
a qual, tornada um pouco sobre si,
revolvendo na mente pressurosa
os tempos já passados
de meus doces erros,
de meus suaves males e furores,
por ela padecidos e buscados,
tornada – inda que tarde – piadosa,
um pouco lhe pesasse
e consigo por dura se julgasse;

isto só que soubesse, me seria
descanso para a vida que me fica;
co isto afagaria o sofrimento.
Ah! Senhora, Senhora, que tão rica
estais que, cá tão longe, de alegria
me sustentais cum doce fingimento!
Em vos afigurando o pensamento,
foge todo o trabalho e toda a pena.
Só com vossas lembranças
me acho seguro e forte
contra o rosto feroz da fera Morte,
e logo se me ajuntam esperanças

com que a fronte, tornada mais serena,
torna os tormentos graves
em saudades brandas e suaves.

Aqui co eles fico, perguntando
aos ventos amorosos, que respiram
da parte donde estais, por vós, Senhora;
às aves que ali voam, se vos viram,
que fazíeis, que estáveis praticando,
onde, como, com quem, que dia e que hora.
Ali a vida cansada, que melhora,
toma novos espritos, com que vença
a Fortuna e Trabalho,
só por tornar a ver-vos,
só por ir a servir-vos e querer-vos.
Diz-me o Tempo que a tudo dará talho;
mas o Desejo ardente, que detença
nunca sofreu, sem tento
me abre as chagas de novo ao sofrimento.

Assi vivo; e se alguém te perguntasse,
Canção, como não mouro,
podes-lhe responder que porque mouro.

La sierra fatigando de contino
los pasos vagarosos voy moviendo,
perdiendo de la vida todo el tino,

de mis suspiros tristes no pudiendo
el alma apartar y el pensamiento
de aquélla por quien yo estoy muriendo;

que aunque la ausencia es grave tormento,
que te olvide en ello es imposible,
que con amor no puede apartamento.

Veote con espíritu invisible:
en el muy vivo tengo aquel meneo
tan fiero para mí, y tan terrible.

Todo lo más alegre triste voe;
el fresco valle, el monte, la espesura,
la clara fuente enoja aun el deseo.

El día se me vuelve en noche oscura:
no puede amanecer de dó ausente
tus claros ojos son, de tu hermosura.

Permite ya, Señora, que presente
dó quiera que tu luz es detenida
sean el alma y vida juntamente.

Em tu servicio allí prompta la vida
porné en alma sola en contemplarte,
aunque me seas siempre endurecida.

El mal que haces dulce en toda parte
sabroso es; el tormento, yo lo quiero,
pues es tu voluntad no ablandarte.

Que cuando una hora venga, que no espero,
piedosa y blanda más que las pasadas,
y me quieras oír, viendo que muero;

las tristes no seran de mi dejadas,
que no sabré vivir sin el estado
de penas, tanto tiempo ya provadas.

Hablo como furioso y transportado;
pido lo que me es más enojoso,
holgando de me ver tan olvidado.

Quien fatigado es, no dá reposo:
que sufras con paciencia te conviene,
las quejas del que a sí se es odioso.

Al tiempo que bolando ya más viene
mis desusadas voces encomienda,
que así la triste voz en ti detiene.

La fuerza del dolor ninguna emienda
puede tomar em mí, que satisfaga,
lo menos que la queja em mí te ofienda.

Incurable parece una llaga,
y lo es, que reciba de tu mano.
No quiera Amor que yo jamás deshaga
su voluntad en esto, que es en vano.

MOTE

Lágrimas dirão por mim,
Senhora, nesta despedida,
em que termos vai a vida.

VOLTA

A tanto chega esta dor
que desconfio da língua.
quem pode suprir tal míngua
senão lágrimas de amor?
Elas vos dirão melhor,
Senhora, nesta partida,
que vai a vida sem vida.

A força da saudade,
quando a língua desvaria
a quem em lágrimas fia
as que lhe pede a vontade

.....

que chore nesta partida
Irão dando fim à vida.

Não tem que ver a tenção
com palavras amorosas.
As lágrimas saudosas
línguas dos amores são;
elas por mim falarão,
quando a pena da partida
me tirar a fala e a vida.

Palavras podem mentir,
mostrar dor grande ou pequena;
mas lágrimas que dão pena

ninguém as sabe fingir.
Pelo que, quando partir,
qual for a dor da partida
tal será nelas sentida.

MOTE

Lume desta vida...
veja-me esse lume,
já que se presume,
sem o ver, perdida.

VOLTA

Concedei luz tal
A quem vós cegastes;
Toda me tirastes,
E essa só me val.
Razão é, querida,
Já vir do alto cume
Norte de tal lume
A alma tão perdida.

Desatando ide
Esta treva escura;
Aurora onde, pura,
Toda luz reside.
Ai que atada a vida
Já com esse lume
Deixa o seu queixume,
Estima-se por perdida.

Macho, sim, mas macho de andas,
macho que anda com capacho
macho preso por varandas,
macho que parece macho
de homem que anda em demandas.

Manda-me Amor que cante docemente
o que ele já em minh' alma tem impresso
com pressuposto de desabafar-me;
e por que com meu mal seja contente,
diz que ser de tão lindos olhos preso,
contá-lo bastaria a contentar-me.
Este excelente modo de enganar-me
tomara eu só de Amor por interesse,
se não se arrependesse,
coa pena o engenho escurecendo.
Porém a mais me atrevo,
em virtude do gesto de que escrevo;
e se é mais o que canto que o que entendo,
invoco o lindo aspeito,
que pode mais que Amor em meu defeito.

Sem conhecer Amor viver soía,
seu arco e seus enganos desprezando,
quando vivendo deles me mantinha.
O Amor enganoso, que fingia
mil vontades alheias enganando,
me fazia zombar de quem o tinha.
No Touro entrava Febo, e Progne vinha;
o corno de Aqueloo Flora entornava,
quando o Amor soltava
os fios de ouro, as tranças encrespadas
ao doce vento esquivas,
dos olhos rutilando chamas vivas,
e as rosas antre a neve semeadas,
co riso tão galante
que um peito desfizera de diamante.

Um não sei que suave, respirando,
causava um admirado e novo espanto,
que as cousas insensíveis o sentiam.
E as gárrulas aves levantando

vozes desordenadas em seu canto,
como em meu desejo se encendiam.
As fontes cristalinas não corriam,
inflamadas na linda vista pura;
florescia a verdura
que, andando, cos divinos pés tocava;
os ramos se abaixavam,
tendo enveja das ervas que pisavam
- ou porque tudo ante ela se abaixava -.
Não houve cousa, enfim,
que não pasmasse dela, e eu de mim.

Porque quando vi dar entendimento
às cousas que o não tinham, o temor
me fez cuidar que efeito em mim faria.
Conheci-me não ter conhecimento;
e nisto só o tive, porque Amor
mo deixou, por que visse o que podia.
Tanta vingança Amor de mim queria
que mudava a humana natureza:
os montes e a dureza
deles, em mim, por troca, traspassava.
Oh, que gentil partido:
trocar o ser do monte sem sentido
pelo que num juízo humano estava!
Olhai que doce engano:
tirar comum proveito de meu dano!

Assi que, indo perdendo o sentimento
a parte racional, me entristecia
vê-la a um apetite sometida;
mas dentro n' alma o fim do pensamento
por tão sublime causa me dizia
que era razão ser a razão vencida.
Assi que, quando a via ser perdida,
a mesma perdição a restaurava;

e em mansa paz estava
cada um com seu contrário num sujeito.
Oh, grão concerto este!
Quem será que não julgue por celeste
a causa donde vem tamanho efeito,
que faz num coração
que venha o apetite a ser razão?

Aqui senti de Amor a mor fineza,
como foi ver sentir o insensível,
e o ver a mim de mim mesmo perder-me.
Enfim, senti negar-se a natureza;
por onde cri que tudo era possível
aos lindos olhos seus, senão querer-me.
Depois que já senti desfalecer-me,
em lugar do sentido que perdia,
não sei que me escrevia
dentro n' alma, coas letras da memória,
o mais deste processo
co claro gesto juntamente impresso
que foi a causa de tão longa história.
Se bem a declarei,
eu não a escrevo, da alma a trasladei.

Canção, se quem te ler
não crer dos olhos lindos o que dizes,
pelo que em si escondem,
os sentidos humanos lhe respondem:
bem podem dos divinos ser juízes.

Carta escrita de África em resposta à de um amigo.

Mandastes-me pedir novas
e pois hei de obedecer,
quero que seja em trovas
por vos dar em que entender;
e que esta arte de trovar
se vá desacostumando
a quem anda como eu ando,
tudo se há de perdoar.

Leixando todo o embaraço
desde o dia que cá vim,
vos darei conta de mim
e da vida que cá faço.
E julga o que cá sento
do que lá sentiria,
se algum' hora ou algum dia
tive este tal pensamento.

Acho-me mui enganado
dum engano que trazia;
não cuidei que num cuidado
tantos cuidados havia.
Cuidei que vida mudada
mudasse também ventura;
mas a má sempre é segura
e da boa não sei nada.

E pois que já comecei,
dar-vos-ei conta comprida
de como passo a vida
nesta vida que tomei.
Vou-me ao longo da praia
sem outros ricos petrechos:

una adarga ate pechos
y en la mano una azagaia.

Faço no meu pensamento
mais torres que as de Almeirim.
Mas, enfim, leva-as o vento,
porque são ventos em fim.
Vou-me trás isto em que ando
quando a tormenta mais arde,
suspirando a menudo,
hablando de tarde en tarde.

Fujo da conversação,
anoja-me companhia;
e trago os olhos no chão
e mui alta a fantasia.
Des que vou alongando
que me não podem ouvir,
las bozes que iva dando
al cielo quieren subir.

Vejo desfeitas em vão
todolos meus contentamentos;
porém as meus pensamentos
não cansam nem cansarão.
Se alma mais que a vida,
mais que a vida há de durar,
maldita seas, ventura,
que assi me hazes andar.

Cuido no que é já passado
e no que está por passar;
porém nunca o meu cuidado
se muda de um só lugar .
Quando em mim tomo, cuidando
que de mi mesmo me velo,

los ojos puestos nel cielo,
jurando iva hechando.

Vejo o mar embravecer,
vejo que depois melhora;
mil cousas vejo cada hora,
uma só não posso ver...
Assim vou passando o dia
nesta saudade tamanha,
mirando la mar d'España
como menguava e crecia.

Quem disser que a saudade
é vida para gabar,
se o disser de verdade,
di-lo-á p'ra me enojar.
Vida que a alma entristece,
em que toda a dor consiste,
el dia que hade ser triste
para mim solo amanece.

Crede-me quanto mais falo,
pois vos falo como amigo;
e crede que o que calo
é muito mais que o que digo.
Ando com alma cansada,
suspirando cada hora.
Por el tu amor sen ti ora
passé yo la mar salada.

Andando só, como digo,
apartado da manada,
fazendo contas comigo
que enfim não fundem nada,
querendo buscar atalho
para vir ao que desejo,

vi venir pendon bremejo
con tresientos de caballo.

Vinham d'esporas douradas
e vestidos de alegria,
com adargas e braçadas
la flor de la Berberia;
com gritos e altas vozes
vinham a rédeas tendidas,
ricas aljubas vestidas,
en cima sus albernozes.

Gente de muitas maneiras
e diversas nações
corriam a estas tranqueiras,
como a ganhar perdões.
Mas por que vos não engane
cousas que outros vos escrevem,
los bordones que ellos llevan
lanças vos pareceranne.

Tudo anda de levanto;
era o campo todo cheio.
Em tudo punham espanto,
de nada tinham receio.
Com grandes vozes e festas
vinham bradando de lá:
«Cavalleros de Alcalá,
no os allabareis daquesta».

Comigo mesmo falando,
como s'a outrem falasse
dizia: Quem me lembrasse
do em que andava cuidando!
E, porque tamanho dote
não se alcança por cuidar,

a las armas, Mouriscote,
s'in ellas quereis entrar.

Contar feitos esquecidos
é muito contra minh'arte:
houve mortos e feridos,
houve mal de parte a parte;
houve homem que dizia
na força do mor receio:
Donde estás que no te veo,
que es de ti, esperança mia?

Pois falo em tão fraca guerra,
sinal é de vosso amigo,
visto como estais em terra,
que há outras de mor perigo.
E pois por vós mais fizera
quem faz isto que aqui vedes,
y que nuevas me traedes
del mi amor que allá era?

Quisera-vos dizer mais,
e pois vos não digo tudo,
farei conta que sou mudo
e entendei-me por sinais.
que, se fosse tão ousado
que inda mais que isto dissesse,
a que muerte condenado
pude ser que grave fuesse!

MOTE ALHEIO

Minina dos olhos verdes,
porque me não vedes?

VOLTAS PRÓPRIAS

Eles verdes são,
e têm por usança
na cor, esperança,
e nas obras não.
Vossa condição
não é d' olhos verdes,
porque me não vedes.

Isenções a molhos
que eles dizem terdes,
não são d' olhos verdes,
nem de verdes olhos.
Sirvo de giolhos
e vós não me credes,
porque me não vedes.

Haviam de ser,
por que possa vê-los,
que uns olhos tão belos
não se hão de esconder;
mas fazeis-me crer
que já não são verdes,
porque me não vedes.

Verdes não o são,
no que alcanço deles;
verdes são aqueles
que esperança dão.
Se na condição

está serem verdes,
porque me não vedes?

CANTIGA ALHEIA

Minina fermosa,
dizei: de que vem
serdes rigorosa
a quem vos quer bem?

VOLTAS PRÓPRIAS

Não sei quem assela
vossa fermosura;
que quem é tão dura
não pode ser bela.
Vós sereis fermosa;
mas a razão tem
que quem é irosa
não parece bem.

A mostra é de bela,
as obras são cruas;
pois qual destas duas
ficará na sela?
Se ficar irosa,
não vos está bem:
fique antes fermosa,
que mais força tem.

O Amor fermoso
se pinta e se chama:
se é amor, ama;
se ama, é piadoso.
Diz agora a grossa,
que este texto tem,
que quem é fermosa
há de querer bem.

Havei dó, minina,
dessa fermosura;
que, se a terra é dura,
seca-se a bonina.
Sede piadosa;
não veja ninguém
que, por rigorosa,
percais tanto bem.

A ãa dama com quem queria andar d'amores.

MOTE

Minina fermosa e crua,
bem sei eu
quem deixara de ser seu,
se vós quiséreis ser sua.

VOLTA

Minina mais que na idade,
se, para me querer bem,
vos não vejo ter vontade,
é porque outrem vo-la tem;
tem-vo-la, e faz-vo-la crua.
Porém eu
já tomara não ser meu,
se vós não fôreis tão sua.

Nos olhos e na feição
vos vi, quando vos olhava,
tanta graça que vos dava
de graça este coração.
Não no quisestes, de crua,
por ser meu;
se outrem vos dera o seu,
pode ser fôreis mais sua.

Minina, tende maneira
que ainda não venha a ser
- pois não quereis quem vos quer -
que queirais quem vos não queira.
Olhai, não me sejais crua;
que, pois eu

quero ser vosso e não meu,
sede vós minha e não sua.

A ãa dama mal empregada

MOTE

Minina, não sei dizer,
vendo-vos tão acabada,
quão triste estou por vos ver
fermosa, e mal empregada.

VOLTAS

Quem tão mal vos empregou
pouco de mi se doía,
pois não viu quanto me ia
em tirar-me o que tirou.
Obriga o primor que tem
lindeza tão extremada
que digam quantos a veem:
«Fermosa e mal empregada!»

Tomastes da fermosura
quanto dela desejastes,
e com ela me guardastes
para tão triste ventura.
Matáveis sendo solteira,
matais agora em casada;
matais de toda a maneira.
Fermosa e mal empregada!

Sobre a seta que o santo padre mandou a El-Rei D. Sebastião no ano do senhor de 1575:

Mui alto Rei, a quem os Céus em sorte
deram o nome augusto e sublimado
daquele cavaleiro que, na morte
por Cristo, foi de setas mil passado;
pois dele o fiel peito, casto e forte,
co nome imperial tendes tomado,
tomai também a seta veneranda,
que a vós o sucessor de Pedro manda.

Já por sorte do Céu, que o consentiu,
tendes o braço seu, relíquia cara,
defensor contra o gládio que feriu
o povo que David contar mandara.
No qual, pois tudo em vós se permitiu,
presságio temos e esperança clara
que sereis braço forte e soberano
contra o soberbo gládio mauritano.

E o que este presságio agora encerra
nos faz ter por mais certo e verdadeiro
a seta que vos dá quem é na Terra
das relíquias celestes dispenseiro;
que as vossas setas são, na justa guerra,
agudas; entrarão por derradeiro,
- caindo a vossos pés povo sem lei -
nos peitos que inimigos são do Rei.

Quando vossas bandeiras despregava
Albuquerque fortíssimo, com glória,
polas praias da Pérsia, e alcançava
de nações tão remotas a vitória;
as setas embebidas que tirava
o arco armusiano é larga história

que no ar, Deus querendo, se viravam
pregando-se nos peitos que as tiravam.

O querido de Deus, por quem peleja
o ar também e o vento conjurado,
ao atambor acode, por que veja
que quem a Deus ama e de Deus amado.
Os contrários, reveis a madre Igreja,
atroarão co tom do Céu irado,
que assi deu já favor maior que humano
a Josué hebreu, a Teodósio hispano.

Pois se as setas tiradas da inimiga
corda, contra si só nocivas são,
que farão, Rei, as vossas que têm liga
coa que já tocou Sebastião?
Tinta vem do seu sangue com que obriga
a levantar a Deus o coração,
crendo que as que vós atirareis
no sangue sarraceno as tingireis.

Ascânio – se trazer-me é concedido,
entre santos exemplos, um profano -
rei do largo império conhecido
romano, e só relíquia do Troiano,
vingou, com seta e ânimo atrevido,
as soberbas palavras de Numano;
e logo foi dali remunerado,
com louvores de Apolo celebrado.

Assi vós, Rei, que fostes segurança
de nossa liberdade, e que nos dais
de grandes bens certíssima esperança;
nos costumes e aspeito que mostrais,
concebemos segura confiança
que Deus, a quem servis e venerais,

vos fará vingador dos seus revéis,
e os prémios vos dará que mereceis.

Estes humildes versos, que pregão
são destes vossos reinos, com verdade,
recebei com humilde e leda mão,
pois é devido a reis benignidade.
Tenham – se não merecem galardão -
favor, sequer, da régia Majestade;
assi tenhais, de quem já tendes tanto,
com o nome e relíquia, favor santo.

CANTIGAS ALHEIAS

Na fonte está Lianor
lavando a talha e chorando,
às amigas perguntando:
«Vistes lá o meu amor?»

VOLTAS DO CAMÕES

Posto o pensamento nele,
porque a tudo o Amor a obriga,
cantava; mas a cantiga
eram suspiros por ele.
Nisto estava Lianor
o seu desejo enganando,
às amigas perguntando:
Vistes lá o meu amor?

O rosto sobre ãa mão,
os olhos no chão pregados,
que, do chorar já cansados,
algum descanso lhe dão.
Desta sorte Lianor
suspende de quando em quando
sua dor; e, em si tornando,
mais pesada sente a dor.

Não deita dos olhos água,
que não quer que a dor se abrande
Amor; porque, em mágoa grande,
seca as lágrimas a mágoa.
Que depois de seu amor
soube novas perguntando,
d' improviso a vi chorando.
Olhai que extremos de dor!

De Luís de Camões a El-Rei D. Sebastião, saindo aos touros.

Não corre o céu o astro tão fermoso,
nem pelo alto ar o nebri voa:
um tão claro, tão puro e tão lustroso,
outro que tão ligeiro os ares coa;
como tu, Sebastião, Rei glorioso
dás nova luz ao lume da coroa
em teu ginete zaro que, voando,
a terra, por ser teu, vai desprezando.

Não de cores fingidas
a minha casa a vista representa,
nem as trevas sustenta
sobre colunas, de África trazidas;
não de Atalo as riquezas possuídas
logrando, herdeiro escasso,
mimoso da fortuna a vida passo.

Com Febo em companhia,
enganando co as Musas a pobreza,
emprego noite e dia
no que o mundo pouco estima e preza;
nem quero ter na vida mais riqueza:
tenha outrem para a vida
as veias de Pactolo, as mãos de Mida.

Que mais ditosa sorte
que, discorrendo os anos docemente,
viver antes da morte
na vida mui quieto e contente?
Que estado mais seguro e eminente
que a fama ter segura
do Tempo, da Fortuna e da Ventura?

Do Egito pereceram
os pirâmides; e o Mausoleo,
co rico Templo em leo
de marfim feito os tempos desfizeram;
as estátuas de Escopas não puderam
sustentar-se contra eles,
nem as tábuas gentis do insigne Apeles.

Mas vós, Musas, aos vossos
das injúrias dos tempos segurais;
e quaisquer feitos vossos
às leis da eternidade consagrais.

Com a lira de Orfeu ressuscitais
a virtude esquecida,
qual Eurídice morta a doce vida.

Estas as ervas eram
da mágica Medeia preciosas
que o Velho converteram
a fresca idade. Ah, obras milagrosas
estas eram as de Glauso poderosas
que, tanto que as comia,
feito imortal, o humano ser perdia.

Que não foi só roubada
aquela por quem Troia se perdeu;
nem foram sós na espada
Diómedes, Ajax e Idomeneu;
nem primeiro seus muros defendeu
Hector aventureiro,
nem em vencer Aquiles foi primeiro.

Muitos outros passaram
que perderam imortal merecimento,
porque os não libertaram
as Musas do perpétuo esquecimento;
que elas deram enfim seguro assento
nos campos fortunados
a todos os heróis celebrados.

Mas como a nau se alegra
quando, com novo lume os céus abrindo,
desterra a nuvem negra,
o mar se assenta, as ondas vão caindo;
tal eu, pois novo brio vou sentindo,
voar pudera sem penas
ao monte do Parnaso e Atenas.

Se é mais que em brando lenho
em diamante esculpir qualquer figura,
ter em tão duro engenho
maior louvor e glória se assegura;
que se este bem alcanço da Ventura
de algum saber interno
quanto escrever será louvor eterno.

Não me julgueis, Senhora, a atrevimento
o que me faz fazer um mal tão forte
que não me basta nele o sofrimento;

que tal me traz já agora minha sorte
que me faz buscar vossa crueldade
donde só por remédio espero a morte.

Não vos pude calar esta verdade,
porque força não tem poder humano
contra outro, que não tem humanidade.

Amor, que tudo faz para mor dano,
me deu o mal, levou-me o sofrimento.
Ah, duro Amor, cruel e desumano!

Não vos lembre, Senhora, meu tormento,
que este bem o merece a ousadia
de eu empregar em vós meu pensamento.

Lembro-vos um amor que, cada dia,
em mim tão verdadeiro e firme crece
que alheio me traz já do que soía.

Não peço que o pagueis como merece,
que não mereço eu tanto; mas só peço
que por mim não cuideis que desmerece.

Porque, se só por si é de tal preço
que a suprir basta seu merecimento,
quanto eu de minha parte desmereço;

bem vejo que em tomar o sofrimento
para viver, melhor remédio fora
que um tão desordenado atrevimento.

Mas eu, que do viver menos já'gora
de todo a livro, pois crescendo
vão com a vida os males cada hora,

vos quis manifestar meu mal, sabendo
a quanta desventura se aventura
quem pretende fazer o que eu pretendo.

Quisesse — oh, oxalá! — minha ventura
que castigásseis vós esta ousadia
com ãa cruel morte, triste e dura;

que não seria morte, mas seria
um suave remédio doce e brando
deste mal, que me mata cada dia.

Até quando, Senhora, e até quando
terá lugar em vós vossa crueza,
e a morte não, em mim, que a estou chamando?

Abrande meu amor vossa dureza,
que esta alma em si transforma com tal cura
que já não é amor, mas natureza.

Abrande já ãa vida, em que só dura
a alma, por que veja e exprimente
que não tem fim a grão desventura.

Abrande já ãa dor que juntamente
a vida penetrou e a alma triste,
e lhe roubou o estado seu contente.

Mostrai-vos poderosa em quem resiste
em desobedecer ou enojar-vos,
e não já contra quem vos não resiste.

Em quem cuidar que digno foi de amar-vos
mostrai vosso poder, pois o merece;
em mim não, que o não sou tão-só de olha-vos.

Atentai por ãa alma que se esquece
de si, porque em vós pôs sua lembrança
e tal que em nenhum tempo desfalece.

Nem suspeito que possa haver mudança
num coração que mais que a si vos ama.
Dai-lhe já morte, ou vida, ou esperança,
que tudo será glória por tal dama.

Não porque de algum bem tenha esperança
vos escrevo meu mal em tal estado
que sei que em vós fará pouca mudança.

Mas já perdido, triste e magoado,
para remédio tomo escrever dores;
esperar de vós outro é escusado.

O que não faz Amor em meus amores,
o que lágrimas tristes não fizeram,
bem menos o farão causas menores.

Pois onde as mais 'té agora se perderam,
percam-se estas palavras de meu ser,
que pouco me doem já, já me doeram.

Sempre deste meu mal tive suspeita;
não que de todo em todo me faltasse
ũa esperança vã enfim desfeita.

Fazia-me o desejo que esperasse;
a razão de outra parte, que temesse
e de esperanças vãs não confiasse;

que olhasse que por elas não perdesse
a doce liberdade, o riso, o canto,
de que depois em vão me arrependesse.

Amor, que tudo pode, pôde tanto
que, para ver o mal em que me vejo,
me não deu olhos mais que para pranto.

Não curei a razão, segui o desejo;
outras cousas segui, de qualidade,
que choro e calo, por não ser sobejo.

Pela vossa neguei minha vontade;
logo como vos vi, no mesmo ponto
vos entregou a vida a liberdade.

O que passou depois, não vo-lo conto.
De que serve contar cousas sobejas
a quem lhe soube dar um tal desconto?

Ah, esperanças minhas, já perdidas!
Agora, para mais ter que contar,
soube que fostes vãs, fostes fingidas.

Em que posso ou que devo hoje esperar?
Onde acharei de novo outros enganar,
que possam desenganar enganar?

Mas é vento cuidar enganar danos;
O triste, que nem na alma tem alento,
tem seu remédio só no fim dos anos!

Já não espero ver contentamento;
perdi quanto esperei numa só hora,
e não perdi em muitas o tormento.

E sobre tantas perdas, inda agora,
que esperava de vos a vós queixar-me,
não mo consente Amor, que na alma mora.

Põe-se diante, a fim só de estorvar-me,
que vos ofenderei, mostrando aqui
que tanta fé pagais com maltratar-me.

E então este temor deixa-me assi,
além de magoado, frio e mudo,
repellido de quanto escrevi.

Cousas de vosso gosto ainda cudo,
como se não cuidasse — o que não creio — ,
não perder isto, como perdi tudo.

Mas vá-se o medo já, pois que já veio
o desengano, sem se ter sabida
que a certeza podia ter receio.

Agora não me dá perder a vida,
nem a deve recear quem a despreza;
matai-me, se de mim sois ofendida.

Senão mate-me já minha tristeza,
que este só bem me fica, este me val',
se mo não estorvar vossa crueza.

Quem se não espantará, vendo-me tal
temer: que o triste fim, que me ordenastes,
mo negueis por remédio de meu mal?

Entre silvestres feras vos criastes,
pois dais por galardão do que esperava
cruzas desusadas do que usastes.

Quantas lágrimas triste derramava!
Quantos suspiros dava noite e dia
se vos não via, enquanto vos olhava!

Tremia diante vós, ausente ardia;
abrandava este mal ter para mim
que sentia meu fogo essa alma fria.

Mas muito diferente foi o fim
de tudo o que cuidava no começo,
por onde de um mal noutro, a tantos vim.

Vida para tal vida não vos peço;
morte para tal morte, qual me mata,
me podeis dar, que bem vo-lo mereço.

Porque com a dor língua se desata,
e com gritos vos chama, e com razão,
sem fé, desamorável, cruel, ingrata.

Por isso acabai já vossa tenção.
Fartai, Senhora, já vossas cruezas
no sangue deste triste coração.

Acabai de acabar tantas tristezas
pois acabastes já vãs esperanças,
acabem já também minhas firmezas.

Acabe a vida, acabarão lembranças.
Mas tudo está por vós tão acabado,
como muitas em mim as confianças,
que tanto me trouxeram enganado.

Não sei se por ser do Porto,
se por ser bom português,
cortesias me têm morto:
perdido sou por Cortês.

De Luís de Camões ao Senhor D. Duarte, saindo em um jogo de canas

Não voa pelo céu com tanta graça
o fermoso falcão, dando mil voltas,
seguindo mui cruel a leve garça,
com curvo bico e unhas tão revoltas;
como hoje tu correste aquela praça
no ligeiro ginete, a rédeas soltas,
a cara dando à contrária parte
com acertado assalto, graça e arte.

Naquele tempo brando
em que se vê do mundo a fermosura,
que Thétis descansando
de seu trabalho está, fermosa e pura,
cansava o Amor o peito
do mancebo Peleu de um duro afeito.

Com ímpeto forçoso
lhe tinha já fugido a bela Ninfa
quando, no tempo aquoso,
Noto ligeiro move a clara linfa,
serras no mar erguendo,
que as altas vão da terra desfazendo.

Esperava o mancebo,
com a dor que o seu peito n'alma sente,
um dos dias que Febo
o mundo todo abrasa em fogo ardente,
soltando as tranças de ouro
em que Clície de amor faz seu tesouro.

Era no mês que Apolo
entre os irmãos celestes passa o tempo;
o vento enfreia Eolo,
para que o deleitoso passatempo
seja quieto e mudo;
que a tudo Amor obriga, e vence tudo.

O luminoso dia
os amorosos corpos despertava
na cega idolatria,
que o peito mais contenta e mais agrava;
onde o cego Minino
se faz crer dos humanos que é contino;

quando a fermosa Ninfa
com todo ajuntamento venerando,
na pura e clara linfa
o cristalino corpo está lavando;
o qual, nas águas vendo,
nele, alegre de o ver, se esta revendo:

o peito diamantino
em cuja branca teta Amor se cria;
o gesto peregrino,
cuja presença torna noite, dia;
a graciosa boca,
que Amor a seus amores mais provoca;

os rubins graciosos;
e pérolas que escondem entre as rosas
os jardins deleitosos,
que o Céu plantou em faces tão fermosas;
o transparente colo,
que ciúmes a Dafne faz de Apolo;

o sutil movimento
dos olhos, cuja vista o Amor cegou;
o qual, com seu tormento,
nunca mais de tais olhos se apartou,
mas antes de contino
nas mininas o trazem por minino;

os fios espalhados
de amor que aos mais dos peitos faz cobiça,
onde Amor enredados
os corações humanos traz e atíça,
com férvido desejo
por onde ele começa a ser sobejo.

O mancebo Peleu,
que de Neptuno estava aconselhado,
vendo na terra o Céu
em tão bela figura tresladado,
mudo um pouco ficou,
porque Amor logo a fala lhe tirou.

Enfim, querendo ver
quem tanto mal de longe lhe fazia,
a vista foi perder,
porque, de puro amor, Amor não via;
ficando cego e mudo
contra as forças do Amor, que pode tudo.

Agora se aparelha
para a batalha; agora remetendo;
agora se aconselha;
agora vai; agora está tremendo;
quando já de Cupido
com nova seta o peito viu ferido.

Remete o moço logo
para onde estava a chaga, sem sossego;
e co sobejo fogo,
quanto mais perto estava, então mais cego
se via; e cum suspiro
na fermosa donzela emprega o tiro.

Vingado assi Peleu,
nasceu deste amoroso ajuntamento
o forte Larisseu,
destruição do frígio pensamento;
que, por não ser ferido,
foi nas ondas estígias submergido.

Nas ribeiras do Tejo, a uma areia
de rochas coroada, cada dia
vinha Ergasto chamar por Galateia.

Não tinha que esperar, mas não queria
perder sua esperança, e dos penedos,
que o Tejo gasta, aprende e aporfia.

Depois de discorrer por seus segredos
uma vez começou; e entanto teve
o rio sossegado, os ventos quedos.

Que fica por provar? Ou que mais deve
fazer quem, por salvar dum risco a vida
muito contente a muito mais se atreve?

Roguei, chorei, e a fera embravecida
tão firme em ódio tem posta a vontade
quanto de amor mudada e arrependida.

Porventura mostrou qualquer saudade
depois de minha ausência? Porventura
teve de minhas lágrimas piedade?

Segue pois, fera, segue aquela dura
condição que te ensina, que esperança
tenho de teu castigo bem segura.

Prove suas mesmas leis tua esquivaça;
e o Céu, que a meu pesar te vê mudada,
ordene sobre ti cruel vingança.

Já pode ser que, tendo exp'rimetada
a seta de que tantas vezes usas,
dês a fúria passada por passada.

Receberás melhor minhas escusas;
e ouvindo-me queixar, dirás comigo
que sem razão minhas razões acusas.

Que falo, ou onde estou? A que perigo
me põe esta cruel? E eu vivo nela,
pera mim peço logo este castigo.

Vive, pastora, alegre, e uma estrela
benigna influa em ti tantos favores
que sejas tão ditosa como és bela.

Ouças sempre soar em teus louvores
esta nossa ribeira e largamente
te deem as plantas fruto, o prado flores.

Comigo corra tudo diferente,
não me refresque a viração no estio,
nem nos frios do inverno o sol me aquece.

Quero aqui num lugar ermo e sombrio,
como noturno pássaro, ficar-me,
de meus olhos fazendo um largo rio.

Pastores, que virão por consolar-me,
vendo que seu trabalho em vão me cansa,
por remédio melhor terão deixar-me.

Galateia cruel, também descansa
na tempestade o vento furioso;
tua fúria somente se não amansa.

O nosso campo quem te fez odioso
que tu, quando por ele passeavas,
a todo o tempo achavas gracioso?

Não lhe negues a graça que lhe davas,
que o gado já sem ela o não conhece,
e nascem tojos, onde flor criavas.

Vem, Galateia, ver quando amanhece,
as aves saudar a fresca aurora,
tanto a ausência do sol as aborrece.

Verás o Tejo que, indinado outrora,
sobre esta areia sai lançando espuma,
e escassamente as ondas move agora.

E tu, cruel, não queres que presuma
inda alguma hora ver teu peito brando,
senão que sem remédio me consuma.

Os pássaros pelo ar, de quando em quando,
param a meu cantar; mas em ouvindo
teu nome, voam logo, e o vão cantando.

Estão estes salgueiros repetindo,
co som de murmurar da verde rama,
os versos que em seu tronco estive abrindo.

Tu, Galateia, surda a quem te chama,
íngrata a quem te serve, em pago deste
desprezo a quem te adora, ódio a quem te ama.

E tanto em cruel ira te acendeste
que, para me deixar, também deixaste
o surrão que a teus ombros já trouxeste.

Porque o mandei fazer o desprezaste;
porém nunca vejas que de outrem seja,
basta que a teu pescoço o penduraste.

Não falta outra pastora que o deseja;
foi feito para ti, ninguém o traga;
quem quer que o desejar morra de inveja.

Quando o vejo comigo, uma mortal chaga
renovo com lembranças saudosas,
que o decurso do tempo não apaga.

Também tenho guardadas aquelas rosas
.que te ofereci, que me enjeitaste logo;
parece que ainda estão de ti queixosas.

Secou-as tua ausência e aquele fogo,
que acendes em meu peito com fugir-me
e com mais dura estar quanto eu mais rogo.

Como poderei eu de ti partir-me,
se tua imagem dentro em mim faz guerra,
sem nunca mais deixar de perseguir-me?

Buscarei com meu gado estranha terra;
habitarei onde outro sol mais arde,
ou onde a neve tem coberta a serra.

Mas manda Amor dentro na alma guarde
esta dor, porque a traga na memória
quando amanhece, e quando se faz tarde.

Quem me dissera, estando em minha glória,
que havia ainda de ver tão desprezados
estes despojos da passada história!

Doces despojos por meu mal guardados,
alegres noutro tempo, agora tristes,
que no seio de amor fostes criados!

Quando a minha Pastora irada vistes,
disse-vos o mal, que juntos padecemos.
Como partir-vos dela consentistes?

Fizéreis-lhe por mim grandes extremos,
e, quando eu pena alguma merecera,
por vós disséreis: «Nós que merecemos»?

Solitário sem vós melhor vivera,
e as discórdias cruéis que esta alma minha,
quando vos vejo, tem, não nas tivera.

Ah, cruel Galateia, tão asinha
se esquece amor, que tanto fundamento,
tantas raízes em teu peito tinha!

Aquele tão contino pensamento,
aqueles sonhos sempre em meu proveito,
tudo lanças, furiosa, ao vento?

Aquele monte de firmeza feito
que me val' já contigo, ou que me presta,
se tudo em nuvens vãs vejo desfeito?

Tanto segredo alegre, tanta festa,
tanta conversação, sem prejuízo,
em que passaste já comigo a sesta!

As histórias, as práticas de riso,
as dissimulações por poder ver-te,
aquelas zombarias tão de siso,

podem deixar agora de mover-te?
Ou com fingido esquecimento queres
aprender pouco a pouco a esquecer-te?

Se isto pretendes, nunca tal esperes,
que minha fé, voando como esprito,
lá te há de perseguir como estiveres.

Inda agora me ensaio e me exercito,
pera seguir, pera sofrer durezas,
que este meu sofrimento é infinito.

Chovam sobre mim fúrias e asperezas,
que as fachtas, que nesta alma estão ardendo,
fogo que não se apaga as tem acesas.

Ah, rústico Pastor, que andas fazendo?
Tu buscas Galateia, ela se esconde,
e essas tuas razões, que estás dizendo,
ouve-tas muito bem, mas não responde.

MOTE

Nasce estrela d'alva,
a manhã se vem.
Despertai, minha alma;
não durmais, meu bem.

VOLTAS

Meu filho e meu Deus,
Rei e peregrino,
tão grande nos céus,
na terra menino:
pois sois pequenino,
não temais a alguém;
despertai, minha alma;
não durmais, meu bem.

Pestanas divinas
e debaixo estrelas,
não cubrais meninas
tão lindas, tão belas.
Abri as janelas
por que tal luz deem;
despertai, minha alma;
não durmais, meu bem.

Vós tendes, Senhor,
o mundo na palma;
vós sois movedor
do frio e da calma.
Mas pois vos encalma
o sol que já vem,
despertai, minha alma;
não durmais, meu bem.

Ovelha que errou,
buscais bom pastor;
mas quem vos deixou
is buscar, Senhor.
Pois de tal amor
tal caminho vem,
despertai, minha alma;
não durmais, meu bem.

Nas calmas estranhas
de areia torrada,
das minhas entranhas
vos farei ramada.
Pois por esta estrada
seguir nos convém,
despertai, minha alma;
não durmais, meu bem.

Ribeiras sombrias
não há nesta terra;
não há fontes frias
que baixem da serra:
pois quem vos desterra
espera também.

Nem roxa flor de abril,
pintor do campo ameno e da verdura,
colhida entre outras mil,
foi nunca assi agradável à donzela
cortês, alegre e bela,
de sua mãe deleite e glória pura,
como a mim foi a inculta formosura
natural, que pudera
render Saturno lá na sua esfera.

Natural fonte agreste,
não lavrada de artífice excelente,
mas por arte celeste
derivada de rústico penedo,
não fez nunca tão ledó
cansado caçador por sesta ardente,
quanto o descuido a mi me fez contente
do ver tão descuidado,
que faz sereno a Júpiter irado.

Fruta que, sem concerto,
Natureza entre os ramos dependura,
achada por acerto;
a quem pintada a vê de sangue e leite,
não lhe dá o deleite,
que essa graça me dá sem compostura,
ornamento da mesma formosura,
e o toucado sem arte,
que tornara pastor o bravo Marte.

A manhã graciosa
que derramando sai de entre os cabelos;
a flor, o lírio, a rosa,
sem ajuda de ornato ou de artifício,
não faz o benefício,
que faz a luz dos vossos olhos belos

a quem os vê tão puros e singelos;
e esse inocente riso,
por que o sol deixa pelo Tejo Anfriso.

Outeiros coroados
das árvores que fazem espessura
co' os ramos carregados
alegre, que mão destra os não cultiva,
graça tão excessiva
não têm na sua natural verdura,
quanta na desses olhos, clara e pura,

deposita a esperança,
com que Amor gosto, e a mãe tormento alcança.
Dos simples passarinhos
a música sem arte concertada,
dentre os verdes raminhos,
tão suave não é, tão deleitosa
a quem no campo a goza
[com mente ouvindo-a está toda elevada,]
quanto a mim essa fala alegre agrada,
e o natural aviso
tal que a Mercúrio rouba o cetro e o siso.

Dos rios frescos água,
que clara entre arvoredos se deriva,
caindo de alta frágoa,
esmaltando de pérolas no prado
o verde delicado,
com brando som aos olhos fugitiva;
não nos alegra quanto a graça esquiva
dessa voz soberana,
que faz cortes a rústica Diana.

A tal luz – ó Canção, que ousaste! –,
vendo estás já prostrado

Saturno triste, Júpiter irado,
bravo Marte, áureo Apolo, Vénus bela,
e Mercúrio, e Diana, e toda estrela.

MOTE

No meu peito o meu desejo
da razão se fez tirano;
vejo nele certo dano,
incerto remédio vejo.

VOLTA

Pera de todo defender-me,
este mal por passar tinha:
ir eu contra a razão minha
que morre por defender-me.
Da parte de meu desejo
me passo pera meu dano;
vejo que nisto me engano,
mas nenhum remédio vejo.

Nunca manhã suave,
estendendo seus raios pelo mundo,
depois de noite grave,
tempestuosa, negra, em mar profundo,
alegrou tanta nau, que já no fundo,
se viu em mares grossos,
como a luz clara a mim dos olhos vossos.

Aquela fermosura
que só no virar deles resplandece,
com que a sombra escura
clara se faz, e o campo reverdece,
quando meu pensamento s'entristece,
ela e sua viveza
me desfazem a nuvem da tristeza.

O meu peito, onde estais,
e, para tanto bem, pequeno vaso;
quando acaso virais
os olhos, que de mim não fazem caso,
todo, gentil Senhora, então me abraso
na luz que me consume
bem como a borboleta faz no lume.

Se mil almas tivera
que a tão fermosos olhos entregara,
todas quantas tivera
polas pestanas deles pendurara;
e, enlevadas na vista pura e clara,
- posto que disso indinas - ,
se andaram sempre vendo nas mininas.

E vós, que descuidada
agora vivereis de tais querelas,
de almas minhas cercada
não pudésseis tirar os olhos delas;

não pode ser que, vendo a vossa antre elas,
a dor que lhe mostrassem,
tantas ãa alma só não abrandassem.

Mas pois o peito ardente
ũa só pode ter, fermosa Dama,
basta que esta somente,
como se fossem duas mil, vos ama,
para que a dor de sua ardente flama
convosco tanto possa
que não queirais ver cinza ãa alma vossa.

Nunca um apetite mostra o dano
antes de ser de todo efetuado,
mas no fim vem mostrar o desengano.

Dureza a causa; e eu, desesperado
pelo que imaginou o pensamento,
ando por esta serra desterrado,

espalhando a voz ao leve vento,
dele só consolado, dele ouvido,
o faço sabedor de meu tormento.

Que monte há, que não tenha já movido,
que áspera montanha ou roca dura,
a força de meu mal não merecido?

Nas duras pedras acha-se brandura;
falta nesse cruel humano peito.
quem viu nunca maior desventura?

Pouco pode em ti amor perfeito,
quando de um movimento vive indigno
que jamais se negou a um sujeito.

Da ventura, de vós, de meu destino
pois todos contra mim são conjurados
este vale farei de meu mal dino.

Com ele a noite e o dia meus cuidados
passarei em acerba e longa vida,
em queixas e em suspiros desusados.

Porque sei que serás disso servida,
não deixarei dos montes a dureza,
até tua vontade ser movida.

Aqui me subirei na mor alteza
da serra, onde logo contemplada
será tua perfeição, tua crueza.

A alma em ti só pronta e ocupada
estando de tormento esquivo e duro,
oprimida será de ti levada.

Discorrendo um passo e outro escuro,
de mal em mal, de um em outro dano,
a paga tal verá de um Amor puro.

E vendo aqui tão claro o desengano,
cos olhos feitos fontes, mudará
lugar tão infelice e desumano.

E o que mor tormento lhe dará
a lembrança de algum contentamento,
que, inda que pequeno, magoará;

fará por divertir o pensamento
desta parte tristíssima mudando
ũa lembrança cheia de tormento.

Ali algum espaço porfiando,
tendo por impossível esquecer-te,
ficará ao vento vozes dando.

Ali se queixará de conhecer-te:
ali dura, cruel, despiedosa
dirá: Dize que podes já mover-te,

mais que Vénus – dirá -, dize, fermosa.
Quando nessa beleza pura e rara
se verá ãa hora piedosa?

Ali dirá, cruel, e quem cuidara
de um espírito tão resplandecente
tão fera condição, e tão avara?

Ali viverá triste, ali ausente,
o costumado mal por si sofrendo
de o queres tu tanto contente,
como o mundo está já conhecendo.

MOTE

Ó meus altos pensamentos,
quão altos que vos pusestes
e quão grande queda destes!

VOLTAS

Como de mim vos não vinha
serdes firme num estado
(pois o viver enganado
era o maior bem que tinha) ,
castelo desta alma minha,
quão alto que vos pusestes
e quão grande queda destes!

Sabia que éreis de vento,
como quem vos viu fazer;
inda assim vos queria ter
como éreis, sem fundamento.
Quem vos desfez num momento?
Ai! Quão alto vos pusestes
e quão grande queda destes!

O Poeta Simónides, falando
co capitão Temístocles, um dia,
em cousas de ciência praticando,

ũa arte singular lhe prometia,
que então compunha, com que lhe ensinasse
a se lembrar de tudo o que fazia;

onde tão sutis regras lhe mostrasse
que nunca lhe passasse da memória
em nenhum tempo as cousas que passasse.

Bem merecia, certo, fama e glória
quem dava regra contra o esquecimento
que enterra em si qualquer antiga história.

Mas o capitão claro, cujo intento
bem diferente estava, porque havia
as passadas lembranças por tormento,

«o ilustre Simónides – dizia –
pois tanto em teu engenho te confias
que mostras à memória nova via?

Se me desses ũa arte que em meus dias
me não lembrasse nada do passado,
oh! quanto melhor obra me farias!»

Se este excelente dito ponderado
fosse por quem se visse estar ausente,
em longas esperanças degradado,

oh! como bradaria justamente:
«Simónides, inventa novas artes;
não meças o passado co presente!»

Que, se e forçado andar por várias partes
buscando e vida algum descanso honesto,
que tu, Fortuna injusta, mal repartes;

e se o duro trabalho e manifesto
que, por grave que seja, há de passar-se
com animoso espírito e ledó gesto;

de que serve às pessoas alembrar-se
do que se passou já, pois tudo passa,
senão de entristecer-se e magoar-se?

Se noutro corpo ãa alma se traspassa,
– não, como quis Pitágoras, na morte
mas, como manda Amor, na vida escassa –;

e se este Amor no mundo está de sorte
que na virtude só dum lindo objeto
tem um corpo sem alma, vivo e forte;

onde este objeto falta, que é defecto
tamanho para a vida, que já nela
me está chamando à pena a dura Alecto;

porque me não criara minha estrela
selvático no mundo, e habitante
na dura Cítia, ou na aspereza dela?

Ou no Cáucaso horrendo, fraco infante,
criado ao peito dalgũa tigre hircana?
Homem fora formado de diamante,

porque a cerviz ferina e inumana
não sometera ao jugo e dura lei
daquele que de vida quando engana.

Ou, em pago das águas que estilei,
as que do mar passei foram de Lete,
para que me esquecera o que passei.

Que o bem que a esperança vã promete,
ou a morte o estorva, ou a mudança,
que e mal que ãa alma em lágrimas derrete.

Já, Senhor, cairá como a lembrança,
no mal, do bem passado é triste e dura,
pois nace aonde morre a esperança.

E se quiser saber como se apura
Nũa alma saudosa, não se enfade
de ler tão longa e mísera escritura.

Soltava Eolo a rédea e liberdade
ao manso Favónio brandamente,
e eu já tinha solta a saudade.

Neptuno tinha posto o seu tridente;
a proa a branca espuma dividia,
co a gente marítima contente.

O coro das Nereidas nos seguia;
os ventos, namorada Galateia
consigo, sossegados, os movia.

Das argênteas conchinhas, Panopeia
andava pelo mar fazendo molhe,
Melaneto, Dinamene, com Ligeia.

Eu, trazendo lembranças por antolhos
trazia os olhos na água sossegada,
e a água sem sossego nos meus olhos.

A bem-aventurança já passada
diante de mim tinha tão presente
como se não mudasse o tempo nada.

E com o gesto imoto e descontente
cum suspiro profundo e mal ouvido
por não mostrar meu mal a toda a gente,

dizia: ó claras Ninfas! Se o sentido
em puro amor tivestes, e inda agora
da memória o não tendes esquecido;

se, porventura, fordes algũa hora
aonde entra o grão Tejo a dar tributo
a Tétis, que vos tendes por Senhora;

ou por verdes o prado verde enxuto,
ou por colherdes ouro rutilante,
das tágicas areias rico fruto;

nelas em verso heroico e elegante,
escrevei cûa concha o que em mim vistes:
pode ser que algum peito se quebrante.

E contando de mim memórias tristes,
os pastores do Tejo, que me ouviam,
ouçam de vós as mágoas que me ouvistes.

Elas, que já no gesto me entendiam
nos meneios das ondas me mostravam
que em quanto lhes pedia consentiam.

Estas lembranças, que me acompanhavam
pola tranquilidade da bonança,
nem na tormenta grave me deixavam.

Porque, chegado ao Cabo da Esperança,
começo da saudade que renova,
lembrando a longa e áspera mudança;

debaixo estando já da estrela nova,
que no novo hemisfério resplandece,
dando do segundo axe certa prova;

eis a noite com nuvens escurece,
do ar supitamente foge o dia,
e o largo oceano se embravece.

A máquina do mundo parecia
que em tormenta se vinha desfazendo,
em serras todo o mar se convertia.

Lutando, Bóreas fero e Noto horrendo
sonoras tempestades levantavam,
das naus as velas côncavas rompendo.

As cordas, co ruído, assoviavam;
os marinheiros, já, desesperados,
com gritos para o Céu o ar coalhavam.

Os raios por Vulcano fabricados
vibrava o fero e áspero Tonante,
tremendo os Pólos ambos, de assombrados!

Ali Amor mostrando-se possante
e que por nenhum modo não fugia,
– mas quanto mais trabalho, mais constante –

vendo a morte diante em mim, dizia:
«Se algũa hora, Senhora, vos lembrasse,
nada do que passei me lembraria».

Enfim, nunca houve cousa que mudasse
o firme Amor do intrínseco daquele
em cujo peito ãa vez de siso entrasse.

Õa cousa, Senhor, por certo assele:
que nunca Amor se afina nem se apura,
enquanto está presente a causa dele.

Destarte me chegou minha ventura
a esta desejada e longa terra,
de todo o pobre honrado sepultura.

Vi quanta vaidade em nós se encerra,
e dos próprios quão pouca; contra quem
foi logo necessário termos guerra:

que ãa ilha que o rei de Porcá tem,
que o rei da Pimenta lhe tomara,
fomos tomar-lha, e sucedeu-nos bem.

Com ãa armada grossa, que ajuntara
o vizo-rei de Goa, nos partimos
com toda a gente de armas que se achara,

e com pouco trabalho destruímos
a gente no curvo arco exercitada;
com mortes, com incêndios, os punimos.

Era a ilha com águas alagada,
de modo que se andava em almadias;
enfim, outra Veneza trasladada.

Nela nos detivemos sós dous dias,
que foram para alguns os derradeiros,
que passaram de Estige as águas frias.

Que estes são os remédios verdadeiros
que para a vida estão aparelhados
aos que a querem ter por cavaleiros.

Oh! lavradores, bem-aventuradas
se conhecessem seu contentamento!
Como vivem no campo sossegados!

Dá-lhes a justa terra o mantimento,
dá-lhes a fonte clara a água pura,
mungem suas ovelhas cento a cento.

Não veem o mar irado, a noite escura,
por ir buscar a pedra do Oriente;
não temem o furor da guerra dura.

Vive um com suas árvores contente,
sem lhe quebrar o sono sossegado
o cuidado do ouro reluzente.

Se lhe falta o vestido perfumado,
e da fermosa cor assíria tinto,
e dos torçais atálicos lavrado;

se não têm as delícias de Corinto,
e se de Páριο os mármoreos lhe faltam,
o piropo, a esmeralda, e o jacinto;

se suas casas de ouro não se esmaltam,
esmalta-se-lhe o campo de mil flores,
onde os cabritos seus, comendo, saltam.

Ali amostra o campo várias cores,
veem-se os ramos pender co fruto ameno,
ali se afina o campo dos pastores;

ali cantara Títiro e Sileno.
Enfim, por estas partes caminhou
a sã Justiça para e Céu sereno.

Ditoso seja aquele que alcançou
poder viver na doce companhia
das mansas ovelhinhas que criou!

Este, bem facilmente alcançaria
as causas naturais de toda a cousa:
como se gera a chuva e neve fria;

os trabalhos do Sol, que não repousa;
e porque nos dá a Lúa a luz alheia,
se tolher-nos de Febo os raios ousa;

e como tão depressa o Céu rodeia;
e como um só os outros traz consigo;
e se é benina ou dura Citereia.

Bem mal pode entender isto que digo
quem há de andar seguindo o fero Marte,
que traz os olhos sempre em seu perigo.

Porém seja, senhor, de qualquer arte,
que, posto que a Fortuna possa tanto
que tão longe de todo o bem me aparte,

não poderá apartar meu duro canto
desta obrigação sua, enquanto a morte
me não entrega ao duro Radamanto,
se para tristes há tão leda sorte.

Ó pomar venturoso,
onde coa natureza
a subtil arte tem demanda incerta;
que em sítio tão fermoso
a maior subtileza
de engenho em ti nos mostra descoberta!
Nenhum juízo acerta,
de cego e de enlevado,
se tem em ti mais parte
a natureza ou arte;
se terra ou Céu de ti em mais cuidado,
pois em feliz terreno
gozas de um ar mais puro e mais sereno.

De teu fermoso peso
se mostra o monte ledó;
e o caudaloso Zêzere te estranha,
porque olhas com desprezo
seu cristal puro e quedo,
que com Pera os teus pés rodeia e banha.
Em ti pintura estranha,
a que Apeles cedera,
enigmas intrincados,
e mirtos animados
vemos, que o próprio Escopas não fizera.
Em ti, coa paz interna,
tem o santo prazer morada eterna.

Os jardins da famosa
Babel, tão nomeados,
por maravilha o mundo não levante,
inda que em gloriosa
voz, que estão pendurados
do instável ar, a fama antiga cante:
nem haja quem se espante
dos famosos de Alcino;

nem as mais doudas penas
cantem os de Mecenas,
cultor de todo engenho peregrino;
mas onde quer que voe,
de ti se fale a Fama, e te pregoe.

Que se era antigamente
de pomos de ouro belos
o jardim das Hespéridas ornado
e, apesar da serpente
que os guardou, só colhê-los
pôde o famoso Alcides, de esforçado;
tu, mais avantejado,
mostras a uma alma casta
seguir o que deseja
fugir da torpe inveja
- pomos de ouro que o tempo não contrasta -:
enfim, coa caridade
vencer o Inferno, abrir a Eternidade.

Portanto da ventura
para ti reservada
te deixe o Céu gozar perpetuamente;
por que sejas figura
da glória avantejada
dele mesmo, e que em ti se represente;
porque enquanto sustente
o céu, o mar e a terra,
seus feitos milagrosos,
mistérios mais gloriosos
com que a morte das almas nos desterra,
por onde em nossas almas
com mais pompas triunfa e com mais palmas.

Goza, pois, longamente
teu venturoso fado,

da mãe do teu autor bem possuído;
que em ti, sempre contente
de seu sublime estado,
a alma dos seus alegre e o sentido.
Cada qual preferido
nas grandes qualidades
ao sábio Nestor seja,
para que o mundo os veja
exceder as longuíssimas idades;
e com a longa vida
seja sua memória enobrecida.

Canção, pois mais famosas
por ti não podem ser
deste monte as estâncias deleitosas,
bem pode suceder
que aquele que os teus números governa,
por querê-las cantar, te faça eterna.

O sulmonense Ovídio, desterrado
na aspereza do Ponto, imaginando
ver-se de seus parentes apartado,

sua cara mulher desamparando,
seus doces filhos, seu contentamento,
de sua pátria os olhos apartando;

não podendo encobrir o sentimento,
aos montes e às águas se queixava
de seu escuro e triste nascimento.

O curso das estrelas contemplava
e como, por sua ordem, discorria
o céu, o ar e a terra adonde estava.

Os peixes pelo mar nadando via,
as feras pelo monte, procedendo
como seu natural lhes permitia.

De suas fontes via estar nascendo
os saudosos rios de cristal,
à sua natureza obedecendo.

Assi só, de seu próprio natural
apartado, se via em terra estranha,
a cuja triste dor não acha igual.

Só sua doce Musa o acompanha,
nos versos saudosos que escrevia,
e lágrimas com que ali o campo banha.

Destarte me afigura a fantasia
a vida com que vivo, desterrado
do bem que noutro tempo possuía.

Ali contemplo o gosto já passado,
que nunca passará pola memória
de quem o tem na mente debuxado.

Ali vejo a caduca e débil glória
desenganar meu erro, coa mudança
que faz a frágil vida transitória.

Ali me representa esta lembrança
quão pouca culpa tenho; e me entristece
ver sem razão a pena que me alcança.

Que a pena que com causa se padece,
a causa tira o sentimento dela;
mas muito dói a que se não merece.

Quando a roxa manhã, fermosa e bela,
abre as portas ao Sol, e cai o orvalho,
e torna a seus queixumes Filomela;

este cuidado, que co sono atalho,
em sonhos me parece; que o que a gente
para descanso tem, me dá trabalho.

E depois de acordado, cegamente
– ou, por melhor dizer, desacordado,
que pouco acordo tem um descontente –

dali me vou, com passo carregado,
a um outeiro erguido, e ali me assento,
soltando a rédea toda a meu cuidado.

Depois de farto já de meu tormento,
dali estendo os olhos saudosos
à parte aonde tenho o pensamento.

Não vejo senão montes pedregosos;
e os campos sem graça e secos vejo
que já floridos vira e graciosos.

Vejo o puro, suave e brando Tejo,
com as côncavas barcas que, nadando,
vão pondo em doce efeito seu desejo:

ũa co brando vento navegando,
outras cos leves remos, brandamente
as cristalinas águas apartando.

Dali falo co a água, que não sente,
com cujo sentimento a alma sai
em lágrimas desfeita claramente.

Ó fugitivas ondas, esperai!
que pois me não levais em companhia,
ao menos estas lágrimas levai;

até que venha aquele alegre dia
que eu vá onde vós is, contente e ledó.
Mas tanto tempo quem o passaria?

Não pode tanto bem chegar tão cedo,
porque primeiro a vida acabará
que se acabe tão áspero degredo.

Mas esta triste morte que virá,
se em tão contrário estado me acabasse,
a alma impaciente adonde ira?

Que, se às portas tartáreas chegasse,
temo que tanto mal pola memória
nem ao passar de Lete lhe passasse.

Que, se a Tântalo e Tício for notória
a pena com que vai, que a atormenta,
a pena que lá tem terão por glória.

Esta imaginação me acrecenta
mil mágoas no sentido, porque a vida
de imaginações tristes se sustenta.

Que pois de todo vive consumida,
por que o mal que possui se resuma,
imagina na glória possuída,

até que a noite eterna me consuma,
ou veja aquele dia desejado,
em que Fortuna faça o que costuma;
se nela há i mudar um triste estado.

Ó triste, ó tenebroso, ó cruel dia,
amanhecido só para meu dano,
pudeste-me apartar daquela vista,
por quem vivia com meu mal contente.
Ah! se o supremo foras desta vida,
que em ti se começara a minha glória!

Mas como eu não naci para ter glória,
senão pena que creça cada dia,
o Céu me está negando o fim da vida
por que não tenha fim com ela o dano;
para que nunca possa ser contente,
da vista me tirou aquela vista.

Suave, deleitosa, alegre vista,
donde pendia toda a minha glória,
por quem na mor tristeza fui contente:
quando será que veja aquele dia
em que deixe de ver tão grave dano,
e em que me deixe tão penosa vida?

Como desejarei humana vida,
ausente de ãa mais que humana vista,
que tão glorioso me fazia o dano?
Vejo o meu dano sem a sua glória;
à minha noite falta já seu dia;
triste tudo se vê, nada contente.

Pois sem ti já não posso ser contente,
mal posso desejar sem ti a vida,
sem ti já ver não posso claro dia;
não posso sem te ver desejar vista;
na tua vista só se via a glória,
não ver a glória tua é ver meu dano.

Não via maior glória que meu dano,
quando do dano meu eras contente;
agora me é tormento a maior glória,
que pode prometer-me Amor na vida;
pois tornar-te não pode à minha vista,
que só na tua achara a luz do dia.

E pois de dia em dia cresce o dano,
não posso sem tal vista ser contente;
só com perder a vida acharei glória.

Estâncias a outra dama doente

Olhai que dura sentença
foi Amor dar contra mi:
que, porque em vós me perdi,
em vós me busca a doença.
Claro está
que em vós só me achará;
que em mim, se me vem buscar,
não poderá mais achar
que a forma do que fui já.

Que se em vós Amor se pôs,
Senhora, é forçado assi
que o mal, que me busca a mi,
que vos faça mal a vós.
Sem mentir,
Amor me quis destruir
por modo nunca cuidado,
pois vos há de ser forçado
pesar-vos de vos servir.

Mas sois tão desconhecida
e são meus males de sorte
que vos ameaça a morte,
porque me negais a vida.
Se por boa
tal justiça se pregoa,
quando desta sorte for,
havei vós perdão d' Amor,
que a parte já vos perdoa.

Mas o que mais temo, enfim,
é que nesta diferença
que se não torne a doença,
se me não tornais a mim.

De verdade
que já vossa humanidade
de que se queixe não tem:
pois para as almas também
fez Amor enfermidade.

A ãa dama que lhe virou o rosto

MOTE

Olhos, não vos mereci
que tenhais tal condição:
tão liberais pera o chão,
tão irosos pera mi.

VOLTAS PRÓPRIAS

Baixos e honestos andais,
por vos negardes a quem
não quer mais que aquele bem
que vós no chão espalhais.
Se pouco vos mereci,
não me estimais mais que o chão,
a quem vós o galardão
dais, e mo negais a mi.

MOTE

Ora cuidar me assegura,
ora me matam cuidados.

GLOSA

Foi ser a vontade minha
de todos tão desviada
que me não afirmo em nada,
pois tenho o mal que tinha.
O bem que tinha me enfada.
Isto é força da ventura
- se não me engana o que cuido -
que tais extremos mistura
que ora o meu próprio descuido,
ora cuidar me assegura.

Diversas cousas me pede
o meu desejo inquieto:
umas nego, outras prometo;
mas contudo me sucede
perder-me no que cometo.
Como será dos meus fados
a tenção favorecida,
se para males dobrados
dão-me ora cuidados vida,
ora me matam cuidados?

OUTRO MOTE ALHEIO

Para que me dán tormento
aprovechando tan poco?»
Perdido, mas no tan loco
que descubra lo que siento.

VOLTAS PRÓPRIAS

Tiempo perdido es aquel
que se pasa en darme afán,
pues quanto más me lo dán
tanto menos siento del.
Que descubra lo que siento?
No lo haré, que no es tan poco;
que no puede ser tan loco
quién tiene tal pensamiento.

Sepan que me manda Amor
que, de tan dulce querella,
a nadie dé parte della,
porque la sienta mayor.
Es tan dulce mi tormento
que aún se me antoja poco;
y si es mucho, quedo loco
de gusto de lo que siento.

INTERLOCUTORES: ANZINO E LIMIANO

ANZINO

Parece-me, pastor, se mal não vejo,
que já te vi mais ledó andar outrora
nos largos campos do famoso Tejo.

LIMIANO

Podia ser; que muito tempo fora
andei desta ribeira pátria minha,
onde triste me vês andar agora.
Tinha lá para mim, que a vida tinha
mais sossegada cá e mais segura,
entre os meus, que com gosto a buscar vinha.
Foi doutro parecer minha Ventura:
discórdias sós achei e achei dureza,
em lugar de sossego e de brandura.
Achei as boas leis da Natureza
vencidas do interesse; e a gente cega
tanto que, mais que o sangue, o gado preza.
Dizem que quando o mar bonança nega,
correndo vai aquela nau mor p' rigo
que à desejada terra mais se chega.
Assi aconteceu a mi comigo:
seguro sempre ao longe, sempre ledó;
triste ao perto, e tratado como imigo.

ANZINO

Sempre — podes-me crer este segredo —
desejei de te ver; mas, com desgosto,
inda te não quisera ver tão cedo.

Prestando para cousas de teu gosto,
como camaleão não mudo cores;
qual é meu coração, tal é meu rosto.

LIMIANO

Não são logo assi, não, outros pastores,
que de promessas vãs te fazem rico
e nunca fruto dão: tudo são flores.
Mas desejo saber com quem pratico,
por que não caia em falta, e por que entenda
a quem tamanho amor devendo fico.

ANZINO

Antes que tempo nisso se dispenda,
busquemos um lugar mais fresco e frio,
que da calma, que cai, bem nos defenda.

LIMIANO

Vamos ali, que ali bosque sombrio
nos dará fresco abrigo, assento o prado,
formosa vista o vale, o monte, o rio:
o rio, que verás tão sossegado
que te parecerá que se arrepende
de levar água doce ao mar salgado.
Nem cabra nem ovelha ali ofende
erva, folha, nem flor ou ferro duro;
a planta pelo ar livre se estende.
Verás caindo em gotas cristal puro
no vão de uma caverna carcomida,
por entre o musgo mole e verde-escuro.

ANZINO

Quem traz à saudade a alma rendida,
a saudade busca, onde descansa,
mas o descanso dela encurta a vida.
Contudo, quem do Céu na terra alcança
poder gozar-se desta liberdade,
que mais deseja ter? Que mais o cansa?
Afirmo-te de mi esta verdade
que muitos vales vi, muitas ribeiras;
mas esta me dobrou a saudade.
Oh, que viçosas murtas! Que oliveiras!
Que freixos! Como estão de hera cingidos!
Quantas voltas lhes dá de mil maneiras!
Os lírios, junto de água bem nascidos,
quanta graça que têm entre as boninas,
sem ordem, com mais graça entremetidos!
Vem encrespando as águas cristalinas
a branda viração; a folha treme;
o movimento apenas determinas.
A rola seu amor suspira e geme;
escondida se queixa Filomela;
parece que do campo inda se teme.
Espanta a quem se atreve, ver aquela
rocha por cima d'água pendurada
como já se não deixa cair nela.
Ó ribeira do Lima, celebrada
de mil brandos espritos sempre sejam,
sempre de brandas Ninfas povoada.
Fujam longe de ti duras invejas;
peçonha de pastores, morte sua:
tudo sintas amor, tudo amor vejas.
De dia o claro sol, de noite a lua
em teu favor inspirem de maneira
que sempre fértil seja a praia tua.
Tornando, enfim, à prática primeira,
por dar-te, como queres, de mi conta,
larga ta quero dar e verdadeira.

Apartar-te do gado leva em conta;
que pois com ele fica o pegureiro,
que te detenha um pouco, pouco monta.
O meu nome é Anzino: fui vaqueiro
na grã serra da Estrela, que não tive;
não sei se natural, ou se estrangeiro.
Um pastor me criou, que já não vive;
de todos por seu filho era julgado;
e eu também neste engano um tempo estive,
até que dele soube ser achado
em uma anzina envolto em pobres panos;
e daqui veio que Anzino fui chamado.
Neste meu desengano outros enganos
fundou de novo a pouca dita minha,
com que o vim a servir mais de sete anos.
Tinha muito de seu, e mais não tinha
de filhos, que uma filha bem formosa,
à qual por morte dele tudo vinha.
Conversação doméstica e danosa,
na livre formosura e tenra idade,
em ambos acendeu chama amorosa.
Com ela de mi soube esta verdade;
com outro amor, com outros exercícios,
nela ganhei de novo outra vontade.
Amor mestre me fez de mil ofícios
para meio do fim que desejava;
e dele sinal davam mil indícios.
Tecia alvos cestinhos, quando andava
com as vacas no prado: à noite um cheio
de fruta, outro de flores lhe levava.
Nas mangas muitas vezes e no seio
as nozes lhe levei com as castanhas,
quer do souto do pai, quer doutro alheio.
Nos intrincados bosques, nas montanhas,
por seu amor as feras perseguia,
forças agora usando, agora manhas.

Vivos os mansos cervos lhe trazia;
vivas medrosas lebres fugitivas:
ligeireza de pés não lhes valia.
Mas, se lhe dava as mansas feras vivas,
mortas lhe dava as que por natureza
sem domar-se são bravas ou esquivas.
Certo dia achei eu numa aspereza,
sem mãe, um cervo branco e pequenino.
Trouxe-lho; ela o criou; inda hoje o preza.
Ou já criação seja, ou já destino,
tanto que não o vê, geme e suspira.
Como menos fará o triste Anzino?
Tangia mal na frauta, mal na lira;
despois tão bem tangia que era espanto
a quem antes de amor tanger me ouvira.
Ouvia celebrar sempre em meu canto
Ullina a sua rara formosura
— tal nome tem aquela a que amo tanto —
Contava-lhe meus males por figura:
ficava eu, de medroso, frio e mudo;
ficava ela suspensa; a história escura.
Assi com tal temor, com tal estudo,
amor fui granjeando longamente,
à conta deste amor perdendo tudo.
Ela, dos meus desejos inocente,
o mesmo amor me tinha; tanto, digo;
que no ser era todo diferente.
Praticava seus gostos só comigo;
seus desgostos também; seus pensamentos,
com rara graça e com saber antigo.
Outras vezes, confusa nos intentos,
os modos me notava, e me dizia:
«Entre irmãos de que servem cumprimentos?»
«Eu quisera, Senhora — respondia —,
que soubesses de mi que, irmão não sendo,
não com menos amor te serviria.»

Tornou-me: «Essa resposta não entendo:
o que não quis o Céu, queres que seja?
Que castelos no vento andas fazendo?
Se me queres ver leda, não te veja
soltar essas palavras ociosas:
matéria mais honesta nos sobeja.»
Dizendo assi, nasciam-lhe outras rosas
naquelas próprias suas, sobre a neve
das suas faces mais que o sol formosas.
Destas quebras comigo algumas teve;
cujas forças amor quebrava logo
noutra conversação mais branda e leve.
Cresceu desta maneira o vivo fogo
que, ardendo dentro na alma, encurta a vida
cujo princípio foi um brinco ou jogo.
Mas ela neste tempo era pedida
de muitos a seu pai em casamento;
nova dor para mi, mortal ferida!
Ele lhe nomeava mais de cento:
deles paternamente lhe rogava
um escolhesse a seu contentamento,
Com mil razões fingidas se escusava,
sendo só a razão não ser contente;
com que desgosto ao pai, gosto a mi dava.
Estando nós por uma sesta ardente
à sombra de uns medronhos repousando,
afastados da casa e mais da gente,
já de uma e de outra cousa praticando,
soltou com um suspiro estas palavras:
«Desde ontem para cá em mim não ando.
Logo que nosso pai tornou das labras,
me disse que assentara de casar-me
com Títiro, pastor de muitas cabras.
Que não buscasse causas de escusar-me
como por muitas vezes já fizera,
pois tinha muitas mais de contentar-me.

Que afora esta tenção, que a sua era,
o mesmo seus parentes lhe diziam,
a quem de seus intentos conta dera.
As águas, que dos olhos me corriam,
enquanto ele me disse o que te digo,
por mi, que fiquei muda, respondiam.»
Com seu choro abrandou ao pai amigo;
que enfim, deixando-a menos magoada,
lhe disse que falasse isto comigo.
Assi me disse; e que determinada
estava a qualquer mal que lhe viesse,
antes que ser com Títiro casada.
Que por mais de mil cabras que tivesse,
jamais esta vontade mudaria;
que buscava saber, não interesse.
E que de melhor mente casaria
com um qualquer pastor, pobre de gado,
se nele as partes visse que em mi via.
Por extremo de mi lhe foi louvado
o pensamento seu; e sem detença
tal resposta lhe dei, acautelado:
«Se a dar meu parecer me dás licença,
um pastor te darei de qualidade,
que em nada de mi tenha diferença
nem de menos saber, nem mais idade;
nas manhas outro tal, e em corpo e gesto;
da fazenda não sei a quantidade.»
«Se esse me fazes bom; daqui protesto
de não receber outro por marido»
— me respondia com semblante honesto.
«Pois sabe — respondi — que já admitido
me tens com gosto teu por teu esposo;
que, com dar-te-me, dou o prometido.»
Não pude dizer mais, de vergonhoso;
nem ela me deixou, com ouvir tal,
suspeitando de mi amor vicioso.

Logo me respondeu: «Ah, desleal!
Ah, desonesto irmão! isso pretendes?
Mas não irmão, imigo capital.
O Céu, que com injusto amor ofendes,
tome, cruel, de ti justa vingança,
antes que de tamanho error te emendes.
Andavas-me enganando na esperança
com esses falsos e indevidos meios
ao sangue nosso e minha confiança?
Fizeste verdadeiros os receios,
a que confusamente me levavas
de sombras enganosas com rodeios.
Desejo no teu peito agasalhavas
tão torpe, tão infame, tão alheio
do puro amor, a que obrigado estavas?
Não te desculpes, não, que já não creio
lágrimas, nem palavras, nem desculpas
de quem imaginou caso tão feio.»
Tímido respondi: «De que me culpas,
se ouvido me não dás? Não tens razão!
Acaba de me ouvir o fim das culpas.
Tem-me, Ulina, por teu, não por irmão.
Se me não queres crer esta verdade,
de teu pai saberás se minto, ou não.
Por filho me criou: a flor da idade
gastei em o servir por teu respeito.
Olha o que te merece esta vontade!
Se com ser isto assi tenho erro feito
em granjear-te, que a ti só desejo,
eis este ferro aqui, eis este peito.»
Isto ouvindo, mostrou um ledó pejo,
pondo os olhos no chão, formosa e branda.
E cuido que inda assi nos meus a vejo.
Disse-me: «Em que revoltas o amor anda!
No bem, como no mal, também me enleia:
inda agora o senti, já reina e manda.

Como queres, Anzino, que eu te creia
cousa que nem sonhada foi 'té agora?
Não sabes de quem ama, o que receia?
Falarei com meu pai: fica-te embora.
No desengano seu teu bem consiste;
da palavra que dei não estou fora».
Com isto me deixou alegre e triste.
O começo já ouviste de meu dano,
amigo Limiano; o fim amargo,
em que não serei largo, escuita agora.
Fulgência, outra pastora, que vizinha
era da amada minha e grande amiga
— não sei como isto diga que não mouro —
pastora branca e loura, que na serra
era a segunda guerra dos pastores,
por mal dos meus amores me quis bem.
Fundava-se porém em casamento;
e deste fundamento lhe nascia
que, como me não via, o vale, o monte,
o bosque, o rio, a fonte rodeava.
Em busca minha andava aquela sesta;
entrou pola floresta, onde nos viu;
e tudo nos ouviu quanto falámos,
entre uns espessos ramos escondida.
Cruelmente ferida dos ciúmes,
foi-se a fazer queixumes — descobrindo
mais do que esteve ouvindo — ao pai de Ullina.
Eis logo desatina o triste velho;
eis que sem mais conselho a filha entrega,
que com choro se nega e com palavras,
ao simples guarda-cabras, por esposa.
Ah, hora desditosa! ah, sorte dura.
Daquela formosura desusada,
de tantos desejada, e de mi tanto
servida com espanto e puro amor,
quiseste, por mais dor, enriquecer

quem não sabe entender o preço dela?
Ó tu, serra de Estrela, que tal viste,
como te não abriste, e no teu centro
me não cerraste dentro, estando vivo,
por que mal tão esquivo não sentira?
Ó cega, ó cruel ira, ó pai fingido!
Para me ver perdido me criaste?
Porque me não deixaste no deserto?
Menos crueza, certo, então usaras,
inda que me deixaras — não te agraves —
às cruas feras e aves da montanha.
que o Céu estranha isso que tratas?
Não vês que a ti te matas cobiçoso?
Na porta o novo esposo tropeçou;
na casa não entrou co pé direito.
Gritou sôbolo teito a noite inteira
a ave, que é mensageira de fins tristes.
O mesmo vós sentistes, cães da aldeia,
quando por má estreia, juntos todos,
com diferentes modos uivastes.
Serranas, que esperastes nestas bodas
cantar alegres todas himeneios,
dos vossos alvos seios alvas flores,
em lugar das licores mais custosos,
por cima dos esposos derramando
ou vendo estar bailando, estando quedas,
ao som das gaitas ledas, no terreiro,
o moço tão ligeiro à maravilha,
que quase o pé não trilha o junco mole;
qual seria que console a triste amiga
a quem a força obriga do pai duro,
a quem o Amor puro obriga tanto
que num contino pranto se consume?
Assi do grande cume da esperança
com súbita mudança derribado,
me pôs em tal estado a triste nova,

como sabe por prova quem bem ama.
Levou a leve fama a minha dor
a Sincero pastor, meu grande amigo,
que com rogos consigo me levou
do monte, onde me achou, já noite escura,
chorando a desventura em que me via.
As vacas, vindo o dia, derramadas,
de mi desamparadas, vêm bramando,
sinal n'aldeia dando em seu bramido
de que era já perdido o pastor seu.
Tamanha pena deu à bela Ulina
— bela, porém mofina — a pena minha,
sobre quantas já tinha no seu peito,
que mais do triste leite não se ergueu.
Seu pai adoeceu também de nojo;
da morte foi despojo ao dia quinto.
A dor que daqui sinto é sem medida.
Pois me apartou da vida, a vida acabe,
ou n'alma, onde não cabe, faça pausa.
Fulgência, que foi causa destes males,
dês que montes e vales descobriu,
despois que me não viu em toda a serra,
deixou, deixando a terra, mágoa aos pais,
que dela nunca mais novas souberam.
Enfim, tal fim tiveram meus amores.
Choraram os pastores juntamente
de Ulina descontente a triste sorte,
do pai a breve morte, e de Fulgência
a vingadora ausência de seu erro;
de mi este desterro em que me pôs.
Mas mais chorastes vós, meus olhos tristes,
quando de vossa luz, sem a do dia,
por terras tão estranhas vos partistes.
Cuido que meia-noite então seria,
cantando os galos já na triste aldeia;
chorava só quem dela se partia.

Casa de meus suspiros sempre cheia
— disse eu, quando passei pela de Ullina —
tal fruto colhe quem amor semeia!
Fortuna, a mi cruel, sempre benina
em tudo seja àquela, que em ti mora,
inda que em outros braços se reclina.
Fica-te aqui, minha alma, fica embora,
que, pois assi o quis fado inimigo,
jamais te não verei dia nem hora.
Dali nos ricos campos dei comigo,
que das águas do Tejo são regados;
onde te vi mais ledô, como digo.
Por ver se posso agora a meus cuidados
achar algum repouso, algum sossego,
atravessando vou montes e prados.
Passei as claras águas do Mondego,
das lusitanas Musas claro ninho;
as do Douro despois em turvo pego.
Daqui continuando meu caminho,
espero ver a casa aos céus aceita;
na terra que da nossa aparta o Minho;
onde vou visitar na urna estreita
os santos ossos do Varão divino,
que pretendeu do Mestre a mão direita.
Assi, dum lugar noutro de contino,
o bem que já cantei, chorando venho;
tornei-me, de vaqueiro, peregrino:
tal hábito me vês, tal vida tenho.

LIMIANO

Anzino, é breve o dia
para poder contar
o que sinto de tua desventura.
E sei bem. que erraria,
se quisesse louvar

o grave estilo teu, tua brandura.
Aquele formosura,
por quem alegre foras,
que tu ledo cantaste,
e que depois choraste
tão triste que inda agora triste choras,
vivendo eterna nela,
será mágoa comum, e louvor dela.

As mágoas deixo enfim;
também louvores deixo,
por grandes elas, eles por pequenos.
Tu, por amor de mim
— dir-te-ei de que me queixo —
repousa hoje comigo, quando menos.
Assi vejas serenos
esses teus tristes lumes.
Abranda a dura mágoa,
que tira fontes de água
do fogo em que chorando te consumes.
Dar-te-ei conta mais larga
da vida que aqui passo tão amarga.

E mais saber desejo
se a fama nos engana
que diz que o grão pastor dos Lusitanos
com todos os do Tejo,
e com fato e cabana,
reside já nos campos africanos;
onde mil soberanos
triunfos, dele dinos,
lhe ordena a fatal sorte,
com grande estrago e morte
dos brutos mal nascidos Sarracinos,
que de si despejados
os currais deixam já cheios de gados.

Que sendo assi, te digo
que não espero mais
nesta para mi sempre ingrata terra.
Quem traz guerra consigo
entre seus naturais,
não deve de estranhar estranha guerra.
Sem mi de serra a serra
— o Céu assi o queira —
logrem meus inimigos
os vales e pacigos
desta, donde nasci, fresca ribeira,
na qual, se não me engano,
inda será chorado Limiano.

ANZINO

Limiano, já bem tenho entendido
quanto sentes meu mal; mas eu te digo
que o teu mal é de mi menos sentido.
Acerca de ficar hoje contigo,
farei pois — já que assi nos detivemos -
tudo o que tu quiseres, como amigo.
E pois o dia já passado temos,
vamo-nos mais chegando para o gado,
e lá nas outras cousas falaremos.
Todavia de funda e de cajado
te vai apercebendo a som de guerra
que não foi tal pastor cá do Céu
para não dar ao Céu tão larga terra.

Partir-me do meu bem, triste partida!
Estar onde ele está, duro tormento!
Vê-lo e não o ver, penosa vida!
Não tem minha alma enfim contentamento.
Qual alma se viu nunca perseguida
de tão contrário e grave sentimento
que assi a fere tudo e entristece,
que com o mal e o bem sempre padece?

Se tão conforme estou com meu cuidado,
donde lhe nace um bem tão diferente?
São tudo desconcertos do meu fado,
que nenhum breve gosto me contente.
Já começo a sentir o triste estado
e a saudosa dor da vida ausente,
pois me aparta de vós, indo comigo,
o Amor que me foi sempre tão imigo.

Seguindo minha estrela triste, escura,
vou por remoto mar em um leve lenho,
buscando pera a vida sem ventura
bonanças da ventura que eu não tenho.
Mas se me a vida muito tempo atura
e a tanto mal, depois de tantos, venho,
eu chorarei a minha triste sorte,
pois me é contrária a vida e mais a morte.

Cercado de saudosa e vã lembrança
nascida já do muito que vos quero,
descobrirei meu mal sem esperança
ao furioso mar e vento fero;
descobrirei nesta áspera mudança
a quão perfeito amor quão pouco espero,
pera que tudo saiba e tudo veja
quanto esta alma vos ama e vos deseja.

Quanto me alongo mais, de grito em grito,
bradando irei por vós continuamente,
levando vosso nome n'alma escrito
pera o celebrar de gente em gente.
Que vendo vosso ser tão infinito,
se espantem como vivo, estando ausente.
Mas não tenho eu saber para louvar-vos,
que nunca soube mais senão amar-vos.

Vendo-me na tormenta furiosa,
na bonança quieta e sossegada,
vos direi como sois alva e fermosa
nos saudosos olhos transformada
que, enlevados na vista deleitosa
que me traz a alma alheia e transformada,
far-me-ão todo trabalho doce e leve
e a mais comprida (noite?) curta e breve.

Um só remédio quero que procure
a minha alma, Senhora, o qual pretendo
e não pera que a vida mais me dure,
que desde agora a estou aborrecendo;
mas para que a meus olhos se afigure
a vossa alegre vista, não vos vendo,
peço ao Amor que assi me favoreça,
que quanto eu vir convosco se pareça.

Bem sei que em tanta dor, tanto tormento,
mal tão sem esperança, tão sem cura,
era melhor remédio esquecimento.
Mas não permita tal minha ventura;
antes, se me esquecer do pensamento
com que eu adoro vossa fermosura,
o céu se me escureça e tudo seja
contraíro ao que a minha alma mais deseja.

E se dos vossos olhos vencedores
em algum tempo me virem esquecido
ou se eu tiver, Senhora, outros amores,
nem inda que seja amor fingido,
o bem de vossos doces disfavores,
em que me fazeis ser tão bem perdido
se me converta em dor, pena e cuidado
e morra descontente e desamado.

FÍLIS

Pascei, minhas ovelhas; eu, enquanto
aquele passarinho canta ou chora,
chamarei Coridon com triste pranto.

Se entre vós, belas plantas, amor mora
— plantas, já vos amastes —, tende mágoa
de mi, pois que me ouvis queixar agora.

Ai cruel Coridon, cruel a frágua
em que vivo por ti! Não tens piedade
de ver meu peito fogo, os olhos água?

Já não amas a Fílis? Ah, crueldade!
Ai triste! E que farei? Em poucos dias
mudaste tu de mi tua vontade.

A Fílis já deixaste, a quem trazias
no formoso verão formosas frutas,
sinal do grande bem que me querias?

Sabes, cruel, que tenho causas muitas
para te convencer, de que queixar-me;
por isso vás fugindo e não me escuitas.

Puderam os teus rogos abrandar-me:
os meus — triste de mi! — mais te endurecem.
Já não acho em que possa confiar-me.

Aqueles doces versos já te esquecem,
que tu nos lisos álamos cortavas,
onde com teus enganos inda crecem?

Arder por meu amor neles mostravas:
Eu, crendo que era assi, não entendia,

quando fingiste amar, quão pouco amavas.

Tristes meus fados foram, triste o dia
em que nasci : coitada de mi, triste,
que em mágoa se tornou minha alegria!

Logo que a tua Galateia viste,
vi eu deste meu mal grandes agouros;
e tu da parte esquerda um corvo ouviste.

E não tem Galateia mais tesouros,
nem tem mais formosura, inda que seja
ou de alvo rosto, ou de cabelos louros.

À negra violeta tem inveja
o branco lírio, porque tal não tem
o cheiro, que vencido não se veja.

Títiro arde por mi; Títiro, a quem
mil Ninfas dão capelas de mil flores;
mas ele a mi só chama, a mi quer bem.

Eu desprezo por ti muitos pastores,
e tu por Galateia me desprezas!
Tal pago dás, cruel, a meus amores?

Em que te mereci tantas cruezas
quantas usas comigo? Porventura
usei contigo de ira, ou de asperezas?

Prouvera a Deus que tão isenta e dura
me viras para ti que nunca viras
em mi sinal de amor ou de brandura!

Se eu fugira de ti, tu me seguiras;
por mi arderas, não por uma ingrata

por quem choras em vão, em vão suspiras.

Bem me vingas de ti, pois te maltrata;
mas eu te quero tanto que desamo
— por mais que tu me mates — quem te mata.

Respondem-me estes montes, quando chamo
por ti com triste voz; Eco responde
das lágrimas movida, que derramo.

E tu não me respondes, nem sei onde
te leva esse desejo; mas bem sei
que amor e desamor de mi te esconde.

Ai triste Filis, triste! Onde acharei
remédio a tanto mal? O fogo puro,
em que me abraso, com que abrandarei?

Já fugira daqui, por mais que duro
fosse o deixar o ninho em que nasci.
Mas não há contra Amor lugar seguro.

A morte só — mil vezes isto ouvi
à nossa Célia — por remédio espere
aquele que a Amor fez senhor de si.

Então, por que de todo desesperes,
este Cego, a quem cegos nós seguimos,
a mi por ti, e a ti por outra fere.

Se eu morrera no ponto em que nos vimos,
não vira tanto mal. Mas que da sua
sorte fugisse alguém nós nunca ouvimos.

Eu me queixo de ti, e tu da tua
Galateia te queixas; e não vês

que mais piedosa te é, quando mais crua.

Sendo tu tão cruel — tão cego és! —
queres achar piedade? Como queres
que te creiam teu mal, se o meu não crês?

Que eu viva com pesar, tu com prazeres;
não quer o justo Céu. Ou ambos tristes,
ou ledos ambos, si: mais não esperes.

Selvas, que noutro tempo nos cobristes
com frescas sombras lá do ardor de cima,
dizei se a Coridon dizer ouvistes:

«Primeiro há de tornar o brando Lima
as águas de cristal à fonte clara,
que no meu peito novo amor se imprima.

Primeiro que eu te deixe, Fílis clara,
me há de deixar a mi a própria vida.
Mas quem, por não deixar-te, a não deixara!

Pois tu, Fílis, ma dás, eu ofrecida
a tenho a teu querer; tu dela ordena
como, doce amor meu, fores servida.

Por ti me será branda a dura pena;
por ti suave a dor, leve o tormento,
a que me inclina o Fado, ou me condena.»

Ah falso Coridon! teu pensamento
era enganar-me: dada a fé me tinhas;
e a fé coas palavras leva o vento.

Mas — ai triste de mi! — também as minhas
o vento vai levando. O sol é posto.

Porque, ligeira luz, te não detinhas,
enquanto em meu queixume achava gosto?

DE ALMENO E BELISA, CONTINUANDO COM A PASSADA:

Passado já algum tempo que os amores
de Almeno, por meu mal, eram passados,
porque nunca Amor cumpre o que promete,
e antre verdes ulmeiros apartados,
regando pelo campo as brancas flores,
em lágrimas cansadas se derrete;
quando a linda pastora, que compete
co monte em aspereza,
co prado em gentileza,
por quem o triste Almeno endoudecia,
pela praia do Tejo discorria
a lavar a beatilha e o trançado;
já o sol consentia
que saísse da sombra o manso gado.

E acordado já do pensamento
que tão desacordado o sempre teve,
viu por acerto o bem que incerto tinha.
E, porque onde Amor a mais se atreve,
ali mais enfraquece o entendimento,
não lhe soube dizer o que convinha.
Como homem que à aprazada briga vinha,
a quem de fora engana
a confiança humana,
e depois, vendo o rosto a quem resiste,
treme, teme o perigo, e não insiste,
já se arrepende, a audácia lhe falece:
destarte o pastor triste
ousa, arreceia, esforça e enfraquece.

E tendo assi atónito o sentido,
cometeu com furor desatinado,
e tirou da fraqueza o coração.
Cometimento faz desesperado,

que ãa só salvação tem um perdido:
perder toda a esperança à salvação.
As mágoas, que passaram, se dirão;
mas as que ela dizia,
lembrando-lhe que via
as águas murmurar do Tejo amenas,
remeto a vós, ó Tágides Camenas,
que, de mágoa, não posso dizer tanto,
porque em tamanhas penas
me cansa a pena e a dor me impede o canto.

BELISA pastora

Que alegre campo e praia deleitosa!
E quão saudosa faz esta espessura
a fermosura angélica e serena
da tarde amena! E quão saudosamente
a sesta ardente abranda, suspirando,
de quando em quando, o vento alegre e frio!
No fundo rio os mudos peixes saltam;
no ar se esmaltam os céus de ouro e verde
e Febo perde a força da quentura.
Pola espessura levam passeando
o gado brando, ao som das sanfoninas,
pisando as finas e fermosas flores,
os guardadores que, cantando, o gesto
fermoso e honesto das pastoras que amam,
ao ar derramam mil suspiros vãos.
Um louva as mãos, e outro os olhos belos,
outro os cabelos de ouro, em som suave;
a amorosa ave leva o contraponto.
Mas oh! que conto, e que saudosa história
que na memória aqui se me oferece!
Se não me esquece, já neste lugar
ouvi soar nos vales algum dia,
e respondia o Eco o nome em vão

num coração, Belisa retumbando.
Estou cuidando como o tempo passa
e quão escassa é toda alegre vida;
e quão comprida, quando é triste e dura.
Nesta espessura longo tempo amei;
se me enganei com quem do peito amava,
não me pesava de ser enganada.
Fui salteada, enfim, de um pensamento,
que um movimento tinha casto e são.
Conversação foi fonte deste engano
que, por meu dano, entrou com falsa cor.
Porque o amor, na Nífa que é segura,
entra em figura de vontade honesta.
Mas que me presta, agora, dar desculpa?
Se aí houve culpa, pô-la o firme Amor
só num pastor, que nunca o Sol nem Lúa
ou serra algũa, desde o Ibero ao Indo,
viram outro tão lindo e tão manhoso.
Neste amoroso estado e fé que tinha
cá n'alma minha tão secretamente
vivi contente, amando e encobrindo.
Ele, fingindo mentirosos danos,
que são enganos que não custam nada,
tendo alcançada já no entendimento
a fé e intento meu só nele posto
- que logo o rosto mostra os corações,
e as afeições cos olhos se praticam,
que mais publicam muito que palavras –,
com suas cabras sempre à parte vinha
onde eu mantinha os olhos e o desejo.
Tu, manso Tejo, e tu, florido prado,
do mais passado, enfim, que aqui não digo,
sereis, me obrigo, testemunho certo,
que descoberto vos foi tudo e claro.
Ó tempo avaro, ó sorte nunca igual,
camanho mal quereis à humana gente!

Porque um contente estado assi trocastes?
Vós me tirastes do meu peito isento
o pensamento honesto e repousado,
já dedicado ao coro de Diana;
vós Nũa ufana vida me pusestes,
e ali quisestes que gozasse o dano
do doce engano que se chama amor,
com cujo error passava o tempo ledô.
E vós tão cedo me tirais um bem
que Amor já tem impresso n'alma minha
– depois que a tinha envolta em esperanças –
e com lembranças tristes me deixais?
Mal me pagais a fé que sempre tive.
Mas assi vive quem sem dita nace.
Mas já que a face alegre o Sol esconde
e não responde alguém a tantas mágoas,
senão as águas que dos olhos saem,
as sombras caem, e vão-se as alimárias,
das ervas várias fartas, seu caminho;
buscando o ninho os pássaros sem dono
já pelo sono esquecem o comer;
quero esquecer também tão doce história,
pois é memória que traz mor cuidado.
Isto é passado e, se me deu paixão,
os dias vão gastando o mal e o bem,
e não convém querer-me magoar
do que emendar não posso já com mágoas.
Nas claras águas deste rio brandô,
que vão regando o campo matizado,
este trançado lavar quero enfim;
que já de mim m'esqueço coa lembrança
desta mudança, que esquecer não sei.
Inda que eu mudarei a opinião:
que, enfim, homens são, a que o esquecimento
depressa faz mudar o pensamento.

ALMENO

Se a vista não me engana a fantasia
— como já me enganou mil vezes, quando
minha ventura enganos me sofria —,

parece-me que vejo estar lavando
ũa Ninfa um véu no claro Tejo,
que se me está Belisa afigurando.

Não pode ser verdade isto que vejo;
que facilmente aos olhos se afigura
aquilo que se pinta no desejo.

Oh, acontecimento que a ventura
me dá para mor dano! Esta é, certo,
que não é doutrem tanta fermosura.

Se poderei falar-lhe mais de perto?
Mas fugir-me-á; não pode ser, que o rio
para acolá não tem caminho aberto.

Oh, temor grande! Oh, grande desvario,
que a voz me impide, e a língua negligente
destarte está tornando o peito frio!

De quanto me sobeja estando ausente,
que para lhe falar sempre imagino,
tudo me falta agora em estar presente.

Oh, aspeito suave e peregrino!
Pois como tão asinha assi se esquece
ũa fé verdadeira, um amor fino?

BELISA

Ó altas semideias! Pois padece
em vosso rio a honra delicada
de quem tamanha força não merece?

Ou seja por vós, Ninfa, reservada,
ou nalgũa árvore alta ou pedra dura
seja por vós asinha transformada.

ALMENO

Ah! Ninfa! Não te mudes a figura;
nem vós, deusas, queirais que eu seja parte
de se mudar tamanha fermosura.

Porque a quem falta a voz para falar-te,
e a quem falece a língua e ousadia
também faltarão mãos para tocar-te.

BELISA

Que me queres, Almeno, ou que porfia
foi a tua, tão áspera, comigo?
Minha vontade não to merecia.

Se com o amor o fazes, eu te digo
que amor que tanto mal me faz em tudo
não pode ser amor, mas inimigo.

Não és tu de saber tão falto e rudo
que tão sem siso amasses como amaste.

ALMENO

Onde viste tu, Ninfa, amor sesudo?

Porque te não alembra que folgaste
com meus tormentos tristes, e algu' hora
com teus fermosos olhos me olhaste?

Como te esquece já, gentil pastora,
que folgavas de ler nos freixos verdes
o que de ti escrevia cada hora?

Como tão presto assi a memória perdes
do amor que mostravas, que eu não digo,
se vós, altos montes, não disserdes?

Porque te não alembra do perigo
a que, só por me ouvir, te aventuravas,
buscando horas de sesta, horas de abrigo?

Coa maçã de discórdia me tiravas;
que Vénus que a ganhou por fermosura,
tu, como mais fermosa, lha ganhavas.

E, escondendo-te entre a espessura,
ias fugindo como vergonhosa
da namorada e doce travessura.

Não era esta a maçã de ouro fermosa
com que encoberta assi de astúcia tanta
Cidipe se enganou, de cobiçosa;

nem a que curso teve de Atalanta;
mas era aquela com que Galateia
o pastor cativou, como ele canta.

Se más tenções puseram nódoa feia
em nosso firme amor, de enveja pura,
porque pagarei eu a culpa alheia?

Quem desta fé, quem deste amor não cura,
nunca teve sujeito o coração;
que o firme amor coa alma eterna dura.

BELISA

Mal conheces, Almeno, ãa afeição;
que, se eu desse amor tenho esquecimento,
meus olhos magoados to dirão.

Mas teu sobejo e livre atrevimento
e teu pouco segredo, descuidando,
foi causa deste longo apartamento.

Vês as ninfas do Tejo que, mudando
me vão já, pouco a pouco, o claro gesto,
noutra forma mais dura traspassando?

Um só segredo meu te manifesto:
que te quis muito, enquanto Deus queria,
mas de pura afeição e amor honesto.

E pois teu mau cuidado e ousadia
causou tão dura e áspera mudança,
folgo que muitas vezes to dizia.

Fica-te embora, e perde a confiança
que mais me não verás, como já viste,
que assi se desengana ãa esperança.

ALMENO

Ó duro apartamento! Ó vida triste!
Ó nunca acontecida desventura!
Pois como, Ninfa, assi te despediste?

Assi se há de ir tornando sem ter cura
nessa silvestre e áspera rudeza
tão branda e excelente fermosura?

Tua nunca entendida gentileza
e teus membros assi se transformaram,
negando-se-lhe a própria natureza?

Destarte teus cabelos se tornaram,
deixando já seu preço ao ouro fino,
em folhas, que a cor têm do que negaram?

Se este consentimento foi divino,
consinta-me também que perca a vida,
antes que a mais me obrigue o desatino.

Que se a Fortuna dura embravecida
tanto em meu tormento se desmede,
não viva mais ãa alma tão perdida.

E vós, feras do monte, pois vos pede
minha pena o remédio derradeiro,
fartai já de meu sangue vossa sede.

E vós, pastores rudos deste outeiro,
por que a todos, enfim, se manifeste
que cousa é amor puro e verdadeiro,

ao pé deste funéreo acipreste
me fareis um sepulcro sem arreio,
de boninas que o prado ameno veste.

Com desusadas músicas de Orfeio
que me vós cantareis; e, desta sorte,
não haverei enveja ao Mausoleio.

E por que minha cinza se conforte,
em vossos metros doces e suaves
as exéquias fareis de minha morte.

Ali responderão as altas aves,
não módulos no canto, nem lascivas,
mas de dor ora roucas, ora graves.

Não correrão as águas fugitivas
alegres por aqui, mas saudosas,
que pareçam que vêm dos olhos vivas.

Nacerão pelas praias deleitosas
os ásperos abrolhos em lugar
dos roxos lírios, das pudicas rosas.

Não trarão as ovelhas a pastar
d' arredor do sepulcro os guardadores,
que não comerão nada, de pesar.

Virão os Faunos, guarda dos pastores,
se morri por amores perguntando.
Responderão os ecos: «Por amores».

E para os que aqui forem caminhando,
um epitáfio triste se lerá
que esteja minha morte declarando,

e no tronco d'ũa árvore estará
N'ũa ruda cortiça pendurado;
escrito c'ũa fouce, assi dirá:

«Almeno fui, pastor de manso gado,
enquanto consentiu minha ventura
de Ninfas e pastoras celebrado.

Se algũa hora, por dita, na espessura
se perder o amor e a afeição,
tirem a pedra desta sepultura,
e em figura de cinza os acharão.»

CANTIGA ALHEIA

Pastora da serra,
da serra da Estrela,
perco-me por ela.

VOLTA

Nos seus olhos belos
tanto Amor se atreve
que abraça entre a neve
quantos ousam vê-los.
Não solta os cabelos
Aurora mais bela:
perco-me por ela.

Não teve esta serra,
no meio da altura,
mais que a fermosura
que nela se encerra.
Bem céu fica a terra
que tem tal estrela:
perco-me por ela.

Sendo entre pastores
causa de mil males,
não se ouvem nos vales
senão seus louvores.
Eu só por amores
não sei falar nela:
sei morrer por ela.

De alguns que, sentindo,
seu mal vão mostrando,
se ri, não cuidando
que inda paga, rindo.

Eu, triste, encobrindo
só meus males dela,
perco-me por ela.

Se flores deseja,
(por ventura delas)
das que colhe, belas,
mil morrem de enveja.
Não há quem não veja
todo o melhor nela:
perco-me por ela.

Se na água corrente
seus olhos inclina,
faz luz cristalina
parar a corrente.
Tal se vê que sente
por ver-se água nela:
perco-me por ela.

A ãa senhora que estava rezando por ãas contas.

Peço-vos que me digais
as orações, que rezastes,
se são pelos que matastes,
se por vós, que assi matais.
Se são por vós, são perdidas;
que qual será a oração
que seja satisfação,
Senhora, de tantas vidas?

Que se vedes quantos vêm
a só vida vos pedir,
como vos há Deus de ouvir,
se vós não ouvis ninguém?
Não podeis ser perdoada
com mãos a matar tão prontas;
que, se Nũa trazeis contas,
na outra trazeis espada.

Se dizeis que encomendando
os que matastes andais,
se rezais por quem matais,
para que matais, rezando?
Que, se na força do orar,
levantais as mãos aos céus,
não as ergueis para Deus,
erguei-las para matar.

E quando os olhos cerraís
toda enlevada na fé,
cerram-se os de quem vos vê
para nunca verem mais.
Pois se assi forem tratados
os que vos veem quando orais,

essas horas que rezais
são as horas dos finados.

Pois logo, se sois servida
que tantos mortos não sejam,
não rezeis onde vos vejam,
ou vede para dar vida.

Ou, se quereis escusar
estes males que causastes,
ressucitai quem matastes:
não tereis por quem rezar.

A ãa dama perguntando-lhe quem o matava

MOTE

Perguntais-me quem me mata;
não quero responder nada,
por vos não fazer culpada.

VOLTAS

E se a pena não me atija
a dizer pena tão forte,
quero-me entregar à morte,
antes que vós à justiça.
Porém, se tendes cobiça
de vos verdes tão culpada,
direi que não sinto nada.

Ode

Pode um desejo imenso
arder no peito tanto
que à branda e à viva alma o fogo intenso
lhe gaste as nódoas do terreno manto,
e purifique em tanta alteza o espírito
com olhos imortais
que faz que leia mais do que vê escrito.

Que a flama que se acende
alto tanto alumia
que, se o nobre desejo ao bem se estende
que nunca viu, a sente claro dia;
e lá vê do que busca o natural,
a graça, a viva cor,
noutra espécie melhor que a corporal.

Pois vós, ó claro exemplo
de viva fermosura,
que de tão longe cá noto e contemplo
n'alma, que este desejo sobe e apura;
não creais que não vejo aquela imagem
que as gentes nunca veem,
se de humanos não têm muita vantagem.

Que, se os olhos ausentes
não veem a compassada
proporção, que das cores excelentes
de pureza e vergonha é variada;
da qual a Poesia, que cantou
até qui só pinturas,

com mortais fermosuras igualou;

se não veem os cabelos
que o vulgo chama d'ouro,
e se não veem os claros olhos belos,
de quem cantam que são do Sol tesouro,
e se não veem do rosto as excelências,
a quem dirão que deve
rosa, cristal e neve as aparências;

veem logo a graça pura,
a luz alta e severa
que é raio da divina fermosura
que n'alma imprime e fora reverbera,
assi como cristal do Sol ferido,
que por fora derrama
a recebida flama, esclarecido.

E veem a gravidade
com a viva alegria,
que misturada tem, de qualidade
que fia da outra nunca se desvia;
nem deixa fia de ser arreçada
por leda e por suave,
nem outra, por ser grave, muito amada.

E veem do honesto siso
os altos resplandores,
temperados co doce e ledó riso,
a cujo abrir abrem no campo as flores;
as palavras discretas e suaves,
das quais o movimento

fará deter o vento e as altas aves;

dos olhos o virar,
que torna tudo raso,
do qual não sabe o engenho divisar
se foi por artifício, ou feito acaso;
da presença os meneios e a postura,
o andar e o mover-se,
donde pode aprender-se a fermosura.

Aquele não sei quê,
que aspira não sei como,
que, invisível saindo, a vista o vê,
mas para o compreender não lhe acha tomo;
o qual toda a toscana poesia,
que mais Febo restaura,
em Beatriz nem em Laura nunca via;

em vós a nossa idade,
Senhora, o pode ver,
se engenho e ciência e habilidade
igual à fermosura vossa der,
como eu vi no meu longo apartamento,
qual em ausência a vejo.
Tais asas dá o desejo ao pensamento!

Pois se o desejo afina
Õa alma acesa tanto
que por vós use as partes da divina,
por vós levantarei não visto canto,
que o Bétis me ouça, e o Tibre me levante;
que o nosso claro Tejo

envolto um pouco o vejo e dissonante.

O campo não o esmaltam
flores, mas só abrolhos
o fazem feio; e cuido que lhe faltam
ouvidos para mim, para vós olhos.
Mas faça o que quiser o vil costume;
que o sol, que em vós está,
na escuridão dará mais claro lume.

A ãas senhoras que haviam de ser terceiras para com ãa dama sua.

Pois a tantas perdições,
Senhoras, quereis dar vida,
ditosa seja a ferida
que tem tais cerurgiões!
Pois ventura
me subiu a tanta altura
que me sejais valedoras,
ditosa seja a tristura
que se cura
por vossos rogos, Senhoras!

Ser minha pena mortal,
já qu' entendeis que é assim,
não quero falar por mim,
que por mim fala meu mal.
Sois fermosas:
haveis de ser piadosas,
por ser tudo d'ũa cor;
que pois Amor vos fez rosas
milagrosas,
fazei milagres d' amor.

Pedi a quem vós sabeis
que saiba de meu trabalho,
não pelo que eu nisso valho,
mas pelo que vós valeis.
que o valer
de vosso alto merecer,
com lho pedir de giolhos,
fará que em meu padecer
possa ver
o poder que têm seus olhos.

Vossa muita fermosura
co a sua tanto val
que me rio de meu mal
quando cuido em quem mo cura.
A meus ais
peço-vos que lhe valhais,
Damas de Amor tão validas,
que nunca tal dor sintais
que queirais
onde não sejais queridas.

MOTE SEU

Pois me faz dano olhar-vos,
não quero, por não perder-vos,
que ninguém me veja ver-vos.

VOLTAS

De ver-vos a não vos ver
há dous extremos mortais;
e são eles em si tais
que um por um me faz morrer.
Mas antes quero escolher
que possa viver sem ver-vos,
minh' alma, por não perder-vos.

Deste tamanho perigo
que remédio posso ter,
se vivo só com vos ver?
Se vos não vejo, perigo.
Quero acabar comigo
que ninguém me veja ver-vos,
Senhora, por não perder-vos.

Pois que, Senhora, folgais
que minha alma vos não veja,
peço-vos que me digais
a razão que vós achais
em não querer que vosso seja.

Bem que a razão vejo clara
que alguém vos enganou,
porque eu certo julgava
que o fio não quebrara
pelo lugar que cobrou.

Mas pois foi a vosso grado
e disso tomais prazer,
eu estou aparelhado
a cumprir vosso mandado:
já mais nunca vos ver.

E por ser obediente,
com o que tenho me componho;
digo que sou mui contente,
.....
seja passada por sonho.

E se, Senhora, cuidais
que disto paixão me vem,
certo que vos enganais:
nisso ganho eu mais
dez mil vezes que ninguém.

Por meio de ãas serras mui fragosas,
cercadas de silvestres arvoredos,
retumbando por ásperos penedos,
correm perenes águas deleitosas.
Na ribeira de Buina, assi chamada,
celebrada -
porque em prados
esmaltados
com frescura
de verdura,
assi se mostra amena, assi graciosa,
que excede a qualquer outra mais fermosa -

as correntes se veem que, aceleradas,
as aves regalando e as boninas,
se vão a entrar nas águas neptuninas
por diversas ribeiras derivadas.
Com mil brancas conchinhas a áurea areia
bem se arreia;
voam aves;
mil suaves
passarinhos
nos raminhos
acordemente estão sempre cantando,
com doce acento os ares abrandando.

O doce rouxinol num ramo canta,
e de outro o pintassilgo lhe responde.
A perdiz de entre a mata, em que se esconde,
o caçador sentindo, se levanta;
voando vai ligeira mais que o vento,
vai buscando;
porém quando
vai fugindo,
retinindo

trás ela mais veloz a seta corre,
de que ferida logo cai e morre.

Aqui Progne, de um ramo em outro ramo,
co peito ensanguentado anda voando,
cibato para o ninho indo buscando;
a leda codorniz vem ao reclamo
do sagaz caçador, que a rede estende,
e pretende
com engenho
fazer dano
à coitada,
que enganada
duns esparzidos grãos de louro trigo,
nas mãos vai a cair de seu imigo.

Aqui soa a calhandra na parreira;
a rola geme; palra o estorninho;
sai a cândida pomba de seu ninho;
o tordo pousa em cima da oliveira.
Vão as doces abelhas sussurrando,
e apanhando
o rocio
fresco e frio
por o prado
de erva ornado,
com que o bravo licor fazem, que deu
à humana gente a indústria de Aristeu.

Aqui as uvas luzidas, penduradas
das pampinosas vides, resplandecem;
as frondíferas árvores se oferecem
com diferentes frutos carregadas;
os peixes n'água clara andam saltando
levantando
as pedrinhas,

e as conchinhas
rubicundas,
que as jucundas
ondas consigo trazem, crepitando
por a praia alva com ruído brando.

Aqui por entre as selvas se levantam
animais calidónios, e os veados
na fugida inda mal assegurados,
porque do som dos próprios pés se espantam.
Sai o coelho; a lebre sai manhosa
da frondosa
breve mata,
donde a cata
cão ligeiro.
Mas primeiro
que ela ao contrário férvido se entregue,
às vezes deixa em branco a quem a segue.

Luzem as brancas e purpúreas flores,
com que o brando Favónio a terra esmalta;
o fermoso Jacinto ali não falta,
lembrado dos antigos seus amores;
inda na flor se mostram esculpidos
os gemidos;
aqui Flora
sempre mora;
e com rosas
mais fermosas,
com lírios e boninas mil fragrantas,
alegra os seus amores inconstantes.

Aqui Narciso em líquido cristal
se namora de sua fermosura;
nele os pendentes ramos da espessura
debuxando-se estão ao natural.

Adónis, com que a linda Citereia
se recreia,
bem florido,
convertido
na bonina
que Ericina
por imagem deixou de qual seria
aquele por quem ela se perdia.

Lugar alegre, fresco, acomodado
para se deleitar qualquer amante,
a quem com sua ponta penetrante
o cego Amor tivesse derribado;
e para memorar ao som das águas
suas mágoas
amorosas,
as cheirosas
flores vendo,
escolhendo,
para fazer preciosas mil capelas,
e dar per grão penhor a Ninfas belas.

Eu delas, por penhor de meus amores,
ũa capela à minha deusa dava;
que lhe queria bem, bem lhe mostrava
o bem-me-querer entre tantas flores;
porém, como se fora malmequeres,
os poderes
da crueldade
na beldade
bem mostrou.
Desprezou
a dádiva de flores; não por minha,
mas porque muitas mais ela em si tinha.

MOTE

Por uns olhos que fugiram
o lume dos meus perdi;
porque nem eles me viram,
nem eu também mais os vi.

VOLTA

Não lhes pude defender
que tais olhos não seguissem;
riram-se muito de ver
outros olhos que tal vissem.
Eu não sei o que sentiram,
mas sei que tal dor senti
quando vi que não viram
que nunca mais prazer vi.

Com sua luz me cegaram,
como o sol tem por costume;
fiquei com olhos sem lume,
para chorar me ficaram.
Assi, desde que não viram
aqueles que acaso vi,
sempre disso me servi:
nunca mais com eles vi.

Por usar costume antigo,
saúde mandar quisera
(e mandara, se tivera);
mas Amor dela é imigo
pois me deu, em lugar dela,
saudade em que ando,
saudades cem mil mando,
e não ficando sem ela.

Se isto não fiz dêis que vim,
não me queirais condenar,
que não tive ainda lugar
para tomar sobre mim.
Perdão merece esta culpa
que, além de ser pequena,
la causa que me condena
me serve de desculpa.

Mandar-vos novas quisera
desta terra e mais de mim,
se novas houvera aqui
boas, que mandar pudera;
mas quem tal enfadamento
qual vai contar pretende,
não o sente ou não entende
onde chega seu tormento.

Contudo, o que passa cá
contarei como souber;
se algum nojo vos der,
a tenção me salvará.
Se falar desconcertado,
deveis-me de perdoar;
que no estou para llorar,
sino para ser llorado.

Melhor fora ter caladas
as novas que há nesta terra,
pois aonde vim buscar guerra
somente achei badaladas.
Assim estou tão enfadado
que digo, em dias tão raros,
que diera por no allaros
la gloria de os aver allado.

Porque é tal o desconcerto,
que caminho já não leva;
nem menos há quem se atreva
a dar um conselho certo.
A tudo há conselho cá:
quem escapa e não fere,
triste del triste que muere
si al paraíso no va.

A gente é pior em dobro,
as vergonhas são perdidas;
falam das alheias vidas
e põem as suas em cobro.
Poucos hão medo à vergonha,
e a mui poucos se há de ouvir;
«Mais vale morrer com honra
que desonrado bivar».

Não há conversação como dantes,
porque há mister cem mil tentos
com moradores praguentos
e fronteiros mais galantes.
Toda a terra anda ao revés
tanto que já começa
los pies sobre la cabeça
la cabeça sobre los pies.

Neste desconcerto tal,
se quereis saber qual ando:
passo a vida suspirando
pela causa do meu mal.
Assim me traz meu tormento
pelo ver tão perigoso
de mi remedio dudoso,
mas no de mi perdimiento.

Porque de males rodeado
e sem remédio me vejo;
e juntamente o desejo
me acaba, e o cuidado.
E tão mal me vai tratando
este mal, segundo vejo,
si no muere este desejo,
moriré yo deseando.

O mor mal que cá padeço
é ver quanto sem razão
outras olhos lograrão
o que eu por amor mereço;
isto tanto me entristece
que, depois que estou aqui,
plazer no sabe de mi,
cuidado no me falece.

Nenhum remédio a meus danos
vejo por alguma via,
senão vendo aquele dia
que há de ser fim de dois anos.
Mas tem meu mal tal graveza
que, depois de me lá ver,
já não llegará el prazer
adó llegó la tristeza.

Dar-vos esta carta tal
não é fora de razão,
pois eu sei que em vossa mão
está meu bem e meu mal.
Y pues sé que muerto soy
si de tu mano me dexas,
a quien contaré mis queixas
si a ti no?

Dai-me o favor sem pejo,
pois o dais a cousa vossa;
não queirais vós que não possa.
servir-vos como desejo.
Ao menos se sou perdido
não me deis o desengano,
que já não es en mi mano
el querer no ser querido.

Com isto e o mais que calo,
julgai qual minha vida anda:
saudade de uma banda,
d'outra tento ao badalo.
Quando me contemplo tal,
chegando a tão tristes dias,
las tristes lagrimas mias
en piedra hazen señal.

Pudera eu viver contente
como saber que estava tal
a que é causa de meu mal,
por me não ter lá presente.
Mas por quão mal lhe merece
meu amor tão mal tratar-me,
quando mas pienso alegrarme
maior pacion me recrece.

Viver sempre arrecesoso,
que bem pode ter comigo?
Onde está certo o perigo
e o remédio duvidoso;
assim eu de ter perdida
esperança de contente,
ando perdido entre a gente,
não morro nem tenho vida.

Não é viver à vontade
vestir e andar como quero,
donde do bem desespero
e me mata a saudade.
Se isto não vos desengana,
já ouvireis vós dizer:
«El hombre queremos ver
que los panos son de lana».

Da guerra novas mais certas
brevemente são contadas:
no verão, portas fechadas,
no inverno, pouco abertas.
Qualquer Mouro desmandado
nos comete sem nenhum pejo;
e aquele postigo vejo
que sempre esteve fechado.

Isto não é praguejar;
mas toda a culpa é da fome,
porque gente que não come
mal poderá pelejar.
Assim estão muitos no dia
com os olhos na tramontana,
mirando la mar d'Espana
como menguava e crecia.

Tudo são queixas em vão
e tudo são vãos clamores:
Capitão dos moradores,
eles contra o Capitão.
Enfim, tal vai tudo aqui
que brada grande e pequeno:
«Tiempo bueno, tiempo bueno,
quien se te llevó daqui?»

O mesmo digo eu também,
porque o mal que eu lá passava
com ver a quem mo causava
se me convertia em bem.
E por isso perdoai-me
se eu brado noite e dia:
«Naves de la tierra mia,
venid ora e llevadme».

Gabais esta vida cá,
e desgabais-me Lisboa.
Eu dera esta vida boa
a troco dess'outra má.
Quem de estar lá se queixar,
meu desejo lhe responde:
Mas é de nós, Conde,
que manzilla ni pesar.

Porém, enquanto não vejo
o dia das alabanças,
lembre-vos que as esperanças
pus em vós de meu desejo.
Entretanto meu tormento
sofrerei sem me queixar,
pues que sufrir e callar
conviene a mi pensamiento.

A ãa dama que lhe jurava sempre pelos seus olhos

Quando me quer enganar
a minha bela perjura,
para mais me confirmar
o que quer certificar,
pelos seus olhos mo jura.
Como meu contentamento
todo se rege por eles,
imagina o pensamento
que se faz agravo a eles
não crer tão grão juramento.

Porém, como em casos tais
ando já visto e corrente,
sem outros certos sinais,
quanto m'ela jura mais
tanto mais cuido que mente.
Então, vendo-lhe ofender
uns tais olhos como aqueles,
deixo-me antes tudo crer,
só pela não constranger
a jurar falso por eles.

Quando os passados bens me representa
no mais secreto d'alma o pensamento,
que quanto mais o vê, mais se atormenta;

tal forma tomam neste apartamento
que nada me dá agora mais tristeza
que o que me dava mor contentamento.

E quanto tive a glória em mais largueza,
tanto é maior agora a perda dela;
que onde o poder é mor, é mor a presa.

E, já se consentira a minha estrela
que tivera esperança de cobrá-la
como tive receio de perdê-la;

somente aquele alívio de esperá-la
na força do que quero sustentado,
me alcançara vigor para alcançá-la.

Mas, segundo do tempo sou tratado,
bem posso recear que algum descuido
me roube o galardão de meu cuidado.

E quando aquela fé que eu nunca mudo
no mor perigo seu melhor guardada,
a quem tudo entregou merece tudo;

então dos belos olhos desprezada
com tão pouca razão será esquecida
com quanta deve sempre ser lembrada.

E se para isto só granjeio a vida,
muito melhor partido me seria
antes de mais perder, vê-la perdida.

Porventura que assim descansaria;
e, metendo-me a vida em tanta afronta,
acharia na morte cortesia.

Nestes medos Amor meus bens desconta,
e não me vale a minha confiança,
que, se muito montou, nada já monta.

Cansa-me o tempo, cansa-me a tardança
com que ele corre, e a alma que trabalha,
quando ele tarda mais menos descansa.

Então em vão suspiros vãos espalha,
e qualquer bem que pode descansá-la,
sempre amor lho atalhou, sempre lho atalha.

Pois se os males que passa acaso fala,
não tem parelha a dor dos que descobre
com o grão tormento dos que cala;

antes, quantos mais são, mais os encobre,
até que, para crescerem juntamente,
dobrando-se o segredo, o mal se dobre.

Porém como lhe lembra que o que sente
de lá de vós lhe vem, nunca é tão triste
que logo isso não faça ser contente.

E como o seu bem todo em vós consiste,
convosco só se vale, a vós se acolhe,
que onde vós assistis só glória assiste.

Lá na luz desses olhos se recolhe,
onde com larga mão se lhe concede
quanto cá juntamente se lhe tolhe.

Mas depois que é forçado que se arrede
outra vez de seus males combatida,
em vão se queixa, em vão mercês vos pede.

Assim passo uma ausência tão comprida;
e se ainda tenho vida desta sorte,
é porque entende Amor que a própria vida,
vivendo eu como vivo, é mais que morte.

Quanto tempo ter posso amor de vida
sem ver aquela luz alegre e bela
daqueles graciosos lindos olhos?
Se há de ser muito, venha a morte,
e para sempre aparte deste corpo
a triste namorada, infelice alma.

Quando fizeste os olhos seus desta alma
a luz, a guia, a glória, a fama, a vida,
ordenaste que não vivesse o corpo
não vendo a vista amada linda e bela.
Pois como já me tarda tanto a morte,
se tanto há que não vejo os olhos belos?

Claros raios do sol, formosos olhos,
que as chaves ambas tendes da minha alma,
se não vos hei de ver, leve-me a morte,
que morte é, sem vos ver, a própria vida.
E pois que não vos vendo a morte é bela,
não tenha uma hora mais de vida o corpo.

Vai-se sustendo na esperança o corpo
de tornar inda a ver-vos, doces olhos;
que, se não fora esta esperança bela,
a alma já o deixara e ele a alma.
Pois se vós dele e dela sois a vida,
que podem sem vós ter mais do que morte?

Vários modos sofrendo está de morte
entanto este mortal e triste corpo;
e, se temo perder de todo a vida,
é por temer perder-vos, lindos olhos.
Isto faz com que já de todo a alma
não se parta a buscar vida mais bela.

Serena luz, formosa, clara e bela,
que me dás juntamente vida e morte,
e pintaste com teus raios nesta alma
as raras perfeições do belo corpo!
'té que te torne a ver, meus tristes olhos,
não haverá em mim gosto da vida.

Morte sem vós é vida, e morte a vida;
bela a tristeza nestes tristes olhos;
a alma carga pesada ao mortal.

Que é isto? Sonho ou vejo a Ninfa pura,
que sempre na alma vejo?
Ou me pinta o desejo
o bem que em vão cada hora me assegura?
Mal pode a noite escura,
amando a sombra fria,
mandar-me em sonho a luz fermosa e bela,
que se não torne em dia,
de seus luzentes raios inflamada.
Oh vista desejada
de graciosa Ninfa e viva estrela,
que há tanto que por este mar navego,
sem ver meu claro Pólo, escuro e cego!

Nesses fermosos olhos, de enlevada,
minha alma se escondeu
quando ordenava o Céu
que vivesse comigo desterrada.
Vós, a mais certa estrada
de ver a suma alteza,
do efeito a causa abris a esta alma minha.
Assi mortal beleza
só dela nasce, e nela se resume;
assi celeste lume
lá dos céus se deriva, e lá caminha.
Pois, como a Deus unir-me a vista possa,
porque a negais, meu sol, a esta alma vossa?

Se me quereis prender a parte a parte,
cabelo ondado e louro,
tecei-me a rede de ouro
em que prendeu Vulcano a Cípria e Marte;
dês que com gentil arte
vestis de flores belas
a terra em que tocais coa bela planta.
quantas vezes com vê-las

quis numa dessas flores transformar-me?
Porque, vendo pisar-me
desse cândido pé, que a neve espanta,
pode ser que na flor mudado fera
que deu a Juno irada e linda Flora.

Mas onde te acolheste, ó doce vida,
mais leve e pressurosa
de que na selva umbrosa
cerva de aguda seta vai ferida?
Se para tal partida,
meus olhos, vós abristes,
cerrara-vos o sono eternamente,
antes que ver-vos tristes,
perdendo tão suave e doce engano!
Agora, com meu dano,
vedes, para mor mágoa, claramente,
neste bem fugitivo e sono leve,
que mal não há mais longo que um bem breve.

Ditoso Endimião que a deusa clara,
que a noite vai guiando,
teve em braços sonhando!
Ah, quem de sonho tal nunca acordara!
Tu só, Aurora avara,
quando os olhos feriste,
me mataste, cruel, de inveja pura.
Mas se desta alma triste
a negra escuridão vencer quiseste,
sabe que em vão nasceste;
que para desfazer-se a névoa escura
de meus olhos, importa estar presente
outro Sol, outra Aurora, outro Oriente.

Se a luz de meu Planeta
não me aviva, Canção, branda e quieta,

qual flor de chuva, em breve consumida,
verás desfeita em lágrimas a vida.

À morte de D. António de Noronha, que morreu em África, e à morte de D. João III de Portugal e de D. Joana, mãe de el-rei D. Sebastião:

UMBRANO E FRONDÉLIO, PASTORES

UMBRANO

Que grande variedade vão fazendo,
Frondélio amigo, as horas apressadas!
Como se vão as cousas convertendo
em outras cousas várias e inspiradas!
Um dia a outro dia vai trazendo
por suas mesmas horas já ordenadas;
mas quão conformes são na quantidade,
tão diferentes são na qualidade.

Eu vi já deste campo as várias flores
as estrelas do céu fazendo enveja;
vi andar adornados os pastores
de quanto polo mundo se deseja;
e vi co campo competir nas cores
os trajos, de obra tanta e tão sobeja
que, se a rica matéria não faltava,
a obra, de mais rica, sobejava.

E vi perder seu preço às brancas rosas
e quase escurecer-se o claro dia
diante d'uas mostras perigosas,
que Vénus, mais que nunca, engrandecia;
enfim, vi as pastoras tão fermosas
que o Amor de si mesmo se temia;
mas mais temia o pensamento, falto
de não ser para ter temor tão alto.

Agora tudo está tão diferente
que move os corações a grande espanto;

e parece que Júpiter potente
se enfada já de o mundo durar tanto.
O Tejo corre turvo e descontente,
as aves deixam seu suave canto;
e o gado, em ver que a erva lhe falece,
mais que de a não comer nos emagrece.

FRONDÉLIO

Umbrano irmão, decreto é da Natura,
inviolável, fixo e sempiterno,
que a todo o bem suceda desventura
e não haja prazer que seja eterno:
ao claro dia segue a noite escura,
ao verão suave, o duro inverno,
e se há i quem saiba ter firmeza,
é somente esta lei de Natureza.

Toda alegria grande e sumptuosa
a porta abrindo vem ao triste estado;
se ùa hora vejo alegre e deleitosa,
temendo estou do mal aparelhado.
Não vês que mora a serpe venenosa
entre as flores do fresco e verde prado?
Não te engane nenhum contentamento,
que mais instável é que o pensamento.

E praza a Deus que o triste e duro Fado
de tamanhos desastres se contente,
que sempre um grande mal inopinado
é mais do que o espera a incauta gente;
que vejo este carvalho que, queimado
tão gravemente foi do raio ardente.
Não seja ora prodígio que declare
que o bárbaro cultor meus campos are.

UMBRANO

Enquanto do seguro azambujeiro
nos pastores de Luso houver cajados,
e o valor antigo que primeiro
os fez no mundo tão assinalados,
não temas tu, Frondélio companheiro,
que em nenhum tempo sejam sojugados,
nem que a cerviz indómita obedeça
a outro jugo algum que se ofereça.

E posto que a soberba se levante
do imigo, a torto e a direito,
não creias tu que a força repugnante
do fero nunca já vencido peito
que, desde quem possui o monte Atlante
até onde bebe o Hidaspe tem sujeito,
o possa nunca ser de força alheia,
enquanto o sol a terra e o céu rodeia.

FRONDÉLIO

Umbrano, a temerária segurança,
que em força ou em razão não se assegura,
é falsa e vã; que a grande confiança
não é sempre ajudada da ventura.
Que, lá junto das aras da esperança
Némesis moderada, justa e dura,
um freio lhe está pondo e lei terrível:
que os limites não passe do possível.

E se atentas bem os grandes danos
que se nos vão mostrando cada dia,
porás freio também a esses enganas
que te está afigurando a ousadia.
Tu não vês como os lobos tingitanos,

apartados de toda a covardia,
matam os cães, dos gados guardadores,
e não somente os cães, mas os pastores?

E o grande curral, seguro e forte,
do alto monte Atlas, não ouviste
que com sanguinolenta e fera morte
despovoado foi por caso triste?
Oh, caso desastrado Oh, dura sorte,
contra quem força humana não resiste!
Que ali também da vida foi privado
Tíónio meu, ainda em flor cortado!

UMBRANO

De lágrimas me banha todo o peito
desse caso terrível a memória,
quando vejo quão sábio e quão perfeito
e quão merecedor de longa história
era esse teu pastor que, sem direito,
deu às Parcas a vida transitória.
Mas não há i quem de erva o gado farte,
nem do juvenil sangue o fero Marte!

Porém, se te não for muito pesado
— já que a triste morte me lembraste —,
cantares desse caso desastrado
aqueles brandos versos que cantaste
quando ontem, recolhendo o manso gado,
de nós outros pastores te apartaste...
Que eu também, que as ovelhas recolhia,
não te podia ouvir como queria.

FRONDÉLIO

Como qués que renove no pensamento
tamanho mal, tamanha desventura?
Porque espalhar suspiros vãos ao vento,
pera os que tristes são, é falsa cura.
Mas pois também te move o sentimento
da morte de Tiónio, triste e escura,
eu porei teu desejo em doce efeito,
se a dor me não impedir a voz do peito.

UMBRANO

Canta agora, pastor, que o gado paze
antre as húmidas ervas, sossegado;
e lá nas altas serras, onde nasce,
o sacro Tejo, à sombra recostado,
com seus olhos no chão, a mão na face,
está para te ouvir aparelhado;
e em silêncio triste estão as Ninfas,
dos olhos estilando claras linfas.

O prado, as flores brancas e vermelhas
está suavemente apresentando;
as doces e solícitas abelhas
com um brando sussurro vão voando;
as mansas e pacíficas ovelhas,
do comer esquecidas, inclinando
as cabeças estão ao som divino
que faz, passando, o Tejo cristalino.

O vento dantre as árvores respira,
fazendo companhia ao claro rio;
nas sombras, a ave gárrula suspira,
suas mágoas espalhando ao vento frio.
Toca, Frondélio, toca a doce lira;
que, daquele verde álamo sombrio,

a branda filomela, entristecida,
ao saudoso canto te convida.

Canta FRONDÉLIO:

Aquele dia as águas não gostaram
as mimosas ovelhas, e os cordeiros
o campo encheram d'amorosos gritos.
Não se dependuraram dos salgueiros
as cabras, de tristeza; mas negaram
o pasto a si, e o leite aos cabritos.
Prodígios infinitos
mostrava aquele dia,
quando a Parca queria
princípio dar ao fero caso triste.
E tu também, ó corvo, o descobriste,
quando da mão direita em voz escura,
voando, repetiste
a tirânica lei da morte dura.

Tíónio meu, o Tejo cristalino
e as árvores que tu já desamparaste,
choram o mal de tua ausência eterna.
Não sei porque tão cedo nos deixaste!
Mas foi consentimento do Destino,
por quem o mar e a terra se governa.
E a noite sempiterna,
que tu tão cedo viste,
cruel, acerba e triste,
sequer de tua idade não te dera
que lograras a fresca primavera?
Não usara connosco tal crueza,
que nem nos montes fera
nem pastor há no campo sem tristeza.

Os Faunos, certa guarda dos pastores,
já não seguem as Ninfas na espessura,
nem as Ninfas aos cervos dão trabalho.
Tudo, como vês, é cheio de tristura:
às abelhas o campo nega as flores,
e às flores a aurora nega o orvalho.
Eu que, cantando, espalho
tristezas todo o dia
a frauta que soía
mover as altas árvores, tangendo,
se me vai de tristeza enrouquecendo
que tudo vejo triste neste monte;
e tu também, correndo,
manas envolta e triste, ó clara fonte!

As Tágides no rio e na aspereza,
no monte as Oreadas, conhecendo
quem te obrigou ao duro e fero Marte,
como geral sentença vão dizendo
que não pode no mundo haver tristeza
em cuja causa Amor não tenha parte.
Porque assi, destarte,
nos olhos saudosos,
nos passos vagarosos,
no rosto, que o Amor e a fantasia
da pálida viola lhe tingia,
a todos de si dava sinal certo
do fogo que trazia,
que nunca soube Amor ser encoberto.

Já diante dos olhos lhe voavam
imagens e fantásticas pinturas
e exercícios do falso pensamento;
e pelas solitárias espessuras,
entre os penedos sós, que não falavam,
falava e descobria seu tormento.

Num longo esquecimento
de si todo embebido,
andava tão perdido
que, quando algum pastor lhe perguntava
a causa da tristeza que mostrava,
como quem para penas só vivia,
sorrindo, lhe tornava:
«Se não vivesse triste, morreria.»

Mas como este tormento o assinalou
e tanto no seu rosto se mostrasse,
entendido mui bem do pai sesudo,
por que do pensamento lho tirasse,
longe da causa dele o apartou;
porque, enfim, longa ausência acaba tudo.
Mas, o falso Marte rudo,
das vidas cobiçoso!
Que, aonde o generoso
peito ressuscitava em tanta glória
de seus antecessores a memória,
ali, fero e cruel, lhe destruístes,
por injusta vitória,
primeiro que o cuidado, a vida triste.

Parece-me, Tiónio, que te vejo
por tingires a lança cobiçoso
naquele infido sangue mauritano,
no hispano ginete, belicoso,
que ardendo também vinha no desejo
de derrubar por terra o Tingitano.
Oh, confiado engano!
Oh, encurtada vida!
Que a virtude, oprimida
da multidão forçosa do inimigo,
não pôde defender-se do perigo,
porque assi o Destino o permitiu;

e assi levou consigo
o mais gentil pastor que o Tejo viu.

Qual o mancebo Euríalo, enredado
entre o poder dos Rútulos, fartando
as iras da soberba e dura guerra,
do cristalino rosto a cor mudando,
cujo purpúreo sangue derramado
pelas alvas espaldas tinge a serra,
que, como flor que a terra
lhe nega o mantimento,
– porque o tempo avarento
também o largo humor lhe tem negado –,
o colo inclina, lânguido e cansado,
tal te pinto, Tiónio, dando o esprito
a Quem to tinha dado,
que este é somente eterno e infinito.

Da boca congelada a alma pura,
co nome juntamente da inimiga
e excelente Marfida, derramava.
E tu, gentil Senhora, não te obriga
a pranto sempiterno a morte dura
de quem por ti somente a vida amava?
Por ti, aos ecos dava
acentos numerosos;
por ti, aos belicosos
exercícios se deu do fero Marte.
E tu, ingrata, o amor já noutra parte
porás, como acontece ao fraco intento;
que, enfim, enfim, destarte
se muda o feminino pensamento.

Pastores deste vale ameno e frio,
que de Tiónio o caso desastrado
quereis nas altas serras que se cante:

um túmulo, de flores adornado,
lhe edificaí ao longo deste rio,
que a vela enfreie ao duro navegante;
e o lasso caminhante,
vendo tamanha mágoa,
arrase os olhos d'água,
lendo na pedra dura o verso escrito,
que diga assi: «Memória sou que grito
para dar testemunho em toda parte
do mais gentil espírito
que tiraram do mundo Amor e Marte».

UMBRANO

Qual o quieto sono aos cansados,
debaixo d'algũa árvore sombria
ou qual aos sequiosos e encalmados
o vento respirante e a fonte fria,
tais me foram teus versos delicados,
teu numeroso canto e melodia;
e ainda agora o tom suave e brando
os ouvidos me fica adormentando.

Enquanto os peixes húmidos tiverem
as areosas covas deste rio
e, correndo, estas águas conhecerem
do largo mar o antigo senhorio;
e enquanto estas ervinhas pasto derem
às petulantes cabras, eu te fio
que em virtude dos versos que cantaste
sempre viva o pastor que tanto amaste.

Mas já que pouco a pouco o sol nas falta,
e dos montes as sombras se acrescentam,
de flores mil o claro céu se esmalta
que tão ledas aos olhos se apresentam;

levemos pelo pé desta serra alta
os gados, que já agora se contentam
do que comido têm, Frondélio amigo;
anda, que até o outeiro irei contigo.

FRONDÉLIO

Antes por este vale, amigo Umbrano,
se te aprouver, levemos as ovelhas;
que, se eu por acerto não me engano,
daqui me soa um eco nas orelhas;
o doce acento não parece humano
e, se tu neste caso me aconselhas,
eu quero ver daqui que cousa seja;
que o tom me espanta, e a voz me faz inveja.

UMBRANO

Contigo vou, que quanto mais me achego
mais gentil me parece a voz que ouviste,
peregrina, excelente; e não te nego
que me faz cá no peito a alma triste.
Vês como tem os ventos em sossego?
Nenhum rumor da serra lhe resiste;
nenhum pássaro voa; mas parece
que, do canto vencido, lhe obedece.

Porém, irmão, melhor me parecia
que não fôssemos lá, que estorvaremos;
mas, subidos nesta árvore sombria
todo o vale daqui descobriremos.
Os surrões e cajados, todavia,
neste comprido tronco penduremos;
para subir fica homem mais ligeiro.
Deixa-me tu, Frondélio, ir primeiro.

FRONDÉLIO

Espera, assi, dar-te-ei de pé, se queres;
subirás sem trabalho e sem ruído;
e depois que subido lá estiveres,
dar-me-ás a mão de cima, que é partido.
Mas primeiro me dize, se puderes
ver, donde nace o canto nunca ouvido,
quem lança o doce acento delicado.
Fala, que já te vejo estar pasmado.

UMBRANO

Cousas não costumadas na espessura,
que nunca vi, Frondélio, vejo agora;
fermosas Ninfas vejo na verdura,
cujo divino gesto o Céu namora.
Ûa, de desusada fermosura,
que das outras parece ser senhora,
sobre um triste sepulcro, não cessando,
está perlas dos olhas distilando.

De todas estas altas semideias,
que em torno estão do corpo sepultado,
ũa, regando as húmidas areias,
de flores tem o túmulo adornado;
outras queimando lágrimas sabeias,
enchem o ar de cheiro sublimado;
outras, em ricos panos, mais avante,
envolvem brandamente um novo infante.

Ûa, que dantre as outras se apartou,
com gritos que a montanha entristeceram
diz que, depois que a morte a flor cortou
que as estrelas somente mereceram,
que este penhor caríssimo ficou

daquele a cujo império obedeceram
Douro, Mondego, Tejo e Guadiana,
'té o remoto mar da Taprobana.

Diz mais que, se encontrar este minino
a noite intempestiva, amanhecendo,
que o Tejo, agora claro e cristalino,
tornará a fera Alecto em vulto horrendo;
mas, se for conservado do Destino,
que as estrelas beninas prometendo
lhe estão o largo pasto de Ampelusa,
co monte que em mau ponto viu Medusa.

Este prodígio grande a Nífa bela
com abundantes lágrimas recita;
mas qual a eclipsada clara estrela
que entre as outras o céu primeiro habita,
tal coberta de negro vejo aquela
a quem só n'alma toca a grã desdita.
Dá cá, Frondélio, ãa mão, e sobe a ver
tudo o mais que eu, de dor, não sei dizer.

FRONDÉLIO

Ó triste morte, esquiva e mal olhada,
que a tantas fermosuras injurias!
Daquela deusa, bela e delicada,
sequer algum respeito ter devias.
Esta é por certo Aónia, filha amada
daquele grão Pastor que, em nossos dias
Danúbio enfreia e manda o claro Ibero,
e espanta o morador do Eugénio fero.

Morreu-lhe o excelente e poderoso
— que a isso está sujeita a vida humana —
doce Aónio, de Aónia caro esposo.

Ah! lei dos Fados, áspera e tirana!
Mas o som peregrino e piadoso
com que a fermosa Ninfa a dor engana,
escuta um pouco; nota e vê, Umbrano,
quão bem que soa o verso castelhano.

AÓNIA

Alma y primero amor del alma mia,
spírito dichoso, en cuya vida
la mía estuvo en cuanto Dios quería!

Sombra gentil, de su prisión salida,
que del mundo á la patria te volviste,
donde fuiste engendrada y procedida!

Recibe allá este sacrificio triste
que te ofrecen los ojos que te vieron,
si la memória dellos no perdiste.

Que pues los altos cielos permitieron
que no te acompañase en tal jornada,
y para ornarse solo a ti quisieron;

nunca permitirán que acompañada
de mi no sea esta memória tuya,
que está de tus despojos adornada.

Ni dejarán, por más que el tiempo huya,
de estar en mí con sempiterno llanto,
hasta que vida y alma se destruya.

Mas tu, gentil spíritu, entretanto
que otros campos y flores vas pisando,
y otras zamponas oyes, y otro canto,

ahora embevecido estés mirando
alla en el Empireo aquella Idea
que el mundo enfrenta y rige con su mando;

ahora te possuya Citerea
en su tercero asiento, o porque amaste,
o porque nueva amante allá te sea;

ahora el Sol te admire, si miraste
cómo vá por los signos, encendido,
las tierras alumbrando que dejaste.

Si en ver estos milagros no has perdido
la memoria de mí, o fué en tu mano
no pasar por las aguas del olvido,

vuelve un poco los ojos á este llano:
verás una que á ti, con triste lloro
sobre este mármol sordo llama en vano.

Pero si entraren en los signos de oro
lágrimas y gemidos amorosos,
que muevan el supremo y santo coro,

la lumbré de tus ojos tan hermosos,
yo la veré muy presto; y podré verte,
que, a pesar de los hados enojosos,
también para los tristes hubo muerte.

MOTE

Que vistes, meus olhos?
Meus olhos, que vistes,
que vos vejo tristes?

VOLTAS

Vejo-vos chorosos,
de Amor agravados,
tanto namorados
quanto mais queixosos.
Ora, meus mimosos,
dizei-me: que vistes,
que vos vejo tristes?

Dizei-me, meus olhos:
quem vos agravou?
quem vos trespassou
com duros abrolhos?
Por certo que em molhos
nunca vi, se aí vistes,
lágrimas tão tristes.

Se chorais de amor
suas esperanças,
ditosas lembranças,
mais ditosa dor!
Mas, se é desfavor,
dizei-me o que vistes,
e não sereis tristes.

Porém, se de enganos
viveis enganados,
não queirais cuidados
de quem vêm tais danos.

Deixai passar anos
com o bem que vistes,
e não sereis tristes.

MOTE

Quem disser que a barca pende,
dir-lhe-ei, mana, que mente.

VOLTAS

Se vos quereis embarcar
e para isso estais no cais,
entrai logo; que tardais?
Olhai que está preiamar!
E se outrem, por vos fretar,
vos disser que esta que pende,
dir-lhe-ei, mana, que mente.

Esta barca é de carreira,
tem seus aparelhos novos;
não há como ela outra em povos,
boa de leme e veleira.
Mas, se por ser a primeira,
vos disser alguém que pende,
dir-lhe-ei, mana, que mente.

CHISTE

Quem ora soubesse
onde o amor nace,
que o semeasse.

VOLTAS

D' Amor e seus danos
me fiz lavrador;
semeava amor
e colhia enganos.
Não vi, em meus anos,
homem que apanhasse
o que semeasse.

Vi terra florida
de lindos abrolhos:
lindos para os olhos,
duros para a vida.
Mas a rês perdida
que tal erva pace
em forte hora nace.

Com quanto perdi,
trabalhava em vão;
se semeei grão,
grande dor colhi.
Amor nunca vi
que muito durasse,
que não magoasse.

A D. António de Noronha, sobre o desconcerto do mundo

Quem pode ser no mundo tão quieto,
ou quem terá tão livre o pensamento,
quem tão exprimentado e tão discreto,
tão fora, enfim, de humano entendimento
que ou com público efeito, ou com secreto,
lhe não revolva e espante o sentimento,
deixando-lhe o juízo quase incerto,
ver e notar do mundo o desconcerto?

Quem há que veja aquele que vivia
de latrocínios, mortes e adultérios,
que ao juízo das gentes merecia
perpétua pena, imensos vitupérios,
se a Fortuna em contrário o leva e guia,
mostrando, enfim, que tudo são mistérios,
em alteza d'estados triunfante
que, por livre que seja, não se espante?

Quem há que veja aquele que tão clara
teve a vida que em tudo por perfeito
o próprio Momo às gentes o julgara,
ainda que lhe vira aberto o peito,
se a má Fortuna, ao bem somente avara,
o reprime e lhe nega seu direito,
que lhe não fique o peito congelado,
por mais e mais que seja exprimentado?

Demócrito dos deuses proferia
que eram sós dous: a Pena e Benefício.
Segredo algum será da fantasia
de que eu achar não posso claro indício;
que, se ambos vêm por não cuidada via
a quem os não merece, e grande vício

em deuses sem-justiça e sem-razão.
Mas Demócrito o disse, e Paulo não.

Dir-me-eis que, se este estranho desconcerto
novamente no mundo se mostrasse,
que, por livre que fosse e mui experto,
não era de espantar se me espantasse;
mas que se já de Sócrates foi certo
que nenhum grande caso lhe mudasse
o vulto, ou de prudente, ou de constante,
que tome exemplo dele, e não me espante.

Parece a razão boa; mas eu digo
que este uso da Fortuna tão danado
que, quanto mais usado e mais antigo,
tanto é mais estranho e blasfemado;
porque se o Céu, das gentes tão amigo,
não dá à Fortuna tempo limitado,
não é para causar mui grande espanto
que mal tão mal olhado dure tanto.

Outro espanto maior aqui me enleia:
e que, conquanto Fortuna tão profana
com estes desconcertos senhoreia,
a nenhũa pessoa desengana.
Não há ninguém que assente nem que creia
este discurso vão da vida humana,
por mais que filosofe nem que entenda
que algum pouco do mundo não pretenda.

Diógenes pisava de Platão,
com seus sórdidos pés, o rico estrado,
mostrando outra mais alta presunção
em desprezar o fausto tão prezado.
«Diógenes, não vês que extremos são
esses que segues de mais alto estado

que, se de desprezar te prezas muito,
pretendes do mundo fama e fruto?»

Deixo agora reis grandes, cujo estudo
e faltar esta sede cobiçosa
de querer dominar e mandar tudo,
com fama larga e pompa sumptuosa.
Deixo aqueles que tomam por escudo
de seus vícios e vida vergonhosa
a nobreza dos seus antecessores,
e não cuidam de si que são piores.

Deixo aquele a quem o sono esperta
do grão favor do rei que serve e adora,
que se mantém desta aura falsa, incerta,
que dos corações tanto é senhora.
Deixo aqueles que estão coa boca aberta,
por se encher de tesouros, de hora em hora,
doentes desta falsa hidropesia
que, quanto mais alcança, mais queria.

Deixo outras obras vãs do vulgo errado,
a quem não há ninguém que contradiga,
nem doutra cousa algũa e sojugado
que de ãa opinião e usança antiga.
Mas pergunto ora a César esforçado,
ou a Platão divino, que me diga,
este das muitas terras em que andou;
estoutro, de vencê-las, que alcançou.

César dirá: «Sou dino de memória;
vencendo vários povos esforçados
fui monarca do mundo, e larga história
ficara dos meus feitos sublimados».
É verdade; mas esse mando e glória
lograste-o muito tempo? Os conjurados

Bruto e Cássio o dirão que, se venceste,
enfim, enfim, às mãos dos teus morreste.

Dirá Platão: «Por ver o Etna e o Nilo
fui à Sicília, ao Egito e a outras partes,
só por ver e escrever em alto estilo
da natural ciência em muitas artes.»
O tempo é breve. E queres consumi-lo,
Platão, todo em trabalhos? E repartes
tão mal de teu estudo as breves horas
que, enfim, do falso Febo o filho adoras?

Que monta mais mandar que ser mandado?
que monta mais ser simples que sabido,
se tudo enfim tem término forçado,
se tudo está aos Fados sometido?
Do mando o temor vem que experimentado
assi foi por Democles e entendido.
Do saber, como o canta Salamão,
vêm os trabalhos, vem a indignação.

Pois quando do mundo está apartada
a alma, desta prisão terrestre e escura,
está em tamanhas cousas ocupada
que da Fama, que fica, nada cura.
Pois se o corpo terreno sinta nada,
o Cínico o dirá, se porventura
no campo, onde deitado morto estava,
de si os cães e as aves enxotava.

Quem tão baixa tivesse a fantasia
que nunca em mores cousas a metesse
que em se levar seu gado à fonte fria
e mungir-lhe do leite que bebesse,
quão bem-aventurado que seria!
Que, por mais que Fortuna revolvesse,

nunca em si sentiria maior pena
que pesar-lhe da vida ser pequena.

Veria erguer do sol a roxa face,
veria correr sempre a clara fonte,
sem imaginar a água donde nasce,
nem quem a luz esconde no horizonte.
Tangendo a frauta donde o gado pace,
conheceria as ervas do alto monte;
em Deus creria, simples e quieto,
sem mais especular nenhum secreto.

De um certo Trasilau se lê e escreve,
entre as cousas da velha Antiguidade,
que perdido um grão tempo o siso teve
por causa dũa grande infirmitade;
e enquanto, de si fora, doudo esteve,
tinha por teima e cria por verdade
que eram suas as naus que navegavam,
quantas no porto Píreo ancoravam.

Por um senhor mui grande se teria
- além da vida alegre que passava -
pois nas que se perdiam não perdia,
e das que vinham salvas se alegrava.
Não tardou muito tempo quando, um dia,
Huncrito, seu irmão, que ausente estava,
à terra chega; e vendo o irmão perdido,
do fraternal amor foi comovido.

Aos médicos o entrega, e com aviso
o faz estar à cura refusada.
Triste, que por tomar-lhe o caro siso
lhe tira a doce vida descansada!
As ervas apolíneas, de improviso,
o tornam à saúde atrás passada.

Sesudo, Trasilau ao caro irmão
agradece a vontade, a obra não.

Porque, depois de ver-se no perigo
dos trabalhos que o siso lhe obrigava,
e depois de não ver o estado antigo
que a vã opinião lhe apresentava,
«Ó imigo irmão, com cor de amigo,
para que me tiraste – suspirava -
da mais quieta vida e livre em tudo
que nunca pôde ter nenhum sesudo?

Por que rei, por que duque me trocara!
Por que senhor de grande fortaleza!
Que me dava que o mundo se acabara,
ou que a ordem mudasse a Natureza?
Agora é-me pesada a vida cara;
sei que cousa e trabalho e que tristeza.
Torna-me a meu estado, que eu te aviso
que na doudice se consiste o siso.»

Vedes aqui, Senhor, mui claramente,
como Fortuna, em todos tom poder,
senão só no que menos sabe e sente,
em quem nenhum desejo pode haver.
Este só pode rir da cega gente;
neste não pode nada acontecer:
nem estará suspenso na balança
do temor mau, da pérfida esperança.

Mas se o sereno Céu me concedera
qualquer quieto, humilde e doce estado,
onde com minhas Musas se vivera,
sem ver-me em terra alheia degradado;
e ali outrem ninguém me conhecera,
nem eu conhecera outro mais honrado,

senão a vós, também como eu contente,
que bem sei que o séreis facilmente;

e ao longo d'ua clara e pura fonte,
que, em borbulhas nascendo, convidasse
ao doce passarinho que nos conte
quem da clara consorte o apartasse;
depois, cobrindo a neve o verde monte,
ao gasalhado o frio nos levasse,
avivando o juízo ao doce estudo,
mais certo manjar de alma, enfim, que tudo;

cantara-nos aquele que tão claro
o fez o fogo da árvore Febeia,
a qual ele, em estilo grande e raro
louvando, o cristalino rio enfreia;
tangerá-nos na frauta Sannazzaro,
ora nos montes, ora pela aldeia,
passará celebrando o Tejo ufano
o brando e doce Lasso castelhano.

E connosco também se achara aquela
cuja lembrança e cujo claro gesto
n' alma somente vejo – porque nela
esta em essência, puro e manifesto,
por alta influência de minha estrela –,
mitigando o firme peito honesto,
entretecendo rosas nos cabelos,
de que tomasse a luz o Sol em vê-los;

e ali, enquanto as flores acolhesse,
ou pelo inverno ao fogo acomodado,
quanto de mim sentira nos dissesse,
de puro amor o peito salteado:
não pedira então que Amor me desse
de Trasilau o insano e doudo estado,

mas que então me dobrasse o entendimento,
por ter de tanto bem conhecimento.

Mas para onde me leva a fantasia?
Porque imagino em bem-aventuranças,
se tão longe a Fortuna me desvia
que inda me não consente as esperanças?
Se um novo pensamento Amor me cria
onde o lugar, o tempo, as esquivanças
do bem me fazem tão desamparado
que não pode ser mais que imaginado?

Fortuna, enfim, co Amor se conjurou
contra mim, por que mais me magoasse;
Amor a um vão desejo me obrigou,
só para que a Fortuna mo negasse.
A este estado o tempo me achegou,
e nele quis que a vida se acabasse;
se há em mim acabar-se, que eu não creio;
que até da muita vida me receio.

Quem poderá passar tão triste vida?
Quem não espera já contentamento
senão quando de todo for perdida?

Quem poderá sofrer tão grão tormento,
tão áspero, cruel, tão duro e forte?
Quem, morta a esperança e sofrimento,

quem pode imaginar tão dura sorte
que faz crescer o mal continuamente,
e, por não dar remédio, não dá a morte.

Quem há enfim tão triste e descontente
que sempre ande o passado imaginando,
e em aborrecimento do presente?

Se lá onde tu estás vês qual ando,
Senhora, e o nosso amor inda lá dura,
bem creio que meu mal estás chorando;

que faltando-me a tua formosura
e a tua alegre e doce companhia,
bem vês qual será minha desventura.

Tudo já me entristece: a noute e o dia.
E o que mais me atormenta é a lembrança
do bem que noutro tempo possuía.

Já perdi de cobrá-lo a confiança;
e com isto perdi de ser contente.
Camanho mal é a falta de esperança!

Se lá nessa outra vida se consente
sentir-se o mal que cá se anda passando,
Senhora minha, o meu não vos atormente.

Porque segundo me ele vai tratando
e o desejo de ver-te da outra parte
já para ti me vai encaminhando.

Perto me vejo já de ir a buscar-te;
entretanto te baste esta certeza,
porque a mim só me basta contemplar-te.

Ali se acabará nossa tristeza:
Amor acabará de atormentar-nos;
Não terá ali lugar sua crueza;
mas tê-lo-emos nós para alegrar-nos.

Carta ãa dama

Querendo escrever um dia
o mal que tanto estimei,
cuidando no que poria,
vi Amor que me dizia:
«Escreve, que eu notarei.»
E como para se ler
não era história pequena
a que de mim quis fazer,
das asas tirou a pena
com que me fez escrever.

E logo como a tirou,
me disse: «Aviva os espritos,
que pois em teu favor sou,
esta pena que te dou
fará voar teus escritos.»
E, dando-me a padecer
tudo o que quis que pusesse,
pude, enfim, dele dizer
que me deu com que escrevesse
o que me deu a escrever.

Eu, qu' este engano entendi,
disse-lhe: «Que escreverei?»
Respondeu, dizendo assi:
«Altos efeitos de ti
e daquela a quem te dei.
E já que te manifesto
todas minhas estranhezas,
escreve, pois que te prezas,
milagres dum claro gesto
e, de quem o viu, tristezas.»

Ah! Senhora, em quem se apura
a fé de meu pensamento!
Escutai e estai a tento,
que com vossa fermosura
igual a Amar meu tormento.
E posto que tão remota
estejais de me escutar,
por me não remediar,
ouvi, que pois Amor nota,
milagres se hão de notar:

NOTA

Escrevem vários autores
que, junto da clara fonte
do Ganges, os moradores
vivem do cheiro das flores
que nascem naquele monte.
Se os sentidos podem dar
mantimento ao viver,
não é, logo, d'espantar,
se estes vivem de cheirar,
que viv' eu só de vos ver.

Õa árvore se conhece
que, na geral alegria,
ela só tanto entristece
que, como é noite, floresce,
e perde as flores de dia.
Eu, que em ver-vos sinto o preço
que em vossa vista consiste,
em a vendo, me entristeço,
porque sei que não mereço
a glória de viver triste.

Um rei de grande poder
com veneno foi criado,
por que, sendo costumado,
não lhe pudesse empecer,
se depois lhe fosse dado.
Eu, que criei de pequena
a vida a quanto padece,
desta sorte me acontece
que não me faz mal a pena,
senão quando me falece.

Quem da doença real,
de longe, enfermo se sente,
por segredo natural
fica são, vendo somente
um volátil animal.
Do mal que Amor em mim cria,
quando aquela Fénix vejo,
são de toda ficaria;
mas fica-me hidropesia,
que quanto mais, mais desejo.

Da bívora é verdadeiro
- se a consorte vai buscar -
que, em se querendo juntar,
deixa a peçonha primeiro,
porque lhe impede o gerar.
Assi, quando me apresento
à vossa vista inumana,
a peçonha do tormento
deixo aparte, porque dana
tamanho contentamento.

Querendo Amor sustentar-se,
fez ãa vontade esquiva
dũa estátua namorar-se;

despois, por manifestar-se,
converteu-a em mulher viva.
De quem me irei queixando,
ou quem direi que m' engana,
se vou seguindo e buscando
ũa imagem que, de humana,
em pedra se vai tornando?

De ãa fonte se sabia,
da qual certo se provava
que, quem sobr' ela jurava,
se falsidade dizia,
dos olhos logo cegava.
Vós, que minha liberdade,
Senhora, tiranizais,
injustamente mandais,
quando vos falo verdade,
que vos não possa ver mais.

Da palma se escreve e canta
ser tão dura e tão forçosa
que peso não a quebranta;
mas antes, de presunçosa,
com ele mais se levanta.
Co peso do mal que dais,
a constância que em mim vejo
não somente ma dobrais,
mas dobra-se meu desejo,
com que então vos quero mais.

Se alguém os olhos quiser
às andorinhas quebrar,
logo a mãe, sem se deter,
ũa erva lhe vai buscar,
que lhe faz outros nacer.
Eu, que os olhos tenho a tento

nos vossos, que estrelas são,
cegam-se os do entendimento;
mas nascem-me os da razão
de folgar com meu tormento.

Lá para onde o sol sai
descobrimos, navegando,
um novo rio admirando,
que o lenho, que nele cai,
em pedra se vai tornando.
Não se espantem disto as gentes:
mais razão será que espante
um coração tão possante
que, com lágrimas ardentes,
se converte em diamante.

Pode um mudo nadador
na linha e cana influir
tão venenoso vigor
que faz mais não se bulir
o braço do pescador.
Se começam de beber
deste veneno excelente
meus olhos, sem se deter,
não se sabem mais mover
a nada que se apresente.

Isto são claros sinais
do muito que em mim podeis:
nem podeis desejar mais;
que, se ver-vos desejais,
em mim claro vos vereis.
E quereis ver a que fim
em mim tanto bem se pôs?
Porque quis Amor assim:

que, por vos verdes a vós,
também me vísseis a mim.

Dos males que me ordenais,
que inda tenho por pequenos,
sabei, se mos escutais,
que já não sei dizer mais,
nem vós podeis saber menos.
Mas já que a tanto tormento
não se acha quem resista,
eu, Senhora, me contento
de terdes meu sofrimento
por alvo de vossa vista.

Quantos contrários consente
Amor, por mais padecer!
Que aquela vista excelente,
que me faz viver contente,
me faça tão triste ser!
Mas dou este entendimento
ao mal que tanto me ofende:
como na vela se entende
que, se se apaga co vento,
co mesmo vento se acende.

Exprimentou-se algũ' hora
da ave que chamam Camão,
que, se da casa onde mora
vê adúltera a senhora,
morre de pura paixão.
A dor é tão sem medida
que remédio lhe não val;
mas oh, ditoso animal,
que pode perder a vida
quando vê tamanho mal!

Nos gostos de vos querer
estava agora enlevado,
se não fora salteado
das lembranças de temer
ser por outrem desamado.
Estas suspeitas tão frias,
com que o pensamento sonha,
são assi como as Harpias,
que as mais doces iguarias
vão converter em peçonha.

Faz-me este mal infinito
não poder já mais dizer,
por não vir a corromper
os gastos que tenho escrito
cos males que hei de escrever.
Não quero que se apregoe
mal tanto para encobrir,
por que, em quanto aqui se ouvir,
nenhũa outra cousa soe
que a glória de vos servir.

MOTE

S' espero, sei que me engano,
mas não sei desesperar.

GLOSA

O meu pensamento altivo
me tem posto em tal extremo
que, quando esperando vivo,
o bem esperado temo
muito mais que o mal esquivo.
Que, para crescer meu dano
no gosto da confiança,
ordena o amor tirano
que, na mais firme esperança
se espero, sei que me engano.

Deste novo sentimento
chega a tanto a nova dor,
que se enleia o pensamento
ver que, no mor bem de amor,
se descobre o mor tormento.
Folgara de me enganar;
mas não é cousa possível
pois, para sempre penar,
sei que espero o impossível,
mas não sei desesperar.

À MORTE DE D. TELO QUE MATARAM NA ÍNDIA

Saiam desta alma triste e magoada
palavras magoadas de tristeza,
e seja ao mundo a causa declarada.

Saia do peito a voz, com que a graveza
sojiga, doma, e as gentes move tanto,
por mais e mais que tenham de dureza.

E vós, meus olhos tristes, entretanto
em lágrimas esta alma derretida
chorai, que amargo choro é o meu canto.

Quanto de mim a causa foi sentida,
seja de vós chorada; e juntamente
choremos ãa morte e ãa vida.

A bondade choremos inocente,
cortada em flor, que pela acerba morte
nos foi arrebatada de entre a gente

e aquela imensa dor e dura sorte
da magoada mãe, cuja alma triste
também cortada foi com agudo corte.

Ó espírito gentil, que ao Céu subiste,
porque enjeitaste a minha companhia,
e acompanhar-te eu não consentiste?

Este é o canto heroico e de alegria,
que eu já em teu louvor aparelhava;
como o tornou a morte em elegia?

Esta é a esperança, que nos dava
de ti tua tenra e alegre mocidade,

de quem tão grandes cousas se esperava?

O Himeneu, que em mais perfeita idade
com honras mil te andava aparelhando
a mãe de quem não houveste piedade,

que agora, como Hécuba, anda bramando,
buscando em vão a casa em toda a parte,
«Amado filho meu – por ti bradando -

quem me vedou os olhos teus cerrar-te
que em tão amarga e triste despedida
pudera esta alma minha acompanhar-te?

Quem te privou da cara e doce vida,
meu filho tão formoso e mal logrado,
dous corações passou ãa só ferida.

Em terra de desterro, ai filho amado,
deixando-me sem ti desemparedada,
quiseste ser de estranhos sepultado.

Se ias para fazer tão grão jornada,
não levaras em tua companhia
esta mísera mãe desconsolada?

Quiçá que algum socorro te seria;
que vendo vir a espada em alto erguida,
filho, cum grito meu te avisaria.

Ou recebera o golpe nesta vida,
metendo-me no meio, e tu viveras;
fartara de meu sangue esse homicida.

Ai filho, meu amor, que tu só eras
quem com tua vida alegre algum descanso

a meu viver cansado dar puderas.

E tu serás também quem manso a manso
me acabarás a vida, que eu queria
sem ti ver acabada um só lanço.

Ó homens que passais por vossa via
detende o passo, olhai, dir-me-eis se vistes
dores iguais às minhas nalgum dia.

E vós também, mulheres, que paristes,
ajudai-me a chorar, porque em mal tanto
não satisfazem só meus olhos tristes.»

Assi com grave dor de canto a canto
até nos corações de mor dureza
soa ãa voz confusa, um amargo pranto.

Ó tu, honra e primor da Natureza,
ilustre e fermosíssima Maria,
não trates mal, Senhora, tal beleza.

Pois só custódia és, donde alegria
defunta, e tal chorada em dia amargo
ressurgirá em outro alegre dia.

Que a ti deu o movedor do mundo o cargo
de alegrares a mãe chorosa e triste,
que alegre viverá por tempo largo.

Posto que a dor do irmão muito sentiste,
não destruas as lindas tranças belas,
pois o remédio nisso não consiste.

Não trates mal as nítidas estrelas
dos olhos teus com lágrimas ardentes,

pois têm mais resplendor que todas elas.

Não ofendas as faces refulgentes,
obra de Deus, com mão despiedosa,
da pátria honra, e louvor das gentes.

Mas vai: com doce voz, branda e amorosa
consola a triste mãe desconsolada
com tua vista alegre, e tão fermosa.

Promete-lhe que em si ressuscitada
verá sua alegria já perdida,
de todos tão sentida e tão chorada.

Pois teu remédio está só em sua vida,
que haja de ti materna piedade,
não dê tanto lugar à dor crecida.

Bem se permite à fraca humanidade
por filho tal e tanto tempo ausente
um moderado pranto, uma saudade.

Mas tão contínua dor, que espante a gente,
e põe em tal extremo a vida amada,
nem o mundo o quer, nem Deus não o consente.

Não foi a morte de Heitor sempre chorada
da triste mãe, que, além de filho amado,
era por ele só Troia amparada?

Mas já depois de morto, e arrastado
com grego aplauso, vozes e alarido,
o corpo houve às mãos desconjuntado,

Perdida a cor, o colo recaído,
não parecia Heitor, que dantes era,

de pó, de sangue; e de suor tingido.

Com seus olhos lavou-lhe a chaga fera;
com suas mãos o rosto lhe alimpava
sem alma e sangue, já de cor de cera.

Mas vendo enfim quão pouco aproveitava
seu choro, e nem por mais que em vão bradando
chamava Heitor, Heitor ressuscitava;

de lágrimas os olhos enxugando,
desenganada já do filho amado,
se foi coa amada filha consolando.

Nem sempre o fero Aquiles foi chorado
de Thétis sua mãe, do branco coro,
príncipe grego tão assinalado.

Também pagou à morte o antigo foro,
e à deusa não valeu ser prevenida,
nem suspiros valeram, nem seu choro.

Também a este acabou mortal ferida,
sendo meio imortal, e filho amado
de deusa de Nereu tão querida.

Nas águas de Aqueronte foi banhado,
por que em batalhas, como o fero Marte,
do ferro não pudesse ser cortado.

Mas a água não chegou àquela parte,
que esquadrinhou a seta aguda e porte,
que contra ela não vale engenho e arte.

Choraram as gregas gentes sua morte,
os focas e delfins também choraram,

chorou do grande Nereu toda a corte.

Tantas lágrimas tristes derramaram,
tanto chorou a mãe, que muito o amava,
que o Xanto e o Simois acrescentaram.

Mas vendo que o chorar não aproveitava,
e que era dor perdida e desatino,
os seus fermosos olhos alimpava:

E com alegre rosto de ar benino,
o céu, a terra, o mar, tudo alegrando,
e os cidadãos do Reino cristalino,

os seus verdes cabelos espalhando
ao vento, de mil Ninfas rodeada,
tornando a vista atrás de quando em quando,

de Pausilipo e Orítia acompanhada,
de Dóris, Melanipe e de Melanto,
se foi para Nereu consolada.

Deixai pois já, Senhora, o amargo pranto,
a pena, a dor, o mal que tanto crece,
e dai lugar ao meu inculto canto.

Com grão dificuldade se oferece
a grandes desventuras, tais como esta:
a dar-lhe iguais palavras, quais merece.

Portanto eu, Senhora, agora nesta
não as hei de buscar por consolar-te,
que aos tristes consolar só a razão presta.

Também serão perdidas nesta parte
consolações que, em choro de amargura

força não têm, por mais que tenham de arte.

Se as lágrimas não vence a razão pura,
Fortuna sempre a outras acrescenta;
guarde-te Deus de mor desventura.

Não digo que a alma estê de mágoa isenta,
porque humano é sentir; mas é fraqueza
não sofrer o que Deus nos apresenta.

Não é este mundo a nossa natureza:
estrada si, por onde caminhamos,
pretendendo chegar à Suma Alteza.

Neste caminho um passo estreito achamos:
Morte se chama, horrenda e desabrida;
dívida, que Adão fez, e nós pagamos.

A todos é comum esta partida;
quem morre, não morreu, partiu primeiro,
e o que há, depois da morte, é eterna vida.

Todo animal que nace está foreiro
a passar este passo estreito tanto:
todos lá havemos de ir por derradeiro.

Deixa, Senhora, deixa o amargo pranto;
teu filho está no Céu resplandecente,
já entre os cidadãos do Coro santo.

Nossas memórias tristes não as sente;
já livre e de teatro está olhando
com olhos imortais a imortal gente,

da visão beatífica gozando,
sem medo ou sobressalto de perdê-la,

o mundo e seus afagos desprezando.

Dali contempla de uma e de outra estrela,
ou fixa e errante, o curso e movimento,
tendo, sem se mover, os pés sobre ela.

Veloz, qual o ligeiro pensamento,
passa de pólo a pólo, e o Céu conhece
que seu caminho faz com passo lento.

E porque o mar contínuo minguia e cresce
compr'ende; e a quinta-essência pura e neta;
e com que luz a Lúa resplandece.

Nem nos espanta no ar qualquer cometa;
os pontos sabe de um e de outro sino,
por onde faz seu curso o grão Planeta.

Um Anjo novo tens, santo e benino.
Vive, Senhora, alegre e consolada,
que por ti roga ao Padre de contino.

Ó alma pura em alto alevantada,
que lá estás nesse Céu luzente e claro,
desta mortal prisão já desatada.

Ó Senhor meu Dom Telo, amigo caro
que do terreno sol, onde viveste,
te arrebatou sem tempo o tempo avaro.

Se, ao passar do Lete, não perdeste
a memória de mim, que tanto te amo,
e por íntimo amigo me tiveste,

com atenção escuta o meu reclamo:
não desprezes de ouvir lá dessa altura

a baixa e rouca voz, com que te chamo.

Que quando concedido da Ventura
me for o que eu por ti agora peço,
não borrará o teu nome a lama escura.

Entanto as baixas rimas te ofereço
em penhor da vontade e amor profundo,
até cumprir o que ora aqui professo.

Que então te contará por todo o mundo,
com línguas mil a fama soberana,
e ocupará teu nome sem segundo
do pátrio Tejo além da Taprobana.

MOTE

S' espero, sei que me engano,
mas não sei desesperar.

GLOSA

O meu pensamento altivo
me tem posto em tal extremo
que, quando esperando vivo,
o bem esperado temo
muito mais que o mal esquivo.
Que, para crescer meu dano
no gosto da confiança,
ordena o amor tirano
que, na mais firme esperança
se espero, sei que me engano.

Deste novo sentimento
chega a tanto a nova dor,
que se enleia o pensamento
ver que, no mor bem de amor,
se descobre o mor tormento.
Folgara de me enganar;
mas não é cousa possível
pois, para sempre penar,
sei que espero o impossível,
mas não sei desesperar.

À MORTE DE D. TELO QUE MATARAM NA ÍNDIA

Saiam desta alma triste e magoada
palavras magoadas de tristeza,
e seja ao mundo a causa declarada.

Saia do peito a voz, com que a graveza
sojiga, doma, e as gentes move tanto,
por mais e mais que tenham de dureza.

E vós, meus olhos tristes, entretanto
em lágrimas esta alma derretida
chorai, que amargo choro é o meu canto.

Quanto de mim a causa foi sentida,
seja de vós chorada; e juntamente
choremos ãa morte e ãa vida.

A bondade choremos inocente,
cortada em flor, que pela acerba morte
nos foi arrebatada de entre a gente

e aquela imensa dor e dura sorte
da magoada mãe, cuja alma triste
também cortada foi com agudo corte.

Ó espírito gentil, que ao Céu subiste,
porque enjeitaste a minha companhia,
e acompanhar-te eu não consentiste?

Este é o canto heroico e de alegria,
que eu já em teu louvor aparelhava;
como o tornou a morte em elegia?

Esta é a esperança, que nos dava
de ti tua tenra e alegre mocidade,

de quem tão grandes cousas se esperava?

O Himeneu, que em mais perfeita idade
com honras mil te andava aparelhando
a mãe de quem não houveste piedade,

que agora, como Hécuba, anda bramando,
buscando em vão a casa em toda a parte,
«Amado filho meu – por ti bradando -

quem me vedou os olhos teus cerrar-te
que em tão amarga e triste despedida
pudera esta alma minha acompanhar-te?

Quem te privou da cara e doce vida,
meu filho tão formoso e mal logrado,
dous corações passou ãa só ferida.

Em terra de desterro, ai filho amado,
deixando-me sem ti desemparedada,
quiseste ser de estranhos sepultado.

Se ias para fazer tão grão jornada,
não levaras em tua companhia
esta mísera mãe desconsolada?

Quiçá que algum socorro te seria;
que vendo vir a espada em alto erguida,
filho, cum grito meu te avisaria.

Ou recebera o golpe nesta vida,
metendo-me no meio, e tu viveras;
fartara de meu sangue esse homicida.

Ai filho, meu amor, que tu só eras
quem com tua vida alegre algum descanso

a meu viver cansado dar puderas.

E tu serás também quem manso a manso
me acabarás a vida, que eu queria
sem ti ver acabada um só lanço.

Ó homens que passais por vossa via
detende o passo, olhai, dir-me-eis se vistes
dores iguais às minhas nalgum dia.

E vós também, mulheres, que paristes,
ajudai-me a chorar, porque em mal tanto
não satisfazem só meus olhos tristes.»

Assi com grave dor de canto a canto
até nos corações de mor dureza
soa ãa voz confusa, um amargo pranto.

Ó tu, honra e primor da Natureza,
ilustre e fermosíssima Maria,
não trates mal, Senhora, tal beleza.

Pois só custódia és, donde alegria
defunta, e tal chorada em dia amargo
ressurgirá em outro alegre dia.

Que a ti deu o movedor do mundo o cargo
de alegrares a mãe chorosa e triste,
que alegre viverá por tempo largo.

Posto que a dor do irmão muito sentiste,
não destruas as lindas tranças belas,
pois o remédio nisso não consiste.

Não trates mal as nítidas estrelas
dos olhos teus com lágrimas ardentes,

pois têm mais resplendor que todas elas.

Não ofendas as faces refulgentes,
obra de Deus, com mão despiadosa,
da pátria honra, e louvor das gentes.

Mas vai: com doce voz, branda e amorosa
consola a triste mãe desconsolada
com tua vista alegre, e tão ferosa.

Promete-lhe que em si ressuscitada
verá sua alegria já perdida,
de todos tão sentida e tão chorada.

Pois teu remédio está só em sua vida,
que haja de ti materna piedade,
não dê tanto lugar à dor crecida.

Bem se permite à fraca humanidade
por filho tal e tanto tempo ausente
um moderado pranto, uma saudade.

Mas tão contínua dor, que espante a gente,
e põe em tal extremo a vida amada,
nem o mundo o quer, nem Deus não o consente.

Não foi a morte de Heitor sempre chorada
da triste mãe, que, além de filho amado,
era por ele só Troia amparada?

Mas já depois de morto, e arrastado
com grego aplauso, vozes e alarido,
o corpo houve às mãos desconjuntado,

Perdida a cor, o colo recaído,
não parecia Heitor, que dantes era,

de pó, de sangue; e de suor tingido.

Com seus olhos lavou-lhe a chaga fera;
com suas mãos o rosto lhe alimpava
sem alma e sangue, já de cor de cera.

Mas vendo enfim quão pouco aproveitava
seu choro, e nem por mais que em vão bradando
chamava Heitor, Heitor ressuscitava;

de lágrimas os olhos enxugando,
desenganada já do filho amado,
se foi coa amada filha consolando.

Nem sempre o fero Aquiles foi chorado
de Thétis sua mãe, do branco coro,
príncipe grego tão assinalado.

Também pagou à morte o antigo foro,
e à deusa não valeu ser prevenida,
nem suspiros valeram, nem seu choro.

Também a este acabou mortal ferida,
sendo meio imortal, e filho amado
de deusa de Nereu tão querida.

Nas águas de Aqueronte foi banhado,
por que em batalhas, como o fero Marte,
do ferro não pudesse ser cortado.

Mas a água não chegou àquela parte,
que esquadrinhou a seta aguda e porte,
que contra ela não vale engenho e arte.

Choraram as gregas gentes sua morte,
os focas e delfins também choraram,

chorou do grande Nereu toda a corte.

Tantas lágrimas tristes derramaram,
tanto chorou a mãe, que muito o amava,
que o Xanto e o Simois acrescentaram.

Mas vendo que o chorar não aproveitava,
e que era dor perdida e desatino,
os seus fermosos olhos alimpava:

E com alegre rosto de ar benino,
o céu, a terra, o mar, tudo alegrando,
e os cidadãos do Reino cristalino,

os seus verdes cabelos espalhando
ao vento, de mil Ninfas rodeada,
tornando a vista atrás de quando em quando,

de Pausilipo e Orítia acompanhada,
de Dóris, Melanipe e de Melanto,
se foi para Nereu consolada.

Deixai pois já, Senhora, o amargo pranto,
a pena, a dor, o mal que tanto crece,
e dai lugar ao meu inculto canto.

Com grão dificuldade se oferece
a grandes desventuras, tais como esta:
a dar-lhe iguais palavras, quais merece.

Portanto eu, Senhora, agora nesta
não as hei de buscar por consolar-te,
que aos tristes consolar só a razão presta.

Também serão perdidas nesta parte
consolações que, em choro de amargura

força não têm, por mais que tenham de arte.

Se as lágrimas não vence a razão pura,
Fortuna sempre a outras acrescenta;
guarde-te Deus de mor desventura.

Não digo que a alma estê de mágoa isenta,
porque humano é sentir; mas é fraqueza
não sofrer o que Deus nos apresenta.

Não é este mundo a nossa natureza:
estrada si, por onde caminhamos,
pretendendo chegar à Suma Alteza.

Neste caminho um passo estreito achamos:
Morte se chama, horrenda e desabrida;
dívida, que Adão fez, e nós pagamos.

A todos é comum esta partida;
quem morre, não morreu, partiu primeiro,
e o que há, depois da morte, é eterna vida.

Todo animal que nace está foreiro
a passar este passo estreito tanto:
todos lá havemos de ir por derradeiro.

Deixa, Senhora, deixa o amargo pranto;
teu filho está no Céu resplandecente,
já entre os cidadãos do Coro santo.

Nossas memórias tristes não as sente;
já livre e de teatro está olhando
com olhos imortais a imortal gente,

da visão beatífica gozando,
sem medo ou sobressalto de perdê-la,

o mundo e seus afagos desprezando.

Dali contempla de uma e de outra estrela,
ou fixa e errante, o curso e movimento,
tendo, sem se mover, os pés sobre ela.

Veloz, qual o ligeiro pensamento,
passa de pólo a pólo, e o Céu conhece
que seu caminho faz com passo lento.

E porque o mar contínuo minguia e cresce
compr'ende; e a quinta-essência pura e neta;
e com que luz a Lãa resplandece.

Nem nos espanta no ar qualquer cometa;
os pontos sabe de um e de outro sino,
por onde faz seu curso o grão Planeta.

Um Anjo novo tens, santo e benino.
Vive, Senhora, alegre e consolada,
que por ti roga ao Padre de contino.

Ó alma pura em alto alevantada,
que lá estás nesse Céu luzente e claro,
desta mortal prisão já desatada.

Ó Senhor meu Dom Telo, amigo caro
que do terreno sol, onde viveste,
te arrebatou sem tempo o tempo avaro.

Se, ao passar do Lete, não perdeste
a memória de mim, que tanto te amo,
e por íntimo amigo me tiveste,

com atenção escuta o meu reclamo:
não desprezes de ouvir lá dessa altura

a baixa e rouca voz, com que te chamo.

Que quando concedido da Ventura
me for o que eu por ti agora peço,
não borrará o teu nome a lama escura.

Entanto as baixas rimas te ofereço
em penhor da vontade e amor profundo,
até cumprir o que ora aqui professo.

Que então te contará por todo o mundo,
com línguas mil a fama soberana,
e ocupará teu nome sem segundo
do pátrio Tejo além da Taprobana.

MOTE ALHEIO

Se alma ver-se não pode
onde pensamentos ferem,
que farei para me crerem?

VOLTAS SUAS

N' alma ãa só ferida
faz na vida mil sinais;
tanto se descobre mais
quanto é mais escondida.
Se esta dor tão conhecida
me não veem, porque não querem,
que farei para me crerem?

Se se pudesse bem ver
quanto calo e quanto sento,
despois de tanto tormento
cuidaria alegre ser.
Mas, se não me querem crer
olhos que tão mal me ferem,
que farei para me crerem?

Se de meu pensamento
tanta razão tivera de alegrar-me
quanta de meu tormento
a tenho de queixar-me,
puderas, triste lira, consolar-me.

E minha voz cansada,
que noutro tempo foi alegre e pura,
não fora assi tornada,
com tanta desventura,
tão rouca, tão pesada, nem tão dura.

A ser como soía,
pudera levantar vossos louvores;
vós, minha Hierarquia,
ouvíreis meus amores,
que exemplo são ao mundo, já, de dores.

Alegres meus cuidados,
contentes dias, horas e momentos,
oh! quão bem alembrados
sois de meus pensamentos,
reinando agora em mim, duros tormentos!

Ai, gostos fugitivos
ai, glória já acabada e consumida,
cruéis males esquivos,
que me deixais a vida
quão cheia de pesar, quão destruída!

Mas como não é morta
a triste vida já, que tanto dura?
Como não abre a porta
a tanta desventura,
que em vão, co seu poder, o tempo cura?

Mas, para padecê-la,
se esforça meu sujeito e convalece;
que, só para dizê-la,
a força me falece
e de todo me cansa e me enfraquece.

Oh! bem-afortunado
tu, que alcançaste com lira toante,
Orfeu, ser escutado
do fero Radamante,
e cos teus olhos ver a doce amante!

As infernais figuras
moveste com teu canto docemente;
as três Fúrias escuras,
implacáveis à gente,
quietas se tornaram, de repente.

Ficou como pasmado
todo o estígio reino co teu canto;
e, quase descansado,
de teu eterno pranto
cessou de alçar Sísifo o grave canto.

A ordem se mudava
das penas que ordenava ali Plutão,
em descanso tornava
a roda de Ixião,
e em glória quantas penas ali são.

Pelo qual, admirada
a Rainha infernal e comovida,
te deu a desejada
esposa que, perdida,
de tantos dias já tivera a vida.

Pois minha desventura
como já não abrandaria alma humana
que é contra mim mais dura
e mui mais desumana
que o furor de Calíroë profana?

Ó crua, esquiva e fera,
duro peito, cruel, empedernido,
de alguma tigre fera
da Hircânia nascido,
ou dante as duras rochas produzido!

Mas que digo, coitado,
e de quem fio em voo minhas querelas?
Só vós, ó do salgado,
húmido reino belas
e claras Ninfas, condoei-vos delas

e, de ouro guarnecidas,
vossas louras cabeças levantando
sôbol' água erguidas,
as tranças gotejando,
saí alegres todas ver qual ando.

Saí em companhia
cantando e colhendo as lindas flores;
vereis minha agonia,
ouvireis meus amores,
assentareis meus prantos, meus clamores.

Vereis o mais perdido
e mais mofo corpo que é gerado;
que está já convertido
em choro, e neste estado
somente vive nele o seu cuidado.

A ãa senhora a quem deram pera ãa filha sua um pedaço de cetim amarelo, de quem se tinha suspeita.

Se derivais de verdade
esta palavra Sitim,
achareis, sem falsidade,
que após o si, tem o tim,
que tine em toda a cidade.
Bem vejo que me entendeis;
mas, por que não fale em vão,
sabei que a esta nação
tanto que o si concedeis
o tim logo está na mão.

E quem da fama se arreda
que tudo vai descobrir,
deve sempre de fugir
de sitins, porque da seda
seu natural é rugir.
Mas pano fino e delgado,
qual raxa e outros assi,
dura, aqueenta e é calado,
amoroso, e dá de si
mais que sitim nem borcado.

Mas estes, que sedas são,
com quem s' enganam mil damas
mais vos tomam do que dão:
prometem, mas não darão
senão nódoas para as famas.
E se não me quereis crer
ou tomais outro caminho,
por exemplo o podeis ver,
quando lá virdes arder
a casa de algum vizinho.

Ó feminina simpreza.
donde estão culpas a pares,
que, por um Dom de nobreza,
deixam dões de natureza
mais altos e singulares!
Um dom que anda enxertado
no nome, e nas obras não!...
Falo como exprimentado,
que sitim desta feição
eu tenho muito cortado.

Dizem-me que era amarelo;
a quem assi o quis dar,
só para me Deus vingar,
se vem à mão, amarei-lo,
o que eu não posso cuidar.
Porque quem sabe viver
por estas artes manhosas
isto bem pode não ser:
dá a mininas fermosas
somente polas fazer.

Quem vos isto diz, Senhora,
serviu nas vossas armadas
muito, mas anda já fora;
e pode ser que inda agora
traz abertas as frechadas.
E, posto que desfavores
o tiram de servidor,
quer-vos ventura melhor;
que, dos antigos amores,
inda lhe fica este amor.

Se este meu pensamento,
como é, doce e suave,
de alma pudesse vir gritando fora,
mostrando seu tormento
cruel, áspero e grave,
diante de vós só, minha Senhora,
pudera ser que agora
o vosso peito duro
tornara manso e brando.
E eu que sempre ando
pássaro solitário, humilde, escuro,
tornado um cisne puro,
brando e sonoro pelo ar voando,
com canto manifesto,
pintara meu tormento e vosso gesto.

Pintara os olhos belos
que trazem nas mininas
o Minino que os seus neles cegou;
e os dourados cabelos
em tranças de ouro finas
a quem o Sol seus raios abaixou;
a testa que ordenou
Natura tão fermosa;
o bem proporcionado
nariz, lindo, afilado,
que a cada parte tem a fresca rosa;
a boca graciosa
— que querê-la louvar é escusado —,
enfim, é um tesouro:
os dentes, perlas; as palavras, ouro.

Vira-se claramente,
ó Dama delicada,
que em vós se esmerou a Natureza;
e eu, de gente em gente,

trouxera trasladada
em meu tormento vossa gentileza.
Somente a aspereza
de vossa condição,
Senhora, não dissera,
por que se não soubera
que em vós podia haver algum senão.
E se alguém, com razão,
«Porque morres?» »dissera, respondera:
«Mouro porque é tão bela
que inda não sou pera morrer por ela».

E se porventura,
Dama, vos ofendesse,
escrevendo de vós o que não sento,
e vossa fermosura
tão baixo não descesse
que a alcançasse um baixo entendimento,
seria o fundamento
daquilo que cantasse
todo de puro amor,
por que vosso louvor
em figura de mágoas se mostrasse.
E onde se julgasse
a causa pelo efeito, minha dor
diria ali sem medo:
«quem me sentir verá de quem procedo».

Então amostraria
os olhos saudosos,
o suspirar que a alma traz consigo,
a fingida alegria,
os passos vagarosos,
o falar, o esquecer-me do que digo;
um pelejar comigo,
e logo desculpar-me;

um rezear, ousando;
andar meu bem buscando,
e de poder achá-lo acovardar-me;
enfim, averiguar-me
que o fim de tudo quanto estou falando
são lágrimas e amores;
são vossas isenções e minhas dores.

Mas quem terá, Senhora,
palavras com que iguale
com vossa fermosura minha pena;
que em doce voz de fora
aquela glória fale
que dentro na minh' alma Amor ordena?
Não pode tão pequena
força de engenho humano
com carga tão pesada,
se não for ajudada
dum piadoso olhar, dum doce engano
que, fazendo-me o dano
tão deleitoso e a dor tão moderada,
que enfim se convertesse
nos gostos dos louvores que escrevesse.
Canção, não digas mais; e se teus versos
à pena vêm pequenos,
não queiram de ti mais, que dirás menos.

CANTIGA ALHEIA

Se me desta terra for,
eu vos levarei, amor.

VOLTAS SUAS

Se me for e vos deixar
(ponho, por caso, que possa),
esta alma minha, que é vossa,
convosco me há de ficar.
Assi que só por levar
a minh' alma, se me for,
vos levarei, meu amor.

Que mal pode maltratar-me
que convosco seja mal?
Ou que bem pode ser tal
que sem vós possa alegrar-me?
O mal não pode enojar-me;
o bem me será maior
se vos levar, meu amor.

MOTE ALHEIO

Se me levam águas,
nos olhos as levo.

GLOSAS PRÓPRIAS

Se de saudade
morrerei ou não,
meus olhos dirão
de mim a verdade.
Por eles me atrevo

alcançar as águas
que mostrem as mágoas
que nesta alma levo.

As águas que em vão
me fazem chorar,
se elas são do mar
estas d'amar são.
Por elas relevo
todas minhas mágoas;
que, se força d'águas
me leva, eu as levo.

Todas me entristecem,
todas são salgadas;
porém as choradas
doces me parecem.
Correi, doces águas,
que, se em vós m'enlevo,
não doem as mágoas
que no peito levo.

Se obrigações de fama podem tanto
que inda de Helena vive hoje a memória,
fazendo cada vez maior espanto;

se também de Lucrecia a lívia história,
inda que já passada, cá floresce,
e por fama e triunfo hoje têm glória;

se a perfeição de Laura nunca esquece,
também é que por fama laureada
nos ficou por Petrarca, e hoje crece;

e se aquela cruel troiana espada,
deu com a morte vida à formosura
de Dido, por Virgílio celebrada;

e se Vénus formosa, hoje segura
se apresenta em mil versos, e Diana
com as nove Irmãs de Apolo tem ventura;

que fará a formosura soberana
de Figueiroa ilustre, de quem quero
cantar com doce lira e mantuana?

Mas se me ela não falta, dela espero
cantar, não destas já, que já acabaram;
destas cante Virgílio, cante Homero,

que, se outras com seus versos celebraram,
foi que, por sua idade, a desta dama
- por inda estar no Céu – não na alcançaram.

Mas tinha-lhe a Ventura oriental cama
guardada lá em Damão por que, nascendo,
perder fizesse às outras glória e fama.

E enquanto alegre declarar pretendo,
vós, pai de tal tesouro, dai-me ouvidos,
para dele dizer mais do que entendo.

Não reproveis meus versos de atrevidos;
antes dai-lhe louvor, para que sejam
de tal dama, e de vós, favorecidos.

Que milagres de amor farei que vejam?
Direi os olhos belos, boca e riso,
mil partes, que outras damas ter desejam;

cabelos de ouro, enfim seu grande aviso,
sua arte, perfeição e formosura,
que na terra nos mostra um paraíso.

Que mais? O grave aspeito e a brandura,
a boca de rubis, cheia de perlas,
das cristalinas mãos a neve pura.

Senhora Dona Maria, entre as mais belas,
vós sois quem nossa idade hoje enriquece
e entre elas sois qual sol entre as estrelas.

Por vós Damão, Senhora, hoje floresce,
por vós as Musas já do sacro monte,
donde contino o louro verde crece,

vos vêm apresentar, da clara fonte,
de pálidas violas coroadas,
as pegáseas flores de Heliconte.

A vós se vêm cantando, rodeadas
das Ninfas que o dourado Tejo cria,
com suas doces liras temperadas;

e com seu suave canto e melodia,
chegadas a vós já, dizem, cantando:
«Esta é por quem Apolo emudecia.

Esta é por quem Vertumno desprezando
Pomona, de contino se abrasava,
na menos parte sua imaginando.

Esta é por quem em fonte se tornava
o avô de Faetonte, e por que Orfeu
as fúrias infernais aquebrantava.

Esta é por quem só Troia se perdeu.
Esta é a quem Páris deu a maçã de ouro,
e esta por quem Orlando endoudeceu.

Esta é quem, desde o Ganges até o Douro,
só sem falta compôs a Natureza,
do Índico oriental todo o tesouro.

Esta é quem trouxe a luz toda à nobreza
dos de Lião Fajardos, que descende
do real tronco ingrês, na mor alteza.

Esta é a flor do Lago, que se estende,
e em quem do novo nasce a real planta.
Esta é a quem o mesmo Amor se rende.

Esta é por quem a Aurora se levanta,
na parte oriental, mais clara e pura.
Esta é por quem, morrendo, o cisne canta.

Esta é por quem nos dotou só a Ventura
de mil primores cheia, colocada
em rara perfeição de formosura.

Esta será de nós sempre cantada,
e dos novos Poetas mil louvores
terá com fama eterna e sublimada.

Na festa de deus Pã cem mil pastores
desta felice terra a ti cantando,
mil ramos levarão cheios de flores;

a ti as suas lutas dedicando,
seus jogos pastoris de cem mil partes,
com versos te estarão sempre louvando.

E tu, que de teu ser nunca te partes
com formosura e graça de contino,
com que por fama ao mundo te repartes:

com rosto branco, alegre e peregrino,
aceitarás seus versos, coroados
de rosas e de louro a ti só dino.

Dali, de nosso coro venerada,
terás cargo da selva de Diana,
e entre nós tu serás mais estimada.

Dali, ó alta Dea e soberana,
governarás o índico Oriente
e todo Estado além da Taprobana.

Dali correndo irá de gente em gente
tua fama, fazendo esquecida
a das antigas damas do Ocidente,
ganhando teu louvor imortal vida.»

MOTE ALHEIO

Sem ventura é por demais

GLOSA PRÓPRIA

Todo o trabalhado bem
promete gostoso fruto;
mas os trabalhos, que vêm
para quem dita não tem,
valem pouco e custam muito.
Rompe toda a pedra dura,
faz os homens imortais
o trabalho, quando atura;
mas querer achar ventura
sem ventura, é por demais.

MOTE ALHEIO

Sem vós e com meu cuidado...
Olhai com quem e sem quem!

GLOSA PRÓPRIA

Vendo Amor que, com vos ver,
mais levemente sofria
os males que me fazia,
não me pôde isto sofrer;
conjurou-se com meu Fado,
um novo mal me ordenou;
ambos me levam forçado
não sei onde, pois que vou
sem vós, e com meu cuidado:

Não sei qual é mais estranho
destes dois males que sigo:
se não vos ver, se comigo
levar imigo tamanho.
O que fica e o que vem,
um me mata, outro desejo;
com tal mal e sem tal bem,
em tais extremos me vejo.
Olhai com quem, e sem quem!

Sempre me queixarei desta crueza
que Amor usou comigo quando o tempo,
apesar de meu duro e triste fado,
a meus males queria dar remédio
em apartar de mim aquela vista,
por quem me contentava a triste vida.

Levara-me, oxalá, com ela a vida,
para que não sentira esta crueza
de me ver apartado de tal vista!
E praza a Deus não veja o próprio tempo
em mim, sem esperança de remédio,
a desesperação de um triste fado!

Porém já acabe o triste e duro fado!
Acabe o tempo já tão triste vida,
que em sua morte só tem seu remédio.
O deixar-me viver é mor crueza,
pois desespero já de em algum tempo
tornar a ver aquela doce vista.

Duro Amor, se pagara só tal vista
todo o mal que por ti me fez meu fado,
porque quiseste que o levasse o tempo?
E também se quiseste, porque a vida
me deixas para ver tanta crueza,
quando em não vê-la só vejo o remédio?

Tu só de minha dor eras remédio,
suave, deleitosa e bela vista!
Sem ti, que posso eu ver senão crueza?
Sem ti, qual bem me pode dar o fado
senão consentir que acabe a vida?
Mas ele dela me dilata o tempo.

Asas para voar vejo no tempo,
que com voar a muitos foi remédio;
e só não voa para a minha vida.
Para que a quero eu sem tua vista?
Para que quer também o triste fado
que não acabe o tempo tal crueza?

Não poderão fazer crueza ou tempo,
força de fado, ou falta de remédio
que essa vista me esqueça em toda a vida.

A ãa dama que lhe chamou diabo, por nome fuã dos anjos.

MOTE

Senhora, pois me chamaís
tão sem razão tão mau nome,
inda o diabo vos tome.

VOLTAS

Quem quer que viu ou que leu,
terá por novo e moderno
ter quem vive no inferno
o pensamento no céu.
Mas se a vós vos pareceu
que me estava bem tal nome,
esse diabo vos tome.

Perdido mais que ninguém
confesso, senhora, ser;
mas o diabo não quer
aos anjos tamanho bem.
Pois logo não me convêm,
ou se me convêm tal nome
será para que vos tome.
Se vós benzeis com cautela,
como d' anjo e não de luz,
mal pode fugir da Cruz
quem vós tendes posto nela.
Mas já que foi minha estrela
ser diabo, e ter tal nome,
guardai-vos que vos não tome.

Já que chegais tanto ao cabo,
co as mãos postas aos céus,
vou sempre pedindo a Deus

que vos leve este diabo.
Eu, Senhora, não me gabo;
mas, pois que me dais tal nome,
tomo-o, para que vos tome.

Senhora, quando imagino
o divino
vosso gesto, claro e belo,
de alguma hora merecê-lo
me conheço por indino;
que se sento
ser altivo o pensamento
que me inclinou
vejo que amor vos destina
para mor merecimento.

Porque é vosso lindo aspeito
tão perfeito
que, na mais pequena parte,
não pode, por nenhuma arte,
compreender o humano peito.
Nem me espanta
porque, se tivestes tanta
formosura,
vossa suprema ventura
mais alta vos levanta.

Porém, se meus pensamentos
nos tormentos
quiserdes experimentar,
bem o podeis comparar
com vossos merecimentos:
que se ordena
Amor em parte pequena
opinião,
crede que meu coração
é incapaz de grande pena.

E se cuidais porventura
que a Natura
contém outro regimento,

sabei que meu pensamento
em vosso gesto se apura.
Nem me engano,
que mudei o ser de humano
como pude
em divino, por virtude
de gesto tão soberano.

Assim que, feito imortal,
ou mortal,
outro nome tomarei
de ser vosso, pois mudei
o costume natural.
Também vós,
pelo bem que em vós se pôs,
sereis digna
de serdes por vós divina;
mas eu divino por vós.

Enfim, que desta maneira,
a fé inteira
que no peito Amor me cria,
vereis crescer cada dia,
por que sempre mais vos queira
a fineza
de um amor que nesta empresa
me acompanha:
ficará sendo tamanha
como vossa gentileza.

Senhora, se encobrir por alguma arte
pudera esta ocasião de meu tormento,
não creias que chegara a declarar-te
este meu perigoso pensamento;
mas, por mais que te ofenda, não sou parte
no crime de tamanho atrevimento;
ele é de Amor, e dele fui forçado
a que te declarasse o meu cuidado.

Se merece castigo a confiança
com que descobro agora o que padeço,
aqui pronto me tens, toma vingança,
que por tão grave culpa te mereço.
Bem me podes negar toda esperança,
mas eu não desistir deste começo;
porque Tempo e Fortuna não são parte
para deixar uma hora só de amar-te.

Já que ver-te os meus olhos alcançaram,
descansem neste bem com alegria,
pois já com ver os teus tanto ganharam
quanto, estando sem vê-los, se perdia.
Que glória querem mais, se a ver chegaram
aquela pura luz que vence ao dia?
Qual mor bem há no mundo que querer-te,
se não há mais que ver depois de ver-te?

Minhas dores mortais, bela Senhora,
tiraram a virtude ao sofrimento
e, fazendo-se mais em qualquer hora,
levando vão trás ti meu pensamento.
Porém, soberbos vejo desde agora
por a causa gentil de seu tormento
minha alma, meu desejo, meu sentido,
porque à tua beleza se hão rendido.

A par de tua rara fermosura
se desconhece o mor merecimento;
a tua claridade torna escura
do sol a clara luz em um momento.
Se Zêuxis, ao formar bela figura,
a vista em ti pudera pôr atento,
mais alto original houvera achado
para admirar o mundo co traslado.

Aqueles que escreveram mil louvores
de fermosura, graça e gentileza
todos foram, Senhora, uns borradores
de tua perfeitíssima beleza.
Agora se vê claro em teus primores
que em ti se esmerou mais a Natureza,
e que eram os seus cantos profecias
do que havias de ser em nossos dias.

Vê, pois, se vinha a ser culpável falta
em mim o não render-te amante a vida
e se a deixar de amar glória tão alta
era digno da pena mais crecida:
Enfim, eu te amarei, que Amor me exalta
co castigo de culpa assi atrevida;
e, quando dela caia, maior glória
terá o Tejo que o Pó com sua história.

Trovas a ãa dama que lhe mandou pedir algũas obras suas.

Senhora, se eu alcançasse,
no tempo que ler quereis,
que a dita dos meus papéis
pola minha se trocasse;
e por ver
tudo o que posso escrever
em mais breve relação,
indo eu onde eles vão,
por mim só quisésseis ler;

despois de ver um cuidado
tão contente de seu mal,
veríeis o natural
do que aqui vedes pintado.
que o perfeito
Amor, de que sou sujeito,
vereis áspero e cruel,
aqui com tinta e papel,
em mim co sangue no peito.

Que um contino imaginar
naquilo que Amor ordena,
é pena que, enfim, por pena
se não pode declarar;
que se eu levo
dentro n' alma quanto devo
de trasladar em papéis,
vede qual melhor lereis:
se a mim, se aquilo que escrevo.

Sôbolos rios que vão
por Babilónia, m'achei,
onde sentado chorei
as lembranças de Sião
e quanto nela passei.
Ali o rio corrente
de meus olhos foi manado,
e tudo bem comparado,
Babilónia ao mal presente,
Sião ao tempo passado.

Ali, lembranças contentes
n'alma se representaram,
e minhas cousas ausentes
se fizeram tão presentes
como se nunca passaram.
Ali, depois de acordado,
co rosto banhado em água,
deste sonho imaginado,
vi que todo o bem passado
não é gosto, mas é mágoa.

E vi que todos os danos
se causavam das mudanças
e as mudanças dos anos
onde vi quantos enganos
faz o tempo às esperanças.
Ali vi o maior bem
quão pouco espaço que dura,
o mal quão depressa vem,
e quão triste estado tem
quem se fia da ventura.

Vi aquilo que mais val,
que então se entende melhor
quando mais perdido for

vi o bem suceder mal,
e o mal, muito pior.
E vi com muito trabalho
comprar arrependimento
vi nenhum contentamento,
e vejo-me a mim, qu'espalho
tristes palavras ao vento.

Bem são rios estas águas,
com que banho este papel
bem parece ser cruel
variedade de mágoas
e confusão de Babel.
Como homem que, por exemplo
dos transe em que se achou,
despois que a guerra deixou,
pelas paredes do templo
suas armas pendurou:

assi, despois que assentei
que tudo o tempo gastava,
da tristeza que tomei
nos salgueiros pendurei
os órgãos com que cantava.
Aquele instrumento ledo
deixei da vida passada,
dizendo: — Música amada,
deixo-vos neste arvoredor
à memória consagrada.

Frauta minha que, tangendo,
os montes fazíeis vir
para onde estáveis, correndo
e as águas, que iam detendo,
tornavam logo a subir:
jamais vos não ouvirão

os tigres, que se amansavam,
e as ovelhas, que pastavam,
das ervas se fartarão
que por vos ouvir deixavam.

Já não fareis docemente
em rosas tornar abrolhos
na ribeira florecente
nem poreis freio à corrente,
e mais, se for dos meus olhos.
Não movereis a espessura,
nem podereis já trazer
atrás vós a fonte pura,
pois não pudestes mover
desconcertos da ventura.

Ficareis oferecida
à Fama, que sempre vela,
frauta de mim tão querida
porque, mudando-se a vida,
se mudam os gostos dela.
Acha a tenra mocidade
prazeres acomodados,
e logo a maior idade
já sente por pouquidade
aqueles gostos passados.

Um gosto que hoje se alcança,
amanhã já o não vejo
assi nos traz a mudança
de esperança em esperança,
e de desejo em desejo.
Mas em vida tão escassa
que esperança será forte?
Fraqueza da humana sorte,
que, quanto da vida passa

está receitando a morte!

Mas deixar nesta espessura
o canto da mocidade,
não cuide a gente futura
que será obra da idade
o que é força da ventura.
Que idade, tempo, o espanto
de ver quão ligeiro passe,
nunca em mim puderam tanto
que, posto que deixe o canto,
a causa dele deixasse.

Mas, em tristezas e enojos,
em gosto e contentamento,
por sol, por neve, por vento,
terné presente á los ojos
por quien muero tan contento.
Órgãos e frauta deixava,
despojo meu tão querido,
no salgueiro que ali estava
que para troféu ficava
de quem me tinha vencido.

Mas lembranças da afeição
que ali cativo me tinha,
me perguntaram então:
que era da música minha
qu'eu cantava em Sião?
Que foi daquele cantar
das gentes tão celebrado?
Porque o deixava de usar
pois sempre ajuda a passar
qualquer trabalho passado?

Canta o caminhante ledô

no caminho trabalhoso,
por antr'o espesso arvoredos
e, de noite, o temeroso
cantando, refreia o medo.
Canta o preso docemente
os duros grilhões tocando
canta o segador contente
e o trabalhador, cantando,
o trabalho menos sente.

Eu, qu'estas cousas senti
n'alma, de mágoas tão cheia,
Como dirá, respondi,
quem tão alheio está de si
doce canto em terra alheia?
Como poderá cantar
quem em choro banh'o peito?
Porque se quem trabalhar
canta por menos cansar,
eu só descansos enjeito.

Que não parece razão
nem seria cousa idónea,
por abrandar a paixão,
que cantasse em Babilónia
as cantigas de Sião.
Que, quando a muita Braveza
de saúde quebrante
esta vital fortaleza,
antes mouro de tristeza
que, por abrandá-la, cante.

Que se o fino pensamento
só na tristeza consiste,
não tenho medo ao tormento:
que morrer de puro triste,

que maior contentamento?
Nem na frauta cantarei
o que passo, e passei já,
nem menos o escreverei,
porque a pena cansará,
e eu não descansarei.

Que, se vida tão pequena
se acrescenta em terra estranha,
e se amor assi o ordena,
razão é que canse a pena
de escrever pena tamanha.
Porém se, para assentar
o que sente o coração,
a pena já me cansar,
não canse para voar
a memória em Sião.

Terra bem-aventurada,
se, por algum movimento,
d'alma me fores mudada,
minha pena seja dada
a perpétuo esquecimento.
A pena deste desterro,
que eu mais desejo esculpida
em pedra, ou em duro ferro,
essa nunca seja ouvida,
em castigo de meu erro.

E se eu cantar quiser,
em Babilónia sujeito,
Hierusalém, sem te ver,
a voz, quando a mover,
se me congele no peito.
A minha língua se apegue
às fauces, pois te perdi,

se, enquanto viver assi,
houver tempo em que te negue
ou que me esqueça de ti.

Mas ó tu, terra de Glória,
se eu nunca vi tua essência,
como me lembras na ausência?
Não me lembras na memória,
senão na reminiscência.
Que a alma é tábua rasa,
que, com a escrita doutrina
celeste, tanto imagina,
que voa da própria casa
e sobe à pátria divina.

Não é, logo, a saudade
das terras onde nasceu
a carne, mas é do Céu,
daquela santa cidade,
donde esta alma descendeu.
E aquela humana figura,
que cá me pôde alterar,
não é quem se há de buscar:
é raio de fermosura,
que só se deve de amar.

Que os olhos e a luz que ateia
o fogo que cá sujeita,
não do sol, mas da candeia,
é sombra daquela Ideia
quem Deus está mais perfeita.
E os que cá me cativaram
são poderosos afeitos
que os corações têm sujeitos,
sofistas que me ensinaram
maus caminhos por direitos.

Destes o mando tirano
me obriga, com desatino,
a cantar ao som do dano
cantares d'amor profano
por versos d'amor divino.
Mas eu, lustrado co santo
Raio, na terra de dor,
de confusão e d'espanto,
como hei de cantar o canto
que só se deve ao Senhor?

Tanto pode o benefício
da Graça, que dá saúde,
que ordena que a vida mude
e o que tomei por vício
me faz grau para a virtude.
E faz que este natural
amor, que tanto se preza,
suba da sombra ao Real,
da particular beleza
para a Beleza geral.

Fique logo pendurada
a frauta com que tangi,
ó Hierusalém sagrada,
e tome a lira dourada,
para só cantar de ti!
Não cativo e ferrolhado
na Babilónia infernal,
mas dos vícios desatado,
e cá desta a ti levado,
Pátria minha natural.

E se eu mais der a cerviz
a mundanos acidentes,

duros, tiranos e urgentes,
risque-se quanto já fiz
do grão livro dos viventes.
E tomando já na mão
a lira santa, e capaz
doutra mais alta invenção,
cale-se esta confusão,
cante-se a visão da paz.

Ouçá-me o pastor e o Rei,
retumbe este acento santo,
mova-se no mundo espanto,
que do que já mal cantei
a palinódia já canto.
A vós só me quero ir,
Senhor e grão Capitão
da alta torre de Sião,
à qual não posso subir
se me vós não dais a mão.

No grão dia singular
que na lira o douto som
Hierusalém celebrar,
lembrai-vos de castigar
os ruins filhos de Edom.
Aqueles que tintos vão
no pobre sangue inocente,
soberbos co poder vão,
arrasai-os igualmente,
conheçam que humanos são.

E aquele poder tão duro
dos afeitos com que venho,
que entendem alma e engenho,
que já me entraram o muro
do livre alvídrio que tenho

estes, que tão furiosos
gritando vêm a escalar-me,
maus espíritos danosos,
que querem como forçosos
do alicerce derrubar-me

derrubai-os, fiquem sós,
de forças fracos, imbeles,
porque não podemos nós
nem com eles ir a Vós,
nem sem Vós tirar-nos deles.
Não basta minha fraqueza,
para me dar defesa,
se vós, santo Capitão,
nesta minha fortaleza n
ão puserdes guarnição.

E tu, ó carne que encantas,
filha de Babel tão feia,
toda de misérias cheia,
que mil vezes te levantas,
contra quem te senhoreia:
beato só pode ser
quem co a ajuda celeste
contra ti prevalecer,
e te vier a fazer
o mal que lhe tu fizeste

quem com disciplina crua
se fere mais que ũa vez,
cuja alma, de vícios nua,
faz nódoas na carne sua,
que já a carne n'alma fez.
E beato quem tomar
seus pensamentos recentes
e em nacendo os afogar,

por não virem a parar
em vícios graves e urgentes

quem com eles logo der
na pedra do furor santo,
e, batendo, os desfizer
na Pedra, que veio a ser
enfim cabeça do Canto
quem logo, quando imagina
nos vícios da carne má,
os pensamentos declina
àquela Carne divina
que na Cruz esteve já

quem do vil contentamento
cá deste mundo visível,
quanto ao homem for possível,
passar logo o entendimento
para o mundo inteligível.
Ali achará alegria
em tudo perfeita e cheia,
de tão suave harmonia
que nem, por pouca, recreia,
nem, por sobeja, enfastia.

Ali verá tão profundo
mistério na suma alteza
que, vencida a natureza,
os mores faustos do mundo
julgue por maior baixeza.
Ó tu, divino aposento,
minha pátria singular!
Se só com te imaginar
tanto sobe o entendimento,
que fará se em ti se achar?

Ditoso quem se partir
para ti, terra excelente,
tão justo e tão penitente
que, depois de a ti subir
lá descanse eternamente.

Sois fermosa e tudo tendes,
senão que tendes os olhos verdes.

VOLTAS

Ninguém vos pode tirar
serdes bem assombrada;
mas heis-me de perdoar,
que as olhos não valem nada.
Fostes mal aconselhada
em querer que fossem verdes:
trabalhai de os esconderdes.

A vossa testa é jardim,
onde Amor se desenfada:
é branca e bem talhada
que parece de marfim.
Assi é, e, quanto a mim,
isso nace de a terdes
tão perto dos olhos verdes.

Os cabelos dasatados
o mesmo Sol escurecem;
senão que, por serem ondados,
algum tanto desmerecem:
mas, à fé, que se parecem
a furto dos olhos verdes,
não vos pese de os terdes.

As pestanas têm mostrado
ser raios que abrasam vidas;
se não foram tão compridas
tudo o mais era pintado:
elas me tinham levado
já sem o vós saberdes,
se não foram os olhos verdes.

O mimo desse carão
nem pôr-lhe os olhos consente:
e ser liso e transparente
rouba todo o coração.
Inda assim achareis gente
que lhe não pese de o terdes;
mas não seja cos olhos verdes.

Esse riso é composto
de quantas graças naceram;
senão que alguns me disseram
vos faz covinhas no rosto.
Na vontade tenho posto
dar-vos a alma, se quiserdes,
a troco dos olhos verdes.

Nunca se viu, nem se escreve
boca nem graça igual,
se não fora de coral
e os dentes de cor de neve.
Dou-me a Deus, que me leve!
Sofrerei quanto tiverdes;
não me tenhais os olhos verdes.

Essa garganta merece
outras palavras, não minhas,
senão que é feita em rosquinhas
de alfenim, o que parece.
Eu sei quem se oferece
a tomar tudo o que tendes,
e também os olhos verdes.

Essas mãos são ferropoias,
só com vê-las, enfeitiga;
senão que são alvas e cheias,

e têm a feição roliça,
com que apelaís por justiça,
para com elas prenderdes
os que têm vossos olhos verdes.

A vossa galantaria
matará a quem falardes;
tendes uns desdéns e tardes
que eu logo vos roubaria.
Dou-me a Santa Maria!
Sou cujo de quanto tendes,
também desses olhos verdes.

A ãas suspeitas

Suspeitas, que me quereis?
Que eu vos quero dar lugar
que, de certas, me mateis,
se a causa de que naceis
vos quisesse confessar.
Que de não lhe achar desculpa,
a grande mágoa passada
me tem a alma tão cansada
que, se me confessa a culpa,
tê-la-ei por desculpada.

Ora vede que perigos
têm cercado o coração;
que, no meio da opressão,
a seus próprios inimigos
vai pedir a defesa!
Que, suspeitas, eu bem sei,
como se claro vos visse,
que é certo o que já cuidei;
que nunca mal suspeitei
que certo me não saísse.

Mas queria esta certeza
daquela que me atormenta;
porque, em tamanha estreiteza,
ver que disso se contenta
é descanso da tristeza.
Porque se esta só verdade
me confessa, limpa e nua
de cautela e falsidade,
não pode a minha vontade
desconformar-se da sua.

Por segredo namorado,
é certo estar conhecido
que o mal de ser enjeitado
mais atormenta, sabido,
mil vezes, que suspeitado.
Mas eu só, em quem se ordena
novo modo de querela,
de medo da dor pequena,
venho achar na maior pena
o refrigério para ela.

Já nas iras me inflamei,
nas vinganças, nos furores
que já, doudo, imaginei;
e já mais doudo jurei
d' arrancar d' alma os amores.
Já determinei mudar-me
para outra parte, com ira;
depois vim a concertar-me
que era bom certificar-me
no que mostrava a mentira.

Mas depois já de cansadas
as fúrias do imaginar,
vinha enfim a arrebentar
em lágrimas magoadas
e bem para magoar.
E deixando-se vencer
os meus fingidos enganos
de tão claros desenganos,
não posso menos fazer
que contentar-me cos danos

e pedir que me tirassem
este mal de suspeitar,
que me vejo atormentar,

inda que me confessassem
quanto me pode matar.
Olhai bem se me trazeis,
Senhora, posto no fim;
pois neste estado a que vim,
para que vós confesseis,
se dão os tratos a mim.

Mas para que tudo possa
Amor, que tudo encaminha,
tal justiça lhe convinha:
por que, da culpa que é vossa,
venha a ser a morte minha.
Justiça tão mal olhada,
olhai com que cor se doura;
que quer, no fim da jornada,
que vós sejais confessada
para que eu seja o que moura!

Pois confessai-vos já 'gora,
inda que tenho temor
que nem nest' última hora
me há de perdoar Amor
vossos pecados, Senhora.
E assi vou desesperado,
porque estes são os costumes
d' amor que é mal empregado,
do qual vou já condenado
ao inferno de ciúmes!

MOTE

Tal estoi despues que os vi
que de mi proprio cuidado
estoi tan enamorado
como Narciso de si.

VOLTAS

Una sola deferencia
hallo neste amor altivo:
que el murió con preferencia,
mas yo con la vuestra vivo.
En el junto que yo os vi,
se realçó mi cuidado;
de modo que enamorado
por vos, me quedé de mi.

Nacieron de un amor dos
Cupido fué el tercero,
que hace que bien mi quiero
solo porque os quiero a vos.
Los extremos que en vos vi
me han traído a tal estado
que me veo enamorado
de amor de vos e de mi.

Tão crua Ninfa, nem tão fugitiva,
com lindo pé pisou
a verde erva, nem colheu as brancas flores,
soltando seus cabelos d'ouro fino
ao vento que em mil doces nós os olhos ata,
nem tão linda, discreta e tão fermosa
como esta minha imiga.

Aquilo que em pessoa que hoje viva
no mundo não se achou,
quis nela a Natureza., seus primores
mostrando, que se achasse de contino:
castidade e beleza; ãa me mata,
a outra, de suave e deleitosa,
me faz doce a fadiga.

Mas esta bela fera, tão esquiva,
que o prazer me roubou,
quis-mo pagar seus únicos louvores,
cantando eu num estilo dela indino;
porque, se de louvor tão alto trata,
não sei eu tão baixo verso e prosa
que escreva nem que diga.

Aquela luz que a do Sol claro priva,
e a minha me cegou;
aquele mover de olhos, minhas dores
causando do olhar manso e divino;
o doce rir, que esta alma desbarata,
faz a sua pena desejosa
e de seu mal amiga.

Dos belos olhos veio a flama viva
que n'alma se ateou
com a lenha de vossos disfavores,
queimando dentro o coração mofino,

cujo fim, por mor dano, se dilata
com a esperança falsa e duvidosa
que forçado é que siga.

Minha ou vossa vendo-se cativa
quem Deus livre criou,
se aqueixa desses olhos roubadores,
culpando ao claro raio peregrino;
mas logo a luz suave, que a resgata,
de vossa linda vista graciosa
a faz que se desdiga.

Nenhũa que no mundo humana viva,
que o Criador formou
por milagre maior entre os maiores,
formou um feito de tal Feitor dino;
Deus não quer que sejais, Senhora, ingrata,
mas que ajudeis ãa alma desditosa
que em vós servir periga:

a sofrer esta pena rigorosa
vosso valor me obriga.

Tão suave, tão fresca e tão fermosa,
nunca no Céu saiu
a Aurora no princípio do verão,
as flores dando a graça costumada,
como a fermosa, mansa fera, quando
um pensamento vivo m'inspirou,
por quem me desconheço.

Bonina pudibunda ou fresca rosa
nunca no campo abriu,
quando os raios do Sol no Touro estão,
de cores diferentes esmaltada,
como esta flor que, os olhos inclinando,
o sofrimento triste costumou
à pena que padeço.

Ligeira, bela Ninfa, linda, irosa,
não creio que seguiu
Sátiro, cujo brando coração
de amores comovesse fera irada,
que assi fosse fugindo e desprezando
este tormento, onde Amor mostrou
tão próspero começo.

Nunca, enfim, cousa bela e rigorosa
Natura produziu
que iguale àquela forma e condição,
que as dores em que vivo estima em nada.
Mas com tão doce gesto, irado e brando,
o sentimento e a vida me enlevou
que a pena lhe agradeço.

Bem cuidei de exaltar em verso ou prosa
aquilo que a alma viu
antre a doce dureza e mansidão,
primores de beleza desusada:

mas, quando quis voar ao Céu, cantando,
entendimento e engenho me cegou
luz de tão alto preço.

Naquela alta pureza deleitosa
que ao mundo se encobriu
e nos olhos angélicos, que são
senhores desta vida destinada,
e naqueles cabelos que, soltando
ao manso vento, a vida me enredou,
me alegre e entristeço.

Saudades e suspeita perigosa,
que Amor constituiu
por castigo daqueles que se vão;
temores, penas d'alma desprezada,
fera esquivança, que me vai tirando
o mantimento que me sustentou,
a tudo me ofereço.

MOTE ALHEIO

Trabalho descansariam,
se para vós trabalhasse;
tempos tristes passariam,
se alguma hora vos lembrasse.

GLOSA PRÓPRIA

Nunca o prazer se conhece
senão depois da tormenta;
tão-pouco o bem permanece
que, se o descanso floresce,
logo o trabalho arrebenta.
Sempre os bens se lograriam;
mas os males tudo atalham.
Porém, já que assi porfiam,
onde descansos trabalham,
trabalhos descansariam.

Qualquer trabalho me fora
por vós grão contentamento;
nada sentira, Senhora,
se vira disto alguma hora
em vós um conhecimento.
Por mal que o mal me tratasse,
tudo por bem tomaria;
posto que o corpo cansasse,
a alma descansaria,
se para vós trabalhasse.

Quem vossas cruezas já
sofreu, a tudo se pôs;
costumado ficará,
e muito melhor será,
se trabalhar para vós.

Tristezas esqueceriam,
posto que mal me trataram;
anos não me lembrariam,
que, como estoutros passaram,
tempos tristes passariam.

Se fosse galardoado
este trabalho tão duro,
não vivera magoado.
Mas não o foi o passado,
como o será o futuro?
De cansar não cansaria,
se quiséreis que cansasse.
Cavar, morrer, fá-lo-ia;
tudo, enfim, me esqueceria,
se alguma hora vos lembrasse.

MOTE ALHEIO

Triste vida se me ordena,
pois quer vossa condição
que os males, que dais por pena,
me fiquem por galardão.

GLOSA PRÓPRIA

Depois de sempre sofrer,
Senhora, vossas cruezas,
apesar de meu querer,
me quereis satisfazer
meus serviços com tristezas.
Mas pois em balde resiste
quem vossa vista condena,
prestes estou para a pena;
que, de galardão tão triste,
triste vida se me ordena.

De contente do mal meu,
a tão grande extremo vim
que consinto em minha fim;
assi que, vós e mais eu,
ambos somos contra mim.
Mas que sofra meu tormento
sem querer mais galardão,
não é fora de razão
que queira meu sofrimento,
pois quer vossa condição.

O mal que vós dais por bem,
esse, Senhora, é mortal;
que o mal que dais como mal,
em muito menos se tem,
por costume natural.

Mas porém nesta vitória,
que comigo é bem pequena,
a maior dor me condena
a pena, que dais por glória,
que os males, que dais por pena.

Que mor bem me possa vir
que servir-vos, não o sei.
Pois que mais quero eu pedir
se, quanto mais vos servir,
tanto mais vos deverei?
Se vossos merecimentos
de tão alta estima são,
assaz de favor me dão
em querer que meus tormentos
me fiquem por galardão.

MOTE ALHEIO

Trocai o cuidado,
Senhora, comigo:
vereis o perigo
que é ser desamado.

VOLTAS PRÓPRIAS

Se trocar desejo
o amor entre nós,
é para que em vós
vejaís o que vejo.
E, sendo trocado
este amor comigo,
ser-vos-á castigo
terdes meu cuidado.

Tendes o sentido
d' amor livre e isento,
e cuidais que é vento
ser tão mal querido.
Não seja o cuidado
tão vosso inimigo
que queira o perigo
de ser desamado.

Mas nunca foi tal
este meu querer
que, a quem tanto quer,
queira tanto mal.
Seja eu maltratado,
e nunca o castigo
vos mostre o perigo
que é ser desamado.

Vão as serenas águas
do Mondego descendo
mansamente que até o mar não param;
por onde minhas mágoas,
pouco a pouco crescendo,
para nunca acabar se começaram.
Ali se ajuntaram
neste lugar ameno,
aonde agora mouro,
testa de neve e ouro,
riso brando, suave, olhar sereno,
um gesto delicado,
que sempre n' alma me estará pintado.

Nesta florida terra,
leda, fresca e serena,
ledo e contente para mim vivia,
em paz com minha guerra,
contente com a pena
que de tão belos olhos procedia.
Um dia noutro dia
o esperar me enganava;
longo tempo passei,
com a vida folguei,
só porque em bem tamanho me empregava.
Mas que me presta já,
que tão fermosos olhos não os há?

Oh, quem me ali dissera
que de amor tão profundo
o fim pudesse ver inda algũa hora!
Oh, quem cuidar pudera
que houvesse aí no mundo
apartar-me eu de vós, minha Senhora,
para que desde agora
perdesse a esperança,

e o vão pensamento,
desfeito em um momento,
sem me poder ficar mais que a lembrança,
que sempre estará firme
até o derradeiro despedir-me.

Mas a mor alegria
que daqui levar posso,
com a qual defender-me triste espero,
é que nunca sentia
no tempo que fui vosso
quererdes-me vós quanto vos eu quero;
porque o tormento fero
de vosso apartamento
não vos dará tal pena
como a que me condena:
que mais sentirei vosso sentimento
que o que minha alma sente.
Morra eu, Senhora; e vós ficai contente!

Canção, tu estarás
aqui acompanhando
estes campos e estas claras águas,
e por mim ficarás
chorando e suspirando,
e ao mundo mostrando tantas mágoas
que, de tão larga história,
minhas lágrimas fiquem por memória.

MOTE ALHEIO

Vejo-a n'alma pintada,
quando ma pede o desejo,
a natural que não vejo.

GLOSA PRÓPRIA

Se só no ver puramente
me transformei no que vi,
de vista tão excelente
mal poderei ser ausente
enquanto o não for de mi.
Porque a alma namorada
a traz tão bem debuxada,
e a memória tanto voa
que, se a não vejo em pessoa,
vejo-a n' alma pintada.

O desejo, que se estende
ao que menos se concede,
sobre vós pede e pretende,
como o doente que pede
o que mais se lhe defende.
Eu, que em ausência não vejo,
tenho piedade e pejo
de me ver tão pobre estar,
que então não tenho que dar
quando me pede o desejo.

Como aquele que cegou,
(é cousa vista e notória
que a natureza ordenou
que se lhe dobre em memória
o que em vista lhe faltou)
assi a mim, que não reço

os olhos ao que desejo,
na memória e na firmeza
me concede a natureza
a natural que não vejo.

MOTE

Vi chorar uns claros olhos
quando deles me partia.
Oh que dor, oh que alegria!

VOLTAS

Pelo meu apartamento
se arrasaram todos d' água.
quem cuidou que em tanta mágoa
achasse contentamento?
Julgue todo entendimento
qual mais sentir se devia:
se esta dor, se esta alegria.

Quando mais perdido estive,
então deu a esta alma minha,
na maior mágoa que tinha,
o maior gosto que tive.
Assi, se minh' alma vive,
foi porque me defendia
desta dor esta alegria.

O bem que Amor me não deu
no tempo que o desejei,
quando dele me aparteí,
me confessou que era meu.
Agora que farei eu,
se a fortuna me desvia
de lograr esta alegria?

Não sei se fui enganado,
pois me tinha defendido
das iras de mal querido
no mal de ser apartado.

Agora peno dobrado,
achando no fim do dia
o princípio d' alegria.

CANTIGA ALHEIA

Vida da minh'alma
não vos posso ver;
isto não é vida
para se sofrer.

VOLTAS PRÓPRIAS

Quando vos eu via,
esse bem lograva,
a vida estimava;
mais então vivia,
porque vos servia
só para vos ver.
Já que vos não vejo,
para que é viver?

Vivo sem razão,
porque em minha dor
não a pôs Amor,
que inimigos são.
Mui grande treição
me obriga a fazer
que viva, Senhora,
sem vos poder ver.

Não me atrevo já,
minha tão querida,
a chamar-vos vida,
porque a tenho má.
Ninguém cuidará
que isto pode ser:
sendo-me vós vida,
não poder viver!

Vinde cá, meu tão certo secretário
dos queixumes que sempre ando fazendo,
papel, com que a pena desafogo!
As sem-razões digamos que, vivendo,
me faz o inexorável e contrário
Destino, surdo a lágrimas e a rogo.
Deitemos água pouca em muito fogo;
acenda-se com gritos um tormento
que a todas as memórias seja estranho.
Digamos mal tamanho
a Deus, ao mundo, à gente e, enfim, ao vento,
a quem já muitas vezes o contei,
tanto debalde como o conto agora;
mas, já que para erros fui nascido,
vir este a ser um deles não duvido.
Que, pois já de acertar estou tão fora,
não me culpem também, se nisto errei.
Sequer este refúgio só terei:
falar e errar sem culpa, livremente.
Triste quem de tão pouco está contente!

Já me desenganei que de queixar-me
não se alcança remédio; mas quem pena,
forçado lhe é gritar se a dor é grande.
Gritarei; mas é débil e pequena
a voz para poder desabafar-me,
porque nem com gritar a dor se abrande.
Quem me dará sequer que fora mande
lágrimas e suspiros infinitos
iguais ao mal que dentro n'alma mora?
Mas quem pode algũ'hora
medir o mal com lágrimas ou gritos?
Enfim, direi aquilo que me ensinam
a ira, a mágoa, e delas a lembrança,
que é outra dor por si, mais dura e firme.
Chegai, desesperados, para ouvir-me,

e fujam os que vivem de esperança
ou aqueles que nela se imaginam,
porque Amor e Fortuna determinam
de lhe darem poder para entenderem,
à medida dos males que tiverem.

Quando vim da materna sepultura
de novo ao mundo, logo me fizeram
Estrelas infelices obrigado;
com ter livre alvedrio, mo não deram,
que eu conheci mil vezes na ventura
o melhor, e pior segui, forçado.
E, para que o tormento conformado
me dessem com a idade, quando abrisse
inda minino, os olhos, brandamente,
manda que, diligente,
um Minino sem olhos me ferisse.
As lágrimas da infância já manavam
com ãa saudade namorada:
o som dos gritos, que no berço dava.
já como de suspiros me soava.
Co a idade e Fado estava concertado;
porque quando, por caso, me embalavam,
se versos de Amor tristes me cantavam,
logo m adormecia a natureza,
que tão conforme estava co a tristeza.

Foi minha ama ãa fera, que o destino
não quis que mulher fosse a que tivesse
tal nome para mim; nem a haveria.
Assi criado fui, porque bebesse
o veneno amoroso, de minino,
que na maior idade beberia,
e. por costume, não me mataria.
Logo então vi a imagem e semelhança
daquela humana fera tão fermosa,

suave e venenosa,
que me criou aos peitos da esperança;
de quem eu vi depois o original,
que de todos os grandes desatinos
faz a culpa soberba e soberana.
Parece-me que tinha forma humana,
mas cintilava espíritos divinos.
Um meneio e presença tinha tal
na vista dela; a sombra, co a viveza,
excedia o poder da Natureza.

Não sei como sabia estar roubando
cos raios das entranhas, que fugiam
por ela, pelos olhos sutilmente!
Pouco a pouco invencíveis me saíam,
bem como do véu húmido exalando
está o sutil humor o Sol ardente.
Enfim, o gesto puro e transparente,
para quem fica baixo e sem valia
deste nome de belo e de fermoso;
o doce e piadoso
mover d'olhos, que as almas suspendia
foram as ervas mágicas, que o Céu
me fez beber; as quais, por longos anos,
noutro ser me tiveram transformado,
e tão contente de me ver trocado
que as mágoas enganava cos enganos;
e diante dos olhos punha o véu
que me encobrisse o mal, que assi creceu,
como quem com afagos se criava
daquele para quem crecido estava.

Que género tão novo de tormento
teve Amor, que não fosse, não somente
provado em mim, mas todo executado?
Implacáveis durezas, que o fervente

desejo, que dá força ao pensamento,
tinham de seu propósito abalado,
e de se ver, corrido e injuriado;
aqui, sombras fantásticas, trazidas
de algũas temerárias esperanças;
as bem-aventuranças
nelas também pintadas e fingidas;
mas a dor do desprezo recebido,
que a fantasia me desatinava,
estes enganos punha em desconcerto;
aqui, o adivinhar e o ter por certo
que era verdade quanto adivinhava,
e logo o desdizer-se, de corrido;
dar às cousas que via outro sentido,
e para tudo, enfim, buscar razões;
mas eram muitas mais as sem-razões.

Pois quem pode pintar a vida ausente,
com um descontentar-me quanto via,
e aquele estar tão longe donde estava;
o falar, sem saber o que dizia;
andar, sem ver por onde, e juntamente
suspirar sem saber que suspirava?
Pois quando aquele mal m'atormetava
e aquela dor que das Tartáreas águas
saiu ao mundo, e mais que todas doe,
que tantas vezes soe
duras iras tornar em brandas mágoas;
agora, co furor da mágoa irado,
querer e não querer deixar d'amar,
e mudar noutra parte por vingança
o desejo privado de esperança,
que tão mal se podia já mudar;
agora, a saudade do passado
tormento puro, doce e magoado,

fazia converter estes furores
em magoadas lágrimas de amores.

Que desculpas comigo que buscava
quando o suave Amor me não sofria
culpa na cousa amada, e tão amada!
Enfim, eram remédios que fingia
o medo do tormento que ensinava
a vida a sustentar-se, de enganada.
Nisto ãa parte dela foi passada,
na qual se tive algum contentamento
breve, imperfeito, tímido, indecente,
não foi senão semente
de longo e amaríssimo tormento.
Este curso contino de tristeza,
estes passos tão vamente espalhados,
me foram apagando o ardente gosto
que tão de siso n'alma tinha posto,
daqueles pensamentos namorados
em que eu criei a tenra natureza,
que do longo costume da aspereza,
contra quem força humana não resiste,
se converteu no gosto de ser triste.

Destarte a vida noutra fui trocando;
eu não, mas o destino fero, irado,
que eu ainda assi por outra não trocara.
Fez-me deixar o pátrio ninho amado,
passando o longo mar, que ameaçando
tantas vezes me esteve a vida cara.
Agora, exprimentando a fúria rara
de Marte, que cos olhos quis que logo
visse e tocasse o acerbo fruto seu
(e neste escudo meu
a pintura verão do infesto fogo);
agora, peregrino vago e errante,

vendo nações, linguages e costumes,
Céus vários, qualidades diferentes,
só por seguir com passos diligentes
a ti, Fortuna injusta, que consumes
as idades, levando-lhe diante
ũa esperança em vista de diamante,
mas quando das mãos cai se conhece
que é frágil vidro aquilo que aparece.

A piadade humana me faltava,
a gente amiga já contrária via,
no primeiro perigo; e, no segundo,
terra em que pôr os pés me falecia,
ar para respirar se me negava,
e faltavam-me, enfim. o tempo e o mundo.
Que segredo tão árduo e tão profundo:
nascer para viver, e para a vida
faltar-me quanto o mundo tem para ela!
E não poder perdê-la,
estando tantas vezes já perdida!
Enfim, não houve transe de fortuna,
nem perigos, nem casos duvidosos,
injustiças daqueles, que o confuso
regimento do mundo, antigo abuso,
faz sobre os outros homens poderosos,
que eu não passasse, atado à grã coluna
do sofrimento meu, que a importuna
perseguição de males em pedaços
mil vezes fez, à força de seus braços.

Não conto tanto males como aquele
que, depois da tormenta procelosa,
os casos dela conta em porto ledó;
que inda agora a Fortuna flutuosa
a tamanhas misérias me compele,
que de dar um só passo tenho medo.

Já de mal que me venha não me arredo,
nem bem que me faleça já pretendo,
que para mim não val astúcia humana;
de força soberana,
da Providência, enfim, divina, pendo.
Isto que cuido e vejo, às vezes tomo
para consolação de tantos danos.
Mas a fraqueza humana, quando lança
os olhos no que corre, e não alcança
senão memória dos passados anos,
as águas que então bebo, e o pão que como,
lágrimas tristes são, que eu nunca domo
senão com fabricar na fantasia
fantásticas pinturas de alegria.

Que se possível fosse, que tornasse
o tempo para trás, como a memória,
pelos vestígios da primeira idade,
e de novo tecendo a antiga história
de meus doces erros, me levasse
pelas flores que vi da mocidade;
e a lembrança da longa saudade
então fosse maior contentamento,
vendo a conversação leda e suave,
onde ãa e outra chave
estive de meu novo pensamento,
os campos, as passadas, os sinais,
a fermosura, os olhos, a brandura,
a graça, a mansidão, a cortesia,
a sincera amizade, que desvia
toda a baixa tenção, terrena, impura,
como a qual outra algũa não vi mais...
Ah! vãs memórias, onde me levais
o fraco coração, que ainda não posso
domar este tão vão desejo vosso?

Nô mais, Canção, nô mais; qu'irei falando
sem o sentir, mil anos. E se acaso
te culparem de larga e de pesada,
não pode ser (lhe dize) limitada
a água do mar em tão pequeno vaso.
Nem eu delicadezas vou cantando
co gosto do louvor, mas explicando
puras verdades já por mim passadas.
Oxalá foram fábulas sonhadas!

MOTE ALHEIO

Vós, Senhora, tudo tendes,
senão que tendes os olhos verdes.

VOLTAS PRÓPRIAS

Dotou em vós Natureza
o sumo da perfeição
que, o que em vós é senão,
é em outras gentileza;
o verde não se despreza,
que, agora que vós o tendes,
são belos os olhos verdes.

Ouro e azul é a melhor
cor por que a gente se perde;
mas a graça desse verde
tira a graça a toda a cor.
Fica agora sendo a flor
a cor que nos olhos tendes,
porque são vossos... e verdes!

MOTE

Vosso bem-querer, Senhora?
Vosso mal melhor me fora!

VOLTAS

Já 'gora certo conheço
ser melhor todo tormento
onde o arrependimento
se compra por justo preço.
Enganou-me um bom começo;
mas o fim me diz agora
que o mal melhor me fora.

Quando um bem é tão danoso
que, sendo bem, dá cuidado,
o dano fica obrigado
a ser menos perigoso.
Mas se a mim, por desditoso,
co bem me foi mal, Senhora,
co vosso mal bem me fora.